

ESCREVENDO A PAZ

WRITING PEACE • EN ÉCRIVANT LA PAIX

Coletânea dos 100 trabalhos selecionados no
Concurso de Redação para Universitários brasileiros

One hundred selected composition compilation from
the Composition Contest for Brazilian college students

Recueil des cent textes sélectionnés dans le concours
de rédaction parmi les étudiants universitaires brésiliens

Rio de Janeiro - Brasil
2003/2004



Organização das Nações Unidas
para a Educação, a Ciência e a Cultura
Representação no Brasil
SAS, Quadra 5 - Bloco H, Lote 6, Ed. CNPq/
IBICT/UNESCO, 9º andar.
70070-914 - Brasília - DF - Brasil
Tel.: (55 61) 2106-3500
Fax: (55 61) 322-4261
E-mail: UHBRZ@UNESCO.org.br

FOLHA DIRIGIDA

Rua do Riachuelo, 114 - Centro
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
20230-014
Tel.: (55 21) 3233-6340
Fax: (55 21) 3233-6233
E-mail: promocao@folhadirigida.com.br

Os autores são responsáveis pela escolha e pela apresentação dos fatos contidos nesta publicação e pelas opiniões aqui expressas, que não são necessariamente as da UNESCO e não comprometem a Organização. As designações empregadas e a apresentação do material não implicam a expressão de qualquer opinião que seja, por parte da UNESCO, no que diz respeito ao status legal de qualquer país, território, cidade ou área, ou de suas autoridades, ou no que diz respeito à delimitação de suas fronteiras ou de seus limites.

The authors are responsible for the choice and presentation of facts contained in this publication and for the opinions expressed therein, which are not necessarily those of UNESCO and do not compromise the organization in any way. The terms used and the presentation of material do not imply the expression of any opinion whatsoever on the part of UNESCO concerning the legal status of any country, territory, town, or area, or that of its authorities, or in regard to the location of their frontiers or limits.

Les auteurs sont responsables du choix et de la présentation des faits contenus en cette publication et des avis exprimés là-dedans, ce qui ne sont pas nécessairement ceux de l'UNESCO et ne compromettent pas l'organisation de quelque façon. Les termes utilisés et la présentation du matériel n'impliquent pas l'expression d'aucune opinion quelconques de la part de l'UNESCO au sujet du statut juridique de tout pays, territoire, ville, ou secteur, ou celui de ses autorités, ou en vue de l'endroit de leurs frontières ou limites.

ISBN 85-7632-040-1

EDITORA FOLHA DIRIGIDA

www.folhadirigida.com.br

Conselho Editorial da UNESCO
Publishing Council of UNESCO Brazil
Conseil d'édition d'UNESCO Brésil

Juan Carlos Tedesco
Cecilia Braslavsky
Adama Ouane
Célio da Cunha

Comitê para a Área de Desenvolvimento Social
Committee for the Social and Development Area
Comité du Sector de Développement Social

Julio Jacobo Waiselfisz
Carlos Alberto Vieira
Marlova Jovchelovitch Noletto
Edna Roland

Conselho Editorial da FOLHA DIRIGIDA
Publishing Council of Folha Dirigida
Conseil d'édition de Folha Dirigida

Adolfo Martins
Afonso Faria
Elenice Magalhães
Rogério Rangel
Paulo Chico

Equipe UNESCO – Escritório Antena Rio de Janeiro
Team of UNESCO's antenna office in Rio de Janeiro
Équipe du bureau antenne d'UNESCO à Rio de Janeiro

Pedro Lessa
Coordenador do Escritório Antena da UNESCO no Rio de Janeiro

Maria Cecília Oswaldo Cruz
Assessora para a Área de Cultura e Desenvolvimento

George Patiño
Assessor de Comunicação

Victor D'Almeida Oliveira
Produtor

Equipe Folha Dirigida
Folha Dirigida's team
Équipe de Folha Dirigida

Afonso Faria
Coordenação do Projeto

Elenice Magalhães
Coordenação Editorial

Marcelo Fraga
Júlio Nogueira
Produção Gráfica

Rogério Rangel
Diretor Editorial

Paulo Chico
Diretor do Departamento de Educação

Andréa Ribeiro Martins
Diretora de Planejamento

Tradução / Translation / Traduction

Carolina Monteiro Vilalva e Thiago Nasser
(versão em inglês / english version / version anglais)

Guilherme João de Freitas
(versão em francês / french version / version en français)

Avaliação e seleção dos textos
Evaluation and selection of texts
Évaluation et sélection des textes

Equipe da Fundação Cesgranrio

Avaliação e classificação dos finalistas
Evaluation and classification of the finalists
Évaluation et classification des finalistes

Afonso Faria - Folha Dirigida

André Porto - Movimento Viva Rio

Flávio Moreira da Costa - Escritor

Geraldo de Menezes - Academia Carioca de Letras

Leonardo Boff - Escritor

Maria de Lourdes Pinheiro de Aguiar Freire - Fundação Cesgranrio

Marlova Jovchelovitch Noletto - UNESCO

**Relação, em ordem alfabética, dos 10 universitários classificados
para fazer a entrega do livro à Direção Geral da UNESCO em Paris**

**List in alphabetical order of the 10 students classified
to lead the book to the General Direction of UNESCO in Paris**

**Liste en l'ordre alphabétique des 10 étudiants classifiés
pour mener le livre à la Direction Générale de l'UNESCO à Paris**

Alexandra Baldaque

Carolina Barreira Lins

Cláudio de Souza Soares

Isabela Ciarlini de Azevedo

Jean Maciel Xavier

João Paulo Marques Schittini

Juliana Krapp Guimarães

Lorena Braga Sales

Nazra Corrêa da Silva Simão

Rossana Maria Miranda Vasconcelos

ABSTRACT

This book displays the best 100 essays on peace written by college students from the State of Rio de Janeiro. The essays were selected from a writing competition held by UNESCO-Brazil and Folha Dirigida. "Writing Peace", which has usually been a competition held at basic education level, has now incorporated all universities of the State of Rio de Janeiro in an attempt to stimulate critical reflection and better understand the thought-process of the next generation to occupy important and influential positions in society. The texts disclose important and revealing reflections that are sensitive in social and historical nature, and that mirror the conditions of the State in which they were originated. They deal with various themes, but they all carry a common thread in constructing a culture of peace.

APRESENTAÇÃO

A presente publicação reflete o pensamento de universitários brasileiros sobre a paz. “Escrevendo a paz” é constituído pelas 100 redações vencedoras do concurso de redação promovido pela UNESCO e pela Folha Dirigida em todas as universidades do Estado do Rio de Janeiro. Certame semelhante tem sido feito ao nível da educação básica, porém esta é a primeira em que ele é realizado junto aos universitários. Estes tenderão a ocupar as posições mais altas da sociedade e a ter acesso aos escalões mais elevados do saber, de tal modo que fomentar a sua reflexão sobre a paz é uma tarefa de grande importância. Suas opiniões, radicadas nas suas circunstâncias, refletem em grande parte as tensões, dilemas e valores da sociedade fluminense. Caracterizam-se pela sensibilidade e amadurecimento das suas mentes, antevendo um futuro profissional profícuo, com empenho em favor da construção da paz. Portanto, é legítimo esperar que esta juventude tenha um papel significativo no futuro próximo, contribuindo para a paz num Estado marcado por desigualdades sociais e violências, como muitas regiões do mundo de hoje.

É sempre bom lembrar o sentido da expressão cultura da paz, tantas vezes repetida pela UNESCO e inscrita em temas de encontros. O homem nasce com o seu equipamento biológico e se culturaliza. Recebe e transforma uma herança sócio-cultural, em que geralmente se inclui a resolução dos conflitos por meio de processos pacíficos. Isso significa que a paz não é dada, é conquistada arduamente pela construção, pelo cultivo, pela cultura. Por isso, se chama de cultura da paz. Ao contrário da natureza, que o homem encontra em si e à sua volta, em transformação permanente, a paz é parte da sua elaboração cultural. Ele precisa criá-la, conservá-la e desenvolvê-la, inclusive como condição à sua sobrevivência como espécie. A partir da acumulação e transformação da cultura, de geração em geração, é preciso conservar e abrir novos caminhos capazes de assegurar o avanço da humanidade.

Conforme disse Adolfo Pérez Esquivel, Prêmio Nobel da Paz em 1980, num seminário internacional patrocinado pela UNESCO na Universidade Federal do Paraná, a paz não se dá de presente. É conquistada e constitui uma luta permanente. Há inimigos poderosos para quem o ser humano passa a ser uma abstração. E sempre temos que buscar os signos da esperança, “que são como rios subterrâneos, são os emergentes sociais, são os emergentes históricos que irrompem na história e na vida e a transformam”¹. Este é hoje um desafio ainda maior que antes, por meio do qual somos todos convocados a deixar de ser espectadores e assumir como sujeitos a nossa própria vida e a própria história, para transformá-la. Daí a relevância de convidar os universitários a refletir sobre a paz e de dar a palavra à juventude, para que ela seja a voz da esperança, uma esperança de transformação histórico-social.

Esta esperança, apesar da aridez inicial do século XXI, foi magnificamente simbolizada por um fato narrado pelo mesmo Esquivel. Estava ele, com D. Hélder Câmara, em luta para preservar direitos de uma população favelada do Nordeste. Tendo obtido uma sentença judicial favorável, uma mulher negra colheu às margens de um rio uma flor branca e outra vermelha. Na sua simplicidade, ofereceu-lhe a flor branca e disse: “Adolfo, esta flor branca é o símbolo da paz”. Deu a D. Hélder a flor vermelha e falou-lhe: “D. Hélder, esta flor é o símbolo do amor”. E concluiu: “A paz e o amor são a mesma coisa”.

Da mesma forma que Esquivel augurou, em seu discurso, que este fato ficasse no coração de todos, desejamos que o pensamento dos jovens, encerrado nas redações a seguir, se junte às flores branca e vermelha nos nossos corações.

Jorge Werthein
Representante da UNESCO no Brasil

¹ ESQUIVEL, Adolfo Pérez. *Los desafíos de la paz y de los derechos humanos em el nuevo milênio. SEMINÁRIO INTERNACIONAL "POR UMA CULTURA DA PAZ". Anais do Seminário Internacional "Por uma Cultura da Paz". Curitiba: Ed. da UFPR, 1999, pp. 46 ss.*

INTRODUCTION

The present publication expresses the thoughts of many Brazilian College students on the topic of peace. "Writing Peace" brings forth the first 100 winner-essays of the writing workshop contest promoted by UNESCO and Folha Dirigida and held in all universities in the State of Rio de Janeiro. Similar contests have been held at basic education levels, however this is the first contest to include college students. Stimulating reflective thought on the topic of peace in students who will certainly take up the highest and most influential positions in society and who will have top access to the academic world, is an extremely important task. Their opinions, at times rather radical, greatly mirror the tensions, dilemmas and principles lived by Rio's society. These essays reveal the minds of sensible and mature students, who anticipate beneficial careers in favor of the edification of peace. Therefore, it is legitimate to expect this generation of scholars to play a significant role in the contribution of peace establishment in a State that is profoundly marked by social inequality and violence, just like many other regions of the world.

It is always worth remembering the meaning of the expression "culture of peace", many times repeated by UNESCO and inscribed as a topic of discussion in meetings. Man is born with his biological equipment and is molded by his culture. He receives and transforms his social-cultural inheritance in what generally includes the pacific resolution of conflicts. This means that peace is not handed down, but conquered through an arduous process of edification, cultivation and culturization. Hence, it is called the culture of peace. Conversely to nature that is found all around and in constant transformation, peace is part of man's cultural elaboration. He needs to create it, maintain it and develop it even as a means of securing his survival of the species. From the accumulation and transformation of this culture and from its dissemination from generation to generation, it is necessary to be open to new paths leading to the promise of human progress.

According to what Adolfo Pérez Esquivel, recipient of the 1980 Nobel Peace Prize, said during an international seminar funded by UNESCO and the Federal University of the State of Paraná; peace cannot be delivered as a present. It can only be conquered and maintained through constant effort. There are those powerful enemies that have the capacity to transform human beings into mere abstractions. We need to continuously search for those signs of peace, "that are like underground rivers, that incorporate those who have risen in the social scale, that are historical emergents that burst forth and transform history and life."¹ This currently presents itself as a greater challenge than in the past, in which we should cease to play the role of spectators and take on a new pro-active attitude capable of changing and securing our own lives and history.

Thus the relevancy in inviting college students to reflect about peace and give this generation the opportunity to express their voices of hope – the type of hope that carries a power of social-historical transformation.

Despite the terrible drought that plagued the beginning of the 21st century, the hope we speak of was beautifully exemplified through a story told by Mr. Esquivel. At the time, he was fighting, together with Dr. Hélder Câmara, for the rights of a marginalized population living in the slums of Brazil's Northeast region. After having won a favorable judicial sentence, a black woman picked up two flowers from the river's bank; one white and the other red. In her humbleness, she offered him the white flower and said: "Adolfo, this white flower is the symbol of peace." She then proceeded to give the red flower to Dr. Hélder and said: "Dr. Hélder, this flower is a symbol of love." And further concluded: "Peace and love are the same thing".

In the same manner that Mr. Esquivel vouched in his speech for this anecdote to find a place in everyone's heart, we hope that the thoughts herewith expressed in the works written by these young minds be placed side by side with the white and red roses of our hearts.

Jorge Werthein
Director of UNESCO in Brazil

¹ ESQUIVEL, Adolfo Pérez. *Los desafíos de la paz y de los derechos humanos em el nuevo milênio. INTERNATTIONAL SEMMINAR FOR "A CULTURE OF PEACE". Minutes of the International Semminar for "A Culture of Peace". Curitiba: Ed. da UFPR, 1999, pp. 46 ss.*

PRÉAMBULE

Le présent ouvrage reflète la pensée d'étudiants universitaires brésiliens sur la paix. "Écrire sur la paix" c'est le recueil des 100 textes lauréats du concours de rédaction proposé par le Bureau de l'UNESCO au Brésil et par "Folha Dirigida" à tous les établissements d'enseignement supérieur de l'État de Rio de Janeiro. Des initiatives semblables avaient déjà été lancées au niveau de l'éducation de base, mais c'est la première fois que l'on a eu l'idée de s'adresser aux étudiants de l'université. En fait, à brève échéance, ceux-ci seront appelés à assumer de lourdes responsabilités au sein de la société, et ils accéderont aux grades les plus élevés du savoir; ainsi, le fait de susciter leur réflexion sur la paix nous est apparu comme une tâche d'une portée considérable. Leurs opinions, enracinées dans des circonstances spécifiques, reflètent en grande partie les tensions, les dilemmes et les valeurs de la société de Rio de Janeiro. Elles se caractérisent par la sensibilité et par le mûrissement de leurs esprits, en prévision d'une carrière prometteuse, et engagée dans la construction de la paix. Il est loisible, donc, d'attendre que cette jeunesse joue un rôle significatif dans un proche avenir, en contribuant à la paix dans un État marqué par les inégalités sociales et la violence, comme c'est le cas, hélas! dans beaucoup de régions du monde.

Il est toujours bon de rappeler le sens de l'expression "culture de la paix", répétée sans cesse par l'UNESCO et inscrite comme thème d'innombrables rencontres internationales. L'homme naît avec sa constitution biologique et s'approprie de la culture. Il reçoit et transforme un héritage socio-culturel qui renferme, le plus souvent, la résolution des conflits par le truchement de procédés pacifiques. Cela veut dire que la paix n'est pas donnée, mais conquise péniblement par la construction, par la culture, par une vigilance sans trêve. D'ailleurs, c'est pour cela qu'on l'appelle "culture de la paix". Contrairement à la nature que l'homme rencontre en lui et autour de lui, en transformation permanente, la paix est une partie de son élaboration culturelle. Il lui faut la créer, la garder et la développer, ne serait-ce que comme condition nécessaire à sa survie en tant qu'espèce. Grâce à l'accumulation et à la transformation de la culture, de génération en génération, il va falloir conserver et ouvrir de nouveaux chemins capables d'assurer le progrès de l'humanité.

D'après les propos d'Adolfo Pérez Esquivel - Prix Nobel de la Paix, en 1980 - lors d'un Séminaire international organisé par l'UNESCO à l'Université Fédérale du Paraná (Brésil), la paix n'est jamais un cadeau. Mais elle doit être conquise par une lutte permanente. Des ennemis tout-puissants de l'être humain la considèrent comme une simple abstraction. Toujours, il nous faudra rechercher les signes de l'espoir, "qui sont comme des fleuves souterrains, les émergents sociaux, les émergents historiques qui font irruption dans l'histoire et dans la vie, et la transforment". C'est bien l'enjeu

d'aujourd'hui beaucoup plus crucial que celui d'hier par lequel nous sommes tous appelés à ne plus être des spectateurs pour assumer, en tant que sujets, notre propre vie et l'histoire elle-même, afin de la transformer. D'où l'importance d'inviter les étudiants à réfléchir sur la paix, en rendant la parole à la jeunesse pour que celle-ci devienne la voix de l'espérance, une espérance de transformation historico-sociale.

Cet espoir, malgré les débuts arides du XXI^{ème} siècle, a été magnifiquement symbolisé par un épisode rapporté par le même Esquivel qui à l'époque menait, aux côtés de Monseigneur Câmara*, un combat pour préserver les droits des gens qui survivaient dans une "favela" du Nord-est brésilien. Après avoir obtenu gain de cause, une femme noire a ramassé, en bordure d'un fleuve, une fleur blanche et une autre rouge. En toute simplicité, elle lui a offert la fleur blanche, en lui disant: "Adolfo, cette fleur blanche est le symbole de la paix". Ensuite, faisant cadeau à D. Helder de la fleur rouge, elle a ajouté: "D. Helder, cette fleur est le symbole de l'amour". En fin de compte, conclut-elle: "La paix et l'amour c'est la même chose".

À l'instar du vœu exprimé par Esquivel que cet épisode soit gardé dans le cœur de tous, nous aussi nous souhaitons que la pensée des jeunes, consignée dans les textes de ce recueil, rejoigne les fleurs blanche et rouge dans nos cœurs.

Jorge Werthein
Représentant de l'UNESCO au Brésil

* Il s'agit du prélat brésilien, Helder Câmara (1909-1999), qui s'est fait le défenseur des pauvres et des opprimés du tiers-monde.

¹ ESQUIVEL, Adolfo Pérez. *Los desafíos de la paz y de los derechos humanos en el nuevo milenio. Seminario internacional "POR UMA CULTURA DA PAZ"* [Pour une Culture de la Paix], *Anais do Seminário Internacional "Por uma Cultura da Paz"*, Curitiba (Brésil), Éd. de l'UFPR, 1999, pp. 46 ss.

A FÉRTIL SEMEADURA

Nesses tempos novos, marcados por tantas turbulências, agravados por tantas violências, sufocados por tantas incompreensões, ameaçados por tantos fundamentalismos, indigenciados por tantas misérias humanas, ainda nos restam uma chama de esperança, capaz de manter acesa a pira dessa grande olimpíada da paz.

É a chama que se ilumina com o idealismo da juventude, que se acalora com o fogo de suas utopias, que se expande com a grandeza de seus sonhos e que se mantém com a beleza de seus ideais.

É uma chama capaz de iluminar as trevas do abismo sem fim de um imobilismo que algea os braços da solidariedade social e de uma desesperança que cega os olhos da fraternidade humana, como se nada fosse possível fazer para se evitar a tragédia de uma sociedade destituída de seus valores éticos e humanos mais fundamentais.

Este livro tem essa simbologia. Ele reúne em suas páginas, as reflexões, os brados, as esperanças, as convicções de uma juventude que, diante de tantas perplexidades e tantas intolerâncias, não se deixa afogar no oceano das lamúrias e da resignação.

Ao contrário, sinaliza que é preciso acreditar numa cultura de paz e, mais que isso, que é preciso agir e buscar alternativas, temperando o trabalho incomensurável a ser feito com o sentimento de perseverança constante e de crença infatigável no ser humano.

É um livro, cujas páginas foram escritas com palavras de inquietação, porém de crença no futuro; de angústia, porém de confiança na capacidade do entendimento; de inconformismo, porém de certeza da possibilidade de se recriar uma realidade menos injusta e mais humana, como sustentáculo sólido de uma paz perene.

Ao se associar à UNESCO, nesse projeto que envolveu todas as instituições de ensino superior do Estado do Rio, mobilizando milhares de universitários para o concurso de redação "Escrevendo a Paz", a Folha Dirigida procurou oferecer sua contribuição para a reflexão desse tema que tem sido uma bandeira da UNESCO em todo o mundo: a criação de uma cultura de paz.

Que essa semente de idéias possa germinar, crescer e ajudar na mudança da realidade desumana e violenta de uma sociedade que marcha na contramão da história, pelas vias do simulacro, da violência, da escassez ética e da desumanização.

Uma sociedade globalizada que está, mais do que nunca, precisando da chama de idealismo e da energia do trabalho de todos mas, principalmente, dos jovens.

Pois cabe à juventude o olhar crítico do hoje que se tentou construir ontem para que possa lutar por um amanhã de paz que se deseja construir a partir do hoje.

Adolfo Martins
Presidente da Folha Dirigida

SOWING FERTILE SEEDS

In these modern times – characterized by so much turbulence, exacerbated by so much violence, suffocated by intolerance, threatened by intense fundamentalism, and undignified by so much human misery – there is still a flame of hope capable of maintaining the great Olympic pyre of peace.

It's the flame ignited by the idealism of young minds, inflamed by their heated utopias, expanded by the greatness of their dreams and supported by the beauty of their ideals.

It's a flame capable of shedding light on the darkest and endless depths of social immobility, which handcuffs the arms of solidarity and blinds the eyes of human fraternity. Social immobility is a result of the passive conviction that there is nothing we can do to avoid the tragedy of a society deprived of its most fundamental ethical and human values.

This book carries a symbology; its pages assemble the critical reflections, the cries, the hopes and the convictions of a youth that even when confronted with so much intolerance and chaos, is not drowned by lamentation and resignation.

To the contrary, the book preaches the need to believe in a culture of peace. Moreover, it urges us to act and search for alternatives under the sentiment of constant perseverance and inexhaustible faith that should shape the incommensurable work cut out for us.

It's a book whose pages were written with words of uneasiness, yet with faith in the future; words of anguish, yet trusting the power of tolerance; words of nonconformity, yet believing in the possibility of a less unjust and more human social reality as a solid basis for a lasting peace.

By pairing up with UNESCO in this project that included all institutions of higher education in the State of Rio de Janeiro and that mobilized millions of students to participate in the "Writing Peace" essay competition, Folha Dirigida secured its contribution in the generation of thought reflection on the topic of peace. A topic that has served as UNESCO's standing flag all over the world: the creation of a culture of peace.

Let us hope that this sowing of ideas is able to germinate, grow and help in changing the reality of an inhumane and violent society, which marches in the wrong direction via routes of counterfeit, violence, ethical deficiency and dehumanization.

A globalized society that is now, more than ever, in need of an idealistic flame and the willingness in effort by all, but especially from the young.

For it is up to the younger generation to cast a critical eye on today's current reality – born out of yesterday's attempts – so that they might start fighting and building "today", "tomorrow's" anticipated future of peace.

Adolfo Martins
President of Folha Dirigida

DES SEMAILLES FERTILES

Dans ces temps nouveaux, marqués par un si grand nombre de troubles, aggravés par tant de violences, étouffés par tant d'incompréhensions, menacés par tant de fondamentalismes, handicapés par tant de misères humaines, il nous reste encore une lueur d'espérance capable de maintenir allumé le flambeau de cette grande olympiade de la paix.

C'est le flambeau qui s'illumine avec l'idéalisme de la jeunesse, qui se réchauffe avec le feu de ses utopies, qui se déploie avec la grandeur de ses rêves, et qui se maintient avec la beauté de ses idéaux.

C'est un flambeau capable d'illuminer les ténèbres de l'abîme sans fin d'un immobilisme qui étreint les bras de la solidarité sociale, et d'un désespoir qui rend aveugle les yeux de la fraternité humaine comme si rien n'était possible de faire pour éviter la tragédie d'une société dépourvue de ses valeurs éthiques et humaines les plus fondamentales.

Voilà le symbolisme que renferme ce recueil. Dans ses pages, il rassemble les réflexions, les clameurs, les espoirs, les convictions d'une jeunesse qui devant affronter tant de perplexité et d'intolérance se refuse à se laisser noyer dans l'océan des jérémiades et de la résignation.

Au contraire, elle nous dévoile le besoin de croire à une culture de la paix et, qui plus est, le besoin d'agir et de rechercher des alternatives, en allégeant la labueur incommensurable à fournir avec le sentiment du devoir accompli et d'une croyance indéfectible dans l'être humain.

Il s'agit d'un livre dont les pages ont été remplies par des mots d'appréhension, mais aussi de croyance dans l'avenir; d'angoisse, mais aussi de confiance dans la capacité d'entente des êtres humains; de non-conformisme, mais aussi de l'assurance de pouvoir recréer une réalité moins injuste et plus humaine, en tant que socle vraiment solide d'une paix durable.

En rejoignant l'UNESCO dans ce projet proposé à tous les établissements d'enseignement supérieur de l'État de Rio de Janeiro, qui a mobilisé l'attention de milliers d'étudiants universitaires sur le concours de rédaction - "Écrire sur la Paix" -, l'intention de "Folha Dirigida" c'était d'apporter sa contribution pour la réflexion sur ce thème qui, partout dans le monde, est devenu une bannière de l'UNESCO: la création d'une culture de paix.

Que cet ensemencement d'idées puisse germer et grandir davantage, en créant les conditions pour le changement d'une société inhumaine et violente qui avance à contre-courant de l'histoire, en empruntant les voies du simulacre, de la violence, d'une éthique au rabais et de l'inhumanité.

Une société globalisée qui a besoin plus que jamais de tenir inlassablement le flambeau de l'idéalisme et de l'énergie du travail de tous, mais surtout des jeunes.

En effet, il revient à la jeunesse de jeter un regard critique sur le présent dont la construction a démarré dans le passé en vue de la lutte pour un avenir de paix que l'on souhaite mettre en oeuvre à partir d'aujourd'hui.

Adolfo Martins
Président de Folha Dirigida

ÍNDICE / CONTENT / INDEX

Adriana de Almeida Abrantes 21 Faculdade Moraes Junior	Carlos Alberto Plates Bertazzo 79 UniverCidade
Alessandra Pio Silva 23 Universidade Federal Fluminense	Carlos Alexandre Fernandes Considera 82 Universidade Federal Fluminense – UFF
Alex Farias Gómez 27 Universidade Veiga de Almeida	Carlos Alexandre Pereira de Moraes 86 Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Alexandra Baldaque 30 Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RIO	Carolina Barreira Lins 89 Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Alexandre de Mattos Melo 34 Faculdade de Direito Evandro Lins e Silva	Carolina Leite Prates 93 Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Alexandre Kronemberger de Mendonça 38 Universidade Estácio de Sá	Cirlene Marques do Nascimento 96 Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO
Ana Carolina Kiss 41 Fundação Educacional Serra dos Órgãos	Cláudio de Souza Soares 99 Universidade Veiga de Almeida
Ana Paula Barros de Azevedo 45 Universidade Cândido Mendes	Cristiane Silva Teles 103 Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
André Carneiro Ramos 48 UBM - Centro Universitário de Barra Mansa	Daniel Rodrigues de Castro 108 Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Andréa Linhares Rosa 52 Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ	David Balarini Perovano 111 Universidade Gama Filho
Andressa Le Mello Savoldi 55 Universidade Veiga de Almeida	Delambre Ramos de Oliveira 114 Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RIO
Antonio Barbosa da Silva Junior 59 Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO	Eduardo Cardoso da Silva 118 Universidade Católica de Petrópolis
Antonio da Silveira Brasil Junior 62 Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ	Eduardo Maciel Monteiro 121 Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Antonio Sérgio Santos 66 Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ	Eliane Fonseca Corrêa Gonçalves Lima 125 Universidade Estácio de Sá
Bruno Chaves Macedo 69 Universidade Veiga de Almeida	Elissandro Souza Aquino 128 Universidade Estacio de Sá
Bruno Guimarães de Miranda 72 Instituto de Filosofia e Tecnologia do Mosteiro de São Bento	Fabio Doná Barboza 133 Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Bruno Passeri Dias 76 Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RIO	Felipe Sáles Gomes 137 Faculdade de Filosofia de Campos

ÍNDICE / CONTENT / INDEX

Fernanda Fatima dos Santos 141 Universidade do Grande Rio – Unigranrio	Juliana Krapp Guimarães 203 Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Fernando Cassibi de Souza 145 Universidade Estácio de Sá	Karen Sandra Seretta 207 Faculdade Machado de Assis – FAMA
Flávia Carvalho Marques 149 Centro Universitário Celso Lisboa	Karla Chagas Gallo 211 Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Francisco Chaves Lameirão Junior 152 Universidade Gama Filho	Klabston Herbston do Nascimento 214 Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Gisele Goneli de Lacerda 156 Universidade Federal Fluminense - UFF	Leandro de Paula Santos 217 Universidade Federal Fluminense - UFF
Gisele Marques Alves dos Santos 160 CEFET/RJ	Leonardo Carvalho 220 Universidade Federal Fluminense – UFF
Guilherme Neves Gonçalves 163 Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO	Leticia Barboza Silva 225 Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Guilherme Tolomei 166 Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ	Lis Rejane Lopes Dutra 229 Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Igor Teixeira Silva Fagundes 169 Universidade Federal Fluminense - UFF	Lorena Braga Sales 231 Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Isabela Ciarlini de Azevedo 172 Universidade Federal Fluminense – UFF	Luciano José Aquino de Azevedo 234 Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO
Jean Maciel Xavier 176 Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO	Luis Eduardo de Oliveira Moraes 237 Universidade Federal Fluminense - UFF
Joana D'Arc Rodrigues Ferreira 180 Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ	Luter Angelo de Oliveira de Souza 240 Universidade Federal do Rio de Janeiro / Universidade Estácio de Sá
João Daniel de Carvalho Fonseca 184 Universidade Federal Fluminense - UFF	Maria Margarida da Costa Sampaio 243 Universidade Estácio de Sá
João Paulo Marques Schittini 188 Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ	Marta Cristina da Silva 249 Universidade Federal Fluminense – UFF
José de Souza Neto 192 Universidade Estácio de Sá	Maurício Figueiredo Rangel 252 Universidade Estácio de Sá
José Ronel Lopes Batista 195 Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ	Mauricio Monteiro Machado 256 Escola Nacional de Ciências Estatísticas - ENCE
Juliana Agualuza Gonçalves 199 Faculdades Integradas Hélio Alonso - FACHA	Melissa Jardim de Souza 261 Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO

ÍNDICE / CONTENT / INDEX

Milena Cabral Aguiar 264 Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ	Samanta Susyan Santos Soto 320 Centro Universitário de Barra Mansa - UBM
Monica Cristina da Silva Moreira 268 Faculdade de Direito de Campos	Samon Noyama 323 Universidade Estácio de Sá / Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Nadja Maria de Farias Bereicoa 271 UniverCidade	Shirley Acioli Calleia Postiga 327 Centro Universitário Plínio Leite - UNIPLI
Naetê Barbosa Lima Reis 275 Universidade Federal Fluminense - UFF	Simone Ramos de Cerqueira 331 Faculdades Integradas Simonsen
Natascha Ballesterio Fernandes de Oliveira 279 Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ	Susana Elaine Fernandes de Araújo 334 Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Nazja Corrêa da Silva Simão 282 Instituto Metodista Bennett	Tahiana Fernandes Vieira 337 Faculdade de Filosofia de Campos
Ocimar da Conceição Guimarães 285 Universidade Estácio de Sá	Tânia Maria Pedro 341 UniverCidade
Pedro Luiz da Silva do Rego Lima 288 Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ	Tatiana do Carmo Sant'Anna 344 Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Rafael de Oliveira Sobral 292 Universidade Federal Fluminense - UFF	Tatiane Silva Tereza 348 Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Ricardo de Oliveira Razuk 296 Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ	Tatiane Soares de Paulo da Silva 352 Universidade Estácio de Sá
Roberta da Costa de Sousa 300 Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ	Vanessa Massoni da Rocha 356 Universidade Federal Fluminense - UFF
Roberta Figueira Tigre Maia 304 Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ	Vera Lúcia Carneiro dos Santos 359 Universidade Estácio de Sá
Rodrigo Bird Burgos 307 Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/Rio	Vinicius Guimarães Rodrigues 362 Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Rossana Maria Miranda Vasconcelos 310 ISECENSA	Viviane Braga de Oliveira 366 Universidade Gama Filho
Rozilda Batista Neri 314 Universidade Gama Filho	Viviane Rosa Assumpção 369 UNICARIOCA
Sabine Venuit dos Santos 317 Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RIO	Welton Elias da Conceição 372 Universidade de Nova Iguaçu - UNIG

*“Queremos apenas um mundo em que
a justiça grite a sua voz e que se faça ouvida”*

Adriana de Almeida Abrantes

Faculdade Moraes Junior

Eu ouço os gritos. Vidas são mutiladas vítimas da intolerância, do descaso, da mal-
dade, do poder. Assisto a cada extermínio, reduzindo tudo ao nada.

Vejo romper de prantos a cada amanhacer.

Sinto a dor de um mundo louco, opressor e violento

Sinto o cheiro da vingança e da discórdia.

Vozes chamam por justiça, imploram a Paz.

Não queremos mais lágrimas, sangue e revolta.

Não queremos sonhar sem poder viver.

Queremos sonhar novamente, em um mundo real, sem utopias.

Não queremos apenas um sorriso nos lábios, olhos de esperança e mãos que se
apertem.

Queremos apenas um mundo em que a justiça grite a sua voz e que se faça ouvida.

Um mundo solidário, onde o grito de um só seja o ócio e a violência

Um mundo de tolerância, onde a diferença não seja causa de desigualdade.

Um mundo de harmonia, em que exista apenas a lágrima para sabermos o valor de
cada sorriso.

Enfim, um mundo onde haja PAZ, simples como a risada de uma criança e brando
como a brisa das asas dos pássaros.

*“We only want a world in which justice
can scream and have its voice heard.”*

I hear the cries. Lives are mutilated as victims of intolerance, unconcern, evil, and
power. I watch each extermination that reduces all to nothing.

I see the cry of daybreak.

I feel the pain of a crazy world, oppressing and violent

I feel the scent of revenge and discord.

Voices call for justice, they beg for Peace.

We want to dream again, in a real world without utopias.
We do not just want a smile on the lips, eyes of hope and handshakes.
We only want a world in which justice can scream and have its voice heard.
A world of solidarity, where the cry of one is violence
A world of tolerance, in which difference is not the cause of inequality.
A world of harmony, in which tears only exist to show the worth of each smile.
At last, a world of peace, simple as the laughter of a child and warm like the breeze
carrying the wings of a bird.

*“Notre seul souhait c’est de vivre dans
un monde où la justice puisse lâcher sa
voix et que celle-ci se fasse entendre”*

J’entends des hurlements. Des vies sont mutilées à cause d’intolérance, d’abandon,
de méchanceté, d’abus de pouvoir. J’assiste à chaque massacre, en réduisant le tout au
rien.

Je vois les gens se fondre en larmes à chaque point du jour.

Je ressens la souffrance d’un monde fou, oppresseur et violent

Je flaire l’odeur de la vengeance et de la discorde.

Des voix clament pour la justice, et demandent la Paix.

Nous ne voulons plus de larmes, ni de sang ni de mouvements de révolte.

Nous ne voulons pas rêver sans pouvoir vivre.

Nous voulons rêver à nouveau d’un monde réel, sans utopies.

Nous ne voulons pas qu’un sourire aux lèvres, l’espoir dans le regard et des poignées
de mains.

Notre seul désir c’est de vivre dans un monde où la justice puisse lâcher sa voix et
que celle-ci se fasse entendre.

Un monde solidaire où le cri poussé pour l’oisiveté et pour la violence soit solitaire

Un monde de tolérance où la différence ne soit pas la cause des inégalités.

Un monde harmonieux où il n’existe que les larmes pour nous rendre compte de la
valeur de chaque sourire.

Enfin, un monde tout plein de PAIX, simple comme l’éclat de rire d’un enfant et
doux comme le bruissement des ailes des oiseaux.

*“Parece inacreditável,
mas existem países que não querem
a Paz de forma alguma...”*

Alessandra Pio Silva

Universidade Federal Fluminense

A Paz parece-me um substantivo abstrato dos mais complexos. Não a vejo sem pensar em outros componentes necessários à sua existência, tal como a Justiça. Poderia até dizer que estas são irmãs, pensá-las como seres capazes de transformar as pessoas, o mundo. Assim seria mais fácil, estaria falando de uma velha conhecida, uma vizinha que deixou saudades.

Lembro-me, até, como era quando Paz morava por aqui: as crianças corriam pelas ruas sem pensar em nada, que não a própria brincadeira; os namorados aproveitavam para namorar em lugares ermos, onde as vizinhas fofoqueiras não os pudessem observar; os cãesinhos eram levados por seus donos para passear todas as noites, aproveitando a brisa fresca; aqueles que trabalhavam até tarde voltavam sem preocupação.

Creio que Ela tentou suportar, mas aconteceram coisas que foram deixando-a muito triste: há muito tempo atrás, um homem de coração puro e muito amável foi crucificado porque pregava o amor entre as pessoas, dizendo que todos eram irmãos. Tempos depois várias mulheres foram queimadas em fogueiras, porque acreditavam que elas estavam possuídas pelo demônio. Uns homens invadiram um país matando milhares de pessoas, e, depois, ainda jogaram uma bomba com um poder de destruição tão grande, que alcançou quilômetros, destruindo uma cidade inteira. Um homem de bigode engraçado liderou um movimento seguido por um grande exército, que matou milhares de pessoas só porque eram de nacionalidade diferente e não eram bem-vindas em seu país. Durante muitos séculos a Paz agüenta todo o tipo de martírio, mas nunca acaba: pouco tempo atrás, alguns homens, não satisfeitos com tantas mortes que já haviam provocado, decidiram chocar aviões contra dois edifícios enormes, matando milhares de pessoas.

Não bastasse, Ela ainda estava sendo pressionada! Parece inacreditável, mas existem países que não querem a Paz de forma alguma, e, outros a forçam, dizendo que ela tem de ir para lá, de qualquer jeito. Eu a compreendo: como ela pode ir para um lugar onde as pessoas não a desejam, onde só existe o Ódio, arquinimigo da Paz? Aqui, Ela estava

muito bem: todos a queriam por perto, pediam por sua presença, mas as atitudes não correspondiam e Ela foi embora.

As coisas agora estão ficando cada vez piores: as crianças brincam preocupadas com o que pode ocorrer nas ruas; os namorados não procuram lugares desertos, pois podem ser vítimas de bandidos; os cãesinhos são poucos, pois os donos preferem os cães grandes que lhes oferecem maior segurança; as casas precisam de mais grades e, mesmo assim, as pessoas não confiam em ninguém que chame ao portão.

A Esperança continua por aqui, um pouco inibida, triste, mas dá forças àqueles que acreditam que a Paz foi dar um pequeno passeio, levando consigo a Justiça, o Amor, a Fraternidade e outros companheiros que não tardarão a voltar. Aqueles que não acreditam em seu retorno, que foram vítimas da Violência e de outros males, não podem deixar tudo para ser resolvido por Ela. Precisamos arrumar a casa, para quando ela voltar.

“It seems unbelievable, but there are countries that really don’t want Peace...”

To me peace seems to be abstract and complex noun. I cannot see it without thinking of other components necessary for its existence, like Justice. I could even say that they are sisters; I could think of them as entities able to transform people and the world. It would be easier that way; I’d be talking about an old acquaintance, maybe a friendly neighbor had to move.

I can even remember when Peace used to live here. The kids ran around in the streets without having to worry much; lovers would be comfortable cuddling in hidden-away places out of the sight of telltale neighbors; puppies were taken by their owners for walks at night enjoying the cool breeze; those who worked late could even come back home without a worry.

I believe She tried to withstand it, but some things that made her sad happened. A long time ago, a lovable man with a pure heart was crucified because he preached love among people and said that they were all brothers and sisters. Later many women were burned at the stake because they believed to have been possessed by the devil. Some men invaded a country and killed thousands of people and then dropped a bomb with such an incredible power of destruction that it razed kilometers, destroying an entire city. A man with a funny mustache led a movement followed by a great army

that killed thousands of people just because they had a different nationality and were not welcome in his country. During many centuries Peace withstood all kind of martyrdom and still it hasn't stopped. Not too long ago, some men, not too content in already having provoked deaths, decided to crash two airplanes into two huge buildings, killing thousands of people.

If that weren't enough, She kept on being pressured! It seems unbelievable, but there are countries that really don't want Peace, and others even force Peace to go away. I understand her. How can she go to a place where people don't want her, where there is only Hate, the archenemy of Peace? Here, She was doing fine – everyone wanted her nearby, they asked for her presence, but attitudes were not corresponding and so She went away.

Things are getting worse every day: children are worried about what could happen in the streets; lovers no longer hide away in fear of criminals; puppies have become few, as owners prefer big dogs that make them feel safe; houses need taller fences and still people can't trust people who knock at their door.

Hope is still here, albeit feeling a bit shy, sad. But it still gives strength to those who believe Peace went out for a stroll, taking Justice, Love, Fraternity, and other companions who won't be long to join in. Those who do not believe in its return, who have victims of Violence and of other evils, can't wait and let the whole job to be done by Her. We need to get the house ready for when she comes back.

*“C'est incroyable, mais il y a des
pays qui ne souhaitent guère la Paix...”*

Il me semble que la Paix est l'un des plus complexes substantifs abstraits. Je n'arrive pas à l'envisager sans penser à d'autres composants nécessaires à son existence, tel que la Justice. J'aurais pu même dire que les deux se ressemblent à des soeurs, si je les imagine comme des êtres capables de transformer les personnes et le monde. Ainsi, mon expo deviendrait plus facile, car je serais en train de parler d'une vieille connaissance, d'une voisine dont la séparation me fait languir.

Je me rappelle encore de l'époque où la Paix était parmi nous: les enfants couraient dans les rues sans rien penser d'autre qu'à leurs jeux; les amoureux se rencontraient dans des endroits moins fréquentés pour éviter d'être aperçus par les commères du quartier; les chiots étaient conduits par leurs maîtres pour la promenade chaque soir,

en tirant profit de la brise fraîche; tous ceux qui travaillaient tard dans la nuit rentraient chez eux sans se faire aucun souci.

Je crois qu'après avoir essayé de tenir le coup, Elle est devenue triste à la suite de ce qui s'est passé: il y a longtemps de cela, un homme de coeur pur et bien aimable avait été crucifié parce qu'il prêchait l'amour entre les personnes, en affirmant que tous étaient des frères. Quelques siècles plus tard, plusieurs femmes ont été brûlées sur des bûchers parce qu'on les soupçonnait d'être possédées du démon. Certains hommes ont envahi un pays en y tuant des milliers de personnes, et après ils ont encore lancé une bombe d'un tel pouvoir de destruction qu'elle a fait disparaître une ville entière. Un moustachu drôle a pris la tête d'une grande armée qui a massacré des milliers de personnes par le seul fait que celles-ci avaient une nationalité différente, et par conséquence n'avaient pas été les bienvenues dans son pays. Pendant des siècles, la Paix a dû subir tout le type de martyre, mais Elle ne disparaîtra jamais: il y a peu de temps, une poignée d'hommes, non satisfaits du nombre de morts provoqués par leurs tueries ont décidé de jeter des avions contre deux gratte-ciel en tuant encore des milliers de personnes.

Et comme si tout cela n'avait pas été assez suffisant, Elle restait toujours sous pression! C'est incroyable, mais il y a des pays qui ne souhaitent guère la Paix, tandis que d'autres l'imposent en disant qu'à tout prix il faut qu'elle soit là. Je l'a comprends bien: comment peut-elle s'adresser à un endroit où les gens n'ont aucune envie de la recevoir, où il n'y que de la Haine, le pire ennemi de la Paix? Ici, Elle se sentait très bien: tous souhaitaient qu'elle soit près d'eux, en demandant tout le temps sa présence, mais leurs attitudes ne correspondaient à leurs vœux et Elle s'en est allée.

Maintenant, les choses vont de mal en pis: les enfants n'arrivent plus à jouer sans se faire du souci par rapport à ce qui peut se passer dans la rue; les amoureux ne se rencontrent plus dans les endroits peu fréquentés parce qu'ils craignent d'être victimes des bandits; les chiots sont rares car leurs maîtres préfèrent des gros chiens en compagnie desquels ils sentent plus d'assurance; les maisons sont aménagées avec des grilles de sécurité de plus en plus solides, et malgré tout les personnes se méfient toujours en entendant la sonnerie de la porte d'entrée.

L'Espoir demeure vivant ici – c'est vrai, un tout petit peu inhibé et triste –, mais il pourvoit d'énergie tous ceux qui croient que la Paix est allée faire juste une courte promenade, accompagnée de la Justice, de l'Amour, de la Fraternité et encore d'autres compagnons, et qu'ils ne tarderont pas à rentrer. Par contre, tous ceux qui ne croient plus qu'elle ne reviendra, tous ceux qui ont été victimes de la Violence et d'autres peines, ils ne peuvent pas s'attendre que tout sera pris en charge par Elle. Quant à nous, nous allons ranger la Maison pour la recevoir à son retour.

“Milhões de anos depois, ainda o vazio, o homem, a pedra e agora o movimento”.

Alex Farias Gómez
Universidade Veiga de Almeida

*O homem ainda não começou seu trabalho: ele prepara ainda seus utensílios.
Quando o tempo chegar, guardará este nome: Homem*
(Paul Valéry)

No início,era somente vazio,um impetuoso e pálido ermo contemplado por um indiferente homem que tentava talhar alguma-coisa numa única e possível pedra.

Milhões de anos depois,ainda o vazio,o homem,a pedra e agora o movimento. No entanto,o inesperado chega diante daqueles olhos por ora lânguidos, por ora amainados pela serenidade tediosa: primeiramente veio o vento e com ele vieram a luz,as cores e o tempo que trazia a divisão do mundo em dia e noite;a seguir a mitologia,a primeira palavra, a construção da idéia,depois veio um tal de homem e, com este, seus filhos e seus bichos;logo o significado do sangue,as casas, a escrita, a moeda, a fome,as guerras, a pintura,a tecnologia,o Carnaval, a gravata, o 14-Bis, o esmalte,o cinema,o clichê,a televisão, Copacabana e creme dental.

Atrás avistava-se a violência,a perfeição,o amor,a amizade,a culpa e todos os sentires dos tais homens que passavam sorrindo, chorando, alguns cantando, cambaleantes, temerosos, inovadores, bêbados, vaidosos, fanfarrões, charlatões, sofistas, passistas.

Passaram todos, e o homem permanecia ainda admirado, ainda incrédulo quando, de repente, depara-se com a palavra TUDO, vangloriando-se de a dona do mundo porque resumia em breves formas toda a multidão que seus olhos evidenciaram, abandonando-o em seguida à poeira e ao deserto.

O homem nada falou, apenas constatou a primeira mentira, pois a tal palavra TUDO não trouxe a única matéria capaz de identificar, unir e assemelhar a legião que seguira.

“ Ela esqueceu-se da matéria-paz, única possibilidade de compor os pedaços daquele mosaico que começa a confundir-se em brevidade e cólera “ disse.

“Millions of years later still the void, the man, the stone, and now movement.”

*“Man is yet to begin his task: he is still preparing the tools.
When the time is come, he will keep this name: Man.”*

(Paul Valery)

At the beginning it was just a void, an impetuous a pale blank contemplated by an indifferent man who tried to etch something to a single stone. Millions of years later still the void, the man, the stone, and now movement.

Millions of years later still the void, the man, the stone, and now movement. However, the unexpected reaches the now languid eyes, soothed by the tedious serenity: first came the wind and with it came light, colors and time which forged the division of the world into day and night; then came mythology, the first word, the construction of idea, then came something called man and with him his children and animals; soon came the meaning of blood, houses, writing, money, famine, wars, painting, technology, Carnaval, the tie, the 14-BIS*, nail-polish, cinema, clichés, television, Copacabana, and dental cream.

In view behind are violence, perfection, love, friendship, guilt, and all feelings of the men who went by smiling, crying, some singing, stumbling, fearing, innovating, drunk, vain, charlatans, sophists, and dancers.

They all went by and the man stayed there in awe, still in disbelief when, suddenly, he stumbles upon the word ALL, in all the glory that comes with being the master of world because it summarizes the entire crowd that its eyes witnesses, abandoning it to the dust and desert.

The man said nothing, he simply made note of the first lie, for the word ALL did not bring the only matter capable of identifying, uniting, and being the image of its following legion.

“She forgot the matter of peace, the only possibility of composing the pieces of that mosaic that starts to mix into brevity and wrath”, he said.

“Après des millions d’années, toujours le vide, l’homme, la pierre, et maintenant le mouvement”

L’homme n’a pas encore commencé son travail: il prépare toujours ses ustensils.

Quand le temps arrivera, il gardera ce nom: Homme

(Paul Valéry)

Au commencement, il n’y avait que du vide, un impétueux et pâle désert contemplé par un homme indifférent qui essayait de tailler quelque-chose d’une seule et possible pierre.

Après des millions d’années, toujours le vide, l’homme, la pierre, et maintenant le mouvement. Pourtant, l’inattendu arrive devant ce regard sitôt languissant, sitôt apaisé par une sérénité ennuyeuse: le vent arrive, d’abord, accompagné de la lumière, des couleurs et du temps par lequel le monde a été divisé en jour et en nuit; ensuite, la mythologie, la première parole, la construction de l’idée; et depuis il est arrivé untel dont le nom est l’homme en compagnie de ses enfants et de ses bêtes; et tout de suite, la signification du sang, les maisons, l’écriture, la monnaie, la famine, les guerres, la peinture, la technologie, le Carnaval, la cravate, le “14-Bis”*, l’email, le cinéma, le cliché, la télévision, “Copacabana”** et la pâte dentifrice.

Derrière, l’on apercevait la violence, la perfection, l’amour, l’amitié, la culpabilité et tous les sentis de tels hommes qui passaient souriants, en pleurs, certains chantonnant, chancelant, apeurés, innovateurs, ivrognes, vaniteux, fanfarons, charlatans, sophistes, “passistas”***.

Ils avaient tous passés, et l’homme demeurait toujours étonné, toujours incrédule quand il se trouve, soudain, devant le mot TOUT en s’enorgueillissant d’être le maître du monde parce qu’il résumait à des formes brèves toute la foule, rendue évidente par son regard, et qui par la suite l’avait abandonné en le jetant à la poussière et dans le désert.

L’homme n’a rien dit en se limitant à constater le premier mensonge, une fois que ce mot-là TOUT n’a pas apporté la seule matière capable d’identifier, de rassembler et de rendre ressemblante la légion qui l’avait suivi.

“Il avait oublié la matière-paix, la seule capable d’assembler les morceaux de cette mosaïque-là qui commence à se confondre à la brièveté et à la colère”, a-t-il dit.

* L’appareil “plus-lourd-que-l’air” doté d’un moteur à explosion avec lequel l’aéronaute et aviateur brésilien, Alberto Santos-Dumont (1873-1932), a entrepris le premier vol propulsé homologué en Europe (en septembre 1904). Ses avions du type Demoiselle sont les précurseurs des ULM.

** Le renommé quartier de Rio de Janeiro.

*** Danseurs de la samba.

*“Difícil classificar algo mais perturbador
que o choro infantil. Em qualquer hemisfério, em
todas as culturas, em diferentes guerras”*

Alexandra Baldaque

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RIO

Já reparou que por trás de um simples epitáfio esconde-se a revelação da angustiante busca do homem? “Descanse em paz” encerra em si muito mais que uma existência interrompida - acusa um antagonismo entre vida e paz. Impossível coexistirem. É como se a humanidade assumisse a sua culpa ante a miserável trajetória daquele ser e dissesse, em tom de consolação: “Ei, você conseguiu! Eis a tão sonhada paz!”. Tarde, de fato.

Mais assustador que ter a certeza de dedicar uma vida buscando algo sabidamente inatingível é constatar que muito antes de aprender a falar a palavra ‘paz’, milhares de crianças podem mensurar sua falta. Neste mundo caótico, onde 6.500 idiomas se confundem, uma linguagem tornou-se universal: o grito de uma criança. Difícil classificar algo mais perturbador que o choro infantil. Em qualquer hemisfério, em todas as culturas, em diferentes guerras. Ainda que gerações nasçam e morram sem saber a quem declararam guerra, a definição da paz vem da experiência contrária. É o “não-sofrimento”, a “não-mutilação”, a “não-dor”. A antítese da realidade que conheceram em vida.

Antes que pudessem supor que havia uma certa Declaração Universal dos Direitos Humanos, assegurando que “todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos” (Art. I), milhares de crianças, entre oito e 14 anos, eram acorrentadas, por meses, anos, no Paquistão. Certamente, também o desconheciam os milhares de meninos e meninas da Argélia, que testemunharam o extermínio de suas famílias durante os conflitos na região.

“Toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal” (Art. III). Só não esqueçam de avisar aos jovens da Ruanda, que em meio às chacinas, sobreviveram camuflando-se entre os cadáveres. Ou aos meninos da Angola, obrigados a se fazerem militares aos 10 anos, matando como gente grande. Se der, procurem por aquela vietnamita que o mundo conheceu, correndo nua, com o corpo queimado, gritando seu desespero...

Expliquem para a menina americana inconformada o que levou o pai para uma guerra distante, ainda que ela possa lhes provar que ele é “inocente”. Sigam o olhar interrogativo da menina africana, dirigida a um ritual de mutilação genital. E tentem, ainda que em vão, contar para ao menos um, dos 5,4 milhões de crianças e adolescentes do Brasil que trabalham de forma irregular, que a constituição lhes assegura o direito à educação e condena o trabalho infantil.

É evidente que o homem sofre, em toda a sua trajetória, as atrocidades da guerra, da ignorância, do primitivismo. No entanto, são as crianças que guardam as cicatrizes mais profundas, e as levam para frente. Os pequenos sobreviventes de guerras de outrora são os

homens descrentes de hoje, incrédulos e desiludidos. Se resolver todos os conflitos mundiais parece impossível, promover a paz interior pode ser um bom começo.

Evitar que uma criança, curda, alemã ou brasileira, seja vítima de erros do passado, é o primeiro passo para garantir um futuro pacífico. Cresci ouvindo as bombas dos conflitos no Oriente Médio, os massacres na Iugoslávia, o boom da Aids na África, a incoerência política de países orientais e todos os fatídicos acontecimentos contemporâneos. O que não testemunhei, aprendi – o Holocausto, as Grandes Guerras, a Ditadura Militar brasileira. Era natural que, aos 20 anos, eu acreditasse que a paz não passa de um sonho. Mas não. Hoje coordeno uma ONG internacional de apoio às crianças carentes do Brasil. O nome dela? Dreams Can Be.

“It hard to classify anything as more disturbing as the weep of a child. In any hemisphere, in all cultures, and in different wars.”

Have you ever noticed that behind a simple epitaph lies the revelation of man’s anguishing quest? In “rest in peace” there is much more than an interrupted lifetime expressed – it accuses an antagonism between life and peace. It is impossible for them to coexist. It’s as if humanity took the blame for its miserable history and said in consolation, “Hey you, you made it! Here is your dreamt of peace!” Too late, in fact.

More frightening than the certainty of dedicating a life for something that is knowingly unattainable is to ascertain that much before learning the word “peace”, thousands of children can gauge its absence. In this chaotic world, in which 6,500 languages blend, a language has become universal: the cry of a child. It hard to classify anything as more disturbing than the weep of a child. In any hemisphere, in all cultures, and in different wars. Although generations are born and die without knowing to whom they declared war, the definition of peace comes from an opposite experience. It’s “non-sUniversidade Federal Fluminense - UFFering”, “non-mutilation”, and “non-pain”. The antithesis of reality they knew in life.

Before they could suppose that there was a Universal Declaration of Human Rights, assuring that “all people are born free and equal in dignity and rights” (Article 1), thousands of children, between eight and fourteen, were chained for months and years in Pakistan. Thousands of boys and girls from Argelia who witnesses the extermination of their families during conflicts in the region certainly didn’t know it either.

“Every human being has the right to life, freedom, and personal security” (Article III). Just don’t forget to tell that to the young people of Rwanda who amidst shootings survived by camouflaging among dead bodies. Or to the boys in Angola, forced to join the military at age 10, killing like adults. If you can, try looking for that Vietnamese

girl that the world got to know as she desperately cried as her naked body was caught in flames...

Try explaining it to the American girl why her father was sent off to a distant war, even though she can prove that he is innocent. Follow the African girl's interrogative look as she is taken to a genital mutilation ritual. And try, although in vain, to tell at least one of 5.4 million children and teenagers in Brazil who work illegally that the constitution guarantees them the right to education and condemns child labor.

It is evident that man sUniversidade Federal Fluminense - UFFers during his entire history the atrocities of war, ignorance, and primitivism. However, children are the ones who bear the deepest scars and take them on. The small survivors of yesterday's wars are the unbelieving men of today, incredulous and cynical. If solving all of the world's conflicts seems impossible, promoting inner peace can be a good start.

To avoid that the Kurd, German, or Brazilian child becomes the victim of an error from the past is the first step in guaranteeing a peaceful future. I grew up listening to the bombs of the conflicts in the Middle East, the massacres in Yugoslavia, the AIDS boom in Africa, the political incoherence in oriental countries, and all the other contemporary events. That which I haven't witnessed, I have learned of – the Holocaust, the Great Wars, and the Brazilian military dictatorship. It was only natural that I, at age 20, believed that peace wasn't but a dream. But no. Today I coordinate an international NGO that supports needy children in Brazil. Its name? Dreams Can Be.

*“Il n’y a rien de plus troublant
et difficile à classer que les pleurs infantiles.
Dans n’importe quel hémisphère, dans toutes
les cultures, au cours de différentes guerres”.*

Êtes-vous déjà rendu compte que derrière un simple épitaphe se cache la révélation de la quête angoissante de l'homme? “Qu’il repose en paix” c’est une formule qui ne se limite pas à faire le registre d’une existence interrompue, mais elle accuse un antagonisme entre vie et paix. Et leur coexistence demeure impossible. C’est comme si l’humanité prenait en charge sa culpabilité devant la misérable trajectoire de cet être défunt et sur un ton de consolation lui disait: “Eh, enfin, tu l’as eu! Voici la paix aussi escomptée!”. Trop tard, en fait.

Encore plus effrayant que d’être sûr de consacrer toute sa vie à la quête de quelque chose dont l’on sait pertinemment qu’elle ne sera pas atteinte, c’est le fait de constater que bien avant d’apprendre à dire le mot “paix”, des milliers d’enfants puissent se rendre compte qu’elle leur manque. Dans ce monde chaotique où 6500 langues se

confondent, il n'y a qu'un seul langage qui est devenu universel: le cri d'un enfant. Il n'y a rien de plus troublant et difficile à classer que les pleurs infantiles. Dans n'importe quel hémisphère, dans toutes les cultures, au cours de différentes guerres. Même si un certain nombre de générations soient nées et disparues sans avoir connu l'adversaire à qui elles avaient déclaré la guerre, la définition de la paix découle de l'expérience contraire. C'est la "non-souffrance", la "non-mutilation", la "non-douleur". L'antithèse de la réalité qu'elles avaient connue de leur vivant.

Avant qu'ils ne puissent supposer l'existence d'une certaine Déclaration universelle des droits de l'homme selon laquelle "tous les êtres humains naissent libres et égaux en dignité et en droits" (Art. 1), des milliers d'enfants, âges de 8 à 14 ans, sont restés enchaînés, pendant des mois et des années, au Pakistan. Certainement, ils n'étaient non plus au courant des milliers de garçonnets et de fillettes en Algérie, témoins du massacre de leurs familles au cours des conflits dans la région.

"Tout individu a droit à la vie, à la liberté et à la sûreté de sa personne" (Art. 3). Simplement, il ne faut pas oublier de prévenir les jeunes du Rwanda qui au milieu des tueries ont réussi à survivre en se dissimulant parmi les cadavres. Ou les enfants d'Angola, obligés à devenir des soldats à l'âge de 10 ans pour tuer comme s'ils étaient de grandes personnes. Et s'il y a encore de la place, allez chercher la fillette vietnamienne que le monde a connue, en courant toute nue, le corps brûlé, en criant son désespoir...

Allez expliquer à la fillette nord-américaine révoltée ce qui a amené son père à faire une guerre aussi loin de chez lui, d'autant plus qu'elle peut vous certifier qu'il est tout à fait "innocent". Suivez le regard interrogatif de la fillette africaine qui est obligée à se soumettre au rite d'excision. Et essayez, en pure perte, de conter ne serait-ce qu'à l'un des 5,4 millions d'enfants et d'adolescents du Brésil travaillant au noir qui la Constitution leur assure le droit à l'éducation et condamne l'exploitation du travail infantile.

Il est évident que, tout au long de sa trajectoire, l'homme supporte les atrocités de la guerre, de l'ignorance, du primitivisme. Néanmoins, ce sont les enfants qui gardent les cicatrices les plus profondes, et les portent pour l'avenir. Les petits survivants des guerres d'autrefois sont les hommes écoeurés d'aujourd'hui, incrédules et désabusés. Même s'il paraît impossible de trouver des solutions pour tous les conflits mondiaux, un bon commencement serait déjà promouvoir la paix à l'intérieur dans chacun de nous.

Éviter qu'un enfant, indépendamment de sa nationalité - kurde, allemand ou brésilien - soit victime des errements du passé, c'est le premier pas pour assurer un avenir paisible. J'ai grandi en écoutant les bombes des conflits au Moyen Orient, les massacres en Yougoslavie, le *boom* du sida en Afrique, l'incohérence politique des pays orientaux et tous les événements fatidiques de notre époque. Les horreurs dont je n'ai pas été témoin, je l'ai apprises - l'Holocauste, les Grandes Guerres, la Dictature militaire au Brésil. Alors, il serait tout à fait raisonnable qu'à 20 ans je puisse croire que la paix n'est qu'un rêve. Mais, pas du tout. Aujourd'hui je suis chargée de la coordination d'une ONG internationale qui entreprend des actions en faveur des enfants défavorisés du Brésil. Son nom? "Dreams Can Be".

*“As armas de combate são a
educação, a justiça, o acesso aos serviços
sociais básicos, o trabalho digno,
a melhor distribuição de renda...”*

Alexandre de Mattos Melo

Faculdade de Direito Evandro Lins e Silva

A verdadeira paz é aquela que se alcança na vida coletiva. Cada pessoa, em sua família, comunidade, grupo social, cidade, bairro, região e país, vive em pleno gozo de suas liberdades e responsabilidades em prol de uma vida digna. É o que o prêmio Nobel e economista indiano Amartya Sen denomina de as “cinco liberdades fundamentais para a vida coletiva”. São elas as liberdades políticas, as facilidades econômicas, as oportunidades sociais, a garantia de transparência e a segurança protetora.

Com liberdade para agir politicamente, livre acesso aos bens econômicos fundamentais, amplas perspectivas de ascensão social, total conhecimento das práticas de governo e de empresas que afetam a sua vida pessoal e profissional e providos de segurança, pessoas assumem a cidadania plena com direito a uma vida coletiva integradora. Não é a paz como corolário do combate à guerra e à violência. É a paz da liberdade, do exercício pleno da cidadania.

Nesta luta pela paz das liberdades, o combate é outro. As armas de combate são a educação, a justiça, o acesso aos serviços sociais básicos, o trabalho digno, a melhor distribuição de renda, o combate à corrupção e à pobreza. Um mundo sem educação, saúde, oportunidades para todos, exercício pleno da cidadania, é um mundo sem paz. Esta se conquista com liberdade, civismo, responsabilidade social, crescimento pessoal e profissional, desenvolvimento individual e coletivo. A briga pelo poder, o desejo de dominação, a arrogância e o desatino cedem lugar à briga pela conquista das liberdades, ao desejo de justiça, equilíbrio e harmonia.

Como ideal onírico, a paz é algo a ser construído, pensado, refletido, objeto de articulações entre países, negociações entre as grandes potências. É uma paz difícil de acontecer num mundo dominado por interesses econômicos que fazem da dominação uma estratégia predominante. Ganhamos consciência, formamos consciências, mobilizamos pessoas e multidões e mantemos vivo o ideal da paz mundial. Mas é só isso. Nossas consciências e desejos de pouco valem, se persistirem as vontades políticas de guerras e conquistas.

Antes desta paz longínqua, existe uma paz mais próxima, da qual somos os protagonistas diretos, obtida na realidade do nosso cotidiano. É a paz da consciência comum, que se desenvolve a partir de convivência harmoniosa das nossas diferentes crenças,

atitudes e comportamentos. Isso se desenvolve no respeito ao próximo, nas instituições, na busca e exercício de direitos e deveres individuais e coletivos.

O maior desafio é buscar esta paz real, que começa dentro de nós e irradia no coletivo. A conquista desta paz real pode transformar o sonho em realidade; a nossa paz pode transformar o quadro mundial. Se conseguirmos alcançar o estado de paz coletiva estaremos contribuindo para a conquista da paz mundial e, assim, quem sabe, tornando o nosso sonho cada vez mais possível.

*“The weapons are education, justice,
access to basic social services, honorable work,
better income distribution...”*

True peace is that which is achieved in collective life. Each person in his or her family, community, social group, city, neighborhood, region, and country lives in the entire possession of liberties and responsibilities for a honorable life. It's what the Nobel Prize winner, the Indian economist Amartya Sen, calls the “five fundamental liberties for a collective life”. They are political liberties, economic facilities, social opportunity, the guarantee of transparency, and protecting security.

With the liberty to act politically, free access to fundamental economic assets, broad perspective for social mobility, complete knowledge of government practices and of companies that affect your personal life, and security people assume full citizenship with the right to a collectively integrating life. It's not peace as a corollary to the fight against war and violence. It's the peace of liberty, of the exercise of full-fledged citizenship.

There is a different battlefield in this struggle for the peace of liberties. The weapons are education, justice, access to basic social services, honorable work, better income distribution, corruption and poverty fighting. In a world devoid of education, health, opportunities, and citizenship there is no peace. It will only be achieved with liberty, civism, social responsibility, personal and professional growth, and collective as well as individual development. The struggle for power, the urge to dominate, arrogance, and callousness give way to the struggle for the achievement of liberties, the desire for justice, balance, and harmony.

As a dream ideal, peace is something to be built, thought of, contemplated, and to become the object of articulations between countries, and negotiations between superpowers. It is a peace hard to be achieved in a world dominated by economic interests which render domination a predominant strategy. We gain consciousness, we form consciences, we bring together people and crowds, and we keep the ideal of

peace alive. But that's it. Our consciences and desire are worth little if the political interests behind war and conquests are to persist.

Before this faraway peace, there is another one closer to us, of which we are the main characters, and which is obtained from the reality of our daily lives. It's the peace of common consciousness which thrives on harmonious interaction of our different faiths, attitudes, and behaviors. This is developed by respect to our kin, in institutions, in the search for individual and collective rights and duties.

The greatest challenge is to achieve this real peace that starts within us and spreads into collectiveness. The achievement of this real peace can transform the dream into reality; our peace can transform the global landscape. If we manage to achieve the state of collective peace we will be contributing to the achievement of world peace and thereby, who knows, make our dreams close to come true.

“Les armes du combat pour atteindre la paix des libertés sont l'éducation, la justice, l'accès aux services sociaux de base, un travail convenable, une répartition plus équitable de la richesse...”

La paix véritable est celle que l'on arrive à atteindre dans la vie collective. Chaque personne, au sein de sa famille, de sa communauté, de son groupe social, dans sa ville, dans son quartier, dans sa région et dans son pays, jouit pleinement de ses libertés et de ses responsabilités pour mener une vie digne. C'est justement ce que le Prix Nobel et économiste indien, Amartya Sen, appelle les “cinq libertés fondamentales pour la vie collective”, à savoir: la liberté politique, les facilités économiques, les opportunités sociales, la garantie de transparence et la sûreté protectrice.

En se bénéficiant de liberté pour leur action politique, du libre accès aux biens économiques fondamentaux, d'amples perspectives de promotion sociale, d'une information suffisante sur les activités du gouvernement et des entreprises qui affectent leur vie personnelle et professionnelle, et en jouissant d'une sûreté convenable, les individus assument la pleine citoyenneté qui implique le droit à une vie collective intégratrice. Non pas une paix comme corollaire du combat contre la guerre et contre la violence. Mais la paix de la liberté, du plein exercice de la citoyenneté.

Dans cette lutte pour la paix des libertés, il s'agit d'un combat différent: ses armes sont l'éducation, la justice, l'accès aux services sociaux de base, un travail convenable, une répartition plus équitable de la richesse, le combat contre la corruption et pour l'éradication de la pauvreté. Un monde sans éducation, prive de santé, sans l'égalité des chances pour tous, ni le plein exercice de la citoyenneté, c'est un monde sans la

paix. Celle-ci est conquise moyennant la jouissance de la liberté, de la pratique du civisme, de la responsabilité sociale, de la progression personnelle et professionnelle, du développement individuel et collectif. Au lieu de la dispute pour le pouvoir, au lieu du désir de domination, au lieu de l'arrogance et de la bêtise, il faut mettre en oeuvre la dispute pour la conquête des libertés, le désir de justice, d'équilibre et d'harmonie.

La paix, en tant qu'idéal onirique, est quelque chose à construire, à penser, à réfléchir, c'est l'objet d'articulations entre les pays, de pourparlers entre les grandes puissances. Son accomplissement est bien difficile dans un monde asservi aux intérêts économiques dont la stratégie majeure est la domination. Nous prenons conscience, nous formons des consciences, nous mobilisons les individus et la foule, et nous gardons vivant l'idéal d'une paix mondiale. Mais il n'y a pas que cela. Nos consciences et nos désirs n'ont que peu de valeur, si la volonté politique des gouvernants vise toujours faire la guerre pour qu'ils deviennent de plus en plus puissants.

Avant d'arriver à cette paix lointaine, il existe une paix plus proche de nous, dont nous sommes les protagonistes directs, qui émane de la réalité de notre quotidien. Il s'agit de la paix de la conscience commune, qui se développe à partir de la convivialité entre nos différentes croyances, attitudes et comportements. Cette disposition se nourrit du respect à autrui, au sein des institutions, de la quête et de l'exercice des droits et des devoirs individuels et collectifs.

Notre plus grand défi c'est de rechercher cette paix réelle, qui commence à l'intérieur de chacun de nous et finit par rayonner sur toute la collectivité. La conquête de cette paix réelle peut transformer le rêve en réalité; notre paix personnelle peut transformer l'actuel scénario mondial. Si nous réussissons à atteindre l'état de paix collective, nous serons en train de contribuer pour la conquête de la paix mondiale et ainsi, l'on ne sait jamais, de rendre notre rêve de plus en plus réalisable.

“Eu a chamo de Paz, mas também posso chamá-la de irmão, irmã, vizinho, amigo...”

Alexandre Kronemberger de Mendonça

Universidade Estácio de Sá

Como a água da fonte, ela brota timidamente gotejante, segue perseverante sem direção alguma, apesar de seu rumo certo. De gota em gota encharca o solo, penetra-o fazendo-o florescer.

Incolor e ao mesmo tempo banhada em todas as cores. Inodora apesar de exalar um perfume sem igual, algo que nossas narinas aspiram e o levam até os pulmões e estes se contraem e retraem em perfeita harmonia. Invade a corrente sanguínea que a libera por todos os póros até ser totalmente absorvida, para então fazer morada em nossa alma.

Não é como o cirurgião que renova sua aparência momentânea, vai além, jovializa o espírito. Não caminha à procura, se arrasta e penetra. Não é a brisa de uma manhã, isto é, uma benção e ela é quem abençoa. Não é sono de criança, isto é, mansidão, ela simplesmente não dorme, desperta. Não é o silêncio, pois este sempre vence, e ela nem sequer disputa. Não é arbitro nem arbitrário, isto é, a consciência, ela não requer juízo. Não é questão de tempo, isto é cargo da morte, ela apenas aguarda. Não é leve nem pesada, mas só habita o coração dos fortes. Não é o fim de uma guerra, é o seu não começo, é não ter que lutar. Não é um sentimento nem uma substância, é simplesmente a essência da vida. É a força dos fracos e a esperança dos fortes. É um bem querer indistinto, indubitável e inequívoco.

Sua denominação é mínima, exígua, mas seu poder é supremo.

Muitos a chamam de estado de espírito, de estado passageiro, de quietude, de sossego, de serenidade.

Outros a chamam de sonho ou ilusão.

Os mais cruéis a chamam de utopia.

Eu a chamo de PAZ, mas também posso chamá-la de irmão, irmã, vizinho, amigo, etc porque ela não só habita, mas, sobretudo, vive dentro de nós e, a cada segundo, nos oferece a opção de parir ou abortá-la.

A paz existe por si, mas deixá-la viver só depende de nós.

*“I call it Peace, but I could also
call it brother, sister, neighbor, friend...”*

As water from a spring, it surface as timid droplets and then perseveres in no specific direction, despite its certain route. Drop by drop it drenches the soil, penetrating it, and making it flourish.

Colorless and at the same time bathed in all colors. Odorless, despite the unmatched perfume it exudes, something our nostrils breath in and take into the lungs, which contract and relax in perfect harmony. It invades the blood stream that liberates it through all pores until it is totally absorbed before taking shelter in our souls.

It's not like the surgeon who renovates appearances momentarily. It goes beyond that, and renders the spirit younger. It doesn't undertake it search walking – it drag and penetrates. It is not a morning breeze. It is a blessing. It is not like the sleep of a child. It simply does not sleep – it awakens. It is not silence because it always wins without a dispute. It is not an arbiter, nor is it arbitrary. That would be the conscience, and it does not require judging. It is not a matter of time. That would be the task of death, and it only waits. It is not heavy or light, but it only lives in the hearts of the strong. It is not the end of a war, it is its not-beginning, it is the absence of fighting. It is not a sentiment or a substance; it is simply the essence of life. It is the strength of the weak and hope of the strong. It is a pure, doubtless, and unequivocal good will.

Its denomination is minimal, narrow, but its power is supreme.

Many call it a state of spirit, a passing state of quietness, tranquility, and serenity.

Others call it dream or illusion.

The cruelest ones call it utopia.

I call it Peace, but I could also call it brother, sister, neighbor, friend, etc. because it doesn't just inhabit us, it lives within and offer us at each second the option of giving birth to it or aborting it.

Peace exists in itself, but letting it live depends on us.

*“Moi, je lui donne o nom de PAIX, mais je peux
aussi l'appeler frère, soeur, voisin, ami...”*

À l'instar de l'eau coulant d'une source, elle jaillit timidement en gouttelettes, et poursuit persévérante sans aucune direction, malgré son cap certain. Goutte à goutte, elle détrempe le sol, en le pénétrant pour lui faire fleurir.

Sans aucune couleur et en même temps baignée dans toutes les couleurs. Inodore et, pourtant, elle exhale un parfum sans égal, quelque chose qui est aspiré et amené par nos narines jusqu'aux poumons; à leur tout, ceux-ci se contractent et se rétractent en

parfaite harmonie. Elle envahit la circulation sanguine qui la libère par tous les pores jusqu'à ce qu'elle soit totalement résorbée, et par la suite, fasse sa demeure dans notre âme.

Ce n'est pas comme le chirurgien qui renouvelle son apparence momentanée, mais elle va au-delà, en rendant l'esprit jovial. Elle ne s'attarde pas à rechercher, mais avance et s'enfonce. Elle n'est pas la brise du matin, c'est-à-dire, une bénédiction, mais c'est elle qui bénit. Elle n'est pas le sommeil d'un enfant, c'est-à-dire, de la douceur; au lieu de s'endormir, elle suscite l'éveil. Elle n'est pas le silence lequel est toujours le vainquer, alors qu'elle évite toute dispute. Elle n'est pas arbitre ni arbitraire, c'est-à-dire, la conscience; elle ne demande pas de jugement. Il ne s'agit pas d'une question de temps, c'est-à-dire, l'emprise de la mort; elle ne fait qu'attendre. Elle n'est ni légère, ni lourde, mais elle n'habite que dans le cœur des forts. Elle n'est pas la fin d'une guerre, mais son non-commencement, c'est le fait de ne pas avoir à lutter. Elle n'est pas un sentiment, ni une substance, mais simplement l'essence de la vie. Elle est la force des faibles et l'espoir des forts. Elle est un bon vouloir flou, indubitable et sans la moindre équivoque.

Son nom est minuscule, exigü; par contre, son pouvoir est souverain.

Beaucoup l'attribuent la dénomination d'état d'esprit, d'état passager, de quiétude, de tranquillité, de sérénité.

D'autres l'appellent rêve ou illusion.

Les plus cruels l'appellent utopie.

Moi, je lui donne le nom de PAIX, mais je peux aussi l'appeler frère, soeur, voisin, ami, etc. En fait, elle ne se limite pas à habiter, mais plutôt elle vit à l'intérieur de nous et, à chaque instant, nous offre l'option de l'accoucher ou la faire avorter.

La paix existe par elle-même, mais elle ne se rend vivante que par nous.

“O poder que ele conquistou não lhe trouxe paz ou felicidade”.

Ana Carolina Kiss

Fundação Educacional Serra dos Órgãos

Aqui jaz.

É nesta frase que o meu reino se inicia.

Na terra já não existem reinos nem reis. Tudo mudou. A alegria se transformou em dor e a esperança se transformou em desespero. Na terra não há mais pássaros cruzando os céus ou pessoas conversando nas ruas.

Os bons tempos se foram.

E num mundo onde irmãos se tornam inimigos, crianças viram soldados e opiniões se transformam em disputas, é no meu reino que o homem encontra o seu destino.

O meu reino é o reino dos desesperados, dos pobres de espírito, dos fracos de coração e dos iludidos pelo poder.

O mundo se tornou um vazio. E no meio deste vazio há um homem sentado num trono. O homem sorri.

Afinal, ele se intitula o vencedor. O senhor de todas as guerras. E do alto de seu trono ele contempla todas as coisas, que conseguiu conquistar. Todas as suas riquezas, todas as suas terras, todos os castelos e todo o poder que ele sempre sonhou.

Mas, de repente, o homem pára.

Não mais sorri.

E se dá conta de que de nada adiantou os seus esforços e a sua ganância, pois não há ninguém para compartilhar com ele as suas riquezas, ninguém com quem cavalgar em suas terras, ninguém para mostrar os seus castelos, ninguém para mandar ou simplesmente para conversar.

O homem, então, chora. Chora porque está só.

O poder que ele conquistou não lhe trouxe paz ou felicidade, suas mãos agora estão manchadas de sangue e sua mente vive atormentada pelos gritos de clemência dos inocentes que matou.

E aos poucos a tristeza tomará conta do coração do homem.

E ele virá para mim. Virá para o meu reino. E se arrependerá de todo mal que causou, de cada casa que queimou, de cada pessoa que matou e de toda mentira que contou.

O trono da terra ficara vazio.

Mas por quanto tempo?

Até aparecer um outro viajante, proclamando o poder para si. Ele chamará o mundo de seu. E assim começará mais um reinado. Será este um reinado de alegria ou de tristeza? Não sei. Afinal, quem sou eu para dizer o que se passa no coração do homem?

Eu sou apenas o final, o destino, a última porta. Apenas espero e narro, com minhas palavras o final inevitável. Pois não importa o quão puro é o desejo humano, o homem sempre se ajoelha diante do poder, e só a ele obedece.

No final, a verdade das verdades, a que o homem nunca terá coragem de enxergar, é que ele só terá a paz que tanto almeja, no dia em que colocar a ganância de lado e ter a consciência de que do pó ele veio e ao pó voltará.

*“The power that he achieved didn’t
bring him peace or happiness”.*

Here rests.

This is where my kingdom begins.

In the land of no kingdoms or kings. Everything has changed. Joy has turned into pain; hope into despair. In the land there are no more birds crossing the skies or people talking in the streets.

The good days are gone.

In a world where brothers become enemies, children become soldiers, and opinions turn into disputes, man will find his destiny in my kingdom.

My kingdom is the kingdom of despair, of the poor-spirited, of the feeble at heart, and of those disillusioned by power.

The world has turned into a void. And in the middle of this void there is a man sitting on a throne. The man smiles.

After all, he calls himself a victor, the lord of all wars. And from his lofty throne he contemplates all things he conquered. All of his riches, all of his land, all of his castles, and all of the power he ever dreamt of.

Suddenly the man stops.

He smiles no longer.

He realizes that his efforts were in vain as there was nobody to share his riches with, nobody to ride across his land with, nobody to show his castles to, and simply nobody for him to command or talk to.

Hence the man weeps. He weeps because he is alone.

The power that he achieved didn’t bring him peace or happiness. His hands are tainted with blood and his mind is tormented by the cries of clemency of the innocent ones he killed.

Little by little sadness will take over his heart.

And he will come to me. He will come to my kingdom, and he shall regret all the harm he has caused, each hose he has burnt, each person he has killed, and every lie he told.

The earthly throne is empty.

But for how long?

Until another traveler claims power. He will call the world his own. And hence another kingdom will begin. Will it be a kingdom of joy or sadness? I do not know. After all, who am I to know what goes on in the heart of man? I am simply the end, the destination, the last door. I just wait and narrate the inevitable end with my words. For it does not matter how pure human desire is, he will always fall to his knees before power – it's the only thing he obeys.

In the end, the truth of truths – the one man will never be able to face – is that he will only have peace on the day he puts greed aside and becomes conscious that he came from dust and to dust he shall return.

*“Le pouvoir qu’il avait conquis ne
lui a apporté ni la paix ni le bonheur”.*

Ci-gît.

Mon royaume commence justement par ces mots.

Dans cette planète, il n’y a plus de royaumes ni de rois. Tout a changé. La joie s’est transformée en souffrance, et l’espoir en désespoir. Dans cette terre il n’y a plus d’oiseaux croisant les cieux, ni des personnes bavardant dans les rues.

Feu les bons temps.

Et dans un monde où les frères se sont rendus des ennemis, les enfants deviennent de soldats et les opinions se transforment en dispute; c’est dans mon royaume que l’homme trouve son destin.

Mon royaume est celui des désespérés, des pauvres d’esprit, des faibles de cœur et des désabusés du pouvoir.

Le monde s’est rendu vide. Et au milieu de ce vide, il y a un homme assis sur un trône. L’homme sourit.

Après tout, il s’intitule “le vainqueur”. Le seigneur de toutes les guerres. Et du haut de son trône, il contemple toutes les choses qu’il avait réussi à conquérir. Toutes ses richesses, toutes ses terres, tous les châteaux et tout le pouvoir dont il avait toujours rêvé.

Mais, tout à coup, l’homme reste figé.

Il ne sourit plus.

Et il se rend compte que tous ses efforts et toute sa cupidité ne lui ont rien valu, parce qu’il n’y trouve personne pour partager ses richesses, personne pour l’accompagner à cheval, pendant la visite à ses terres, personne à qui montrer ses châteaux, personne à qui donner des ordres ou simplement pour causer.

L’homme, alors, fond en larmes. Il pleure parce qu’il est tout seul.

Le pouvoir qu'il avait conquis ne lui a apporté ni la paix, ni le bonheur; ses mains maintenant sont souillées de sang et son esprit est toujours tourmenté par les cris de douleur poussés par les innocents qu'il a massacrés.

Et, peu à peu, la tristesse envahira le coeur de l'homme.

Et il viendra me joindre. Il viendra joindre mon royaume. Et il se repentira de tout le mal dont il est le seul responsable, de chaque maison qu'il a fait brûlée, de chaque personne qu'il a tuée et de tous les mensonges qu'il a pu raconter.

Le trône de la terre demeure toujours vide.

Mais par combien de temps?

Jusqu'à ce qu'un autre passant arrive en revendiquant le pouvoir. Il s'appropriera du monde. Et, ainsi, un autre royaume débutera. Sera-t-il un royaume de joie ou, au contraire, de tristesse? Je ne saurais pas vous le dire. Au bout du compte, qui suis-je pour vous parler de ce qui se passe dans le coeur de l'homme? Je ne suis que la fin, le destin, la dernière porte. Je ne fais qu'attendre et relater avec mes propres mots la fin inévitable. En fait, pour plus pur que soit le désir humain, l'homme finit toujours par s'agenouiller devant le pouvoir et ne se soumettre qu'à lui.

À la fin, la vérité vraie, celle que l'homme n'aura jamais le courage de regarder en face: il ne jouira de la paix dont il ressent tellement le besoin que le jour où il se débarrassera de sa cupidité, et prendra conscience qu'il est issu de la poussière et retournera dans la poussière.

“...relembrar que o que possuímos não é mais importante do que o que somos...”

Ana Paula Barros de Azevedo
Universidade Cândido Mendes

Quem conhece a paz para abrir a paz espiritual do homem no século XXI? Quem não se deixa desviar do caminho para a vida em harmonia, tão cheio de obstáculos impostos pelas dificuldades do dia-a-dia? A verdade é que hoje, imerso numa sociedade estufada por conflitos, o homem perdeu o controle do quão distante está de alcançar a tranqüilidade, individual e coletiva.

Passeatas e coros clamam pelo fim da violência e da injustiça. É uma maneira de dizer o quanto é difícil compreender a auto destruição humana e o caos em que a humanidade vive. Na tentativa de virar o jogo, perguntamos aos donos do mundo, a toda hora, pra que tanta guerra e tanta mentira. Seria possível transformar esse mundo tão cruel e sanguinário?

Que tal, começando por nós mesmos, peças principais desse motor desgovernado? Resgatar o amor pela vida e como é fundamental respeitarmos uns aos outros: saber agradecer pelo que temos e lutar por nossos objetivos sem desrespeitar o próximo, primar pela educação de nossa sociedade como um todo, lembrar que o que possuímos não é mais importante do que o que somos...

No resgate de nossos valores positivos, cresce progressivamente o número de pessoas que se tornam fiéis às religiões, e chegam, muitas vezes, ao fanatismo. Outros recorrem aos milhares livros de auto-ajuda lançados no mercado, que já ocupam os primeiros lugares das listas de *best-sellers*. São dicas e pensamentos para reflexão, orientando os leitores na busca da auto-estima e pelo sucesso. Muitos não revelam nada além do que qualquer a própria vida, mãe ou pai são capazes de dizer.

Entretanto, apenas depois de cada indivíduo conseguir encontrar a paz dentro de si é que será possível uma epidemia em prol da paz mundial. É como a semente e sua colheita futura, a fatura de um dependendo da qualidade da outra. Nada acontecerá em direção a este estado de harmonia geral se o homem continuar a insistir em ser desonesto, invejoso, egoísta e movido por interesses, sem conhecer o verdadeiro amor pela vida.

Só a partir então, teremos a plena consciência de que a paz é um sentimento profundo e reflexivo – se estivermos bem conosco, em equilíbrio com o que somos, pensamos e agimos, seremos capazes de refletir o quanto isso é positivo e atingiremos a todos a nossa volta. Somos, portanto, os responsáveis pelo acabamento final dessa grande obra. Mais que um estado de paz, construiríamos um mundo pacífico, e, aos que ainda virão, já deixaríamos a porta aberta.

“...remember that what we possess is not more important than what we are...”

Who knows peace well enough to open it to 21st century man? Who is strong enough not to be diverted from the path to a life of harmony, a path full of obstacles imposed by the hardships of daily life? The truth is that nowadays man, immersed in a society seething with conflict, has lost control of how far he is from attaining individual and collective tranquility.

Marches and cries clamor for the end of injustice and violence. It's a way of saying how hard it is to understand human self-destruction and the chaos in which humanity lives in. In the attempt to invert the score, we are always asking the masters of the world why so much war and so much hypocrisy. Would it be possible to transform this cruel and bloodthirsty world?

How about starting with ourselves, the man parts of this engine gone awry. We should restore love for life and it is essential to respect each other. We should be thankful for what we have and fight for our goals without disrespecting those close to use. We should elect our society's education as a priority and remember that what we possess is not more important than what we are...

In the revival of our positive values, the number of people who become faithful to religion turning many times to zealotry is progressively rising. Other resort to the thousand self-help (?) books available in the market and occupying the top positions on the best seller lists. They provide advice and insights for reflection, guiding readers in search of self-esteem and success. Many do not reveal much more than what life or parents are capable of saying.

However, only after each person reaches inner peace will it be possible to have an epidemic benefiting world peace. It is like the seed of a future harvest; one's bounty depends on the other's quality. Nothing will contribute to this state of general harmony if man insists on being dishonest, envious, selfish, and moved my interests without knowing true love for life.

Only then will we assume full consciousness that peace is a deep and contemplative feeling – and if we feel good about ourselves, in harmony with what we are, if we think and act, we will be able to realize how positive this is and we will affect all those around us. We are therefore the ones responsible for the final touches of this great masterpiece. More than a state of peace, we would build a peaceful world, and to those yet to come we would leave the doors open.

“...il faut nous rappeler que notre avoir n’est aucunement plus important que notre être...”

Y aurait-il quelqu’un tellement imprégné de paix au point d’être capable de dégager la paix spirituelle de l’homme dans le XXI^{ème} siècle? Y aurait-il quelqu’un qui malgré les innombrables d’obstacles imposés par les difficultés quotidiennes ne se laisse pas détourner du chemin qui mène à une vie harmonieuse? Il est tout à fait vrai qu’aujourd’hui l’homme immergé dans une société marquée par un si grand nombre de conflits a perdu le contrôle de la distance grandissante qui le sépare de la tranquillité, aussi bien individuelle que collective.

Des milliers de gens se manifestent et clament en chœur pour la fin de la violence et de l’injustice. Ce n’est qu’une façon de dire comment il est extrêmement difficile de comprendre l’autodestruction humaine et le chaos où vit l’humanité. Dans une démarche qui vise inverser le courant de ces événements-là, nous ne cessons pas de demander aux maîtres du monde la raison d’être d’un tel nombre de guerres et de mensonges. Ou ne serait-il pas possible de transformer ce monde si cruel et sanguinaire?

Qu’attendons-nous, en tant que pièces importantes de cette machine sans gouvernail, pour faire le premier pas vers ce changement? En retrouvant l’amour pour la vie et en nous rendant compte qu’il est fondamental d’instaurer le respect réciproque: en étant reconnaissants pour tous nos biens et en luttant pour atteindre nos objectifs sans manquer de respect à autrui, en améliorant l’éducation de notre société dans son ensemble, en rappelant que notre avoir n’est aucunement plus important que notre être...

Dans cette tentative de retrouver nos valeurs positives, il y a un nombre croissant de gens qui finissent par adhérer à des religions, et souvent tombent dans le fanatisme. D’autres se servent des livres sur le développement personnel qui sont vendus par milliers; d’ailleurs, ils tiennent déjà la tête des listes de *best-sellers*. Il s’agit de textes destinés à la réflexion qui orientent les lecteurs à la recherche de l’estime de soi-même et du succès. Les messages de la plupart de ces ouvrages ne révèlent rien que n’importe qui, la vie elle-même, ou nos parents ne seraient capables de nous dire.

Cependant, il va falloir que d’abord chaque individu rencontre la paix à l’intérieur de soi-même de façon à ce qu’il devienne possible la dissémination d’une épidémie en faveur de la paix mondiale. C’est comme la graine et sa future récolte: la surabondance de celle-ci dépendra de la qualité de celle-là. Cet état d’harmonie globale ne sera jamais atteint si l’homme reste toujours malhonnête, jaloux, égoïste, et se laisse entraîner par des intérêts particuliers, en méconnaissant le véritable amour pour la vie.

Ce n’est qu’à partir de là que nous aurons la pleine conscience que la paix est un sentiment profond et réflexif – si nous nous sentons bien dans notre peau, en équilibre avec ce que nous sommes, avec ce que nous pensons et avec nos actes, nous serons capables de nous rendre compte du côté positif de tout cela et notre bien-être rayonnera sur notre entourage. Nous sommes, donc, les responsables de l’accomplissement final de cette oeuvre majeure. Plus qu’un état de paix, nous finirions par construire un monde paisible, et nous laisserions à toutes les générations à venir la porte grande ouverte.

“Como uma fênix, a menina Paz
renasce das cinzas todos os dias, presenteando seus
filhos com a esperança”.

André Carneiro Ramos

UBM - Centro Unjversitário de Barra Mansa

*“A paz é como uma conquista: com nobreza as duas
partes se submetem e nenhuma delas perde”.*

W. Shakespeare, Henrique IV – 2ª parte, ato IV, cena II.

É estranho pensar na Paz como uma figura humana, calçando sapatos. Mas, definitivamente, ela não é para nós – simples homens – um presente inatingível...

No espelho matinal dos meus olhos encontro uma Paz insinuante, todos os dias; em cada coração sobrevive um eco da Paz. Na metafórica pomba branca que voa num céu crivado de balas, a menina Paz sobrevive, desejando que sua mensagem seja, o mais breve possível, contactada. Aos descrentes de sua existência real, avisa: apesar das disposições em contrário, pacificamente serpenteio por entre vós!

De tempos em tempos, a jovem Paz se esconde no meio dos homens. Prefere se colocar à margem de tudo. Contenta-se em observar a História que teima em tecer mortalhas para os filhos mais insanos. Lágrimas escorrem de seus tristes olhos.

A paz é metamorfose. De jovem se transforma em senhora. Rapidamente se vê atingida pela ignomínia dos filhos que a rejeitam. Sente ojeriza pela prepotência do bicho-homem. Doses cavalares de violência a perturbam, quando o noticiário revela a humanidade falsa do homem, aquela que oferece ao inimigo a outra face. Uma expressão de ódio armada até os dentes.

A senhora Paz sonhava com o mundo. Um cisne branco bailava em seu sonho, revelando-lhe um desejo há tempos cultivado: encontraria nos filhos a grandeza que outrora havia disseminado; a sabedoria que sempre lhe fora companhia; uma certa dose de compreensão e, quem sabe, paciência para esperar por uma decisão humana que clamasse a sua presença.

E a velha senhora protagonizou tal sonho feliz. Em seu devaneio poderia praticar as maravilhas que sempre imaginou realizar mundo afora!

Todavia o seu onírico lar era bastante conturbado: primeiro e terceiro mundos; árabes e americanos; negros e brancos; mulheres e homens; fracos e fortes. Guerras. Violência. Facções? Discriminação? Uma luta insana. Lágrimas de dor caíam do céu sobre a Terra, banhando nossa indiferença – cor de cinza-solidão.

Eis que um rio apareceu naquele momento branco da Paz. Duas margens que continham segredos insondáveis. Vestidos de branco, mãe e filho mergulharam, sem medo,

no marulhar de sua correnteza. O homem se descobriu manso em águas límpidas; segurou a mão pacífica da mãe e aceitou de bom grado o destino que lhe fora ofertado, aquele que o conduziria a águas mais profundas.

Um sonho de Paz como esse pode e deve ser possível. Basta mergulharmos na clareza do rio Terra, como a pomba branca que insiste em voar num céu de balas negras. Um símbolo que nunca fenecerá.

Nesse mundo claro e sonhado, estamos todos na mesma correnteza; crianças de várias nacionalidades brincam num carrossel de ilusões possíveis, que, ao girar, revela uma doce surpresa: de braços dados com a Paz, os pequeninos podem zelar pelo futuro dos homens... A jovem Paz sente-se finalmente renovada, no curso abundante de uma nova Humanidade.

De repente, acordou de seu sonho. Vestiu a farda branca e partiu atônita, lutando mais um dia por si mesma e pelo mundo em que tanto acredita.

Como uma fênix, a menina Paz renasce das cinzas todos os dias, presenteando seus filhos com a esperança.

“Like a phoenix, the girl Peace
will reappear every day from ashes, giving
her children the present of hope.”

*“A peace is of the nature of a conquest; For then both parties
nobly are subdu'd, And neither party loser.”*

W. Shakespeare, Henrique IV – Part II, act IV, Scene II.

It is strange to imagine Peace as a human figure that might wear shoes. Yet it certainly is for us – mere humans – an intangible gift...

In the morning mirror of my eyes I find an insinuating Peace. In each heart lurks an echo of Peace. Peace survives in the metaphorical white dove that flies in a sky pierced by bullets. She wishes her message connects as soon as possible. She warns the disbelievers of its true existence: despite all contrary rules, I am peacefully snaking around you!

From time to time, young Peace hides among men. She prefers to stay at a distance. It is content in observing History who refuses to weave the garments of the insane children of the world. Tears trickle from her sad eyes.

Peace is a metamorphosis. From a youngster it turns into an old lady. Quickly it is afflicted by the ignominy of the children who rejected her. It despises the arrogance of the man-beast. Doses of violence disturb her each time the news reveals man's fake humanity, the one which offers the enemy the other side of the face for a blow. An expression of hatred armed to the teeth.

Lady Peace used to dream with the world. A white swan would dance revealing a time cultivated desire: she would find in her children the greatness it had once planted; wisdom was always her companion; a certain amount of understanding, and, who knows, patience to wait for a human decision clamoring for her presence.

And the old lady was the main character in this joyous dream. In her daydream she could work the wonders she had always imagined for the world!

However her dreamy home was rather disturbed: first and third worlds; Arabs and Americans; blacks and whites; women and men; weak and strong. Wars. Violence. Factions? Discrimination? An insane fight. Tears of sorrow fell from the skies upon Earth, bathing our indifference in the gray color of solitude.

And that was when a river appeared in that white moment of peace with two riverbanks containing inscrutable secrets. Dressed in white, mother and child dived in, fearlessly, into the tormenting current. Man surface from the clear water and held the mother's peaceful hand, accepting the fate which had been offered to him. A fate that would carry him into the deepest of waters.

A dream of Peace such as this can and must be possible. All we have to do is dive into the clearness of the Earth river, as the white dove insists to fly in a sky of black bullets. A symbol that will never perish.

In this clear dream world the same current carries us all. Children of different nationalities play in a carrousel of possible illusion that reveals a sweet surprise at every turn. Giving arms to Peace, the small ones can zeal for the future of men . . . Young peace feels renovated at last in the abundant course of a new Humanity.

Suddenly, she wakes up from her dream. She dressed the white uniform and parted fighting once again alone for the world she believes so much in. Like a phoenix, the girl Peace will reappear every day from ashes, giving her children the present of hope.

“Comme un phénix, la fillette
Paix renaît de ses cendres tous les jours,
et fait cadeau à ses enfants de l'espoir”

*“La paix c'est comme une conquête: les deux parties se soumettent
noblement sans qu'il y aie de perdante”.*

W. Shakespeare, Henri IV – 2ème partie, acte IV, scène II.

C'est étrange de penser la Paix en s'imaginant une figure humaine qui porte des chaussures. Mais, définitivement, elle n'est pas pour nous – des simples mortels – un cadeau imprenable...

Chaque matin, en regardant le miroir, je trouve dans mes yeux une Paix insinuante; dans chaque coeur survit un écho de la Paix. À travers la métaphore de la colombe

blanche qui vole dans un ciel criblé de balles, la fillette Paix survit et souhaite que son message soit entendu et diffusé dans le plus bref délai. À tous ceux qui ne croient pas à son existence réelle, elle adresse cet avertissement: malgré les dispositions contraires, je serpente paisiblement parmi vous!

De temps à autre, la jeune Paix se cache au milieu des hommes. Elle préfère se placer en marge de tout. Elle se contente d'observer l'Histoire qui s'obstine à tisser des linceuls pour les plus insensés de ses fils. Des larmes coulent de ses tristes yeux.

La paix se ressemble à la métamorphose. Une jeune qui se transforme en madame. Tout d'un coup, elle se voit submergée par l'ignominie des fils qui l'a rejettent. Elle ressent de l'aversion pour la toute-puissance de la bête-homme. Les doses massives de violence la rendent malade quand les nouvelles lui apprennent le côté faux de l'homme, celui-là même qui présente à l'ennemi l'autre face. Un semblant haineux armé jusqu'aux dents.

La dame Paix a fait un rêve concernant le monde. Un cygne blanc y dansait, en lui révélant un désir longtemps entretenu: elle rencontrerait dans ses fils la gloire qu'elle avait disséminée autrefois; la sagesse dont elle avait toujours gardé la compagnie; et un tout petit peu de compréhension, voire de patience pour attendre qui l'homme revendique sa présence.

Et la vieille dame est devenue le protagoniste d'un tel rêve de félicité. Dans sa rêverie, elle mettrait en oeuvre les merveilles dont elle avait toujours imaginé de réaliser partout dans le monde!

Toutefois, son foyer onirique restait assez agité: le premier monde contre le troisième; les arabes contre les nord-américains; les noirs contre les blancs; les femmes contre les hommes; les faibles contre les forts. Les guerres. La violence. Des factions? De la discrimination? L'absurde, tout court. Des larmes de sang tombaient du ciel sur la Terre, et détrempaient notre indifférence – couleur gris-solitude.

Voici qu'apparaît un fleuve dans ce moment blanc de la Paix. Deux rives qui recelaient des secrets insondables. La mère et le fils, revêtus de blanc, ont plongé sans peur dans son courant tranquille. Immergé dans les eaux limpides, l'homme s'est découvert comme quelqu'un de doux; il a tenu la main paisible de sa mère en acceptant volontiers le destin qui lui venait d'être offert, celui qui l'amènerait vers des eaux encore plus profondes.

Il nous faut croire à la possibilité d'un rêve de Paix semblable à celui-ci. Pour cela, il nous suffit de plonger dans la limpidité du fleuve Terre, à l'instar de la colombe blanche qui s'obstine à voler dans un ciel de balles noires. Un symbole qui ne s'évanouira jamais.

Dans ce monde transparent et toujours rêvé, nous nous trouvons tous dans le même flot; il y a des enfants appartenant à plusieurs nationalités qui sont en train de jouer dans un manège d'illusions possibles. Pendant son mouvement, celui-ci dévoile une agréable surprise: bras dessus, bras dessous avec la Paix, les tout petits peuvent bâtissent déjà l'avenir des hommes... La jeune Paix se sent, finalement, renouvelée au gré des flots d'une nouvelle Humanité.

Tout d'un coup, elle se réveille. Elle enfile sa blouse blanche et s'en va, encore toute étonnée, affronter une autre journée, car elle attend toujours l'avènement du monde de ses rêves.

Comme un phénix, la fillette Paix renaît de ses cendres tous les jours, et fait cadeau à ses enfants de l'espoir.

*“Mais do que tudo o que é necessário
na vida do homem, a paz se torna uma
conquista pessoal urgente”.*

Andréa Linhares Rosa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

O dia amanhecendo. A vida desperta com a aurora. Numa manhã de sol, tudo parece tranqüilo. A vida inicial tende a fluir com calma e constante. Os obstáculos parecem inexistentes e as angústias são desconhecidas. Planejar as atividades do dia não cabe ser feito. Basta sentir e deixar o tempo passar. A vida agora é uma imensa surpresa... Ah! Desejaríamos todos nós viver assim, permitindo decorrer o tempo sem pressa, sem pressa para nada, nem mesmo para ser feliz.

A vida do homem, desde o início dos tempos, tinha como base grandes aspirações e conquistas pela paz e pela felicidade, mesmo que estas fossem regidas por grandes guerras, grandes duelos e por duros corações. Os tempos se passaram, e hoje - século XXI -, ainda desejamos a paz. Será que erramos o caminho? Será que nossas atitudes foram corretas? Diferente daqueles homens – que conspiravam e conflitavam com seus inimigos mortais -, o homem de hoje vive em conflito consigo mesmo. O trabalho, a vida pessoal, o futuro, o dinheiro, a sobrevivência, o consumo, todos estes aspectos e muitos mais cercam a vida deste homem atual. Dentro deste “mundo” parece difícil obter sentimentos tão puros e fortes como a paz. Uma palavra tão simples e pequenina, mas ao mesmo tempo tão complexa e imensa. Complexa por não haver qualquer tipo de explicação que a defina e imensa por ser infinita e transcendente.

A paz nos une a outros sentimentos como a generosidade, a honestidade, a compaixão, o respeito, ou melhor, nos ensina a viver em comunhão com as pessoas, que a todo instante cruzam nossas vidas; nos ensina a conhecer a Deus. Mais do que tudo o que é necessário na vida do homem, a paz se torna uma conquista pessoal urgente.

O que é preciso para tê-la? Difícil a resposta? Espero que não. Será que ela está num lugar calmo, em um ambiente agradável, cheio de verde e sons da natureza, longe do tumulto da cidade? Acredito que é preciso viver e permitir que a vida encha completamente nosso coração e alma para que a experimentemos. Experimentá-la neste exato momento, quando admiramos um pássaro que passa voando pelo céu seguindo seu rumo; por algumas horas, observando nossas crianças brincando, tão alegres e puras; ou de preferência, para sempre, como por exemplo, ao lado do seu grande amor.

“More necessary than anything in man’s life, Peace becomes an urgent personal achievement.”

The day turning into morning. Life awakens at dawn. In a sunny morning all seems calm. Life at the beginning seems to flow calmly and constantly. The obstacles seem to be inexistent and the anguishes are unknown. Planning daily activities seem to have no reason. All you have to do is feel and let time pass. Life is now an immense surprise... Ah! We wish all lived like this, allowing time to go by in no hurry, in no hurry for anything, not even for being happy.

Man’s life, from the beginning of time, had great aspirations and quests for peace and happiness at its foundation, even if these were regulated by great wars, duels, and by tough hearts. The times have changed and today, in the 21st century, we still long for peace. Did we take the wrong path? Were our attitudes correct? Different that those men – who conspired and conflicted with their mortal enemies – today’s man lives in conflict with himself. Work, personal life, the future, money, survival, consuming, and many other aspects surround this man’s life. Inside this “world” it seems hard to obtain feelings so pure and strong as peace. Such a simple and small word, but at the same time immense and complex. It is complex because there is no kind of explanation able to define it; it is immense because it can be infinite and transcending.

Peace unites us to other feelings such as generosity, honesty, compassion, respect, and, better yet, it teaches us to live in communion with people that cross our paths all the time. It teaches us to know God. More necessary than anything in man’s life, Peace becomes an urgent personal achievement.

What is there to be done in order to achieve it? Is the answer hard? I hope not. Is it in a calm place, in a pleasant atmosphere, full of green and of sounds of nature, far from the turmoil of the city? I believe that it is necessary to allow life to completely fill our heart and soul for us to experiment it. To experiment it at this exact moment when we admire a flying by through the sky; for some hours, as we observe our children playing, so pure and joyful; or preferably forever, side-to-side your true love.

“Au-dessus de tout ce dont l’homme a besoin, la conquête personnelle de la paix devient urgente”

C’est le point du jour. La vie se réveille à l’aube. Dans cette matinée ensoleillée, tout semble tranquille. Cette vie naissante s’annonce calme et linéairement droite. Sans obstacles, ni aucune espèce d’angoisse. Pas question de se soucier de la suite des affaires de la journée. Il suffit de sentir et de laisser le temps passer. Maintenant, la vie

est devenue une immense surprise... Ah! Nous tous nous aimerions bien vivre une vie pareille, en prenant tout notre temps, sans que rien ne nous presse, même pas pour trouver notre bonheur.

La vie de l'homme, depuis le commencement des temps, a toujours visé la conquête de la paix et du bonheur, éventuellement, au prix de grandes guerres, de grands duels, ainsi que de la lutte acharnée contre le coeur endurci des tout-puissants. Le temps s'est écoulé et encore aujourd'hui - en plein XXIème siècle -, notre plus grand souhait reste toujours la paix. Est-ce que, par hasard, nous nous serions égarés du droit chemin? Aurions-nous manqué de prendre à chaque fois les attitudes les plus convenables? A la différence de nos ancêtres - en conflit permanent avec leurs ennemis mortels -, l'homme actuel vit en conflit avec soi-même. Le travail, l'avenir, l'argent, la survie, la consommation, tous ces aspects et encore beaucoup d'autres constituent son cadre de vie. À l'intérieur de ce "monde", il semble difficile d'expérimenter des sentiments aussi purs et aussi forts que celui de la paix. Un mot tellement simple et tout petit, mais en même temps si complexe et immense: complexe parce qu'il n'y a aucune explication pour le définir; et immense parce que ses traits marquants ce sont l'infini et la transcendance.

La paix nous fait joindre d'autres sentiments, tels que la générosité, l'honnêteté, la compassion, le respect réciproque; en outre, elle nous apprend à vivre en communion avec les gens que nous rencontrons dans notre vie quotidienne, et à faire la connaissance de Dieu. Au-dessus de tout ce dont l'homme a besoin, la conquête personnelle de la paix devient urgente.

Que devons-nous faire pour que nous arrivions à nous en approprier? La réponse serait-elle difficile de trouver? Je ne le crois pas. Est-ce que l'on va la trouver dans un endroit calme, dans un milieu agréable, rempli de plantes vertes et de sons de la nature, loin de l'agitation de la ville? Je crois qu'il nous faut tout simplement vivre et permettre que la vie remplisse totalement notre coeur et notre âme. Nous pouvons l'expérimenter dans ce moment précis quand nous contemplons un oiseau qui poursuit sa voie en croisant le ciel devant nous; ou pendant quelques heures, en nous apercevant de la joie et de l'innocence de nos enfants en train de jouer; ou mieux encore, dans tous les instants, toujours, par exemple, à côté du grand amour de notre vie.

“Onde está a luz para tanta escuridão? Onde foi deixada a sensibilidade? Por que tanta dor?”

Andressa Le Mello Savoldi

Universidade Veiga de Almeida

Olho a janela , vejo prédios em vez de campinas. Vejo pessoas passando apressadas, ouço carros zunindo em vez de pássaros a cantar, não vejo crianças brincando e as que vejo trazem no olhar, lá no fundo, alguma tristeza. Não se tem paz? Vejo paredes pichadas, vejo gente apanhando, vejo gente morrendo... Ouço gente chorando! Mede ... Onde está a luz para tanta escuridão? Onde foi deixada a sensibilidade? Por que tanta dor? Tudo isso poderia ser diferente, se todos quiséssemos, se houvesse harmonia

Não me conformo com um mundo que fere o próprio coração! Eu observo, as pessoas andam cabisbaixas, com um olhar preocupado, agoniadas, reparando de um indo para o outro , com medo... Sim, medo de caminhar e, até mesmo, de viver! Vejo mais do que a dor predominar. É a insegurança... E posso ouvir a paz sendo chamada, num grito desesperado, dentro dos corações! Todos a querem, todos a que... São pessoas que nascem, são pessoas que choram, que, por vezes, abrem sorrisos que logo se fecham, são pessoas que não querem mais ter medo!

O mundo traz armadilhas cruéis, e vemos o sangue inocente de quem amamos simplesmente escorrer, escorrer, escorrer... Não, não entendo como pode haver certas pessoas sem um pedaço sequer de doce no coração?! Por que tanto ódio, por que tanta maldade? Por quê? Isso parece sem fim, que nunca vai terminar e a quem iremos recorrer? A quem? De onde se pode resgatar a esperança? Ninguém quer perder, ninguém quer morrer! Seria mais fácil amar, doar a mão

É a maioria que sofre! Nem o que aparenta ser mais feliz é tão feliz. Sim, todos têm medo... Das sombras de ontem , da agonia de hoje e mais ainda, da incerteza do amanhã... Todos quase vivem, e assim, já estão mortos! Pois, não conseguimos nem olhar para o céu direito , não conseguimos nem apreciar os pequenos detalhes... O que fizemos da vida? O que é a vida? O que é o amor? Onde está a paz?! Não custa nada. Somos pegos tão inesperadamente!? Covardemente... Não nos resta tempo nem para dizer até breve, nem para deixar um último olhar

Não... Eu quero e exijo um mundo melhor! Sim, todos querem...! Todos querem um mundo em que se possa viver de verdade, em um mundo cujo centro é o amor, onde reina a paz... É sim, ninguém quer mais lágrimas. Todos querem um mundo que simplesmente seja mundo! Como deveria ser... Onde todos conseguem sorrir.

Eu só ouço gritos os quais não quero mais ouvir!!! E, temos que costurar a ferida aberta, temos que deixar o tempo passar e cicatrizá-la. Não basta escrever a paz, temos

que encontrá-la! Talvez, no lugar em que ficou perdida dentro de nós ... E, não basta querer viver, se não trouxermos vida para quem está ao nosso redor, pois não vivemos sozinhos e nunca viveremos! Está na hora de escrever direito sobre linhas tortas, de apagar o medo e mudar nossa história.

“Where is the light for so much darkness? Where has sensibility been left? Why so much pain?”

I look through the window and I see buildings instead of meadows. I see people going hurriedly by, I hear cars zooming by instead of birds chirping. I don't see children playing and those I do see bring sadness in their eyes. Isn't there peace? I see walls with graffiti, people being beaten up... I hear people crying! Fear... Where is the light for so much darkness? Where has sensibility been left? Why so much pain? It could all be different, if we only wanted it to, if we there were harmony.

I cannot accept a world that wounds its own heart! I observe people walking with their heads hanging, with a worried and agonizing look in their faces. Observing each one I see fear... Yes, the fear of walking and even of living! I see more than pain dominating. It's insecurity... and I can hear peace being called by a desperate cry inside hearts! Everyone wants it... everyone wa... People who are born, people who cry and sometimes smile fast smiles, are all people who want to live in peace no longer! .

The world comes with cruel traps and we see the innocent blood of our loved ones simply being shed. No, I cannot understand how come there could be certain people without even the least smidgeon of sweetness in their hearts?! Why so much hatred, why so much evil? Why? This seems to be endless, it seems that there is no end to it. To whom shall we resort? How will we restore hope? Nobody want to lose, nobody wants to die! It would be easier to love, to give a hand.

It's the majority who sUniversidade Federal Fluminense - UFFers! Not even those who seem to be happy are happy. Yes, all are in fear... From the shadows of yesterday, the agony of today, and the uncertainty of tomorrow... Almost everyone lives like this and are therefore dead! We can't even look directly to the sky; we can't even appreciate the little details... What have we done out of life? What is life? What is love? Where is peace? It doesn't cost a thing. We are caught by surprise! Cowardly... there is no time left to say see you soon, no time to give a last glance.

No... I want and demand a better world! Yes, everyone wants it...! Everyone wants a world in which it is possible to truly live, in a world of love where peace rules... It is true, nobody want more tears. Everyone wants a world that is truly a world the way it should be... where everyone could smile.

I only hear screams I don't want to hear anymore!!! We need to stitch the open

gash; we must then let time heal the wound. It is not enough to write peace, we must find it! Maybe, in that place in which it has been lost in us... And it is not enough to want to live if we do not bring life to those who are around us, for we do not nor never will live alone! It's time to rewrite crooked lines, to erase fear, and to change the course of history.

“Où trouver de la lumière pour éclairer une aussi intense obscurité? Où est-ce que la sensibilité a été délaissée? Pourquoi tant de souffrance?”

Je regarde par la fenêtre, et à la place de prairies, je vois des immeubles. J'aperçois des gens pressés, et à la place du gazouillement des oiseaux, j'entends le vrombrissement du moteur des voitures. Je ne trouve pas des enfants jouant; par contre, le regard de ceux qui j'aperçois reflète une profonde tristesse. Le monde manquerait-il de paix? Je regarde des graffiti sur les murs, des gens en train d'être frappés, voire tués... J'entends des gens qui pleurent! Zut, alors... Où trouver de la lumière pour éclairer une aussi intense obscurité? Où est-ce que la sensibilité a été délaissée? Pourquoi tant de souffrance? Tout cela aurait pu être différent si nous en avions envie, si nous vivions en harmonie.

Je ne me résigne pas à vivre dans un monde qui meurtrit le coeur lui-même! Je peux me rendre compte que les personnes marchent découragées, en se faisant du souci pour tout, angoissées, en se méfiant des allées et des venues des autres, transies de peur... C'est bien cela, peur de marcher, et même de vivre! Je vois surtout que c'est la souffrance qui l'emporte. Il s'agit bien de l'insécurité... Et dans le cri désespéré qui jaillit du fond des coeurs, je peux écouter l'appel à la paix! Tous la souhaitent, tous la souh... Tout le monde... les nouveau-nés, ceux qui ont du chagrin et pleurent, dont les visages parfois s'illuminent d'un sourire, sitôt disparu; tous n'ont que l'envie de ne plus avoir peur!

Ils sont tombés dans des pièges tendus par pure cruauté, et nous assistons impuissants à l'agonie de gens innocents dont le sang coule jusqu'à la dernière goutte... Non, je n'arrive pas à entendre que le coeur de certaines personnes soit dépourvu ne serait-ce que d'une petite lueur de bonté?! Pourquoi tant de haine, tant de méchanceté? Pourquoi? Il semble que le mal ne s'arrêtera jamais, ne touchera jamais sa fin; alors, à qui irons-nous demander de l'aide? À qui? Où pourrions-nous retrouver de l'espoir? Tout le monde prétend avoir le dessus, personne ne veut mourir! Il serait plus facile d'aimer, de tendre les mains à autrui.

La souffrance touche la plupart des gens! Même le bonheur exhibé par certains n'est qu'un faux-semblant. Oui, tout le monde a peur... des défiances d'hier, de la

détresse d'aujourd'hui, et surtout de l'incertitude du lendemain... Tout le monde fait semblant de vivre, ce qui veut dire que tous sont déjà morts! En fait, nous n'arrivons même pas à regarder le ciel, ni à faire attention aux petites choses amusantes de notre quotidien... Que sommes-nous en train de faire de la vie? Mais, en fait, qu'est-ce que c'est la vie? Qu'est-ce que c'est l'amour? Où pourrions-nous trouver la paix? Et nous n'avons même pas à l'acheter. Simplement nous nous laissons faire!? Lâchement... Il ne nous reste même pas le temps de dire "à bientôt", ni de jeter un dernier coup d'oeil à ce que nous chérissons le plus.

Non... Je veux et je réclame un monde meilleur! Oui, tous le souhaitent...! Tous souhaitent un monde où il soit possible de vivre vraiment, dans un monde qui tourne autour de l'amour, où règne la paix... Bien sûr, personne ne veut plus de larmes. Tous souhaitent un monde qui soit simplement monde! Comme il faudrait... où le sourire soit à la portée de tous.

Je n'entends que des hurlements et je ne veux plus les entendre!!! Et, il nous faut soigner les blessures, et patienter jusqu'à ce qu'elles soient cicatrisées. Il ne suffit pas d'écrire la paix: nous devons la trouver! Peut-être, à l'endroit où elle s'est égarée à l'intérieur de nous-mêmes... Et, il ne suffit pas l'envie de vivre si nous ne réussissons pas à apporter plus de vie à notre entourage; en fait, personne n'est une île et ne le sera jamais! C'est l'heure d'écrire correctement sur des lignes transverses, c'est l'heure d'effacer la peur et de changer notre histoire.

*“Eu queria gritar, eu queria correr,
me esconder, eu queria me ausentar do mundo,
fugir de tudo que me causava medo”.*

Antonio Barbosa da Silva Junior

Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO

Na vida, há aqueles momentos em que você esquece seu espírito materialista, seu espírito contratualista, você deixa esquecidos, escondidos em algum lugar, mesmo que por poucos segundos, todos os desejos de posse, de poder. Nestes momentos, que geralmente acontecem quando você passa por uma fase difícil, você não quer dinheiro ou fama, não quer ser melhor do que os outros, você quer apenas paz.

Quando tudo a minha volta estava frio, quando parecia não haver um sol, quando eu vi de perto o quanto o mundo podia ser cruel, eu me encontrei em um desses momentos. Eu queria gritar, eu queria correr, esconder-me, eu queria me ausentar do mundo, fugir de tudo que me causava medo.

À janela, junto à grade, entre os prédios da grande cidade, que me devorava e me enterrava com telhas, concretos e fios, eu procurava um pedaço de céu para me consolar.

Quando vi aquele céu de setembro, com uma pureza tão simples de criança, desejei apenas paz.

Aquele céu me pareceu mais bonito que qualquer céu, hipnotizado via a beleza daquele azul, que me trazia calma, me trazia esperança, me trazia paz.

Este azul que é infinito, que é acessível a todos, que não discrimina pobre ou rico, que não vê fé ou raça, este azul que está em todos os lugares do mundo, nas favelas, nos campos, nos serrados, que se espelha nos olhos dos meninos da África, do Japão, do Rio. Este azul que fascina crianças e idosos, que produz um sorriso até na pessoa mais fechada e severa, este azul que é pano de fundo das boas recordações da infância, das boas saudades da vida.

Sorri para o céu, eu ainda tinha os mesmos problemas de segundos atrás, porém sentia que era impossível não sorrir diante daquele céu. Agradei por ter meu desejo atendido e, utilizando-me da mesma sinceridade e simplicidade anterior, atrevi-me a fazer mais um pedido: _ Que bom seria se a paz fosse como o azul do céu.

*“I wanted to scream, I wanted to run, hide;
I wanted to make myself absent from the world, to
escape from everything that scared me.”*

In life there are those moments in which you forget your materialistic spirit, your bargaining spirit. You put them aside, hidden somewhere, even if for just a few seconds, along with all cravings for possession and power. In these moments, which generally occur when you go through a difficult period, you do not money or fame, you do not want to be better than others – you simply want peace.

When everything around me was cold, when there seemed to be no sun, when I saw how cruel the world could be I found myself. I wanted to scream, I wanted to run, hide; I wanted to make myself absent from the world, to escape from everything that scared me.

By the window, close to the gates, between the big city buildings that devoured me with its roofs, concrete, wires, I sought for a piece of sky for comfort.

When I saw that September sky, with the simple pureness of a child, I wished for peace only.

That sky seemed to me more beautiful than any other sky, hypnotized by the beauty of that blueness, which made me feel calm, hopeful, and peaceful.

This blue is infinite and accessible to all. It does not discriminate among rich or poor, it sees no different religion or race. This blue is everywhere in the world, in the favelas, meadows, and grasslands that reflect the eyes of boys from Africa, Japan, and Rio. This blue fascinates children and the elderly. It can produce a smile in even the most closed and serious person. This blue is the backdrop to all childhood memories, of the good times of life.

I smiled to the skies and though I still had the same problems of a minute ago, I felt that it was impossible not to smile at that sky. I thanked for having my wish granted and using the same sincerity and simplicity, I dared to make one more wish: How good would it be if peace were like the blue of the sky.

*“Alors, j’ai eu envie de crier, de courir,
de me cacher, j’ai voulu m’absenter du monde
et fuir tout ce qui me faisait peur”.*

Dans la vie, il y a des moments où tu oublies ton esprit matérialiste, ton esprit mercantiliste, où tu laisses caché quelque part, ne serait-ce que par quelques instants, tout désir d’appropriation et de pouvoir. Dans ces moments-là, survenus le plus souvent quand tu passes par une phase difficile de ta vie, tu n’as plus envie de pognon ni de renommée, tu ne veux non plus être considéré mieux que les autres: tout simplement,

tu souhaites la paix.

Quand autour de moi tout était gelé, quand il semblait qu'il n'y avait plus de soleil, quand je me suis rendu compte de la cruauté du monde, alors, je me suis retrouvé dans un de ces moments. Et j'ai eu envie de crier, de courir, de me cacher, j'ai voulu m'absenter du monde et fuir tout ce qui me faisait peur.

À la fenêtre, appuyé contre la grille, au milieu des immeubles de la grande ville qui me dévorait et me laissait enfoncé sous des tuiles, du ciment e des fils électriques, je cherchais un coin de ciel pour trouver du réconfort.

Quand j'ai aperçu ce ciel de septembre nimbé d'une pureté aussi simple que celle d'un enfant, je n'ai eu qu'un seul vœu: être en paix.

Ce ciel-là m'est apparu plus beau que n'importe quel autre; j'ai été hypnotisé par la beauté de cette couleur bleue qui me procurait du calme, de l'espoir, de la paix.

Ce bleu qui est infini, accessible à tous, qui ne fait pas de discrimination entre pauvre et riche, qui s'en fiche de la croyance et de la race de chacun, ce bleu que l'on peut trouver partout dans le monde, au-dessus des "favelas", des champs, qui se mire dans les yeux des enfants en Afrique, au Japon, à Rio de Janeiro. Ce bleu qui fascine les enfants et les personnes âgées, qui arrive même à susciter le sourire de l'être le plus fermé et sévère qu'il soit, ce bleu qui reste à l'arrière-plan des bons souvenirs de l'enfance, des nostalgies joyeuses de la vie.

J'ai envoyé un sourire au ciel; même si je continuais à ruminer les mêmes problèmes de toute à l'heure, néanmoins j'ai senti qu'il était impossible de ne pas sourire devant ce ciel-là. J'étais reconnaissant d'avoir mon désir exaucé, et en utilisant la même sincérité et simplicité d'auparavant, j'ai pris mon courage à deux mains pour faire encore une autre demande: - Qu'il serait bon si la paix était comme le bleu du ciel.

“...a criação de uma cultura de paz
deve ser orientada para a construção de formas
ativas de desenvolvimento do cidadão...”

Antonio da Silveira Brasil Junior

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Em sociedades cujo cotidiano é marcado pela alta frequência de atos violentos – como é o caso de muitas cidades brasileiras –, tornou-se um lugar-comum o clamor pela paz enquanto um fim em si mesmo. Isto ocorre em virtude de uma situação *sui generis*, onde o sentimento generalizado de ameaça à integridade física dos cidadãos termina por acarretar o apoio irrestrito a certas medidas repressivas que podem colocar em questão o próprio espaço de liberdade e de cidadania até hoje conquistado pela democracia.

A paz, entendida aqui enquanto um valor social, não é um dado universal. Sabe-se que, em muitas sociedades – como na valorização das qualidades cavalheirescas no mundo medieval, por exemplo –, não era o modo de vida pacífico e harmonioso que figurava como virtude central. Apenas com a emergência do mundo moderno e burguês, dada a imperiosa necessidade de se realizar trocas pacíficas que dêem lucro, é que a paz passou a ser concebida como condição para a própria sociedade.

Nesse sentido, as formulações clássicas da idéia de um contrato social somente podem ser a expressão de uma mentalidade moderna, uma vez que se trata de um acordo racional entre indivíduos livres e iguais que desejam obter uma vida pacífica e harmoniosa, aceitando a restrição de parte da própria liberdade – em virtude de sua compatibilização com a liberdade alheia – em nome da segurança garantida por um Estado. Esta pacificação, que garante o espaço de liberdade individual, não deve, porém, ser tratada como a finalidade última da sociedade, e sim com a condição *sine qua non* para o florescimento do desenvolvimento do cidadão e da coletividade em direção a formas cada vez mais humanas de convívio mútuo.

No entanto, esta concepção clássica acerca do papel da paz corre um grande risco em muitas cidades brasileiras, onde as constantes rupturas no tecido social, que geram um acúmulo significativo de violência – desemprego estrutural, anomia, ausência de perspectivas positivas –, engendram demandas crescentes por aparatos coercitivos que garantam a paz. Tais demandas, entretanto, em resposta à gravidade da situação, podem redundar na infeliz supressão da própria liberdade individual, com a proliferação de instâncias de vigilância e controle que se legitimam nestas situações de instabilidade social. O isolamento dos indivíduos, que se encontram ávidos por proteção na solidão de suas propriedades, vai minando aos poucos o próprio direito básico de ir-e-vir – aspecto central para a constituição de uma esfera pública livre e diversificada –, o que pode colocar

em questão os reais fundamentos do Estado de direito.

Em síntese, a criação de uma cultura de paz deve ser orientada para a construção de formas ativas de desenvolvimento do cidadão, em que a diversidade humana e a formação de virtudes cívicas não sejam assombradas por estruturas violentas, posto que estas facilitam a emergência de instituições de vigilância e controle que são radicalmente inibidoras do progresso humano. Em outras palavras, a paz não pode ser entendida como um fim em si mesmo, mas como condição necessária e indispensável para o surgimento de sociedades mais justas, plurais e democráticas.

*“...the creation of a culture of a peace
should be guided by the construction of active
forms citizen development...”*

In societies in which everyday life is afflicted by a high frequency of violent acts – the case in many Brazilian cities - , clamors for peace as an end in itself have become commonplace. This happens due to a unique situation, in which a general feeling that there is a threat to the physical integrity of citizens leads to unrestricted support to certain repressive actions, which may in turn jeopardize the freedom and citizenry achieved with democracy.

Peace, here understood as a social value, is not a universal given. It is known that in many societies, as in the evaluation of knightly qualities in the medieval world, for example, peaceful living was not viewed as a prized virtue. Only after the emergence of the modern bourgeois world, given the utmost necessity of profitable trade, has peace been conceived as a condition to society.

In this sense, classical speculations on the idea of a social contract can only be the expression of a modern mentality, in the extent that it is a rational agreement among free and equal people wanting to achieve peaceful life – due to its compatibility to the freedom of others – in the name of security guaranteed by a State. This pacifying that guarantees a sphere of individual freedom must not, however, be treated as an ultimate end to society, but as an indispensable condition to the flourishing of human and collective development going in the direction of more human ways of mutual coexistence.

However, this classic conception of the role of peace is at danger in many Brazilian cities, where constant ruptures in the social fabric – structural unemployment, anomy, lack of positive perspectives - generating a significant increase in violence engender growing demands for an apparatus able to enforce peace. Such demands, however, in response to the graveness of the situation can result in the suppression of individual liberty, with the proliferation of surveillance and control authorities rendered legitimate

in times of social instability. The isolation of individuals who are avid for protection in the loneliness of their properties gradually undermines the basic right to come and go – a central issue in the constitution of a free and diverse public sphere -, which can jeopardize the foundation of the State of law.

In summary, the creation of a culture of a peace should be guided by the construction of active forms citizen development, in which human diversity and the formation of civic virtues are not haunted by violent structures that allow the emergence of surveillance and control authorities which radically inhibit human progress. In other words, peace cannot be understood as an end in itself, but rather as a necessary and indispensable condition to the existence of fairer, plural, and democratic societies.

“...la création d’une culture de la paix
doit être orientée vers la construction de formes
actives de développement du citoyen...”

Dans certaines sociétés dont le quotidien est marqué par la répétition assez élevée d’actes violents – comme c’est le cas dans un grand nombre de villes brésiliennes –, la clameur pour la paix en tant que but en lui-même est devenue un lieu commun. Cela arrive à la suite d’une situation *sui generis*, où le sentiment généralisé de menace à l’intégrité physique des citoyens a finit par entraîner l’adhésion sans restriction de beaucoup de gens à des mesures répressives qui peuvent mettre en question l’espace même de liberté et de citoyenneté déjà acquis dans les régimes démocratiques.

Entendue ici en tant que valeur sociale, la paix n’est pas une donnée universelle. L’Histoire nous apprend que le mode de vie paisible et harmonieux ne figurait pas du tout comme la vertu majeure dans beaucoup de sociétés – par exemple, la valorisation des qualités chevaleresque dans l’époque médiévale. Ce n’est qu’après l’émergence du monde moderne et bourgeois – étant donné la nécessité pressante d’accomplir des échanges pacifiques et assez rentables – que la paix a été conçue comme la condition de maintien de la société en tant que telle.

Dans ce sens, il n’y que les formulations classiques basées sur l’idée d’un contrat social qui peuvent être l’expression d’une mentalité moderne, une fois qu’il s’agit d’un accord rationnel entre individus libres et égaux; en fait, ceux-ci souhaitent jouir d’une vie paisible et harmonieuse, en acceptant la restriction d’une partie de la propre liberté – en visant la compatibiliser avec la liberté d’autrui – au nom de la sécurité assurée par un État. Cette pacification qui est le garant d’un espace de liberté individuelle ne doit pas être considérée le but dernier de la société, mais la condition *sine qua non* pour l’épanouissement du développement du citoyen et de la collectivité vers des formes de plus en plus humaines de convivialité.

Cependant, cette conception classique concernant le rôle de la paix est sérieusement menacée dans beaucoup de villes brésiliennes, où les constantes ruptures du tissu social qui impliquent une accumulation significative de violence – chômage structurel, anomie, absence de perspectives positives – engendrent une demande croissante de moyens coercitifs afin d’assurer la paix. En réponse à la gravité de la situation, telles demandes peuvent déboucher, hélas, sur la suppression de la liberté individuelle en entraînant la prolifération d’instances de surveillance et de contrôle qui gagnent de la légitimité dans ces situations d’instabilité sociale. L’isolement des individus qui cherchent avidement une protection dans la solitude de leurs propriétés finit par miner, peu à peu, le droit élémentaire de circuler* librement – le socle même pour la constitution d’une sphère publique libre et diversifiée –, ce qui peut mettre en question les fondements réels de l’État de droit.

En résumé, la création d’une culture de la paix doit être orientée vers la construction de formes actives de développement du citoyen où la diversité humaine et la formation de vertus civiques ne soient dévoyées par des structures violentes, une fois que celles-ci favorisent l’émergence d’institutions de surveillance et de contrôle qui sont à leur tour radicalement inhibitrices de tout progrès humain. Autrement dit, la paix ne peut pas être entendue comme un but en lui-même, mais comme la condition nécessaire et indispensable pour le surgissement de sociétés plus justes, plurielles et démocratiques.

* Dans l’original, “ir-e-vir”, littéralement aller-et-venir.

“O equívoco da guerra, no belicismo assassino de mentes e corpos, é fruto da incompreensão sobre o verdadeiro combate...”

Antonio Sérgio Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Três letras forjam a espada para uma luta sem fim. Poucos, no entanto, são os que a esta se habilitam, compreendendo ser a única verdadeiramente justificável em sua necessidade e realização. Tal empreendimento começa no íntimo do próprio indivíduo...

O equívoco da guerra, no belicismo assassino de mentes e corpos, é fruto da incompreensão sobre o verdadeiro combate para o estabelecimento da paz. Sob justificativas de defender a liberdade, garantir direitos, findar com injustiças, suprimir here-sias ou eliminar toda ordem de opressões, conflitos são permanentemente deflagrados e alimentados, dividindo e corrompendo com mentiras o espírito humano, tão carente de amor. Essas manifestações errôneas, antes de trazer serenidade e alegria ao mundo, adoecem a alma da Humanidade , imprimindo em seu corpo as marcas da dor, do desespero e da morte. São lutas insanas protagonizadas pela vaidade humana, que em sua ânsia de poder, acredita conseguir preservar a vida com a fragilidade dos recursos materiais, esquecendo- se ser impossível apropriar-se do que é gratuito por natureza. Não se pode olvidar que todos somos responsáveis quando faltamos com o pão, com o amor, por cada mão que não estendemos para levantar uma alma caída, vítima de nossa própria insensibilidade.

Há mais de dois milênios recebemos a Espada como herança. Não a do uso homicida, mas a que é capaz de ferir mortalmente os algozes da VIDA: o orgulho e o egoísmo. Antropólogos, cientistas sociais, filósofos, psicólogos, chefes de estado, líderes religiosos ou humildes e anônimos servidores do AMOR, em vários momentos de nossa história, continuam a empunhar a Espada num grito de “independência ou morte”. Sim, queremos a PAZ. Mas para vivê-la é preciso assumirmos o compromisso com a VIDA, trabalhando, sem esmorecer, para enaltecê-la e dignificá-la sempre, pois fomos convocados por aquele que nos legou a herança, ao anunciar o início da luta: “não vim trazer a paz, mas a ESPADA!”

*“The mistake of war, in the assassin
belligerence of minds and bodies, is a result of the
incomprehension of the true struggle...”*

Five letters forge the sword for an endless battle. Few, however, are those who make themselves available for it, and understand the only true justification of its necessity and contingency. Such an endeavor begins inside each one...

The mistake of war, in the assassin belligerence of minds and bodies, is a result of the incomprehension of the true struggle for the establishment of peace. Under the excuses of defending liberty, guaranteeing rights, and ending injustice, conflicts are permanently being triggered and fuelled, dividing and corrupting the human spirit with lies. These erroneous manifestations, before bringing serenity and joy to the world, sicken the soul of Humanity, imprinting its body with marks of pain, despair, and death. They are insane fights played out by human vanity, which, in its longing for greed, believes it can preserve life with fragile natural resources, forgetting that it is impossible to take hold of that which is offered free by nature. It can't be forgotten that we are all responsible for when there is a bread shortage, a love shortage, and for each hand that we do not reach out to help another fallen soul, victim to our own insensibility.

For more than two millenniums we have been receiving the Swords as an inheritance. No the sword of slaying, but the sword that is capable of fatally wounding the killers of lives: pride and egotism. Anthropologists, social scientists, psychologists, government chiefs, religious leaders, or humble and anonymous servants of LOVE I many moments of our history continue brandishing the Sword and crying “independence or death”. Yes, we want PEACE. But to live it we need to establish a compromise with LEFE working without perishing in order to dignify it forever, for we have been summoned by he who has bequeathed us a legacy as it announced the beginning of a battle: “I didn't come to bring peace, I came to bring the SWORD!”

*“Le malentendu de la guerre basée sur e bellicisme qui
tue aussi bien les esprits que les corps c'est le fruit d'une
incompréhension par rapport au véritable combat...”*

Trois lettres* forgent l'épée qui mène une lutte interminable, la seule véritablement justifiable en tenant compte de sa portée et de son but; néanmoins, il n'y a que peu de gens prêts à la prendre en charge. Une telle entreprise commence au tréfonds de chaque individu...

Le malentendu de la guerre basée sur le bellicisme qui massacre aussi bien les esprits que les corps c'est le fruit de notre incompréhension par rapport au véritable

combat qui vise l'établissement de la paix. Sous prétexte de défendre la liberté, de garantir les droits de l'homme, de faire disparaître les injustices, de supprimer les hérésies ou d'éliminer toutes les oppressions, nous déclenchons des conflits interminables qui finissent par diviser et empoisonner davantage les rapports entre les êtres humains. Au lieu de devenir des sources de sérénité et de joie pour le monde, ces fausses manifestations d'humanisme rendent l'âme humaine malade, en laissant gravées sur le corps d'innocents les traces de la souffrance, du désespoir et de la mort. Il s'agit de luttes insensées dont le protagoniste est la vanité des hommes; en fait, en n'ayant que la seule envie de prendre du pouvoir, ceux-ci prétendent préserver la vie comptant uniquement sur la fragilité des ressources matérielles, et en oubliant l'impossibilité de s'approprier de ce qui est gratuit par nature. Il ne faut pas oublier que nous sommes aussi responsables pour tous ceux qui manquent de pain et d'amour, et pour tous ceux qui restent tombés dans le ruisseau, victimes de notre propre insensibilité.

Il y a plus de deux millénaires que nous avons reçu l'Épée en héritage. Il ne s'agit pas de celle qui exécute des homicides, mais de celle qui est capable de blesser mortellement les bourreaux de la VIE: l'orgueil et l'égoïsme. Dans toutes les époques de notre histoire, il y a eu des anthropologues, des chercheurs sociaux, des philosophes, des psychologues, des chefs d'État, des leaders religieux ou des serviteurs humbles et anonymes de l'AMOUR, qui ont continué à empoigner l'Épée en poussant le cri: "indépendance ou la mort"^{**}. Oui, bien sûr, nous souhaitons la PAIX. Mais pour qu'elle soit vivante, il nous faut prendre en charge la VIE en nous efforçant pour la faire valoir de plus en plus dans notre quotidien. En fait, nous avons été appelés par celui que nous a légué cet héritage quand il a annoncé le début de la lutte: "Je ne suis pas venu apporter la paix, mais l'ÉPÉE!"

* Il s'agit du mot portugais "paz" qui signifie paix.

** Référence au cri poussé, le 7 septembre 1822, par le premier empereur du Brésil, Dom Pedro I (1798-1834), en bordure du fleuve Ipiranga, à São Paulo, en déclarant l'indépendance du pays à l'égard du Portugal.

*“Precisa ser cuidada diariamente,
senão pode murchar. Caso ela não resista,
não quer dizer que seja o fim”.*

Bruno Chaves Macedo
Universidade Veiga de Almeida

Uma palavra simples com um significado amplo. Independentemente de cor, sexo, nação e religião, a sua importância move o ser humano a querer um mundo melhor. Seu conceito vai muito além do que os dicionários e os grandes sábios da humanidade podem nos dar. A imprensa a descreve com fotos de apertos de mão entre chefes-de-Estado na primeira página dos jornais. É muito mais que uma pomba. Não se expressa com um cessar-fogo. Ela não pode ser criada nem pelos mais renomados cientistas. É mais que um sentimento. Não se conquista, não se compra, não se vende. Simplesmente a tem. Pode ser exteriorizada e notada. É profunda, intimista. Tradições e rituais, incompatíveis. Abre espaço para a compreensão e a tolerância. O amor ao próximo? São parentes. A calma e o silêncio, características marcantes. Não é branca, não possui forma. É individual, não coletiva. Gestos humanitários e passeatas por ela, apenas um começo. É almejada por aqueles que se esqueceram dela. Os que a têm, não querem perder. Muitos matam e morrem pensando em consegui-la. Alguns acham que, levantando um muro, alcançarão a sua plenitude. Os interesses e a busca incessante pelo poder minam, aos poucos, sua força. Equilíbrio, mansidão e domínio próprio, seu caráter. No ventre da mãe, permanecemos intactos com ela. Mas, ao sair, é como uma flor. Precisa ser cuidada diariamente, senão, pode murchar. Caso ela não resista, não quer dizer que seja o fim. A insistência é a semente para o seu ressurgimento. Assim é a paz. Pode ser que existam outras definições. Uma coisa é certa: a esperança anda de mãos dadas com a paz. E não há ninguém, neste presente século, que a tire de nossa alma, de nossa vida.

*“Peace needs to be nourished daily, or it can wither.
In case it does not resist, it does not mean it’s the end.”*

A simple word with a broad meaning. Regardless of race, sex, nationality, and religion, its' importance motivates mankind to wish for a better world. Its' concept stretches far beyond the definitions that dictionaries and wise men alike, are able to

offer us. The press defines it as front-news photos which picture State leaders shaking hands on some vague agreement. Peace is much more than a dove. It does not lie solely in the command to cease-fire. Not even the greatest scientists are capable of fabricating it.

It is more than a feeling. It cannot be conquered, bought, or sold. You simply carry it or don't carry it within. It might be externalized and perceived by others. It is deep, intimidating. When traditions and rituals clash, it facilitates understanding and tolerance. The love that you feel for your fellow brother? They are related. Its striking qualities are tranquility and silence. It isn't white; it holds no shape or form. It is individualistic, not collective. Humane acts and demonstrations in its name are merely a stepping stone. Those who have forgotten it, long for it. Those who have it don't want to lose it. Many kill and die trying to achieve it. Some believe that by building a wall they will obtain its magnitude. The insatiable quest for power slowly corrodes its strength. Equilibrium, harmony, and self-possession compose its character. We lay with it, intact, in our mother's womb. However, in the outside world, it's like a flower. It needs to be nourished daily, or it can wither. In case it does not resist, it does not mean it's the end. Persistency is the seed for its resurrection; awakening. This is peace. Other definitions may exist. But one thing is true; hope and peace walk hand-in-hand and no one in this century can take it away from our souls, and our lives.

*“Il faut la soigner quotidiennement,
sinon elle peut se faner. Le fait qu'elle aie du mal
à résistir ne veut pas dire qu'elle touche à sa fin”*

Un mot simple, mais chargé d'une signification assez étendue. Indépendamment de la couleur de la peau, du sexe, de la nationalité et de la religion de chaque personne, l'importance de ce mot pousse l'être humain à avoir envie d'un monde meilleur. Son concept renferme beaucoup plus que ce qui nous est donné par les dictionnaires et par les grands sages de l'humanité. Pour la décrire, la presse montre des photos de poignées de mains entre chefs d'État à la une des quotidiens. Elle est beaucoup plus qu'une colombe. Elle ne s'exprime pas que par un cessez-le-feu. Elle ne peut même pas être créée par les plus renommés scientifiques. Elle est plus qu'un sentiment. Elle ne peut pas être conquise, ni achetée, ni vendue. Simplement elle est là. Elle peut être extériorisée et remarquée. Elle est profonde, intimiste. Traditions et rituels, lui sont incompatibles. Elle ouvre l'espace vers la compréhension et la tolérance. L'amour au prochain? Appartenance à la même famille. Le calme et le silence - des caractéristiques marquantes. Elle n'est pas blanche, ni possède une forme. Elle est individuelle, et non collective. Des gestes humanitaires et des manifestations en sa faveur, rien qu'un commencement.

Elle est escomptée par ceux qui l'ont oubliée. Quiconque la possède ne veut guère la perdre. Beaucoup de gens tuent et meurent en essayant de la prendre. Certains trouvent qu'il leur suffit de construire un mur pour l'atteindre en sa plénitude. Les intérêts et la quête incessante du pouvoir ne font qu'affaiblir, petit à petit, sa force. Équilibre, douceur et contrôle de soi – les traits de son caractère. Dans le ventre de notre mère, nous demeurons intacts avec elle. Mais, en le quittant, c'est comme une fleur. Il faut la soigner quotidiennement, sinon elle peut se faner. Le fait qu'elle aie du mal à résister ne veut pas dire qu'elle touche à sa fin. L'insistance est la semence qui assure son ressurgissement. Voilà ce que c'est la paix. Il existe probablement d'autres définitions. Mais une chose est sûre: l'espérance marche la main dans la main avec la paix. Et, dans le siècle actuel, personne ne réussira à l'enlever de notre âme, de notre vie.

“Não há alternativas se o que se busca é a paz verdadeira”.

Bruno Guimarães de Miranda

Instituto de Filosofia e Tecnologia do Mosteiro de São Bento

Quando cessou a tempestade, baixaram as águas, e a pomba branca retornou com ramo verde, sinal de uma nova esperança para o mundo, o ancião justo e sensato chamado Noé tranqüilizou-se: a paz estava selada entre Deus e o pequeno grupo que escapara à violência das águas. Mais que bom homem, só se viu plenamente conformado um pouco depois, quando Deus lhe assegurou que nunca mais destruiria a humanidade daquela forma. O próprio Deus havia se indignado com os homens, mas soube compreendê-los e fazer as pazes para sempre.

É curioso notar que essa aliança foi traçada em todos os matizes. E ainda mais curioso: a cor branca, símbolo por excelência da paz, constitui a síntese de todas aquelas diferentes cores. Em outras palavras, a paz tão esperada, anseio maior dos corações humanos, só será alcançada pelo concurso de todas as pessoas, culturas e nações.

Isso certamente será acompanhado de sacrifícios, dentre os quais o maior é, sem dúvida, a compreensão. Aceitar as pessoas como elas são, acolher as diferenças, eis algumas exigências pela paz. Essas podem ser realidades difíceis para o homem, mas são necessárias. Não há alternativas se o que se busca é a paz verdadeira. E esta não pode ser apenas um norte, uma meta, deve ser um abstrato, uma base sobre a qual a humanidade explode e desenvolve todas as suas potencialidades. Ou ainda, mais que um suporte, a paz deve ser uma realidade que informe do início ao fim de todas as atividades e relações humanas.

Na medida em que as situações vividas pelos homens são bem variadas, a paz não pode ser meramente reduzida a um sinônimo para o “sossego” ou “marasmo”. Sem diminuir o valor do silêncio e da tranqüilidade, e mesmo do saudável contato com a natureza, as pessoas devem saber encontrar a paz também nos meios urbanos, entre os sinais de trânsito; no repouso, e no trabalho cotidiano; na família e em meio às multidões; em espetáculos artísticos, e em reuniões de negócios; em atividades amistosas, e em competições olímpicas. Da mesma forma, o caminho para a unidade não deve ser o de uma pretensa uniformidade, já que as pessoas são tão diferentes- e isso é o que as torna mais interessantes

É preciso que se reconheçam os valores da cada expressão cultural, as riquezas de cada povo, e que reconhecimento se traduza no interesse de divulgar as culturas, pois o ódio e o medo devem muito à ignorância. Conhecendo e abraçando o diferente, valorizando os aspectos comuns e respeitando opiniões diversas, os homens estarão fazendo uso do seu maior artifício: a razão, a linguagem, o diálogo.

Se a humanidade se esforçar para conciliar o que talvez pareça, à primeira vista,

inconciliável, pode descobrir, nas suas relações, matizes novos e até então desconhecidos, e a paz será a expressão mais clara dessa realidade. Talvez seja exatamente essa a pedagogia de Deus, que só desenha o arco-íris quando dialogam o sol e a chuva.

*“There are no other alternatives
when peace is what is truly being pursued.”*

As the storm ceased and the sea level lowered, the white dove returned carrying a green branch, signifying that there was new hope for the world. The righteous and sensible elder called Noah : peace was sealed between God and the small group of fugitives who had escaped from the violent waters. Since Noah was an extremely good man, he was only able to rest in peace when God assured him that He would never try to destroy humanity in the same manner again. God Himself had been disgusted with men, but even He was able to comprehend and settle his differences with humanity over eternity.

It is interesting to note that this alliance can be traced in all stories of human genesis. It is also worth noting that the color white, which is the uttermost symbol of peace, is composed of the synthesis of all different colors. In other words, our so-desired peace and humanity's greatest anxiety, will only be reached and settled through the combination and fusion of all people, cultures and nations.

This will certainly be followed by sacrifices, the most important one being tolerance. To accept people as they truly are and to welcome their differences are certainly some of the prerequisites for peace. These demands might be a tough to achieve, but they can't be ignored. There are no other alternatives when peace is what is truly being pursued. Besides, peace cannot be just a northern star, or a single goal, it has to be dealt as an abstraction that serves as the basis for human development. In addition to being more than a developmental tool, peace must become a reality which permeates all human activities from beginning to end.

Since all lived experiences vary from individual to individual, peace cannot be merely reduced to a synonym of passivity or moral apathy. Without diminishing the value of silence and tranquility, or even the healthy contact with nature, people should also learn to find peace within the urban environment, between traffic lights; in both rest and daily labor; in the family and among crowds; in artistic shows and in business meetings; in friendly activities as with Olympic competitions. Accordingly, the road to unity should not be one of false assimilation and conformity, since people's differences are what makes them so interesting and what is needed for a truly democratic society.

It is necessary to acknowledge the value of each cultural expression along with the richness of each race. Recognition should be demonstrated through the genuine interest

of spreading cultural information. Since hatred and fear are mostly due to ignorance, teaching the merit of different cultures would solve a lot of future problems. In understanding and embracing differences and respecting diverse opinions, while valuing our likeness and similarity, humans will be making use of their greatest device: reason, language and dialogue.

If humanity makes an effort to conciliate what perhaps seems irreconcilable, it might discover within its relations, new shades of tolerance and peace will be the most natural expression of this reality. Perhaps this is exactly God's reasoning; He only draws the rainbow when the sun and rain communicate.

“Si l'on cherche la véritable paix, alors il n'y a plus de place pour des alternatives”

Une fois passée la tempête, les eaux commencèrent à baisser, et la colombe blanche revint en portant dans son bec une branche verte, signe d'un nouveau espoir pour le monde. Alors, le vieillard juste et sage appelé Noé reprit son assurance: la paix venait d'être scellée entre Dieu et le petit groupe qui avait échappé à la violence des eaux. Malgré toute sa bonté, notre personnage ne fut pleinement réassuré qu'un peu plus tard quand Dieu lui assura qu'il ne détruirait plus jamais l'humanité de cette façon-là. Dieu lui-même eut des regrets d'avoir fait les hommes sur la terre, mais il sut les comprendre et établir son alliance avec eux pour les générations à toujours.

C'est curieux d'observer que le tracé de cette alliance a pris en compte toutes ses nuances. Et ce qui est encore plus curieux: la couleur blanche, symbole par excellence de la paix, constitue la synthèse de toutes ces différentes couleurs. Autrement dit, la paix si escomptée, le désir majeur des coeurs humains, ne sera atteinte que par le concours de toutes les personnes, de toutes les cultures et de toutes les nations.

Cette opération devra certainement demander des sacrifices, dont le plus grand est sans doute la compréhension. Accepter les personnes telles qu'elles sont, accueillir les différences, voilà quelques-unes des exigences pour atteindre la paix. Malgré la difficulté pour l'homme de les mettre en pratique, elles ne sont pas moins indispensables. Si l'on cherche la véritable paix, alors il n'y a plus de place pour des alternatives. Et cette paix ne peut pas être seulement un guide, un but à atteindre, mais elle doit être quelque chose d'abstrait, une base sur laquelle toutes les potentialités de l'humanité explosent et s'épanouissent. Ou encore, plus qu'un support, la paix doit être une réalité qui, dès leur commencement jusqu'à leur terme, devienne la source de renseignements pour toutes les activités et relations humaines.

Dans la mesure où les situations vécues par les hommes sont assez variées, la paix ne peut pas être simplement réduite à un synonyme de “calme” ou de “marasme”. Sans

rabaisser la valeur du silence et de la tranquillité, voire du salutaire contact avec la nature, les personnes doivent apprendre à rencontrer la paix aussi en plein milieu urbain, parmi l'agitation de la circulation automobile; au moment où elles se reposent, et pendant le travail quotidien; dans leur cercle familial et au milieu de la foule; pendant les spectacles artistiques, et les réunions d'affaires; au cours des divertissements en compagnie des amis, et durant les compétitions olympiques. De même, le chemin qui mène à l'unité ne doit pas être celui d'une prétendue uniformité, une fois que les personnes sont tellement différentes – d'ailleurs c'est justement cet aspect qui les rend encore plus intéressantes.

Il va falloir reconnaître les valeurs de chaque expression culturelle, les richesses de chaque peuple, et que cette reconnaissance se traduise par l'intérêt de divulguer les cultures, car la haine et la peur sont assez tributaires de l'ignorance. En reconnaissant et en embrassant ce qui est différent, en faisant valoir les aspects communs et en respectant les opinions divergentes, les hommes seront en train de faire usage de leur plus grand artifice: la raison, le langage, le dialogue.

Si l'humanité s'attache à concilier ce qui peut-être semble, à première vue, inconciliable, elle peut découvrir dans ses relations de nouvelles nuances, jusqu'alors méconnues; et la paix sera l'expression la plus nette de cette réalité. Peut-être, cette démarche se ressemble justement à la pédagogie de Dieu lui-même lequel n'arrive à dessiner l'arc-en-ciel qu'au moment du dialogue du soleil et de la pluie.

“Enfim, vamos “assaltar a Gramática”, que ainda nos impõe o singular, e conjugar todos os nossos verbos no plural”.

Bruno Passeri Dias

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RIO

Paz, para nós tupis *ekokatu*, é um termo a que recorremos constantemente em nossa atividade crítica e autocrítica. Testemunhando uma era caótica da humanidade e, ainda pior, coagindo com a má-fé geral para aquilo a que denominamos paz, nos habituamos a assistir à guerra como telenovela tragicômica, daquelas mexicanas de segunda categoria, com atores forjando vilões *hipermegaultrapoderosos* e mocinhos fortes, forçados e fajutos. E costumamos apelar à cidadania, aos direitos humanos e à tolerância para tecer nossos belíssimos discursos filantrópicos e pedir, com razão, uma sociedade mais justa.

Mas como? Como, se é preciso, muito antes de lutar por uma harmonia socializada, buscar a “paz de espírito” que virou moda hoje em dia dentro de cada um? Se pudéssemos desenvolver nossas potencialidades plenamente, e nos dedicar àquilo que somente nos traz e ao mesmo tempo nos enriquece, entenderíamos que uma sociedade harmoniosa não deve criar funções e comprimir seus indivíduos para que se encaixem em seu sistema. Ela deve, sim, incentivar as pessoas a conhecerem o que quiserem, a se deixarem levar pelo fluxo do aprendizado da arte, ou pelo convívio mais intenso com outros humanos. Assim, serão capazes de viver harmoniosamente em si. Bem como uma banda de jazz, todos devem ter seus instrumentos afinados para que o som único seja perfeitamente harmonioso.

Só então devemos sonhar com uma paz global e absoluta através da pacificação dos diversos conflitos de toda sorte, em todo o mundo. Detestar as pequenas grandes guerras que se alastram por todo continente, quase sempre sob o estigma de guerras santas, por carregarem um toque cafona de cruzada ou inquisição. Clamar a todos que tolerem o que têm de diferente, pois a pluralidade é fundamental na construção de uma comunidade equilibrada. Vamos repudiar somente o repúdio, e combater veementemente todo tipo de preconceito, contra viciados, bichas, negros, índios e mulheres ou o que quer que seja. Berremos com força pro mundo ouvir que nós não queremos mais confusão: “Deixe-nos em PAZ!” Enfim, vamos “assaltar a Gramática”, que ainda nos impõe o singular, e conjugar todos os nossos verbos no plural.

“Finally, let us “violate Grammar”,
which still imposes the singular, and conjugate all
verbs in the plural”.

Peace, or *ekokatu* for us *tupis*¹, is a term constantly used in all our critical and self-critical activities. We are presently witnessing a chaotic era for humanity, and what is worse, we are coercing peace out of ill faith. We are now used to watching war as a tragic-comic soap opera, the poor overly dramatic kind, in which actors pretend to be superpowerful villains or strong, over-acted heroes. Moreover, we are used to calling upon the name of citizenship to spin our beautiful philanthropic speeches and ask for a more just society.

But how? How can we fight for social harmony if we first need to find our “inner peace” - as it has been fashionably called these days. If we had the opportunity to fully develop all our potentialities and dedicate ourselves to only those things that enrich us, we would understand that a truly harmonious society does not demand that its individuals fulfill “their duties and responsibilities” and fit in the system. A truly harmonious society would stimulate people to learn whatever they curious about, and let its individuals get carried away by the arts and by a more intense relationship with other human beings. Thereby, people would be able to live harmoniously among themselves. We might compare society to a jazz band; everyone should have their instruments tuned so that every single note played will be in perfect harmony.

Only then should we dream of a global and absolute peace through the pacification of various conflicts, of every kind, all over the world. We should be against the small wars that seems to be spreading throughout the continent, almost always under a holy brand, characterized by tacky strategies that remind us of the Crusades or the Inquisition. We should demand tolerance towards what is different, for plurality is essential in the creation of a well-balanced society. Let us reject only what is truly disreputable, and vehemently fight against all types of discrimination against addicts, homosexuals, blacks, natives, women or whatever it might be. Let us scream with all our might so that the whole world can hear us and understand that we no longer want chaos: “Leave us at PEACE!” Finally, let us “violate Grammar”, which still imposes the singular, and conjugate all verbs in the plural”.

¹ *Brazilian Native tribe*

“Enfin, nous allons ‘assiéger la Grammaire’ qui nous impose toujours le singulier afin de conjuguer tous nos verbes au pluriel”

La paix – qui dans notre langue tupi* se dit *ekokatu* – est un terme que nous utilisons fréquemment dans notre activité critique et autocritique. Témoignant d’une ère chaotique de l’humanité, et, pis encore, rejoignant la mauvaise foi généralisée relativement à ce que nous désignons par paix, nous avons pris l’habitude d’assister à la guerre comme s’il s’agissait d’une “telenovela”** tragi-comique, à la manière des productions mexicaines de deuxième catégorie où l’on trouve des acteurs qui se forgent un rôle de méchants *hyper-méga-ultra-puissants* et de beaux garçons forts, braves et mal dégrossis. Nous avons l’habitude de faire appel à la citoyenneté, aux droits de l’homme et à la tolérance, pour tisser nos brillants discours philanthropiques comme à demander, à bon escient, une société plus juste.

Mais comment? Comment s’il va falloir, bien avant de lutter pour une harmonie socialisée, chercher la “paix d’esprit” – devenue, actuellement, une mode – à l’intérieur de chacun de nous? Si nous pouvions épanouir pleinement nos potentialités, et ne nous consacrer qu’à ce qui nous apporte du bonheur et en même temps nous enrichit, nous aurions entendu qu’une société harmonieuse ne doit point créer des fonctions, ni compresser ses individus de façon à les faire emboîter dans son système. Au contraire, elle doit encourager les personnes à apprendre tout ce dont elles aient envie, à se laisser emporter par le flux de l’apprentissage de l’art ou par une convivialité plus intense avec leurs semblables. Ainsi, elles seront capables de retrouver l’harmonie chez elles. À la manière d’une *jazz-band*, tout le monde doit tenir ses instruments accordés pour que le son unique soit parfaitement harmonieux.

Ce n’est qu’alors que nous devons rêver d’une paix globale et absolue, découlant de la pacification des conflits de toute sorte, partout dans le monde; détester les petites grandes guerres qui se propagent dans tout le continent, souvent sous prétexte de guerres saintes du fait d’être empreintes d’un stigmatisme assez conventionnel de croisade ou d’inquisition; clamer à tous pour qu’ils tolèrent les différences d’autrui, car la pluralité est fondamentale pour la construction d’une communauté équilibrée. Notre seul rejet sera contre toute forme de rejet, et nous allons combattre de façon véhémement tout genre de préjugé à l’encontre des toxicomanes, des pédés, des noirs, des indigènes et des femmes ou de n’importe qui que ce soit. Et nous allons hurler de toutes nos forces - “Laissez-nous en PAIX!” - pour que le monde puisse entendre que nous ne voulons plus vivre dans le désarroi. Enfin, nous allons “assiéger la Grammaire” qui nous impose toujours le singulier afin de conjuguer tous nos verbes au pluriel.

* Ensemble ethno-linguistique amérindien du Brésil.

** Série télévisuelle (une demi-douzaine par jour dans les différentes chaînes brésiliennes) qui se prolonge par plusieurs épisodes et présente des personnages assez passionnés du quotidien.

“As fábricas da morte sumiram, a essência azul do planeta voltou, crianças – como há muito não via – brincam e cantam”.

Carlos Alberto Plates Bertazzo
UniverCidade

O vento metálico sopra sobre um negro espelho d’água. Lentamente começa a se erguer uma figura tenebrosa – isso sou Eu –. Acordo de torpor tóxico. Não posso, não consigo aceitar a paz. Fui poluído pela violência, pela fome e pela desesperança e me pergunto se há uma maneira não bélica ou agressiva de conseguir cravar a bandeira branca em meu peito. Para não me estender muito, numa sofrível apresentação, pretendo resumir minha epopéia num trinômio apocalíptico, assim: a terra, meu casulo; o homem, meu nome; a paz, a deusa que ressuscita diante dos meus olhos plebeus.

Sim, a deusa ressuscitou! Ela caminha entre os tanques e metralhadoras. Os projéteis de diferentes nações transpassam seu corpo intangível. Ela segue um caminho plano, mesmo passando por crateras e trincheiras. Quando poucos metros separam a divindade de mim, ela pára – parando todo o universo junto –, abre os olhos e fita toda a destruição que sua ausência causou.

Fico estático observando a paz se aproximar. Chegando a minha frente, abraça meu rosto e abre um sorriso maternal. O tempo começa novamente a rodar, o mundo treme, as armas caem ao chão, a deusa beija minha boca, o mundo explode num clarão majestoso.

Acordo recostado no colo de minha deusa. Abro os olhos e tenho a visão mais sagrada que qualquer mortal já sonhou ter. As fábricas da morte sumiram, a essência azul do planeta voltou, crianças – como há muito não via – brincam e cantam. Penso na minha existência e vejo como sou afortunado, pois agradeço à providência divina ou a qualquer ironia matemática que este seja meu último segundo de vida – vida, amo esta palavra.

*“The factories of death have disappeared,
the planet’s blue essence has returned to its original,
and children play and sing in
a way that I hadn’t seen in a long time.”*

The metallic wind blows over a black mirror of water. A frightful figure slowly rises – that figure is Me. I’m awakened by the toxic torpor. I can’t and I’m not able to accept peace. I was polluted by violence, hunger and hopelessness and I ask myself if there is a non-violent or non-aggressive way of stabbing the white flag in my chest. In order not to over-extend myself in this painful presentation, I will summarize my epic in an apocalyptic triad: the earth, my cocoon; the man, in first-person; the peace, a goddess who is resurrected before the commoners’ very eyes.

Yes, the goddess has resurrected! She walks among military tanks and machine guns. Projectiles from various nations pass right through her unattainable body. She walks over solid ground, even when passing by craters and trenches. When she is but a few meters from me, she halts, – and with her, the whole universe stops – opens her eyes and witnesses all the destruction her absence has caused.

I become static as I watch peace approach me. As she reaches me, she hugs my face and gives out a maternal smile. Time begins to tick again, the world trembles, all weapons are dropped to the floor, and the goddess kisses my lips causing the world to explode in a majestic glaring radiance.

I wake up in the arms of my goddess. I open my eyes and perceive the most holy vision any mortal could ever dreamed of having. The factories of death have disappeared, the planet’s blue essence has returned to its original, and children play and sing in a way that I hadn’t seen in a long time. I think about my existence and realize how fortunate I am, and I thank the divine providence or whatever mathematical irony, that this should be my last second of life – I love the word life.

*“Les usines de mort ont disparu,
l’essence bleue de la planète est revenue, des
enfants – en fait, il y avait longtemps
que je ne les avais pas revus – jouent et chantent”*

Le bruit métallique du vent souffle sur un obscur miroir d’eau. Doucement, une figure ténébreuse – Moi-même – commence à se lever. Je me réveille d’une torpeur toxique. Je ne peux, je n’arrive pas à accepter la paix. J’ai été pollué par la violence, par

la famine et par le désespoir, et je me demande s'il y a bien une façon non belliqueuse, ni agressive de réussir à enfoncer le drapeau blanc dans ma poitrine. Pour ne pas trop me disperser dans un expo après tout passable, je prétends résumer mon épopée dans un trinôme apocalyptique, à savoir: la terre, mon cocon; l'homme, mon nom; la paix, la déesse qui ressuscite devant mes yeux de plébéien.

Oui, la déesse a ressuscité! Elle marche entre les tanks et les mitrailleuses. Les projectiles de différentes nations transpercent son corps tout à fait hors de portée. Elle suit un chemin plat, même si elle passe par des cratères et des tranchées. À quelques mètres de moi, la divinité s'arrête – et tout l'univers aussi –, elle ouvre ses yeux et regarde fixement toute la destruction provoquée par son absence.

Je reste figé en observant la paix s'approcher. En arrivant devant moi, elle prend mon visage entre ses bras et m'adresse un sourire maternel. Le temps tourne à nouveau, le monde tremble, les armes tombent à terre, la déesse m'embrasse sur ma bouche, le monde explose par un éclat majestueux.

En me réveillant, je me trouve dans les bras de ma déesse. J'ouvre mes yeux et j'aperçois la vision la plus sacrée qu'un mortel quelconque n'a jamais pu rêver. Les usines de mort ont disparu, l'essence bleue de la planète est revenue, des enfants – en fait, il y avait longtemps que je ne les avais pas revus – jouent et chantent. Je réfléchis à mon existence et je me rends compte que je suis vraiment fortuné; en fait, je ne peux que remercier à la providence divine ou à une quelconque ironie mathématique pour cette dernière seconde de ma vie – VIE, voilà un mot qui me plaît.

“ ...a Paz deve ser uma construção
de cada ser humano “

Carlos Alexandre Fernandes Considera

Universidade Federal Fluminense – UFF

Alcançar o Estado de Harmonia entre os entes que compõem uma organização social significa romper com o Estado de Natureza sob o qual os homens se valem de qualquer artifício para garantia de sua sobrevivência. No âmbito do Estado, o Direito deve ser o instrumento regulador das relações sociais como forma de proporcionar o equilíbrio de interesses, evitando que aquela sociedade vivencie a lógica darwiniana de evolução das espécies, onde só sobrevivem aqueles que se encontram melhor adaptados ao ambiente, sendo os demais resumidos à extinção. Nesse sentido, a legitimidade do Estado de Direito decorre de sua capacidade de promover a Paz em suas mais variadas instâncias de atuação.

Através da enunciação de Descartes que, no auge do iluminismo, encontrou sua existência ao perceber *penso, logo existo*, verificamos que o racionalismo inerente à raça humana deve ser utilizado como forma de reconhecimento de que, sendo originados de uma única natureza terrestre, somos plenamente iguais, não importando nossa cor, raça, sexo ou religião. A origem da Paz, em verdade, está contida no racionalismo do homem. Todos os seres humanos obedecem a um mesmo ciclo vital, onde o nascimento e morte são as únicas certezas e são, ao mesmo tempo, fatores sobre os quais nem mesmo o mais rico dos homens pode influenciar. Logo percebemos, diante desta constatação, que a existência do ser humano não está relacionada a sua riqueza material.

As escolhas humanas, por outro lado, estas sim determinam sua existência. Não nos referimos, no entanto, àquelas escolhas que remetem unicamente à consciência de cada indivíduo, como, por exemplo, as preferências sexuais, as crenças ou o modo pelo qual decidimos organizar nossa sociedade, mas sim àqueles que valores que constituem nosso caráter e influenciam no bem-estar da coletividade. Assim, a honestidade, o respeito e o reconhecimento de si mesmo no próximo são escolhas dignas de cada ser humano. Pensar coletivamente no futuro de nossa humanidade é preconizar nosso próprio bem estar; é reconhecer que somos aquilo que geramos, assim como nossos filhos e netos; somos os valores que plantamos no seio da sociedade.

Dessa forma, devemos utilizar nossa racionalidade para verificar que cada conflito no âmbito da sociedade, seja ela interna ou internacional, é originalmente irracional e os entes responsáveis por sua ocorrência devem ser afastados das instâncias de poder, pois o poder emana do povo, mas as guerras, em geral, emanam da apropriação indevida do poder, pela mais perversa das lógicas: a combinação da falsidade e a ganância dos governantes.

Percebemos, então, que a Paz deve ser uma construção de cada ser humano. Primeiramente, cada indivíduo deve cultivar em sua consciência aqueles princípios que tornam digna sua existência, aplicando-os em todos os âmbitos do seu relacionamento. Em seguida, deve perceber que sua existência será determinada pelas escolhas que promover e pela dinâmica que deseja ditar ao relacionamento social. Finalmente, deve tomar para si sua consciência cidadã e impedir que suas escolhas sejam subjugadas por uma lógica irracional. A Paz é uma construção que, a cada dia, se renova e aumenta ao colocarmos nossa contribuição.

*“...Peace should be contrived
by each human being”*

To achieve a State of Harmony between beings who are part of a social organization, it is necessary to break away from that Natural Human State where survival is guaranteed at the cost of any artifice. Within a Nation-State's realm, the Law should serve as an instrument of control over social relations in order to provide a balance of interests. It should ensure that society does not fall into a Darwinian fate by evolution of species, where only the most apt and best-equipped are guaranteed survival. Accordingly, the legitimacy of the Law Estate is measured by its capacity to promote peace wherever and whenever in action.

At the height of the age of Enlightenment, Descartes understood his existence through the rational equation; “I think, therefore I am.” We should take the same rational thought-process inherent to human kind, and use it to come to the conclusion that if we all originate from the same terrestrial nature, we are therefore all equal, regardless of race, skin color, gender, and religion. In truth, the genesis of peace is contained inside human rationalism. All human beings are subject to the same vital cycle; where birth and death are the only certainties and the only factors that even the richest of men are incapable of influencing or changing. Confronted with such evidence, it is natural that we should conclude that human survival does not depend on material wealth.

However, the way in which humans choose to live does have a direct affect on their survival. Let us not refer to those choices of individual concern and consciousness, such as sexual orientation, religious beliefs or the way in which we decide to organize our society, but indeed to those valuable choices that influence our character and collective well-being. Thus, honesty, respect and self-recognition through others are dignified choices for every human being. To think collectively about humanity's future is the same as contributing to our own well-being. In other words, it means recognizing that just as sons and grandsons, we are what we germinate, and the values that we

plant in society.

Consequently, we should use our rationality to understand that every societal conflict, of international or domestic proportions, is primarily irrational and that the ones responsible for its occurrence should be estranged from power. Power should be in the hands of the people and not in the hands of greedy and dishonest rulers who use a perverse logic and an improper confiscation of power to declare their wars.

We now realize that Peace should be contrived by each human being. First and foremost, the individual should consciously cultivate those principles that honor his or her existence and consequently apply them to every aspect of his or her human relation. Next, the individual should realize that his or her existence is determined by the decisions the individual chooses to promote and by the individual's dynamic within society. Finally, he or she should become a conscious citizen and avoid having his or her decisions controlled by an illogical rational. Peace is an edifice that might grow and rejuvenate with each passing day if we contribute to it daily.

“...la Paix devrait être une construction de chaque être humain”

Atteindre l'État d'Harmonie entre les êtres qui font partie d'une organisation sociale signifie rompre avec l'État de Nature sous lequel les hommes finissent par user de n'importe quel artifice pour assurer leur survie. Dans le cadre de l'État, le Droit doit être l'instrument régulateur des rapports sociaux en tant que forme de procurer l'équilibre d'intérêts conflictuels, en évitant que cette société-là réalise la logique darwinienne de l'évolution des espèces selon laquelle les seuls survivants sont ceux qui se trouvent mieux adaptés à leur environnement, les autres étant voués à l'extinction. Dans ce sens, la légitimité de l'État de Droit relève de sa capacité pour promouvoir la Paix dans les différentes instances où il exerce son action.

D'après l'énoncé de Descartes qui dans l'apogée du Siècle des lumières a rencontré son existence en s'apercevant du principe *je pense, donc je suis*, nous vérifions que le rationalisme inhérent à la race humaine doit être utilisé comme une forme de reconnaissance du fait qu'en étant originaires d'une seule nature terrestre nous sommes pleinement égaux, indépendamment de la couleur de notre peau, de notre race, de notre sexe ou de notre religion. L'origine de la Paix, en vérité, se trouve dans le rationalisme de l'homme. Tous les êtres humains obéissent au même cycle vital dans lequel les seules certitudes sont la naissance et la mort; celles-ci ne sont aucunement passibles d'être sous l'emprise de l'homme le plus riche qu'il soit. D'emblée, face à ce constat, nous nous apercevons que l'existence de l'être humain n'a aucun rapport avec sa richesse matérielle.

En revanche, ce sont les choix humains, effectivement, qui déterminent son existence. Cependant, nous ne nous reportons pas aux choix qui renvoient uniquement à la conscience de chaque individu, tels que, par exemple, ses préférences d'ordre sexuel, ses croyances ou le mode selon lequel nous décidons d'organiser notre société, mais plutôt à ceux qui correspondent à des valeurs constitutives de notre caractère et qui exercent leur influence sur le bien-être de la collectivité. Ainsi, l'honnêteté, le respect réciproque et la reconnaissance de soi-même dans son prochain ce sont de choix dignes de chaque être humain. Réfléchir collectivement à l'avenir de notre humanité c'est préconiser notre propre bien-être; c'est reconnaître que nous devenons justement ce que nous avons engendré, ainsi que nos fils et petits-fils; nous devenons les valeurs que nous avons planté au sein de la société.

De cette façon, nous devons utiliser notre rationalité pour vérifier que chaque conflit dans le cadre de la société, aussi bien nationale qu'internationale, est originalement irrationnel et les êtres responsables de cet état de fait doivent être écartés des instances de pouvoir. En effet, celui-ci émane du peuple, mais les guerres, en générale, découlent de l'appropriation indue du pouvoir par le biais de la logique la plus perverse: la combinaison de la fausseté et de la cupidité des gouvernants.

Alors, nous nous apercevons que la Paix doit être une construction de chaque être humain. D'abord, chaque individu se doit de cultiver dans sa conscience les principes qui rendent digne son existence, en les appliquant à tous les aspects de ses relations. Ensuite, il doit s'apercevoir que son existence sera déterminée par ses propres choix et par la dynamique qu'il souhaite transmettre à ses rapports sociaux. Finalement, il doit prendre en charge sa conscience de citoyen en empêchant que ses choix soient asservis à une quelconque logique irrationnelle. La Paix est une construction renouvelée à chaque jour et qui devient de plus en plus solide avec notre contribution.

“...a paz é antes de qualquer forma de governo e crença, uma responsabilidade restrita e pertinente a nós, homens e mulheres...”

Carlos Alexandre Pereira de Moraes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Falar em paz, desconsiderando a atual conjuntura político-econômica mundial, torna-se uma utopia geradora de ilusões para aqueles que almejam tal ideal. Em um mundo ambicioso a ponto de sobrepor a economia aos direitos humanos, pode-se presumir a distorção dos valores individuais e coletivos conquistados por nós ao longo da história. Mas falar em paz, observando os benefícios sociais trazidos por esta, também não se constitui em uma solução tangível, ainda que sejam criadas políticas públicas para tal, pois o cerne da questão não está na ordem e sim na construção de uma nova consciência de vida, não influenciada por aspectos econômicos e religiosos – sabendo que estes apenas corroboram o etnocentrismo real e presente nas sociedades.

Entretanto, estas colocações apenas camuflam uma outra forma de utopia. Então, como falar em paz sem cogitar utopias e hipocrisias? Como viver a paz sem desconsiderar as peculiaridades culturais de cada nação?

A audácia em se acreditar e lutar por um ideal que não é definido em iguais aspectos pela sociedade global somente ganha sentido quando nos colocamos como agentes locais, geradores não de um ideal, mas de uma realidade incorporada ao estilo de vida único e individual (não individualista) de cada ser. Maneira esta de agir, onde a consciência não se permite corromper pelo egoísmo e, mesmo assim, encontra, em sua essência, razões para subsistir e desenvolver-se com dignidade.

Sim, a paz é, antes de qualquer forma de governo e crença, uma responsabilidade restrita e pertinente a nós, homens e mulheres, iguais em nossa condição de homo sapiens: possuidores de raciocínio e consciência dos atos e efeitos gerados dentro de nossa finita existência.

“...before any kind of government or belief, peace is a responsibility restrictedly pertinent to us, men and women...”

To talk about peace without considering our current political-economic world structure, is to generate a utopia based on illusions for those who aspire to achieve it. In a world ambitious enough to prioritize the economy over human rights, it is assumed that a distortion of individual and collective historical values will occur. Yet to speak of peace while observing the social benefits it brings via public policies created specifically for such, might also not be the most tangible solution. The central issue is not by which means, but rather, by what fabrication of a new life consciousness, not influenced by economic or religious aspects - given that they only strengthen our society's present ethnocentrism - will we turn tangible.

However, these compilations are yet just another form of disguise for a different kind of utopia. How then, should we speak of peace without conceiving utopias and hypocrisies? How should we live peace without ignoring every nation's cultural peculiarities?

The audacity in believing and fighting for an ideal that is not equally defined by all aspects of global society only becomes significant when we see ourselves as local agents and generators not of an ideal, but of a reality capable of incorporating the lifestyle of every and each individual. We have to ensure that our acts do not allow our conscious to be corrupted by selfishness so that it can find reasons within its essence, to change and grow with dignity.

Yes, before any kind of government or belief, peace is a responsibility restrictedly pertinent to us, men and women. Equals under the condition of Homo sapiens, we are all rational and conscious beings who are well aware of our acts and their side effects throughout our limited existence.

“...au-delà de toute forme de gouvernement et de croyance, la paix est une responsabilité restreinte et pertinente à nous, hommes et femmes...”

Parler de la paix, en déconsidérant l'actuelle conjoncture politico-économique mondiale, devient une utopie génératrice d'illusions pour ceux qui escomptent atteindre cet idéal. Dans un monde où l'ambition arrive au point de faire prévaloir l'économie sur les droits de l'homme, l'on peut présupposer la distorsion des valeurs individuelles et collectives conquises par nous tout au long de l'histoire. Mais parler de la paix, en

observant les bienfaits sociaux qu'elle a apportés, ce n'est pas non plus une solution probante, malgré la création de politiques publiques destinées à l'atteindre, car le noeud de la question ne se trouve plus dans l'ordre, mais dans la construction d'une nouvelle conscience de vie, en dehors de toute influence d'aspects économiques et religieux – en sachant que ceux-ci ne font que corroborer l'ethnocentrisme réel et présent dans nos sociétés.

Cependant, ces propos finissent par camoufler une autre forme d'utopie. Alors, comment parler de la paix sans cogiter à des utopies et à des hypocrisies? Comment vivre la paix sans déconsidérer les particularités culturelles de chaque nation?

L'audace de croire et de lutter pour un idéal qui n'est pas défini d'une façon homogène par la société globale n'a de sens que quand nous nous plaçons comme des agents locaux, générateurs non pas d'un idéal, mais d'une réalité incorporée au style de vie unique et individuel (et pas du tout individualiste) de chaque être. Il s'agit d'une façon d'agir par laquelle la conscience s'interdit de se laisser corrompre par l'égoïsme, et malgré tout, en retrouvant dans son essence des raisons pour subsister et pour s'épanouir avec dignité.

Oui, bien sûr, au-delà de toute forme de gouvernement et de croyance, la paix est une responsabilité restreinte et pertinente à nous, hommes et femmes, égaux du fait de notre condition de *homo sapiens*: dotés de raisonnement et de pleine conscience des actes et des effets engendrés au sein de notre existence finie.

*“...é preciso encarar o mundo
como um só, nossa única morada e local
pelo qual somos responsáveis”.*

Carolina Barreira Lins

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Escrever a paz, nas páginas frágeis que compõem o livro da história humana, exige-nos serenidade e responsabilidade. Ao longo de nossa saga, vários capítulos pareceram interromper os caminhos da harmonia, dando lugar a atitudes egoístas e intolerantes frente aos acontecimentos.

Vale recordar que, desde os primórdios da civilização, o homem já praticava a guerra. Primeiramente, os conflitos se instauravam entre pequenos grupos, núcleos familiares ou tribais, que se faziam prevalecer uns sobre os outros em busca da sobrevivência. Com o tempo, as guerras se estruturaram e passaram a fazer parte da própria estratégia de governo, a exemplo do ocorrido no Império Romano, que se baseou, sobretudo, no uso da força.

À medida que a humanidade “progredia”, os instrumentos para impôr a subordinação de povos, paradoxalmente, também se aperfeiçoavam. Nos séculos XV e XVI, o surgimento das armas de fogo possibilitou o fortalecimento dos Estados Modernos, acompanhado pela ampliação da esfera de dominação alcançada com a expansão marítima e comercial.

Nesse cenário, desenvolveu-se o embrião do principal instrumento da guerra moderna: o poder econômico, fruto do novo modelo de produção e do sistema capitalista então nascente. Dessa disputa pela supremacia econômica, originaram-se as maiores guerras que já conhecemos, sobretudo, as duas grandes guerras mundiais.

A esse grande período de conflito, sucedeu o embate entre as duas grandes potências militares da época, política e ideologicamente dissidentes, e ambas possuidoras da bomba atômica. Paralelamente, nesse contexto tenso e imprevisível, surgiu a Organização das Nações Unidas, organismo destinado a estabelecer a paz, tendo como principais objetivos, solucionar os conflitos regionais que se agravavam, reerguer as economias dos países atingidos pela guerra e equilibrar as relações entre as duas “superpotências”, equilíbrio, esse, legítimo, porque baseado na vontade e esforços internacionais, já que a Guerra atingira, direta ou indiretamente, todo o planeta.

A ONU se fez compor de vários órgãos, ciente de que a paz não podia basear-se tão somente em um acordo entre os países militarmente poderosos para se absterem do uso de suas armas. Como disse John F. Kennedy, “a mera ausência de guerra não é a paz”. Assim, a paz precisa ser pensada de forma muito mais ampla, para que não se incorra em tentativas originariamente frustradas de alcançá-la.

A paz de hoje depende de uma globalização não apenas de bens e serviços, mas também dos meios de inclusão no sistema. Impera, assim, a necessidade de educação para todos, pois o conhecimento e a reflexão são o único caminho para compreensão das diferenças, sejam elas de ordem política, ideológica, religiosa ou racial. Urge, ademais, a difusão do acesso às tecnologias capazes de combater a fome e proporcionar a saúde, ainda tão precária nos países mais pobres. Nesse sentido, devemos lembrar que, onde o ser humano se encontra, relegado às mais indignas e humilhantes condições de sobrevivência, não pode haver espaço para a paz.

Em suma, é preciso encarar o mundo como um só, nossa única morada e local pelo qual somos responsáveis. Para isso, necessitamos agir não somente para nós mesmos, nossa família ou nosso país, mas para toda a coletividade que habita nosso planeta. Escrever a paz, portanto, é escrever nossas histórias individuais com consciência de nossas atitudes e de sua importância para a construção de um mundo melhor.

*“...It is necessary to face the world
as the only world, home and territory,
for which we are responsible”.*

Writing peace on the frail pages of the book on human history is a great and serious responsibility. There are various chapters within our human saga that seem to interrupt the paths of harmony and that give way to selfish and intolerant attitudes.

It is worth remembering that since the beginning of times, men have practiced war. Conflicts were originally between small groups, family nucleuses or tribes, and were generated by a group's need to prevail over another in a matter of survival. Over time, wars became more structured and were included as government strategies. The Roman Empire is a good example of domination by strategic force.

As the human race “progressed”, the tools used in the subordination of the masses also ironically improved. During the XV and XVI centuries, the invention of firearms made possible the edification of Modern States, followed by an ample domination of territories achieved by a marine and commercial expansion.

It was within this context that the main embryo of modern warfare tools was conceived: the embryo of economic power. Spawned by the new mode of production and the still-growing capitalist system of the time. The greatest wars that the world has ever witnessed – including both world wars - have had their origins in the dispute for economic supremacy.

After being under long periods of war, the world witnessed its two biggest military powers begin to struggle with one another over ideological and political differences while engaging in a nuclear arms race. At the same time, within this unpredictable

and tense context, the United Nations Organization was created in the purpose of establishing peace. Its main objectives included solving the ever-growing regional conflicts, rebuilding the economies of the countries most affected by the world wars, and keeping a balance check on the “superpowers”. The organization’s intentions were legitimate and based on international wants and efforts, since the both world wars had indirectly or directly affected the whole planet.

In a conscious move, the UN distributed itself throughout various organs to ensure that the fight for peace would not stop at the mere signing of an agreement between military powers stating that they would abstain from using nuclear weapons. As John F. Kenney once said, “the mere absence of war is not peace”. Accordingly, peace should be thought of in a much more ample context, so that frustrated attempts at reaching it quickly and effortlessly do not become the norm.

Nowadays, peace depends on the globalization of not only goods and services, but methods of social inclusion as well. It demands that education be accessible to all, since critical thinking is the only way to fully understand the differences that emerge in politics, ideologies, and among religions or races. It is also pressingly urgent to make available the technologies necessary to fight starvation and improve health conditions that are still so precarious in poorer countries. We should never forget that as long as any human being is found living under humiliating and undignified condition, there will never be room for peace.

In sum, it is necessary to face the world as the only world, home and territory, for which we are responsible. For such, we need to act not only in favor of ourselves, our families and our country, but in favor of all collective life inhabiting our planet as well. Therefore, writing peace means writing our individual histories with the conscious that our actions are important and influence the creation of a better world.

*“...il nous faut affronter le monde comme
notre seule demeure et comme l’endroit dont nous
sommes responsables”*

Écrire la paix sur les pages fragiles avec lesquelles est formé le livre de l’histoire humaine, voilà une opération que nous demande de la sérénité et de la responsabilité. Tout au long de notre saga, il semble que plusieurs chapitres ont entraîné le détour des chemins de l’harmonie pour faire de la place à des attitudes égoïstes et intolérantes face aux événements.

Il faut rappeler que, dès le commencement de la civilisation, l’homme faisait déjà la guerre. D’abord, les conflits se sont instaurés entre des petits groupes, au sein des familles ou des tribus, chacun cherchant à s’imposer à l’autre dans une lutte pour la survie. Avec le temps, les guerres se sont structurées à tel point qu’elles ont fini par

faire partie de la stratégie même du gouvernement, à l'instar de ce qui s'est passé avec l'Empire romain lequel s'est plutôt basé sur l'usage de la force.

À mesure que l'humanité faisait des "progrès", les instruments pour imposer la domination sur les peuples, paradoxalement, se sont aussi perfectionnés. Aux XV^{ème} et XVI^{ème} siècles, le surgissement des armes à feu a favorisé le renforcement des États modernes, accompagné par l'élargissement de la sphère de domination à la suite de l'expansion maritime et commerciale.

C'est dans ce scénario que s'est développé l'embryon du principal instrument de la guerre moderne: le pouvoir économique, fruit du nouveau modèle de production et du système capitaliste naissant. Cette dispute pour la suprématie économique est à l'origine des plus grandes guerres qui nous avons déjà connues, surtout, la Première et la Seconde guerres mondiales.

Après ce grand période de conflit, l'on a assisté au choc entre les deux grandes puissances militaires de cette époque-là, politiquement et idéologiquement divergentes, et toutes les deux en possession de la bombe atomique. Parallèlement, dans ce contexte tendu et imprévisible, il y a eu la création de l'Organisation des Nations Unies en tant qu'organisme destiné à établir la paix. Ses objectifs principaux sont ceux de trouver des solutions pour les conflits régionaux qui ne cessent pas de s'aggraver, de redresser les économies des pays atteints par des guerres et d'équilibrer les rapports entre les deux "superpuissances"; en fait, il s'agit d'un équilibre légitime car basé sur la volonté et les efforts internationaux, une fois que la Guerre avait touché, directement ou indirectement, toute la planète.

L'ONU a créé plusieurs agences, dans le présumé que la paix ne pouvait pas se baser simplement sur un accord entre les pays militairement puissants pour s'abstenir de l'usage de leurs armes. D'après les propos de John F. Kennedy, "la simple absence de guerre n'est pas forcément la paix". Ainsi, il nous faut penser celle-ci d'une façon beaucoup plus élargie pour que nous ne laissions pas entraîner par des tentatives qui n'auraient aucune chance de pouvoir l'atteindre.

La paix aujourd'hui relève d'une mondialisation non seulement des biens et des services, mais aussi des moyens d'inclusion de tous dans le système. Ainsi, il devient impérieux de promouvoir l'éducation pour tous, car les connaissances et la réflexion sont le seul chemin pour arriver à la compréhension des différences, aussi bien d'ordre politique, qu'idéologique, religieux ou racial. Il est extrêmement urgent de procéder à la diffusion la plus élargie possible de l'accès aux technologies capables de combattre la famine et de procurer une meilleure assistance médicale qui reste toujours précaire dans les pays les plus pauvres. Dans ce sens, nous devons rappeler qu'il ne peut pas avoir de la place pour la paix tant qu'il aura des êtres humains relégués aux plus indignes et humiliantes conditions de survie.

En somme, il nous faut affronter le monde comme notre seule demeure et comme l'endroit dont nous sommes responsables. Pour cela, nous avons besoin d'agir non seulement en faveur de nous-mêmes, de notre famille ou de notre pays, mais aussi de toute la collectivité qui habite sur notre planète. Écrire la paix, donc, c'est écrire nos histoires individuelles en ayant conscience de nos attitudes et de leur importance pour la construction d'un monde meilleur.

“ Espera-se ser feliz, espera-se ser amado, espera-se mudar o mundo. A grande mudança começa na sinceridade consigo mesmo”.

Carolina Leite Prates

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Com um olhar pode-se mudar o mundo. Não um olhar qualquer, mas aquele que respeita, que ama, que adere ao outro. Uma mudança de comportamento que se ensina e se aprende, um exercício de sinceridade. A paz é consequência desse gesto, sentido último do desejo e da moralidade humanos.

Em meio a tantas guerras, internas e externas, a rostos sem ânimo, fatigados pelo cotidiano, uma postura ainda é possível: olhar para o humano com respeito pelo ser humano. Encontrar em figuras do dia-a-dia pontos fixos de algo infinito, que descubram a potencialidade que existe no ser. A pena, o desprezo, a distância não cabem nesse discurso porque ele é moral: diferenças entre os homens marcam estilo, caráter, físico, porém nunca devem assinalar motivos de desunião, de *desfraternidade*.

Esperança. Espera-se ser feliz, espera-se ser amado, espera-se mudar o mundo. A grande mudança começa na sinceridade consigo mesmo. A realização se estabelece no grau de realidade com que se trata a relação que se tem com o mundo. Encará-lo com vontade de sentir na carne o lidar com homens e mulheres frustrados, felizes, pobres, ricos, mas *desejantes* e desejosos, que buscam aquilo que lhes corresponda.

A paz está intimamente ligada à genialidade do homem em fazer face à sua realidade. Não apascentá-la, *igualizá-la*, idealizá-la, mas atentar para seu valor, seu sentido que não se percebe de início, porém que se sente no tempo e por ele. Afirmar o que é, o que existe, em toda a sua dramaticidade e estar disponível para enfrentá-lo. Uma sintonia que só pode ser criada quando não se tenta corrigir defeitos, mas que os inclua no conceito de ser humano.

Em última análise, o homem busca sempre algo que lhe corresponda, que o lembre da promessa de felicidade que para ele existe. Entretanto, deve dar-se conta de que esse desejo é comum ao interior de qualquer que seja o personagem de sua história. Reconhecer essa busca é olhar para o mundo com um sentido, com uma meta que não exclui, mas que engloba os que dela compartilham. A paz provém desse sentido, desse olhar que reconhece em tudo à sua volta um sinal eterno dessa promessa, que enxerga no outro um anseio de liberdade.

“Hope. One hopes to be happy, one hopes to be loved, one hopes to change the world. Great change begins by being honest with oneself.”

You can change the world with a glance. Not any kind of glance, but one that respects, loves, and adheres to others. A change in behavior, which is taught and learned, is an exercise of sincerity. Peace is a consequence of such changes and the ultimate feeling for human desire and morality.

In the midst of so many internal and external wars and of lifeless faces tired of their daily lives, an act of maturity is still possible: to look at an individual with the respect that any human being deserves. To find points of reference for peace in our daily figures is to uncover the potential that exists within. Pity, disdain, cold distance; none of these words fit in my speech because they carry a moral value. Differences among men may establish individual styles, characters, and physical features, however, they should never designate reasons for disunion and lack of fraternity.

Hope. One hopes to be happy, one hopes to be loved, one hopes to change the world. Great change begins by being honest with oneself. Satisfaction is measured by the degree of reality with which we relate to the world. Knowing that we should face the world with the skin-deep desire to deal with the frustrated and the happy; the poor and the rich; the wishful men and women who are on a constant search for satisfaction.

Peace is closely related to the individual's ability of facing his or her reality. Not by feeding it, equalizing it, or idealizing it, but by attempting to understand its value and meaning – a task hardly every achieved at the beginning of life, but rather felt with and through time. To determine what [life] is, and what exists [within it] without excluding any of its dramatic weight and still be able to face it daily. This state of inner balance can only be reached when one stops attempting to correct individual flaws, and starts including and accepting them instead, as part of human conception.

In conclusion, man always searches for something that corresponds to himself and reminds him of the promise of happiness, in which he believes. However, he must realize that the desire is not exclusive to him. To acknowledge this search means to look at the world through an all-encompassing optic lens and establishing goals which take everyone who is part of the world into consideration. Peace is a result of this experience; of a glance capable of capturing all the signs of peace that show up in everything that it sees. The same glance capable of recognizing in the faces of others, the yearning for freedom.

“Chacun de nous attend d’être heureux,
d’être aimé, de pouvoir changer le monde;
néanmoins, le grand changement commence
par la sincérité envers soi-même”

Avec un regard il est possible de changer le monde. Non pas un regard quelconque, mais celui qui est respectueux, aimant, et se rend accessible à autrui. Un changement de comportement qui peut être enseigné et appris, un exercice de sincérité. La paix est la conséquence de ce geste, le sens ultime du désir et de la moralité humains.

Au milieu d’un si grand nombre de guerres, aussi bien intestines qu’à l’extérieur, il reste encore une démarche possible à des visages découragés, las du quotidien: regarder vers l’être humain en ayant du respect envers lui. Repérer sur les gens de l’entourage des signes fiables de quelque chose d’infini, révélateurs de la potentialité existante dans l’être. La souffrance, le mépris, la séparation ne rentrent pas dans ce discours car il est moral: les différences entre les hommes délimitent des styles, des caractères, des physiques, mais elles ne deviendront aucunement des motifs de désunion, de *défraternité*.

Espoir! Chacun de nous attend d’être heureux, d’être aimé, de pouvoir changer le monde; néanmoins, le grand changement commence par la sincérité envers soi-même. Cette réalisation s’établit à partir du degré de réalité avec laquelle l’on aborde la relation entretenue avec le monde. Et l’envisager en étant poussé par l’envie de sentir dans la chair la rencontre avec des hommes et des femmes frustrés, heureux, pauvres ou riches, mais *désirants* et désireux, à la recherche de ce qui leur est plus approprié.

La paix est intimement reliée à la génialité de l’homme à affronter sa réalité. Non pas pour la domestiquer, *l’égaliser*, l’idéaler, mais pour prêter attention à sa valeur, à son sens imperceptible d’emblée; toutefois, avec le temps et par son intermédiaire, il devient sensible. Affirmer ce qui est, ce qui existe, dans toute sa “dramaticité” et rester disponible pour lui faire face. Une syntonie qui ne peut être établie qu’en évitant toute tentative de redressement des défauts pour essayer de les inclure dans le concept d’être humain.

En dernière analyse, l’homme cherche toujours quelque chose qui lui soit approprié, en lui rappelant l’indéfectibilité de la promesse qui lui a été faite du bonheur. Cependant, il doit se rendre compte que ce désir intérieur est commun à n’importe quel personnage de son histoire. Reconnaître cette quête c’est repérer dans le monde un sens, un but qui n’étant pas exclusif finit par englober tous ceux qui le partagent. La paix est issue de ce sens, de ce regard qui reconnaît dans tout ce qui est autour de lui un signe éternel de cette promesse qui aperçoit dans le prochain un désir véhément de liberté.

“...ela possui o tamanho de um grão de mostarda, mas carrega em si a força de uma arma nuclear...”

Cirlene Marques do Nascimento

Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO

Escrever a paz é coisa demasiadamente fácil, porém muito séria. É palavra pequenina, de grafia simples, pronúncia doce e tranqüila, difícil e árdua tem sido a tarefa de vivê-la e transmiti-la ao mundo conturbado e individualizado em que estamos inseridos, “mundo globalizado”.

A paz tornou-se elemento de primeira necessidade, básico para a interação entre as nações, no processo de construção de uma sociedade humanista, certamente mais justa e com bases pacíficas, imprescindíveis ao desenvolvimento das civilizações, a sobrevivência mundial necessita dela. A paz chama-nos todos à responsabilidade social mútua, sobretudo, ao compromisso de levar a humanidade ao crescimento, calcado na dignidade e no respeito mútuo. Ela é capaz de ultrapassar limites, fronteiras sociais e culturais, quebrando barreiras, derrubando muros, reconstruindo alicerces, permeando, assim, as bases que foram destruídas pela soberba e pela ambição humana.

Com os olhos da alma, podemos visualizar a semente da paz existente dentro de cada ser humano, ela possui o tamanho de um grão de mostarda, mas carrega em si a força de uma arma nuclear. Se fizermos com que germine, é capaz de transformar a devastação e destruição presente na cotidianidade de nossa humanidade se usada como ferramenta principal em favor da construção, reconstrução e ainda no resgate da cidadania dos povos, nações e civilizações. Todavia, esforçemo-nos em apoiar a educação pela paz.

Escrever a paz significa apostar na esperança e ser capaz de acreditar que é preciso sonhar, mantendo viva a vontade de conquistar o sentimento capaz de vencer o conflito interior que emerge das relações interpessoais cotidianas, pois, a paz é a chave que possibilita ao mundo a abertura de portas para uma sociedade com novas perspectivas, inclusiva, pluralista, multicultural, com uma identidade socialmente construída, que nos conduza à sonhada paz mundial.

A paz, através da nova ordem social, explicita a necessidade de se respeitarem os princípios básicos da vida coletiva, os valores éticos e morais, a pluralidade cultural e a diversidade social. Portanto, é a mola mestra desta imensa engrenagem, sem politicagem, sem hipocrisias, “sem quês nem porquês”, pois a paz transcende a tudo isso. Escrever a paz é reescrever a esperança e estar atento às demandas das questões político-sociais que são garantias futuras para a conquista da segurança internacional. Todavia, prossigamos com o propósito firme de unir forças pela instauração da paz, efetivando direitos no sentido de seguir escrevendo a paz em todos os corações, independente de qual seja a nossa noção.

*“...It’s the size of a grain of mustard,
but it carries with it the strength and power
of a nuclear weapon...”*

Writing about peace is something extremely easy, and yet a very serious assignment. It’s a small word, of simple spelling and of sweet and gentile pronunciation. Difficult is the arduous task of living under it, as well as transmitting it to the chaotic, individualistic and “globalized” world that we find ourselves in.

Peace has become an element of extreme necessity. It is fundamentally necessary among State relations and in the construction of a more just and humane society based on pacific grounds. It is indispensable in the development of civilizations and in world survival. Peace challenges us to take on mutual social responsibilities and above all, make the commitment to lead humanity through a spiritual growth based on dignity and mutual respect. It is capable of trespassing limits, social and cultural boundaries, tearing down walls, reconstructing grounds, and lastly, it is the ability to permeate the bases that were once destroyed by human sovereignty and ambition.

With the eyes of the soul, we can visualize the seed of peace that lives inside each human being. It’s the size of a grain of mustard, but it carries with it the strength and power of a nuclear weapon. If we make it germinate and use it as a main tool of construction, reconstruction and recovery of citizenship, we might transform all our current devastation and destruction in the perpetuation of the human race. In the meantime, let us concentrate all efforts in educating others on peace.

Writing peace means to trust faith and be able to let yourself dream. It means keeping alive the good will to master the disposition capable of resolving those inner conflicts that emerge in our daily interpersonal relationships. For peace is the world’s key to many doors that lead to a society with new perspectives, including a pluralist and multicultural view. The possibility of a new socially constructed identity is what will take us to our dreamed world peace.

In a new social order, peace would explicit the need to respect basic collective principals, ethic and moral values, cultural plurality and social diversity. Therefore, peace is the main spring capable of putting us in gear, without the politics, without hypocrisy, “without the whys and whats”, since peace transcends all. Writing peace is rewriting hope and being aware of all social-political demands, which are our future guarantees for the full consolidation of international safety. Notwithstanding, we should continue believing in the firm purpose of incorporating efforts in the name of peace – in order to write peace in the hearts of every human being, regardless of what our point of view might be.

*“...malgré sa taille semblable
à une graine de moutarde, elle renferme
en soi la force d’une arme nucléaire...”*

Écrire le mot “paix” c’est quelque chose de trop facile, mais infiniment sérieux. Il s’agit d’un mot assez petit, sans complications d’ordre orthographique, dont la prononciation est douce et tranquille; néanmoins, la tâche de vivre et de transmettre la paix au monde bouleversé et individualisé où nous sommes insérés - “monde globalisé” - s’avère bien difficile et pénible.

La paix s’est rendue un élément de première nécessité, un élément de base pour l’interaction entre les nations, dans le processus de construction d’une société humaniste, certainement plus juste et bâtie sur des bases pacifiques, indispensables au développement des civilisations; la survie mondiale en a un sacré besoin. La paix nous appelle tous à la responsabilité sociale, surtout, à l’engagement d’amener l’humanité à une croissance basée sur la dignité et le respect réciproque. Elle est capable de surpasser des limites, des frontières sociales et culturelles, en démolissant des barrières, en renversant des murs, en reconstruisant les fondements, en traversant ainsi les socles qui ont été détruits par l’effronterie et par l’ambition humaines.

Avec les yeux de l’âme, nous pouvons visualiser la graine de la paix présente à l’intérieur de chaque être humain; malgré sa taille semblable à une graine de moutarde, elle renferme en soi la force d’une arme nucléaire. Si nous la faisons germer, elle est capable de transformer l’état de dévastation et de destruction où se trouve le quotidien de notre humanité; il suffit de l’utiliser comme l’outil principal en faveur de la construction, de la reconstruction et de la réhabilitation de la citoyenneté des peuples, des nations et des civilisations. Alors, dépensons-nous à renforcer l’éducation pour la paix.

Écrire la paix signifie miser sur l’espoir et être capable de croire qu’il faut rêver, en gardant vivante l’envie de conquérir le sentiment capable de vaincre le conflit intérieur qui émerge des relations interpersonnelles quotidiennes, car la paix est la clé qui offre au monde la possibilité d’ouvrir des portes vers une société fondée sur de nouvelles perspectives - inclusive, pluraliste, multiculturelle - dotée d’une identité socialement construite qui nous amène à la paix dans le monde, dont l’on rêve tant.

La paix, par le truchement du nouvel ordre social, rend explicite le besoin de respecter les principes de base de la vie collective, les valeurs éthiques et morales, la pluralité culturelle et la diversité sociale. Donc, elle est le principal ressort de cet immense engrenage, sans politiaillerie, ni hypocrisies, “sans aucune espèce de quoi ni de pourquoi”, car la paix transcende tout cela. Écrire la paix c’est réécrire l’espoir et rester attentif aux demandes émanant des questions politico-sociales qui sont les garants futurs pour la conquête de la sûreté internationale. Toutefois, nous poursuivons notre dessein inébranlable de rassembler des énergies pour l’instauration de la paix, en rendant effectifs les droits dans le sens de continuer à écrire la paix dans tous les coeurs, indépendamment de la notion que chacun puisse avoir à son sujet.

*“E no silêncio, através de uma paz “sensorial”,
o ser humano pode refletir e entender a finalidade
de se calar a palavra “guerra”.*

Cláudio de Souza Soares
Universidade Veiga de Almeida

Melhor do que imaginar como deveria funcionar a paz é constatar como ela já funciona. Sim, a paz nossa de cada dia. Aquela que recomeça, a todo instante, na esperança que depositamos em um recém-nascido ou no descanso em paz de quem solta seu último suspiro. A paz cotidiana que tem seus limites invadidos pelas manchetes da violência, posicionadas realisticamente, antagônicas ao inconsciente coletivo de uma humanidade pacífica em pensamentos e gestos.

A paz é uma experiência temporal e universal. E ela se experimenta seja no Taichi Chuan praticado pelos idosos nas manhãs da Praça Afonso Pena, seja no caminhar contemplativo dos turistas na Rue de la Paix, em Paris.

A paz é um movimento político e democrático, dinâmico e intermitente, a fortalecer-se pela refeição na mesa de cada um dos trabalhadores brasileiros, da cidade de Garanhuns até o bairro carioca do Irajá. A paz cultural enseja um samba enredo cantado por uma multidão sob as luzes do Sambódromo e um rap defendido por jovens da periferia, como um instrumento subjetivo de pacificação.

A paz também se constrói, letra a letra, nas palavras, frases e com livros. E como um “Harry Potter” esperançoso, em busca de nossa própria paz interior, precisamos proclamá-la em nossos “7 de setembro” e “15 de novembro” pessoais, como uma profecia realizável diariamente por nós mesmos.

Na sociedade da informação, algorítmica, a paz “binária” se concretiza em web sites, web logs, e e-mails que alimentam nossa odisséia no ciberespaço. Uma paz tecnológica que se promete num caleidoscópio de engenharias genéticas e computacionais, através de metadados classificatórios e software livre, democratizando e tendencionando novas semânticas de paz, através dos mesmos e velhos ideais de igualdade, fraternidade e liberdade.

E no silêncio, através de uma paz “sensorial”, o ser humano pode refletir e entender a finalidade de se calar a palavra “guerra”. Mesmo assim, um longo caminho ainda há de ser percorrido na promoção de uma cultura de paz, para além do “bem” e do “mal”, para além da “máquina do mundo”. Entre o Karma e a realidade, muitas vezes fantástica, de visões cognitivamente dissonantes dos diversos povos e religiões dos “quatro cantos” da terra, esta paz antagônica se ampara e, ao mesmo tempo, se inviabiliza. Uma paz inevitavelmente possível e inacreditavelmente real.

A verdadeira paz, que hoje se apresenta em pedaços, é potencialmente realizável à medida que cada ser humano conclui e internaliza que ao dividirmos, conquistamos.

“In silence and through a “sensorial” kind of peace, humans might understand and reflect upon the purpose of having to silence the word “war”.

Realizing how peace is already at work is better than imagining how it should or should not operate. Yes, we should observe it in action throughout our daily lives. We should be aware of the type of peace that is renewed every time we deposit hope in a newborn or in someone's last peaceful sigh of life.

Peace is a timely and universal experience. It can be experienced by the elders who practice Taichi Chuan in the Afonso Pena City Square, as well as by those who walk in contemplation through the Rue de la Paix, in Paris.

Peace is a political, democratic, dynamic and cyclic movement that is strengthened everytime a Brazilian worker is guaranteed food at his or her table, be it in the city of Garanhuns or in the neighborhood of Irajá in Rio de Janeiro. Cultural peace allows us to compose a “samba” eventually sung by millions under the Sambódromo² lights, or a rap defended as a subjective instrument of peace by the ghetto youth.

Peace is also constructed word by word, by the making of phrases and books. Like a hope-filled “Harry Potter”, we need to search for our own inner peace and proclaim it throughout our personal “September 7th” and “November 15th”³ as a daily prophecy fulfilled by us.

In an algorithmic high-tech society, “binary” peace is upheld in web sites, web logs, and emails that fuel our odyssey through cyberspace. High-tech peace is seen through a kaleidoscope of genetic and computerized entrines, and through methods of classification and free software. Its purpose is to democratize and cultivate new semantics of peace based on the same old values of equality, fraternity and freedom.

In silence and through a “sensorial” kind of peace, humans might understand and reflect upon the purpose of having to silence the word “war”. Nevertheless, we have a long ways to go in the proliferation of a culture of peace, beyond “good” and “Evil” and beyond the “earth machine”. This antagonist peace perpetuates itself at the same time that it becomes unattainable somewhere between Karma and an often-surreal reality of incongruent cognitive visions from various cultures and religions around the Four Corners of the earth. A peace which seems to be inevitably possible as well as incredibly real.

Real peace is currently in shreds, but it might be attainable once every human being realizes that by sharing, we are conquering.

² Moving stage floats where Brazilian celebrities and professional dancers dance the samba during carnival.

³ September 7th is celebrated as Brazilian Independence Day. November 15th, 1889 is the date in which the first Brazilian republic was proclaimed.

**“Et dans le silence, à travers une paix ‘sensorielle’,
l’être humain peut réfléchir sur l’importance de
taire le mot ‘guerre’ de façon qu’une telle démarche
lui devienne compréhensible”**

Au lieu de s’imaginer comment la paix devrait-elle fonctionner, il vaut mieux faire le constat de son fonctionnement actuel. Oui, je parle de notre paix de chaque jour. De celle qui recommence à chaque instant quand notre espoir est ravivé par l’arrivée d’un nouveau-né ou quand le moribond rend paisiblement son dernier soupir. Cette paix quotidienne envahie par les manchets concernant la violence, exhibée dans ses moindres détails, ce qui est antagonique à l’inconscient collectif d’une humanité pacifiste dans ses pensées et dans ses faits et gestes.

La paix est une expérience temporelle et universelle. Et elle peut être éprouvée soit par le tai-chi-chuan pratiqué par les vieillards chaque matin sur la “Praça Afonso Pena”*, soit au cours de la marche contemplative des touristes qui empruntent la Rue de la Paix, à Paris.

La paix est un mouvement politique et démocratique, dynamique et intermittent, renforcé par le repas mis sur la table de chacun des travailleurs brésiliens, où qu’ils se trouvent dans la ville de “Garanhuns”** ou dans le quartier “carioca” de Irajá. La paix culturelle offre l’occasion de participer à la samba chantée par la foule sous les feux du “Sambódromo”*** ou à un *rap* revendiqué par les jeunes de la périphérie, comme un instrument subjectif de pacification.

La paix se construit aussi, lettre à lettre, par la formation des mots, des phrases et par des livres. Et à l’instar d’un “Harry Potter” plein d’espoir, à la quête de notre propre paix intérieure, nous éprouvons le besoin de la proclamer au cours de nos commémorations personnelles du “7 de setembro” et du “15 de novembro”****, comme une prophétie réalisable quotidiennement par nous-mêmes.

Dans la société de l’information, algorithmique, la paix “binaire” se concrétise en *web sites*, *web logs*, et *e-mails* qui alimentent notre odyssée dans le cyberspace. Une paix technologique qui se présente avec la promesse d’un kaléidoscope de génies génétiques et informatiques, par le truchement de données de classement et des *software* libres, en démocratisant et en dégageant des nouvelles sémantiques de paix qui reposent toujours sur les mêmes et vieux idéaux d’égalité, de fraternité et de liberté.

Et dans le silence, par l’intermédiaire d’une paix “sensorielle”, l’être humain peut réfléchir sur l’importance de taire le mot “guerre” de façon qu’une telle démarche lui devienne compréhensible. Malgré tout, il reste encore un long chemin à parcourir pour la promotion d’une culture de la paix, au-delà du “bien” et du “mal”, au-delà de la “machine du monde”. Entre le karma et la réalité, souvent phantasmatique, cette paix antagonique - considérant les visions cognitivement dissonantes des divers peuples et religions des “quatre coins” de la terre - se tient et en même temps devient invivable.

Une paix inévitablement possible et incroyablement réelle.

La véritable paix, qui se présente aujourd'hui en miettes, est potentiellement réalisable à mesure que chaque être humain arrive à intérioriser la conclusion selon laquelle nos conquêtes ne seront accomplies que par le partage.

* Une des places de Rio de Janeiro.

** Ville du nord-est brésilien (État de Pernambouc), chef-lieu du village où est né l'actuel président de la République, Luiz Inácio Lula da Silva.

*** Emplacement à Rio de Janeiro, conçu par l'architecte brésilien Oscar Niemeyer, par où défilent les écoles de samba les nuits du dimanche et du lundi, précédant le mardi-gras.

**** Dates correspondant à deux proclamations: celle l'indépendance du Brésil eu égard au Portugal (le 7 septembre 1822); et celle de la République, suite à un coup militaire qui a renversé la monarchie (le 15 novembre 1889).

“Eu vejo gente cair, matar, ferir e se ferir por coisas sem importância”.

Cristiane Silva Teles

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Voa, voa pomba branca e leva o seu significado para todos os que precisam e acreditam no seu poder. Ela passa sorrindo, faceira. Ela olha para nós com um olhar de convocação, um convite suave que, para muitas pessoas, é quase impossível não aceitar. E como resistir a esse ar de quem está com a razão, como discordar já que todos dizem que ela é a portadora da verdade e da sabedoria. Eu mesma tenho a impressão de já ter ouvido comentários, tais como: Quem é esperto pratica a paz e não a guerra. Você já ouviu? Eu tenho certeza que sim. Aposto que foi você quem criou isso, não foi?!!! Bom, deixa para lá!! Você nunca me responde com palavras mesmo, não é!!! Voltando ao assunto, eu queria que você me fizesse um favor. Eu gostaria muito que a pomba falasse. É, eu queria que ela fosse mais direta, mais objetiva, enfim, que não desse margem a tantas interpretações. Resumindo, ela tem que ser irresistível. Sim, eu sei que eu estou me dirigindo à você para pedir de novo, mas eu acho que é um pedido tão importante que eu me sinto uma espécie de portadora do desejo de todos aqui embaixo. Tudo bem que eu não perguntei se eu podia ocupar esse cargo tão importante, mas eu acho que ninguém vai se importar. Então, posso me considerar atendida? Se você quiser, eu posso lhe dar alguns motivos para justificar este meu pedido formal. Afinal de contas, nós sempre conversamos de forma clara e direta tudo o que queríamos, mas dessa vez eu achei melhor que fosse por intermédio de um documento, uma carta.

Bem, vou passar para você as informações que levantei para justificar o meu pedido. Vamos começar com o que está ao meu redor. Eu moro no morro, você sabe. E por aqui, eu acho que as pessoas não estão conseguindo ouvir claramente o que a pomba da paz fala. Eu acredito que o barulho dos tiros não deixa que eles escutem. Eu vejo gente cair, matar, ferir e se ferir por coisas sem importância. A impressão que eu tenho é de que essas pessoas acham que o poder é mais importante do que a própria vida. Mas isso não acontece só aqui, perto da minha casa, não. Em outros países, isso também acontece, só que, em alguns, lugares eles chamam de guerra só porque é país contra país. Até parece que eu não vivo dentro de uma guerra diária! Eles brigam pelo mesmo motivo que brigam aqui e têm a coragem de dizer que “guerra é guerra”. Você acredita que eles fazem até acordos de guerra? É inacreditável como eles banalizam a vida. Lutam por territórios, mas não conseguem arrumar tempo para ver o que há de belo dentro do que já possuem e até mesmo do que

acabaram de conquistar. Para que fazer guerra, então? Para que ferir mulheres, crianças e homens de bem? Por que eles não escutam a pomba dizer que é melhor fazer a paz? Se eu fosse ela, eu iria gritar. Eu estou cansada de ligar a televisão e ver notícias de atentados terroristas, acordos de paz que não deram certo, pessoas correndo de medo pelas ruas e, principalmente, o olhar de um povo que parece não ter mais esperança. Eu sei que eles ainda têm, mas é preciso fazer algo rápido ou poderá ser tarde demais. Eu quero que a pomba entre no coração daqueles que fazem a guerra e mostre como é bom viver em paz e, entre, também no coração dos aflitos e passe a esperança que ela carrega e que sempre está pronta para lutar pela paz. Eu acredito na paz, sei que ela está em toda a parte e eu simplesmente quero que todos vejam o que eu posso ver. A paz sorrindo para mim.

Desculpa, eu sei que ocupei muito do seu tempo e que você é muito ocupado, mas eu não poderia deixar de pedir e explicar por que estou pedindo. Bem, está na hora de ir dormir. Pensa bem no que eu lhe pedi, pois eu sei que essa é a única solução. Eu sempre fui uma boa filha e acho que eu e os outros filhos que você tem aqui merecem a sua ajuda. Fala com ela, eu sei que ela vai te ouvir. Assim como nós (incluindo você), eu sei que ela também quer que a paz reine em nosso planeta. Até existem algumas organizações espalhadas pelo mundo que estão trabalhando em prol da paz, mas eu acho que se a pomba falar o resultado será melhor.

Obrigada, meu Deus, por ter tido a paciência de ler essa carta até o fim e eu fico aguardando a sua resposta. Guarda esse documento contigo, pois eu tenho certeza de que muitos outros virão direcionados a você ou simplesmente para os que estão aqui comigo, os homens de boa vontade. Boa noite!!!

*“I see people fall, kill, hurt,
and get hurt for meaningless things”.*

Fly white dove, fly. Take your meaning to all those who need and believe in your power. It looks at us with a look of convocation, a gentle invitation that is impossible to refuse for most people. How to resist to this assertive air, how to disagree since everyone says that she is the carrier of truth and wisdom. I myself have had the impression of already having heard comments such as “smart people make peace, not war”. Have you ever heard that? I am sure you have. I bet you’re the one who made it up, aren’t you?! Back to the subject, I want you to do me a favor. I wish the dove could speak. That’s right, I wish the dove were more direct, more object, I wish it wouldn’t so much space for interpretation. In short, it has got to be irresistible. Yes, I know that I am referring myself to you to make yet another request, but I think it’s such an

important request I feel like a sort of carrier of the wish of all of us down here. I know I didn't ask if I could occupy this important position, but I don't think anyone will mind. So, can I consider my request granted? If you want to, I can give you some reasons that would back up my formal request. After all, we have always been very direct and clear with all things we wanted, but this time around I thought best to reach by a document, a letter.

Well, I will relay you the information I have gathered in order to justify my request. Let's start off with the things that are around me. I live on a very poor hillside, as you know. Around here, I don't think people are clearly hearing what the dove of peace is saying. I think that the sound from the firing of guns isn't helping. I see people fall, kill, hurt, and get hurt for meaningless things. The impression I have is that people think life is more important than life. But close to my house is not the only place where this is happening. It happens in other countries too, just that in some places they call it war just because there is country fighting against another country involved. As if I weren't living in a war every day! The fight for the same reason they fight here and they have the courage to say, "war is war". Can you believe they even make war agreements? It's unbelievable how they trivialize life. They fight for territory, but they can't find any time to see the beautiful things they already have, and what they have already conquered. Why wage war then? Why hurt women, children, and men who mean no harm? Why can't they hear the dove saying that it's better to make peace? If I were the dove, I would shout. I'm so tired of turning on the television and watching news about terrorist attacks, peace agreements that don't work out, people running through the streets in fear, and, mainly, the look of people who seem to have lost hope. I know there still is some, but it is necessary to do something fast or else it might be too late. I want the dove to enter the heart of those that make war and show them how good it is to live in peace. I also want it to enter the heart of those afflicted and to pass on the hope it carries and show them how to always be ready to fight for peace. I believe in peace, I know it is everywhere and I want everyone to see what I already can see – peace smiling to me.

I'm sorry I have taken up so much of your time and I know you are very busy, but I couldn't miss the chance of asking you and explaining my request. Well, it's time to sleep now. I was always a good daughter and I think that other kids and I deserve your help. Talk to the dove, I know it will listen to you. Just like us (and you), I know that it also wants peace to rule in our planet. There are even some organizations around the world that are working for peace, but I think that if the pigeon would talk the result would be better.

Thank you, God, for being patient and reading this letter all the way to the end. I will wait for your reply. Keep this document with you, for I am sure that many others will come to you or to those who are here with me, men of good will. Good night!!!

“Je vois des gens qui tombent, tuent, blessent et se font blesser pour des broutilles”.

Vole, vole colombe blanche de la paix et apporte la signification de ton message à tous ceux qui en ont besoin et croient en son pouvoir. Elle passe souriante, coquette. Elle nous regarde en nous adressant une convocation, une invitation douce qui, pour beaucoup de monde, ne peut ne pas être acceptée. Et comment résister à cet air de celui qui a raison, comment être en désaccord une fois que tous disent qu'elle est porteuse de la vérité et de la sagesse? Moi-même, j'ai l'impression d'avoir déjà entendu des commentaires, tels que: Celui qui est éveillé met en pratique la paix et non pas la guerre. Et toi, tu en as déjà entendu parler? Je suis sûre que ta réponse est affirmative. Je fais même le pari que c'est bien toi qui a inventé tout cela, n'est-ce pas?!!! Bien, laisse tomber!!! En fait, tu ne me réponds jamais avec des mots, n'est-ce pas?!!! En revenant au sujet, je voudrais te demander un service. J'aimerais beaucoup que la colombe ait le don de la parole. C'est bien cela, je voudrais qu'elle fût plus directe, plus objective, enfin, qu'elle ne donnât pas autant d'espace à des interprétations. En résumé, il lui faut être irrésistible. Bien sûr, je sais que je suis en train de t'adresser une nouvelle demande, mais je trouve qu'il s'agit d'une demande si importante que je me sens comme une espèce de porteuse du désir de tous d'ici-bas. C'est vrai que je ne t'ai pas interrogée pour savoir si je pouvais occuper ce poste si important, mais je trouve que cela n'intéresse personne. Dans ce cas, puis-je compter que mon désir sera exaucé? Si tu veux, je puis te présenter quelques-uns des motifs qui justifient cette demande formelle. Au bout du compte, nous avons toujours échangé d'une façon claire et directe à propos de tout ce dont nous avons envie, mais cette fois il m'est apparu préférable que notre conversation se fasse par le truchement d'un document, une lettre.

Bon, je vais te donner les renseignements que j'ai prélevés pour justifier ma demande. Je commence par le récit de ce qui arrive autour de moi. Comme tu le sais déjà, j'habite dans le “morro”*. Et dans cet endroit, il me paraît que les personnes n'arrivent pas à entendre clairement ce qui est dit par la colombe de la paix. Je crois que le bruit des fusillades les empêche d'écouter. Je vois des gens qui tombent, tuent, blessent et se font blesser pour des broutilles. L'impression que j'ai, c'est que ces personnes pensent qu'il vaut mieux être en possession du pouvoir que de la vie même. Mais cela ne se passe qu'ici, près de chez moi – loin de là. Dans d'autres pays, cela arrive aussi, sauf que parfois ces événements prennent le nom de guerre parce qu'il s'agit de la lutte d'un pays contre un autre. Et alors moi, ne suis-je pas moi-même immergée dans une guerre quotidienne?! Là ils se bagarrent pour le même motif qui est l'objet des disputes ici et ils ont le courage de dire que “la guerre c'est la guerre”. Ne crois-tu pas qu'ils arrivent même à signer des accords de... guerre? C'est incroyable la façon dont ils

banalisent la vie. Ils mènent leur lutte pour s'approprier des zones d'influence, mais ont du mal à trouver du temps pour regarder ce qu'il y a de beau dans tout ce qu'ils possèdent déjà, voire dans tout ce qu'ils viennent de conquérir. Alors, à quoi bon faire la guerre? À quoi bon blesser des femmes, des enfants et des hommes de bien? Pourquoi ne veulent-ils pas écouter la colombe quand elle dit qu'il est préférable construire la paix? Si j'avais été à sa place, j'aurais crié. Je suis lasse d'allumer la télé et regarder les nouvelles concernant les attentats terroristes, les accords de paix manqués, les personnes transies de peur en course folle dans les rues et, surtout, le regard d'un peuple qui semblerait ne plus avoir d'espoir. Je sais qu'il en a encore, mais il faut faire quelque chose vite ou alors il sera trop tard. Je voudrais que la colombe pénètre dans le coeur de tous ceux qui font la guerre et qu'elle fasse voir comment il est bon de vivre en paix; de plus, je voudrais qu'elle pénètre aussi dans le coeur des gens en détresse et qu'en communiquant l'espoir qu'elle porte celui-ci soit le gage qu'elle est toujours prête pour lutter pour la paix. Je crois en la paix, je sais qu'elle est partout et je veux simplement que tous puissent regarder ce que je suis en train de voir: la paix qui me sourit.

Mes excuses, car je sais que j'ai pris beaucoup de ton temps et que tu es quelqu'un de très occupé, mais je ne pouvais pas m'empêcher de te faire cette demande et de t'expliquer les motifs qui m'ont poussé à te la présenter. Bon, c'est l'heure de me coucher. Je te supplie pour que tu prêtes attention à ce que je t'ai demandé, d'autant plus que je sais qu'il n'y a pas d'autre solution. J'ai toujours été une fille sage et il me semble que tous les autres enfants que tu as ici-bas et moi-même méritons ton aide. Adresse-toi à la paix, je suis sûre qu'elle t'écouterà. À l'instar de nous tous (toi y compris), je sais qu'elle aussi souhaite que la paix règne dans notre planète. Même s'il y a quelques organisations partout dans le monde qui travaillent en faveur de la paix, je trouve que la parole de la colombe assurera un meilleur résultat.

Merci, mon Dieu, pour avoir été patient et avoir lu cette lettre jusqu'à la fin; j'attends de recevoir ta réponse. Conserve ce document sur toi car je suis sûre que tu en recevras d'autres ou simplement pour ceux qui sont ici avec moi, les hommes de bonne volonté. Bonne nuit!!!

* Littéralement, tertre – mot utilisé à la place de "favela"; de fait, celle-ci se bâtit en haut des collines.

*“Quanto sangue ainda será derramado junto
aos sonhos que se esvaem em nossa alma?”*

Daniel Rodrigues de Castro

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Escrevendo a paz em tempos de guerra. Missão quase onírica na realidade apocalíptica desta época. Entretanto, há, em todas as esquinas do mundo uma terna esperança que sustenta o mundo. No fascínio do olhar da criança ao se deparar com a imensidão do céu, dois grandes espelhos de serenidade se unem. É nesse encontro com o azul celeste que se descobre a liberdade da pomba e, na magia de suas asas, a paz encontra o seu recôndito.

Seu vôo livre demonstra que o verdadeiro sopro de vida também pode impulsionar o coração humano. Revela que as mãos, outrora desesperadamente entrelaçadas num último pedido por clemência, podem se cruzar neste instante poético e simbolizar as asas libertadoras através deste gesto de paz.

Quantas penas ainda serão arrancadas junto à liberdade que se perde nos ventos do esquecimento? Quanto sangue ainda será derramado junto aos sonhos que se esvaem em nossa alma? A pena, que deveria assinar a nossa libertação de vida, assassina, a cada dia, a nossa sentença com a tinta vermelha da morte.

A história nos conta sobre heróis, que venceram os inimigos em busca de uma falsa paz calcada na guerra. A pena da inspiração sente pena da humanidade errante, que confia na espada e na força bruta como meios únicos de adquirir a liberdade e a harmonia. O tempo do último suspiro está próximo.

Refletir para reconstruir, sonhar para eternizar, realizar para viver. A chave para encontrar a desejada paz mostra um longo e árduo caminho a ser peregrinado. Tarefa que somente as asas libertadoras da reflexão podem realizar na sua elevada trajetória rumo ao sublime. Vôo que somente o ser humano pode alcançar.

*“How much blood will be spilt together
with the dreams that fade away from our soul?”*

Writing peace in times of war is an almost unimaginable dream in the apocalyptic reality of our times. However, there is still hope in street corners around the world that sustains it. In the fascination of the look of a child as he or she is faced with the

immensity of the sky, two great mirrors of serenity unite. In this meeting with the blue of the sky the liberty of the dove is found and in the magic of its wings, peace finds its refuge.

Its free flight demonstrates that the true breath of life can also set the human heart into motion. It reveals that hands once desperately clinging in a last appeal for forgiveness, can meet in this poetic moment and symbolize the wings of freedom by this gesture of peace.

How many feathers will have to be pulled off along with the peace that is lost in the wind of oblivion? How much blood will be spilt together with the dreams that fade away from our soul? The feather which should be signing our liberty, signs our death sentence in red ink every day.

History tells us the story of heroes who triumphed over enemies in search of a false peace calculated on war. The feather of inspiration pities erring humanity, which trusts in the sword and in the sheer force as the only means of attaining liberty and harmony. The time of the last breath is near.

Reflect to build, dream to make eternal, accomplish to live – the key to finding peace point to a long and arduous path to be treaded. A task only the wings of liberty of reflection can accomplish in its noble trajectory towards the sublime. A flight only human beings can achieve.

“Combien de sang sera-t-il encore versé sur les rêves qui s'évanouissent dans notre âme?”

Écrire sur la paix en temps de guerre. Elle est bien onirique cette mission devant la réalité apocalyptique de notre époque. Cependant, dans tous les coins de rue, partout dans le monde, notre planète est soutenu par un délicat espoir. Dans le regard fasciné de l'enfant face à l'immensité du ciel, il y a comme le rassemblement de deux grands miroirs de sérénité. C'est bien dans cette rencontre avec le bleu céleste que l'on découvre la liberté de la colombe et, dans la magie de ses ailes, la paix rencontre son recoin.

Son vol libre est bien la démonstration que le véritable souffle de vie peut aussi stimuler le coeur humain. Il révèle que les mains - autrefois désespérément entrelacées au moment d'une ultime demande de clémence - peuvent se croiser dans cet instant poétique, et symboliser les ailes libératrices à travers ce geste de paix.

Combien de plumes* seront encore arrachées de la liberté qui se perd dans les vents de l'oubli? Combien de sang sera encore versé sur les rêves qui s'évanouissent dans notre âme? La plume avec laquelle nous aurions dû signer notre libération pour jouir d'une vie encore plus intense devient l'instrument par lequel, chaque jour, notre jugement est porté avec l'encre rouge de la mort.

L'histoire nous parle des héros qui ont terrassé leurs ennemis à la quête d'une fausse paix décalquée sur la guerre. La plume de l'inspiration déplore** l'humanité errante qui fait confiance à l'épée et à la force brute comme si celles-ci étaient les seuls moyens d'acquérir la liberté et l'harmonie. Le dernier soupir est proche.

Réfléchir pour reconstruire, rêver pour éterniser, réaliser pour vivre. La clé pour rencontrer la paix dont on a tellement besoin nous indique un chemin long et difficile à entreprendre. Il s'agit d'une tâche que seules les ailes libératrices de la réflexion peuvent accomplir; en fait, leur trajectoire surélevée pointe déjà vers le sublime. Un vol dont l'essor ne regarde que l'être humain.

* Dans l'original, "penas" qui peut signifier aussi de la peine, de la souffrance.

** Dans l'original, "sente pena".

“A paz é assim, como um sol teimoso, uma chama que ilumina e se faz sentir”

David Balarini Perovano
Universidade Gama Filho

Parece que o sol nasceu diferente no dia em que os homens se entenderam com palavras. O sol, aquele mesmo que aquece os corações aflitos dos homens no campo de batalha, que perpetua a tortura dos dias insólitos das mães angustiadas, postou-se como dono de um céu azul imenso, intenso, livre.

As pessoas não passavam pelas outras como outrora. Hoje celebravam sorrisos escancarados em rostos nem um pouco cansados, beijavam seus filhos e esses confortavam-se nos afagos simples e sinceros desse mesmo beijo, que não mais era de despedida, não parecia ser... perdoe-me tamanha hesitação. Ainda não me acostumei com esse dia tão linear, tão simples.

Lágrimas não se vêem, tampouco cinzas do passado. O presente se encarregou de varrer todo aquele falso sentimento de felicidade, que mais parecia um pseudônimo irônico da inconstância. Os homens descobriram que a felicidade é constante, a felicidade é feliz. Alguns se arriscavam nus pelas ruas, enlouquecidos. Contidas, aquelas almas sufocavam envoltas por tantas amarras, tantos pedaços inexplicáveis de um senso comum injusto, injustificável.

Parece que o sol não se pôs no dia em que os homens se entenderam com palavras. Um dia de festa para o resto dos dias. Um dia para sempre ser o mesmo, e cada vez melhor. Não há primeiro nem terceiro, ocidente nem oriente, apenas um mundo. Um pedaço de água cercado de euforia por todos os lados.

De repente, os homens calaram. Olhavam para os lados, não entendiam certos porquês, olhavam-se. Questionavam seus próximos, inquisidores. Ardiam por um orgulho inosso, recheado de meias verdades, perdido. Faziam guerras e desfaziam famílias. Desfaziam guerras para refazer cidades. Desfilavam suas mortalhas com tamanha vivacidade que parecia bonito. Figuravam nas placas de mármore como heróis que nunca voltaram para casa.

Parece que o sol insiste em estar presente no dia em que os homens não se entenderam com palavras. A paz é assim, como um sol teimoso, uma chama que ilumina e se faz sentir. Os homens desejam a paz, entretanto estão confusos. Talvez não estejam preparados para os melhores dias de suas vidas. Talvez tenham medo de sair de suas redomas, dessas carrancas infelizes, amarras de outros tempos. Talvez tenham medo das palavras, dos seus efeitos, do que têm de bom. Mas esses homens aprenderão, hão de estar pacíficos um dia. Nesse dia entenderão o motivo de o sol insistir em estar presente. O motivo? As pombas da paz são brancas.

*“Such is peace – like a stubborn sun,
a flame that illuminates and makes itself felt.”*

It seems that the sun rose differently on the day men started to understand each other through words. The sun, that same one that warms the anxious hearts of men in battle, that perpetuates the torture of the days of anguished women, placed itself as the owner of a blue, immense, intense and free sky.

People didn't go past each other as they used to. On this day they celebrated showing wide smiles on rested faces, they kissed their children who felt comforted in the simple and sincere caress. A kiss not longer of farewell it seemed to be... Forgive me for being so hesitant. I'm still not used to this linear and simple day.

Tears are not seen, nor the ashes of the past. The present has charged itself with the task of sweeping all the fake sentiment of happiness, which seemed more like an ironic pseudonym of inconstancy. Men discovered that happiness is constant, happiness is happy. Some risked themselves naked in the streets, in a craze. Contained, those souls sUniversidade Federal Fluminense - UFFocused by so many ties, so many inexplicable pieces of an unjust and unjustifiable common sense.

It seems that the sun didn't set on the day that men start to understand each other with words. A day of celebration for the rest of days. A day to always be the same, and better. There is no first or third, East or West – just one world. A body of water surrounded by euphoria on all sides.

All of a sudden, men turned silent. They looked to the sides not understanding why. They inquisitively questioned their kin. They made war and separated tore families apart. They unmade wars to rebuild cities. They paraded their shards with such liveliness that it seemed pretty. They figured on slates of marble as heroes who never returned home.

It seems that the sun insists in being present on the day in which men do not understand each other with words. Such is peace – like a stubborn sun, a flame that illuminates and makes itself felt. Men desire peace, however, they are confused. Maybe they are not ready for the best days of their lives. Maybe they are afraid of leaving their domes, these unhappy shackles. Maybe they are afraid of words, of their effect, and of what good they contain. But these men will learn, they are yet to become peaceful someday. The motive. The doves of peace are white.

*“Ainsi, la paix, à l’instar d’un soleil impavide, est
une flamme qui éclaire et se fait sentir”*

Il semble que le jour où les hommes ont commencé à s'entendre avec des mots, l'on a remarqué un lever du soleil différent. Le soleil, celui-là même qui réchauffe les coeurs

affligés des hommes sur le champ de bataille, qui perpétue la torture des journées insolites des mères angoissées, s'est considéré, alors, comme le seul maître d'un ciel bleu immense, intense et libre.

Ce n'était comme autrefois; aujourd'hui, les visages des gens exhibaient des sourires béants sans la moindre trace de fatigue, ils faisaient la bise à leurs enfants, et ceux-ci s'extasiaient devant la simplicité et sincérité de ces caresses. En fait, ce baiser n'était plus d'adieux ou, pour le moins, il n'en avait pas l'air... excusez mon hésitation. Je ne me suis pas encore habitué au vécu d'une journée aussi simple et tellement vivante.

Les larmes ne sont pas visibles, non plus les cendres du passé. Le présent s'est chargé de balayer totalement ce faux sentiment de bonheur; d'ailleurs, celui-ci se ressemblait plus à un pseudonyme ironique de l'inconstance. Oui, les hommes ont fini par découvrir la constance du bonheur qui apporte la joie. Certains, rendus fous, ont couru le risque de se promener à poil dans la rue. Retenues, ces ames-là étaient sous l'emprise d'un grand nombre d'amarres, de morceaux inexplicables d'un sens commun injuste et injustifiable.

Il semble le jour où les hommes ont fini par s'entendre avec des mots, il n'a pas eu de coucher de soleil. Une journée de fête pour toujours. Une journée toujours la même, et de plus en plus joyeuse. Finie la division entre un premier monde et un troisième monde, entre occident et d'orient; il n'y a qu'un monde, c'est tout. Une pièce d'eau entourée d'euphorie.

Tout à coup, les hommes se sont tus. Ils regardaient du coin de l'oeil, n'entendant rien à certaines questions, ils se regardaient. À l'exemple ses inquisiteurs, ils questionaient leurs semblables. Ils brûlaient d'un orgueil insipide, truffé de contre-vérités, incurable. Ils faisaient la guerre et défaisaient les familles. Ils défaisaient les guerres pour refaire les villes. Ils défilaient leurs linceuls avec une telle vivacité que leur geste vait l'air d'être beau. Ils figuraient sur les plaques en marbre comme des héros qui ne sont jamais rentrés chez eux.

Il semble que le jour où les hommes ne se sont plus entendus avec des mots, l'on a enregistré encore la présence du soleil. Ainsi, la paix, à l'instar d'un soleil impavide, est une flamme qui éclaire et se fait sentir. Les hommes souhaitent la paix, mais ils restent submergés dans la plus grande confusion. Peut-être, il leur faudra encore se préparer pour jouir les meilleurs jours de leurs vies. Peut-être, ils gardent toujours la peur de quitter leurs cocons, de laisser tomber ces visages renfrognés et malheureux, les amarres d'autrefois. Peut-être, ils continuent à avoir peur des mots, de leurs effets, de ce qu'ils ont de bon. Mais, ces hommes sont capables de vaincre leur peur et un jour ils gagneront la paix. Ce jour-là, ils comprendront le motif de la présence indéfectible du soleil. Lequel? Les colombes de la paix sont blanches.

“...Paz é uma questão intrínseca ao ser humano.”

Delambre Ramos de Oliveira

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RIO

Irrompe-se um tempo onde os conceitos estão relativos, a força própria das palavras se tornou subjetiva e a preciosidade da vida, banalizada. É nesse contexto mundial ambíguo e complexo que propor a discussão de valores, que dizem respeito à sobrevivência do ser humano e a sua relação com o seu semelhante, consigo mesmo, com a natureza e com o Transcendente, é necessário, porém, delicado, uma vez que o mundo relativo subjetiva as idéias dando-lhes conotações para fins diversos que nem sempre são coerentes com a intenção inicial ou fundante.

Nota-se, por exemplo, que, nesse contexto, ao pronunciar a palavra *Paz*, que em si está imbuída de uma enorme força e significado indelével, pode-se ao mesmo tempo estar dizendo tudo e, concomitante, não comunicando nada: tudo que em função de uma ética etnofóbica e hegemônica justifica ações que contradizem a etimologia da palavra *Paz*, e nada que dialogue com os condicionamentos interiores do ser humano que precedem a exteriorização de atos incompatíveis à *Paz*.

Evidencia-se que, no mundo chamado pós-moderno, ao descrever uma *Paz* humana, é imprescindível conduzir ao centro da discussão o ser humano. Este exposto como agente da degradação humana e cósmica do universo - não paz, e como sujeito concreto-histórico responsável pela vivência harmônica, respeitável e integrada consigo mesmo e tudo que for diferente dele no mundo - a *Paz*. O ser humano no centro do debate como agente da não *Paz* ou da degradação humana e cósmica do universo, constata-se de forma genérica que a tríade poder, religião e capital ora unidos, e às vezes separados, estão sempre como pano de fundo estimuladores de tais ações desumanizantes. No entanto, a tríade se apresenta tão bem articulada que sua análise se mostra complexa, e portanto, não inserida de forma plausível nas discussões sobre a *Paz*. Ou quando se toca na tríade, isto é feito sempre numa perspectiva isolada, favorecendo as polarizações ideológicas e por conseguinte, autenticando os lucros daqueles que se beneficiam com mais poder, ou com a hegemonia religiosa, ou com o aumento do capital ou, ainda, com a retro-alimentação da tríade.

Quando o ser humano integral está na pauta da discussão sobre a *Paz* deixa-se de discutir prioritariamente as ações e os fatos, que na mesa de propostas proporcionam as polarizações ideológicas, e insere-se uma discussão mais profunda e que diz respeito a todos, indiferente do grupo, país, religião, etnia ou ideologia: a *Paz* é uma questão intrínseca ao ser humano.

No momento em que a *Paz* ocupa a função primeira no ser humano, todas as outras manifestações que historicamente estão presentes no seu agir - a tríade poder, religião e capital continua a existir, porém, sob a humanidade da *Paz*, todos estão relativizados.

Neste sentido, a luta pela *Paz* deixa de ser ambígua e é protegida do subjetivismo dos interesses, pois ela sempre estará dialogando com o ser humano e os meios que ele tem usado para satisfazer a tríade. Descrever a *Paz* é um desafio para um contexto mundial relativo que possui uma ética instaurada que justifica ações desumanizantes. Um ambiente no qual a busca frenética pelo poder não mede consequência para conquistá-lo, de forma inconseqüente usa os inocentes da religião e ainda, visa o lucro com o capital que traz hegemonia e poder para uma nação. Descrever a *Paz* é afirmar como um arauto, há esperança! A *Paz* é uma questão intrínseca ao ser humano e todas as outras dimensões são relativas - a tríade. O humano intrinsecamente *Paz* é sujeito concreto da história e responsável pela arte, pelo amor e pela vida no universo.

“...Peace is an issue intrinsic to human kind”

We have reached a time where concepts are relative, the strength and meaning of words have become subjective, and the value of life trivialized. It's within this globally ambiguous context that a proposal for the discussion of values – those of which concern human survival, and human relation with our own kin as well as with ourselves, nature, and the Supernatural – is a delicate, yet necessary matter. Particularly when the subjective world turns ideas relative, and gives them various connotations for different ends. Connotations that are not always in agreement with the initial or founding idea.

It should be noted, for example, that within this context the usage of the word *Peace* – which itself carries an enormous force and indestructible meaning – might be simultaneously expressing everything, yet communicating nothing. In the name of an ethnophobic and hegemonic ethic, it might be justifying actions that go against the etymology of the word *Peace*. Furthermore, these actions might not connect with the human being's internal conditioning, which precedes the externalization of attitudes incompatible with peace.

In a world we call post-modern, any attempt at describing human peace requires us to place the human condition at the core of the discussion. The human being exposed as the agent of human, cosmic and universal degradation – is not peace; the human being as concrete-historical subject responsible for harmonious co-existence, respectful and integrated with himself and everything outside of him – is *Peace*. The human being at the center of debate as the agent of non-*Peace* (in other words, of human, cosmic and universal degradation) generically attests that the triad – power, religion and capital – sometimes united, sometimes separate, are always at the background of dehumanizing actions. However, the triad presents itself so well articulated that its analysis seems complex, and therefore, not viably inserted in the discussions of *Peace*. Besides, when the triad is touched upon, it is always done through an isolated perspective that favors ideological extremes, and that consequently, supports the profits

made by those that benefit from political power, or religious hegemony, or capital increase, or better yet, by the self-sustainment of the triad.

Superfluous facts and actions that give birth to extreme ideologies are no longer prioritized once we insert a thorough analysis of what it means to be human into discussions about and for Peace. It is then possible to engage in a more profound discussion which concerns everyone, regardless of group, nationality, religion, ethnicity, or ideology: the issue of *Peace* is intrinsic to human kind.

From the moment that *Peace* becomes the first human function, all other manifestations that are historically present in human action – the triad; power, religion and capital - still exist, but under a humane *Peace* everyone is taken into account. Accordingly, the fight for *Peace* is no longer ambiguous and is protected by the subjectivism of interests; since it will always be connected to the human condition and to all ways that humans have found to satisfy the triad. It is a challenge for a world that lies within a relative context, and supports an ethic that justifies dehumanizing actions, to define *Peace*. It is an ever more difficult task in an environment where the frenetic pursuit of power is recklessly sought, where innocents are inconsequentially taken advantage of in the name of religion, and where profits are achieved through capital to maintain power hegemony in a nation. In trying to define *Peace*, we affirm and announce that there is still hope. *Peace* is an intrinsic question to human kind and all other dimensions are relative – the triad. The human being, who is intrinsically *Peace*, is a concrete historical subject responsible for the arts, for love and for life in the universe.

“...la Paix est une question intrinsèque à l'être humain”.

Devant nous, l'irruption d'un temps où les concepts sont relativisés, la force propre des mots s'est rendue subjective et l'aspect le plus sacré de la vie, banalisé. C'est bien dans ce contexte mondial ambigu et complexe que la proposition d'une discussion sur les valeurs qui concernent à survie de l'être humain et la relation avec son semblable, avec soi-même, avec la nature et avec le Transcendant, devient nécessaire, mais délicate; en fait, notre monde relativiste rend subjectives les idées, en leur attribuant des connotations visant les fins les plus disparates qui ne sont pas toujours cohérentes avec l'intention initiale ou qui leur a servie de fondement.

Dans ce contexte l'on observe, par exemple, en prononçant le mot *Paix* – imprégné en soi est d'une énorme énergie et d'une signification indélébile – qu'il est possible de tout dire et, concomitamment, ne rien communiquer: “tout dire” en fonction d'une éthique qui par la revendication de son hégémonie et de sa phobie ethnique justifie des actions qui contredisent l'étymologie du mot *Paix*; et “ne rien communiquer” pour rester en dialogue avec les conditionnements internes de l'être humain qui

précèdent l'extériorisation d'actes incompatibles avec la Paix.

De toute évidence, dans le monde appelé post-moderne, si l'on veut décrire une *Paix* à la taille humaine, il est indispensable de ramener l'être humain lui-même au centre de la discussion. Celui-ci est présenté comme l'agent de la dégradation humaine et cosmique de l'univers – la non-*Paix*; et, d'un autre côté, comme le sujet concret-historique responsable du vécu harmonieux, respectueux et intégré avec lui-même et avec tout ce qui n'est pas lui dans le monde – la *Paix*. En plaçant l'être humain au centre du débat comme l'agent de la non-*Paix* ou de la dégradation humaine et cosmique de l'univers, l'on constate d'une façon générale que la triade – pouvoir, religion et capital – parfois réunie et d'autres fois séparée, reste toujours comme l'arrière-plan stimulateur de tels actes d'inhumanité. Néanmoins, la triade se présente si bien articulée que son analyse devient complexe, et partant, non insérée de façon plausible dans les débats sur la *Paix*. Ou bien, toute mention à cette triade est considérée toujours dans une perspective isolée, ce qui favorise les polarisations idéologiques; par conséquence, elle finit par authentifier les gains de ceux qui se bénéficient d'un pouvoir beaucoup plus étendu sur les autres, ou d'une hégémonie religieuse, ou de l'augmentation du capital ou, encore, de la rétroaction positive de la triade.

Quand l'être humain intégral devient le thème de débat sur la *Paix*, au lieu de discuter d'une façon prioritaire les actions et les faits qui entraînent justement les polarisations idéologiques, il y a de place pour approfondir la discussion concernant à tous, sans acception de groupe, de pays, de religion, d'ethnie ou d'idéologie: la *Paix* est une question intrinsèque à l'être humain.

Au moment où la *Paix* occupe la fonction première dans l'être humain, toutes les autres manifestations, historiquement présentes dans son agir, deviennent relatives – y compris la triade dont il a été question plus haut, et qui maintenant se trouve sous l'emprise de la *Paix*. Dans ce sens, la lutte pour la *Paix* n'est plus ambiguë et reste à l'abri du subjectivisme des intérêts parce qu'elle établira un dialogue permanent avec l'être humain, en essayant de désamorcer les moyens dont il fait usage pour satisfaire la triade. Décrire la *Paix* c'est un défi dans un contexte mondial relativiste qui possède une éthique déjà bien ancrée qui justifie des actes d'inhumanité. Un climat dans lequel la recherche frénétique pour le pouvoir ne ménage pas ses efforts pour le reconquérir; d'une façon inconséquente, l'on abuse de l'innocence des croyants et l'on vise les gains du capital qui assurent l'hégémonie et le pouvoir d'une nation sur les autres. Décrire la *Paix* c'est proclamer à la manière d'un héraut: tenez bon, l'espoir est toujours là! La *Paix* est une question intrinsèque à l'être humain et toutes les autres dimensions - la triade - sont relativisées. L'humain intrinsèquement *Paix* est le sujet concret de l'histoire et responsable de l'art, de l'amour et de la vie dans l'univers.

*“Conjugar qualquer verbo,
dentro de um contexto da guerra,
sempre vai terminar em morte”.*

Eduardo Cardoso da Silva

Universidade Católica de Petrópolis

Bombas, tiros, estilhaços, fogo, destruição. Corpos mutilados, sangue, ódio, medo. Pavor e pânico para todos os lados. Conjugar qualquer verbo, dentro de um contexto da guerra, sempre vai terminar em morte. Morte do nada, matar sem motivo. Política e Economia não são motivos para o homem matar um semelhante. Somos partes de uma mesma nação chamada humanidade, apenas dividida por questões geográficas.

Geografia que é motivo de muita discórdia. Discórdia que provém desde o princípio da História. História esta marcada por ciclos de amizade e harmonia, mas profundamente riscada por ciclos sucessivos de guerra. Guerra ideológica, guerra religiosa, guerra sem religião, guerra por Guerra.

Decifra-me ou te devoro. Como posso decifrar um mundo onde a guerra é justificada política, econômica, ideológica, geográfica, histórica e religiosamente? Será que posso afirmar que se trata de uma estranha História da Ideologia da Geografia Humana, marcada por uma política econômica da religião? Não sei, não posso, não quero decifrar.

Decifro sim o que eu quero: quero um mundo diferente; um mundo, que sempre planejei e ambicionei para mim, e para todos os meus semelhantes, irmãos, amigos que vivem nesse grande território chamado Terra. Um mundo de guerras: guerra contra a fome, guerra contra a miséria, guerra contra a mortalidade infantil, guerra contra qualquer tipo de discriminação, guerra contra o desemprego, guerra contra o analfabetismo, guerra contra a falta de moradia, guerra pelo direito de viver.

Direito de viver em harmonia, direito de viver sem dor, direito de viver sem medo, direito de viver sem receio, direito a uma vida digna, direito ao amor, direito a ser feliz, direito a viver em paz. Paz que eu te quero escrita em minha História, em minha Geografia, em minha Economia, em minha Política, e em minha Religião. Paz, que te quero viva. Viva a vida sem guerras, que eu quero viver. Paz, que não quero apenas escrever.

*“Within the context
of war, any verb conjugation will
always end in death”.*

Bombs, gunshots, debris, fire, destruction. Mutilated bodies, blood, hate, fear. Fright and panic on all sides. Within the context of war, any verb conjugation will always end in death. Sudden death, death for no apparent reason. Politics and the Economy are not good reasons for a man to kill another. We are all part of a same nation called humanity, separated only by geographic barriers.

Geography is the cause of much strife. A Strife present since the beginning of History. A History marked by circles of friendship and harmony, but profoundly stained by successive circles of war. Ideological wars, religious wars, non-religious wars, wars just because.

Decipher me or I'll devour you. How can I decipher a world where war is justified politically, economically, ideologically, geographically, historically and religiously? Could I say that this is all part of a bizarre Ideological History of Human Geography, branded by a political economy of religion? I don't know, I can't, and I won't decipher.

I will, however, decipher what I do want: I want a different kind of world. A world that I've always planned and aspired for myself, for my fellow human beings, my brothers and friends who live on this great territory called Earth. A world of warfare: but war against hunger, war against poverty, war against child mortality, war against any type of discrimination, war against unemployment, war against illiteracy, war against homelessness, war in the name of the right to live.

The right to live in harmony, the right to live without pain, the right to live without fear, the right to live without apprehension, the right to live a dignified life, the right to love, the right to be happy, the right to live in peace. Peace, I want you written all over my History, my Geography, my Economy, my Politics, and in my Religion. Peace, I want you alive. Cheers to a life without wars – the kind of life I want to live. Cheers to Peace, the kind that is not only in writings.

“La conjugaison de n’importe quel verbe dans un contexte de guerre entraînera toujours la mort”

Bombes, tirs, éclats d’obus, feu, destruction. Corps mutilés, sang, haine, peur. De l’effroi et de la panique partout, dans tous les coins. La conjugaison de n’importe quel verbe dans un contexte de guerre entraînera toujours la mort. Mort du rien, la tuerie sans aucun motif. En aucun cas, l’homme ne peut tuer son semblable sous prétexte de défendre sa Politique ou son Économie. Nous tous nous sommes des parties intégrantes d’une même nation appelée Humanité, dont les divisions ne tiennent qu’à des questions géographiques.

Mais la Géographie a été le pivot de beaucoup de disputes entre les hommes; et la Discorde existe depuis le commencement de l’Histoire. À son tour, l’Histoire est marquée par des cycles d’amitié et d’harmonie, mais profondément déchirée par des périodes successifs de guerre. Guerre idéologique, guerre religieuse, guerre sans religion, guerre pour la Guerre.

Déchiffre-moi ou je te dévore. Comment puis-je déchiffrer un monde où la guerre est justifiée d’un point de vue politique, économique, idéologique, géographique, historique et religieux? Est-ce que je peux affirmer qu’il s’agit plutôt d’une étrange Histoire de l’Idéologie de la Géographie Humaine, marquée par une politique économique subordonnée à des convictions religieuses? Je ne sais pas, je ne peux pas, je ne veux pas le déchiffrer.

Je ne déchiffre que ce dont j’en ai envie: je veux un monde différent; le monde que j’avais planifié depuis toujours et que j’ai souhaité pour moi et pour tous mes semblables, mes frères, mes amis qui vivent dans ce grand territoire appelé Terre. Bien sûr, un monde plein de guerres: la guerre contre la famine, la guerre contre la misère, la guerre contre la mortalité infantile, la guerre contre toute discrimination, la guerre contre le chômage, la guerre contre l’analphabétisme, la guerre contre le manque de logements, la guerre pour le droit de vivre.

Le droit de vivre en harmonie, le droit de vivre sans souffrance, le droit de vivre sans peur, le droit de vivre sans craintes, le droit à une vie digne, le droit à l’amour, le droit au bonheur, le droit à vivre en paix. Paix! Je veux t’inscrire dans mon Histoire, dans ma Géographie, dans mon Économie, dans ma Politique, et dans ma Religion. Paix! Je te veux vivante. Vivante aussi la vie sans guerres, celle-là même que je veux vivre. Paix! Je refuse que, toi, tu ne sois qu’un mot écrit sur un bout de papier.

“Ora, qualquer forma de guerra é digna de repúdio, porquanto há e sempre haverá opções pacíficas...”

Eduardo Maciel Monteiro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Conflito. Em suas mais variadas formas, diferentes facetas, diversos propósitos, constitui-se na gênese de toda e qualquer atitude positiva, seja ela individual ou coletiva, de perturbação à paz. Desde os mais remotos primórdios da existência do convívio comunitário entre seres humanos lá está ele, conflito, inabalável em sua certeza atroz de que não pode haver paz.

O cenário internacional é permeado por diversos países, povos e comunidades, que nem sempre compartilham das mesmas raízes culturais. Tais diferenças geram conflitos desnecessários e evitáveis, mas que não-raro maculam o convívio pacífico entre os povos. Grupos erroneamente tentam fazer-se superiores aos demais, sobrepondo-se pela simples e terrível crença de que culturalmente possa haver o binômio certo-errado, atribuindo a si próprios o certo e fadando os demais ao errado. Daí decorre a ânsia coletiva de transformar o errado em certo, em nome da paz.

Outrossim, disparidades de cunho econômico-financeiro entre os Estados insistem em fazer o mundo tolerar a idéia de que existe hegemonia, e por que não dizer hierarquia, entre eles. Motivados pelas diferenças ideológico-culturais e viabilizados pela pujança econômica, Estados se lançam sobre os demais, menos abastados, impondo sua cultura e fragilizando seu comércio e sua economia, sob a bandeira da igualdade e da liberdade, bandeira essa eivada não obstante de protecionismo e conflito. Daí decorre a ânsia coletiva de transformar o fraco em mais fraco, em nome da paz.

Consequência histórica das disparidades entre Estados é a guerra, símbolo máximo de afronta à paz. No entanto, nunca antes se havia banalizado tanto esse movimento letal. No decorrer dos séculos, inúmeras guerras foram travadas, incontáveis vidas por elas devastadas. Ainda assim, nada se assemelha à gravidade da situação que atualmente se apresenta no seio da comunidade internacional: batalhas são deflagradas entre nações, causadas efetivamente por querelas restritas, acontecimentos pontuais. Estados passam a não mais se enfrentar em decorrência de questões nacionais e amplas, mas sim devido a eventos de alcance limitado, a problemas isolados. Problemas esses, aconselhável ressaltar, não apenas causados pela ânsia de transformar o errado em certo e o fraco em mais fraco, mas sim pela ânsia, agora já não coletiva, de fazer de uma fogueira um verdadeiro incêndio, o qual se presta apenas a aquecer o ego das lideranças dos Estados que assim procedem, queimando entrementes às cinzas os baluartes do convívio pacífico. Tudo isso ainda em nome da paz.

Ora, qualquer forma de guerra é digna de repúdio, porquanto há e sempre haverá opções pacíficas, alheias a decisões beligerantes, para a resolução de conflitos, por mais que estejam eles irremediavelmente presentes onde quer que exista convívio humano.

De fato, urge que se propague a consciência de que pluralidade cultural não determina a existência de paradigmas capazes de separar o que é certo do que é errado. De que diferenças econômico-financeiras não deveriam se prestar a agravar ainda mais a vulnerabilidade dos menos favorecidos, e finalmente de que nenhuma espécie de guerra se presta a pôr fim a conflitos ou se justificam egoisticamente por problemas isolados, quando na verdade o que faz é agravá-los. Urge que se propague a consciência de que nenhuma atitude destrutiva ou nociva à essência humana, que é o convívio harmônico, nenhuma de qualquer gênero, é aceitável. E que isso seja feito, agora sim, em nome da paz.

“However, any form of warfare is worthy of repudiation, inasmuch as there will always be pacific alternatives...”

Conflict. In its various forms, different facets, numerous purposes, is founded on the genesis of any kind of positive attitude, be it individual or collective, towards the disturbance of peace. Since the beginning of time and human community living, conflict has been present and reminding us of the atrocious and undeniable certainty that there could be no peace.

The international scene is permeated with various countries, people and communities, which do not always share the same cultural roots. Such differences might generate unnecessary and even preventable conflicts, that more often than not, stain the peaceful co-existence between peoples. Entire groups of people wrongly attempt to show themselves superior to others, basing themselves on the terrible and limited binary belief that there is a cultural “right” and a cultural “wrong”. They then attribute the “correct or right” culture to themselves and label all others “wrong”, causing a collective anxiety to make the “wrong” right – all in the name of peace.

Furthermore, disparities of economic-financial nature between States insist in making the world tolerate the idea of hegemony, not to mention the hierarchy that exists between them. Motivated by ideological-cultural differences and supported by a certain economic strength, States charge onto other less equipped States, imposing their culture while undermining the other culture’s commerce and economy. All this is done under a flag for equality and liberty - a flag that is nevertheless, contaminated by protectionism and conflict. Consequently, a collective anxiety of turning the weak into weaker occurs in the name of peace.

The historical consequence of disparities among Nation States is warfare: the highest symbol to affront peace. Nonetheless, this lethal movement had never been as trivialized as now. Throughout the centuries, numerous wars were fought and numberless lives were taken. Yet, nothing compares to the seriousness of the situation that has presently manifested itself at the heart of our international scene: battles break out between nations because of restricted quarrels and prompt events. Nations set out to face each other no longer in the name of questions of national and ample nature, but in consequence of events of limited reach or due to isolated problems. It is worth mentioning that the latter problems are a product of not only the desire to transform the wrong into right and the weak into weaker, but the need – no longer collective – to ignite a bonfire into a real insatiable fire. A conflagration that would only serve to inflame the ego of those State leaders who, in the meantime, will proceed to burn to ashes the guards of peaceful co-existence. All this continuously in the name of peace.

However, any form of warfare is worthy of repudiation, inasmuch as there will always be pacific alternatives, contrary to belligerent decisions for the resolution of conflicts. Even if conflicts will always be irrefutably present wherever there is human co-existence.

In fact, there is a pressing need for the propagation of a culturally plural consciousness that does not determine existence in paradigms capable of separating what is right from wrong. Of a consciousness capable of realizing that economic-financial differences should not serve as tools to aggravate the vulnerability of those less favored. And finally, a consciousness where no form of war is favored to put an end to conflicts, or selfishly justified by isolated problems that will only help to intensify the conflict in the end. There is an urgent need for the propagation of a consciousness that is aware that any destructive or harmful attitude towards human essence (in other words, harmonious co-existence), any such attitude of any class or order, is not acceptable. And that finally, this should all be truly done in the name of peace.

*“Or, n’importe quelle guerre
doit être rejetée vu qu’il nous reste et restera
toujours des options de paix...”*

Le conflit. Dans ses formes les plus variées, dans ses différentes facettes, dans ses divers desseins, il devient la genèse de toute attitude positive, soit-elle individuelle ou collective, aussi bien dans les époques de troubles sociaux que dans les périodes de paix. Depuis que, de temps immémorial, la convivialité entre les êtres humains s’est mise en place, le conflit est aussi présent; et poussé par une assurance inébranlable et atroce, il nous fait croire que l’instauration de la paix est quasiment impossible.

Le scénario international est marqué par divers pays, peuples et communautés qui ne partagent pas toujours les mêmes racines culturelles. Telles différences génèrent des conflits inutiles et évitables, mais que le plus souvent polluent la convivialité entre les peuples. Certains groupes se croient à tort supérieurs aux autres, en faisant valoir la simple et terrible croyance de l'existence au niveau culturel du binôme vrai-faux; ainsi, ils s'attribuent le vrai, en considérant comme faux tout ce qui se passe ailleurs. D'où l'frénésie collective de transformer le faux en vrai, au nom de la paix.

De même, les disparités de l'ordre économique-financier entre les États nous pousse à accepter sans restrictions l'idée de l'existence d'une hégémonie, voire d'une hiérarchie, entre eux. Propulsés par les différences idéologico-culturelles et soutenus par leur puissance économique, certains États imposent leur culture aux nations les moins fortunées, dont le commerce et l'économie deviennent de plus en plus fragiles; cette mainmise se fait sous prétexte de la défense de l'égalité et de la liberté lesquelles restent tout à fait imprégnées de protectionisme et de conflits latents. D'où la frénésie collective de rendre le faible encore plus faible, au nom de la paix.

La conséquence historique des disparités entre les États c'est la guerre, symbole suprême de l'effronterie face à la paix. Pourtant, ce mouvement légal n'avait jamais été marqué par une telle banalisation. Au long des siècles, le grand nombre de guerres engagées se sont soldées par d'innombrables morts. Tout de même, rien ne ressemble à la gravité de la situation actuelle au sein de la communauté internationale: des batailles sont déclenchées entre nations, provoquées effectivement par des querelles assez restreintes ou par des événements ponctuels. Le confront entre certains États ne relève plus de questions nationales et pertinentes, mais tient à des faits sans aucune portée, et isolés. Ces problèmes, il faut insister là-dessus, surviennent non seulement à cause de la frénésie de transformer le "faux" en "vrai" et de rendre le faible encore plus faible, mais aussi à cause de la frénésie qui n'est plus collective, de transformer un petit feu en un incendie incontrôlable; à son tour, celui-ci ne se prête qu'à réchauffer le ego des leaders de certains États qui finissent ainsi par brûler les remparts de la convivialité. Tout cela toujours au nom de la paix.

Or, n'importe quelle guerre doit être rejetée vu qu'il reste et restera toujours des options de paix, qui n'ont rien à avoir avec des décisions à caractère belliqueux, visant la résolution des conflits déclenchés irrémédiablement par les hommes qui vivent ensemble.

En fait, il est urgent de mettre au net que la pluralité culturelle n'admet pas l'existence de paradigmes impliquant la séparation de "vrai" et de "faux". Que les différences économique-financières ne devraient pas se prêter à aggraver encore plus la vulnérabilité des moins favorisés. Et enfin qu'en aucun cas la guerre sera à même de mettre fin à des conflits qui se justifient égoïstement par des problèmes isolés; en vérité, elle ne fera que les aggraver. Il est urgent de refuser toute attitude destructive ou nocive à l'essence humaine, qui est la convivialité. Et que cela soit fait, cette fois-ci, au nom de la paix.

*“Matamos homens e mulheres,
matamos velhos e a sabedoria, matamos
crianças e a inocência e a esperança”.*

Eliane Fonseca Corrêa Gonçalves Lima

Universidade Estácio de Sá

Por que não voltas, pomba-branca? Por que tão distante fizeste o teu exílio? Volta! Precisamos de ti. Estamos cansados de tantas amarguras e queremos descansar no bater suave de tuas asas.

Sabemos que fomos estúpidos no tratamento que te demos, mas perdoa-nos, pois estávamos tomados pela vaidade e, por isso, acabamos fazendo com que fosses embora. Hoje, entretanto, com a situação de miséria humana em que vivemos, criada, principalmente pelo individualismo exacerbado que desenvolvemos, reconhecemos a importância de tua presença. Perdoa-nos. Fomos tolos. Não quisemos saber o que trazias embaixo de tuas pequeninas asas: fraternidade, igualdade, compreensão, compaixão e amor. Mas, afinal éramos racionais. Sabíamos muito mais que tu. Podíamos, como podemos, pensar em números; estratégias; fórmulas; tínhamos a ciência que resolveria todos os nossos problemas. Como dar importância a uma ave tão pequena?

Ah! pomba-da-paz, fizemos coisas realmente maravilhosas: descobrimos a cura de várias doenças; desenvolvemos tecnologia para produção de alimentos; desenvolvemos tecnologia para nos ajudar em nossos trabalhos; mandamos foguetes à lua e a outros planetas. Mas, em contrapartida, deixamos milhões de pessoas morrer sem remédio, sem comida, sem trabalho. Enfim, sem dignidade. Há coisa mais indigna do que morrer de fome? E não foi só isso que fizemos. Houve coisas piores, pois tudo isso foi feito de forma asséptica, ou seja, sem sangue e talvez isso pudesse ser uma atenuante para o que fizemos. Mas, nós, doce ave, fizemos a guerra. Que tristeza! Matamos milhões de pessoas e mutilamos física e mentalmente tantas outras. Matamos homens e mulheres, matamos velhos e a sabedoria, matamos crianças e a inocência e a esperança.

Nosso egoísmo, Pomba-Branca Mensageira da Paz, fez-nos praticar todas essas formas de violência e agora ela está por toda parte e nós, especialistas em estratégias de guerra, não estamos conseguindo combatê-la. Volta! doce pomba, traz contigo a emoção de reconhecermos-nos irmãos, para que possamos, com nossa razão, construir o AMOR UNIVERSAL.

P.S: Este é o único mundo que temos para viver. Por favor, volte depressa.

Um grande e fraternal abraço,

NÓS

*“We kill men and women,
we kill the elder and wisdom, we kill
children and innocence and hope”.*

Why don't you come back, white dove? Why so distant have you made your exile? Come back! We need you. We are tired of so much misery and long to rest on the soft flapping of your wings.

We know we have been foolish in the way we've treated you, but forgive us, for we were blinded by our vanity that consequently led you to fly away. However, due to the present situation of human misery that we live in – created especially by the ever-growing individualism that we've developed along the years – we have come to realize the importance of your presence. Forgive us. We were fools. We didn't want to hear about the things you carried beneath your little wings: fraternity, equality, tolerance, compassion, and love. After all, we were rational beings. Our knowledge was superior to yours. We could, and still can, think in numbers. We had strategies, formulas and science by our side to solve all our problems. How could we pay attention to such a small little bird?

Oh! white dove, we have accomplished extremely wonderful things: we have found the cure to many diseases; we've developed high-technology for the production of food; we've also developed the technology to help us with our chores; we have sent space rockets to the moon and other planets. But, on the other hand, we have left millions to die of lack of medication, food and employment. In short, we left them to die an undignified death. Is there anything more mortifying than a death from starvation? Yet, that is not all that we have caused. We have done worse than eliminating people in an aseptic manner. As if weren't enough, we have created war, my sweet dove! How sad! We have killed millions of people and have physically mutilated and mentally destroyed hundreds of others. We kill men and women, we kill the elder and wisdom, we kill children and innocence, and hope.

Our selfishness, White Dove Messenger of Peace, has lead us to practice all forms of violence and now the same violence surrounds us on all angles, and we, specialists of war strategies are incapable of fighting it. Come back! sweet dove, and bring with you the emotional capacity to recognize our brothers and sisters so that we can, with reason, erect a UNIVERSAL LOVE.

P.S: This is the only world we have to live in. Please, come back soon.

A warm and fraternal hug,

US

“Nous avons tué des hommes et des femmes, nous avons tué des vieillards et la sagesse, nous avons tué des enfants et l’innocence et l’espérance”.

Pourquoi ne reviens-tu pas, ô colombe-blanche? Pourquoi est-il aussi lointain ton exile? Reviens vite! Nous avons besoin de toi. Nous sommes las de tant d’amertumes et nous voulons nous reposer à l’écoute du bruissement doux de tes ailes.

Nous sommes conscients que nous avons été bien sots de ne pas avoir pris soin de toi; nous te demandons pardon parce qu’à ce moment-là nous étions pris par la vanité et, c’est justement pour cela que tu t’en es allée. Cependant, aujourd’hui devant la situation misérable où nous vivons qui est le résultat, surtout, de notre individualisme exacerbé, nous reconnaissons l’importance de ta présence. Nous te supplions: pardonne-nous. Nous avons été des fous à lier. Nous n’avons pas eu envie de découvrir ce que tu nous apportais sous tes petites ailes: fraternité, égalité, compréhension, compassion et amour. Mais, à la fin nous avons réussi à garder notre rationalité. Nous étions convaincus que notre savoir était beaucoup plus étendu que le tien. Nous avions la possibilité, comme c’est toujours le cas, de penser les chiffres, des stratégies, des formules. Nous détenions la science qui serait à même de trouver la solution pour tous nos problèmes. À quoi bon avoir d’égards pour un aussi petit oiseau?

Ah! colombe-de-la-paix, nous avons réalisé déjà des choses vraiment merveilleuses: nous avons découvert la guérison de plusieurs maladies; nous avons développé des technologies pour améliorer la production d’aliments; nous avons développé des technologies pour faciliter l’exercice de nos tâches journalières; nous avons envoyé des fusées vers la lune et d’autres planètes. Mais, en contrepartie, nous avons laissé des millions de personnes mourir parce qu’elles ont manqué de médicaments, de nourriture, de travail. En somme, elles sont mortes sans aucun respect pour leur dignité. Y aurait-il quelque chose de plus indigne que le fait de mourir de faim? Et nous ne sommes pas restés là. Il y a eu des choses encore pires, car nous sommes arrivés à adopter des procédés aseptiques, c’est-à-dire, sans qu’il y ait du sang versé, ce qui ne peut justifier aucunement les atrocités commises par nous auparavant. Mais, nous, ô doux oiseau, nous avons fait la guerre. Quelle tristesse! Nous avons tué des millions de personnes et nous avons fait autant de mutilés. Nous avons tué des hommes et des femmes, nous avons tué des vieillards et la sagesse, nous avons tué des enfants et l’innocence et l’espérance.

Notre égoïsme, ô Colombe-Blanche, Messagère de la Paix, nous a entraîné à commettre toutes ces formes de violence qui maintenant sont disséminées partout; et malgré notre expertise en stratégies de guerre, nous ne réussissons pas à les affronter. Reviens! Ô douce colombe, fais-nous redécouvrir l’émotion d’être tous des frères pour que nous soyons capables de nous servir de notre raison pour construire l’AMOUR UNIVERSEL.

P.-S.: Nous n’avons que ce monde pour vivre. Nous t’en prions: reviens vite!

Une chaleureuse et fraternelle accolade,

NOUS

“Viú que o mesmo homem que desejava a paz, fazia, involuntariamente a violência. Chorou quando descobriu essa realidade.”

Elissandro Souza Aquino

Universidade Estacio de Sá

Está escrito em um papel: “Paz aos homens de Boa Vontade”.

Era um menino, um menino como outro, com um olhar grande e inquietante e mãos frágeis, pequenas, hábeis. Era, por natureza, inquieto por novidades. De tudo que o menino via e com que se entretinha, fazia uma linha, fosse ela numa reta, quadrado ou bola que girava num círculo movimentado, todo paramentado.

De uma curva, ele fazia uma boca aberta com dentes brancos e uma língua. Língua que falava, cantava, desde cirandas e adivinhas até canções de línguas desconhecidas.

O menino a tudo imitava e tudo delimitava: convivia com afincos e profunda devoção a um papel onde tudo depositava. Pegava as flores antes de murcharem nos jarros e as eternizava com suas cores alegres e perfume doce. Sua avó não mais envelhecia, nem ficava doente no seu papel. Sentada numa cadeira de balanço, com seu tradicional coque e bengala, para sempre no horário das 6 quando rezava, olhando para o céu, aos anjos de Maria. Criava seu mundo em papel, no infinito de que seus olhos se apropriava. Desenhava uma bola e morava nela, desenhava uma pipa e voava com ela. Certa vez o levaram para ver o mar. Em qualquer ponto que olhasse, lá via a água salgada e azul-esverdeada com espumas brancas que traziam conchas douradas. Tentando descobrir o que era aquilo, jogou sua bola nele e a água levou. Construiu uma bola maior que afundou. A pipa voou e nunca mais voltou.

No papel desenhou um pano branco para pintar uma expressão que representasse, em estado perpétuo, aquele desejo do homem adulto. Preparou as tintas com os seus próprios lápis. Acreditava tanto nesse invento – não para se vangloriar do ato, mas como uma missão de adulto em registrar o estado. Preparou o tecido que de um ponto se fez reta e de quatro retas, retângulo. A forma estava pronta. Pensou em desenhar o mar, mas o mar, molhava aquele risco infinito.

A tinta, misteriosamente, secou, seu coração gelou. Então, limitou-se a desenhar um coração quente, pulsando sangue, com veias e tudo. E ele, naquele instante, compreendeu o que motiva o coração do homem. Viu que o mesmo homem que desejava a paz, fazia, involuntariamente, a violência. Chorou quando descobriu essa realidade. E o mar voltou com maior pujança levando toda a pintura, toda a tinta, mas a idéia continuava pulsando.

O menino salgado olhava para o buraco profundo que deixava marcas. O papel ficava cinza, vermelho, preto. Ouviam-se daquele buraco tiros de canhão, bombas e

lanças... gritos de desespero, tortura e ruína. Corpos de todas as idades, todos os tamanhos. O menino começou a compreender o mundo, deixou de ver com aqueles olhos e suas mãos nunca mais desenharam com medo de outra descoberta.

Aquele papel dobrou em pedaços até formar um barquinho para atravessar o mar. O menino cresce, o barco não. De modo que, sem ser possível a travessia, o menino carente, busca na barca a figura de um chapéu, e o chapéu cresce com ele. “Marcha soldado cabeça de papel”, o papel ora era escudo para se defender, ora espada para atacar, medalha para se honrar. É o mesmo papel que condecorava, escrevia sua linha, quase aquela reta que ele, enquanto menino, via.

O menino cresceu. Deixou de ser menino faz tempo, aprendeu a escrever e delimitou suas palavras em atitudes como de qualquer outro homem, fez o Verbo.

Morreu de saudade daquele mar que destruíra todos os inventos. E se arrependeu, profundamente, por não ter partido com aquele barquinho que o levaria ao colo da avó. Naquele mesmo local, onde as flores não morrem, onde tudo é possível, e se vive a paz com a naturalidade que nos faz acordar, dormir. Viver. Porque pela primeira vez que vira o mar, sentira a paz de que tanto falavam os adultos, de que dando ouvia da avó.

*“He saw that the same man who longed for peace,
involuntarily brought about violence.
He cried when he understood this truth.”*

It's written on paper: “Peace for Men of Good Will”.

There once was a boy. A boy like any other, who had big, curious eyes and small, frail, yet competent hands. He was, by nature, moved by novelties. Anything that the boy touched or saw, he could turn into a line - be it straight, square or in the shape of a twirling and adorned hoop.

In the boy's hands, a simple curve could become an open mouth showing white teeth and a tongue. A tongue that could talk and sing from children's songs to riddles and songs of foreign tongue.

Everything could be copied or encompassed by the boy: he lived by a passion and a profound devotion to the piece of paper in which he deposited everything. He would take the flowers out of the vase before they withered and eternalize them with their joyful colors and sweet perfume. On paper, his grandmother no longer aged or became sick. Portrayed sitting in her rocking chair, she would forever remain at the hour of six o'clock; the hour in which she prayed as she looked up to the skies and at Mother Mary's angels. His world was constructed on paper, by the infinity of what his eyes could reach. He would draw a ring and live in it, or draw a kite and fly with it. Once, they took him to see the ocean. Wherever he looked, he saw the greenish-blue salty

water with its white foam bringing golden shells. In an attempt to find out what was it that he saw, he threw his ring into it and the water took the ring away. He made a larger ring that drowned. The kite flew away and never returned.

On paper, he drew a white background to paint an expression that would perpetually represent every grown man's sole desire. He prepared the paint with his own pencils. He really believed in this invention – not so much as an act of vainglory, but as an adult mission to record a mental state. He took a piece of cloth and turned its corner into a straight line, and then into four lines from which a rectangle was born. The mold was ready. He thought about drawing the ocean, but the ocean would wet the infinite scratch.

The paint mysteriously dried up and his heart froze. So he restricted his drawing to a heated, pulsating heart with veins and everything. He saw that the same man, who longed for peace, involuntarily brought about violence. He cried when he understood this truth. And the sea returned with greater force, taking with it all the sketches and all the paint, but the idea continued breathing.

The salty boy looked at the deep hole that left imprints. The paper turned grey, red, black. From the hole, one could hear cannon shots, bombs and spears... cries of despair. Corpses of all ages and of all sizes. The boy started to understand the world. He stopped seeing it through innocent eyes and lost his willingness to draw in fear of making another discovery.

The paper folded into pieces until it took the shape of a boat to cross the ocean. The boy grows older, the boat doesn't. At such a rate that the crossing is rendered impossible. Thus, the needy boy looks into the boat in search of the image of a hat, and the hat grows with him. "March little paper-head soldier"⁴ at times the paper served as a shield for defense, while at other times as a sword of attack and Medal of Honor. And the same paper that honored, wrote his line, almost the same line that he, as a boy, saw.

The boy grew up. He was no longer a boy for some time, and learned how to write and delineate his words as attitudes of those of any other man – he created the Verb.

He terribly missed the sea that destroyed all his inventions. And he deeply regretted not having parted in that little boat that would have taken him to his grandmother's lap. In that same place where the flowers don't die, where everything is possible, and where it is conceivable to live with the natural ease that makes us wake-up and sleep. To Live. Because ever since he had seen the ocean for the first time, he felt the peace that so many grown-ups had talked about and which he had heard from his grandmother.

⁴ *Traditional Brazilian nursery rhyme*

“Il s’est rendu compte que l’homme qui souhaite la paix est le même qui, involontairement, provoque la violence. Alors, il n’a pas eu assez de ses yeux pour pleurer”

Sur un bout de papier il est écrit: “Paix aux hommes de Bonne Volonté”.

Il était un garçonnet, un garçonnet comme tant d’autres, dont le regard était assez vif et inquiet, et les mains fragiles, petites et habiles. Il était, par nature, fiévreux à n’importe quelle nouveauté. Et dans ses jeux, il s’amusait à tracer, sans arrêt, des lignes droites, carrées ou alors en prenant la forme d’un ballon qui tournait dans un cercle mouvementé, tout décoré.

D’une courbe, il dessinait une bouche béante contenant des dents blanches et une langue. Celle-ci parlait et fredonnait non seulement des rondes et des devinettes, mais aussi des chansons en langues inconnues.

Le garçonnet imitait et délimitait tout: il dévouait une profonde et obstinée dévotion à un bout de papier dans lequel il déposait tout. Avant que les fleurs soient fanées dans les vases, il les prenait et les éternisaient en conservant leurs couleurs joyeuses et leur parfum doux. Sur ce bout de papier, sa grand-mère ne vieillissait plus, ni tombait malade; assise dans son fauteuil à bascule, avec sa traditionnelle coque et sa canne, toujours à six heures sonnantes, elle priait aux anges de Marie en regardant le ciel. Il créait son monde en papier, en s’appropriant de l’infini avec ses yeux. En dessinant un ballon, il rentrait dedans et y demeurait; et s’il s’agissait d’un cerf-volant, il volait en sa compagnie. Une fois, quelqu’un l’a ramené pour lui faire voir la mer. N’importe où il jetait son regard, il voyait de l’eau salée et bleue-verdâtre avec ses écumes blanches qui lui apportaient des coquilles dorées. En essayant de découvrir ce qui se trouvait devant lui, il a lancé son ballon et l’eau l’emporté. Alors, il a fabriqué un ballon encore plus grand qui a coulé à pic. Le cerf-volant a pris de l’essor et il n’est jamais retourné.

Sur le bout de papier, il a dessiné une toile blanche pour peindre une représentation qui deviendrait perpétuelle de ce désir de l’homme. Il a préparé les couleurs avec ses propres crayons. Il ne misait que sur cette invention – non pas pour s’enorgueillir de son tour de force, mais en tant que l’accomplissement d’une mission de l’adulte qui ferait l’enregistrement de l’état des lieux. Il a préparé le tissu qui à partir d’un point est devenu une ligne droite; en rassemblant quatre droites, il a obtenu un rectangle. La forme était parachevée. Il a encore pensé à dessiner la mer, mais celle-ci détrempeait ce trait infini.

L’encre, mystérieusement, a séché, et son cœur a gelé. Alors, il n’a dessiné qu’un cœur chaud, en fouettant le sang avec les veines et tout le reste. E lui, dans cet instant, il a compris ce qui motive le cœur de l’homme. Il s’est rendu compte que le homme qui souhaite la paix est le même qui, involontairement, provoque la violence. Alors, il n’a pas eu assez de ses yeux pour pleurer. Et la mer a déferlé avec une puissance encore

plus forte en entraînant toute la peinture, toute l'encre, mais l'idée continuait vivante dans la pulsation rythmée de son cœur.

Le garçonnet, éclaboussé de sel, regardait du côté du trou profond qui laissait des traces. Le bout de papier prenait un ton sitôt gris, sitôt rouge, sitôt noir. Dans ce trou, il était possible d'entendre des tirs de canon, des bombes... et des cris de désespoir, de la torture, en somme, la débâcle. Il y avait des corps de tous les âges, de toutes les tailles. Le garçonnet a commencé à mieux comprendre le monde, et s'est refusé à regarder les choses comme il le faisait auparavant; en plus, ses mains n'ont jamais dessiné sous la pression fiévreuse d'avoir à faire une autre découverte.

Il s'est mis à plier son bout de papier de façon à moduler un petit bateau pour traverser la mer. Le garçonnet a grandi, tandis que le bateau est resté tel quel. Étant donné l'impossibilité de faire la traversée, le garçonnet s'est mis à chercher dans la barque la figure d'un chapeau, et celui-ci a grandi avec lui. "Marcha soldado cabeça de papel"*: ce bout de papier se transformait sitôt en bouclier pour se défendre, sitôt en épée pour mener le combat, sitôt en médaille pour se faire honneur. Et le même bout de papier qui attribuait des décorations, écrivait sa ligne qui ressemblait beaucoup à cette droite qui avait été aperçue par lui, tout enfant.

En grandissant, il n'est plus un garçonnet, et il a appris à écrire et à délimiter ses mots à la manière d'un homme quelconque; en effet, il a fait le Verbe.

Il est mort en regrettant cette mer-là qui détruisait toutes ses inventions. Et il s'est reproché, profondément, de ne pas être parti sur ce petit bateau qui l'aurait amené jusque dans les bras de sa grand-mère; à ce même endroit où les fleurs ne meurent pas, où tout est possible, et les gens vivent la paix d'une façon aussi naturelle qui ressemble de beaucoup à notre réveiller ou à notre coucher. Vivre en plénitude. Parce qu'en regardant la mer pour la première fois, il avait ressenti la paix dont les hommes ont tellement besoin et dont sa grand-mère, elle-même, lui avait parlé tant de fois.

* *Chanson de ronde infantile à caractère patriotique; littéralement, "En avant petit soldat du couvre-chef en papier".*

*“Que cada homem compreenda que a luta
contra a violência se inicia de si próprio...”*

Fabio Doná Barboza

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

**O Desenvolvimento da Consciência em Favor da Paz
A Consciência Coletiva Diante de um Mal Social: a Violência.**

As metrópoles mundiais, brasileiras, atualmente, ratificando-se o estado caótico que atinge a sociedade moderna, têm tido grandes dificuldades para conter o devastador avanço da violência, da guerrilha urbana, do narcotráfico. E um grande número de cidadãos, tal como reféns desse contexto social, acabam por perder a liberdade, o direito à vida: tudo isto diante de um fogo cruzado de fuzis, metralhadoras e até artefatos explosivos.

Governos, diante do exposto, esboçam tentativas de combate ao problema; assim como entidades não-governamentais, intelectuais e cidadãos comuns, porém, sem sucesso. E, nesse ínterim, acabam por se confundirem as forças do Estado e do “Crime Organizado”; uma mídia, principalmente televisiva, passa a investir pesadamente no sensacionalismo da criminalidade, do caos, e, enquanto isso, as inconsoláveis lágrimas do pai, da mãe, em um brilhar de um misto de fúria, dor e impotência diante da perda de um filho para a violência... E gritos de paz se confundem entre rajadas de metralhadora... Enfim, vê-se uma situação descontrolada na qual quase já não se consegue encontrar alguém para culpar.

Culpar. Culpa. De quem é a culpa?! E pessoas que admitam a si tal posicionamento, certamente, não serão encontradas com facilidade... Entretanto, certo é que este, este que aqui vos escreve tem sua parcela de culpa. Por quê?! Simples. Porque esse indivíduo é social, compõe uma sociedade assim como você, caro(a) leitor(a), e, assim, é um fragmento consciencial da mesma, uma microconsciência que, unida a outras inúmeras, compõe famílias, bairros, cidades, países, sociedades... Humanidade, ou seja, a macroconsciência, tal como o resultado de uma conta social: o somatório de todas as microconsciências existentes na face da Terra. Então, sob a análise anteriormente vista, ter-se-á uma graduação específica de responsabilidade concernente a cada indivíduo integrante de uma sociedade e seu respectivo grau evolutivo. E, verificando-se o homem como um ser em que, naturalmente, predominam ora valores positivos, ora negativos—esses últimos, infelizmente, agora predominantes—, conclui-se, por essa análise e em conjunto à atual e amarga realidade social que se desfralda aos nossos olhos, que o resultado da tal referida conta social anda por demais desfavorável a nós.

Porém, retomando um tanto o raciocínio, também não faltariam pessoas a dizer: Nada tenho a ver com isso! Não tenho culpa alguma! É esse presidente que aí está, esse governo...!

E essas asserções, agora, a partir de uma visão consciencial coletiva, não passariam de meras tolices e presunções que, só viriam confirmar o estado calamitoso e deplorável presente em nossas sociedades ditas civilizadas em pleno terceiro milênio. Milênio esse já a se deparar com guerras de grandes proporções, guerrilhas e ódio em nome de santidades — essas, só se forem mesmo das trevas —; sem falar na miséria, na fome...

O quadro social que se vê não é animador, isto é um fato. Mas é preciso que notemos, em contrapartida, que um sol ainda brilha no horizonte de nossos dias e que ainda há tempo — embora, hoje, e a cada dia que passa, mais escasso — para reconstruirmos nossas sociedades e compensarmos, de alguma forma, o tempo perdido. E que lutemos, sim, mas para um futuro onde não exista mais função para um armamento, para carceragens, para iniquidades, para o ódio, mas, sim, para a PAZ de fato. Que cada homem compreenda que a luta contra a violência se inicia de si próprio, no âmago de sua consciência e sua estreita relação com o seu próximo.

“Every man should realize that the fight against violence begins from oneself...”

The Development of a Consciousness in Favor of Peace

The Collective Consciousness affront a Social Illness: Violence

Global and Brazilian metropolis are presently realizing the chaotic state that affects modern society, and have had great difficulties in stopping the devastating spread of violence, urban guerrilla, and narcotraffic. Furthermore, a great number of citizens, just as hostages, lose their liberty and their right to live due to the constant cross-fire of rifles, machine guns, and even explosive artifacts.

Faced with such issues, governments, as well as non-governmental organizations, intellectuals and common citizens are continuously drafting attempts at fighting the problem, but without much success. In the meantime, State power is confused with that of “Organized Crime”; and the media, especially television sets out to invest heavily in crime and chaos sensationalism. While on the other side, parents drop inconsolable tears and are overtaken by a sense of fury, pain and impotence as they face their son’s unreasonably violent death... And cries for peace get mUniversidade Federal Fluminense - UFFled by the blasts of machine guns. At last, we see an ungovernable situation where there is no one left to blame.

Blame. Guilt. Who is to blame? People who take this type of accountability upon themselves are certainly not easy to find... All the while, it is indisputable that the person who writes these very words has his portion of blame. Why?! It’s simple. Because this individual is a social unit, part of a larger society just as you, the reader are, and so we are a fragment of consciousness – a micro-consciousness - which together with

numerous others comprise families, neighborhoods, cities, countries, societies... Humanity, is the macro-consciousness, as a result of a social equation: the sum of all micro-consciousness existent in the face of the Earth. For that reason, the bearing of specific levels of responsibility pertinent to every individual who is part of a society and its respective evolutionary degree, is made necessary. However, upon recognizing the fact that humans are beings who waver between positive and negative values – the latter unfortunately being the most predominant ones lately – in addition to the bitter social reality that unveils itself before our very eyes, we might conclude that the end result of the mentioned social equation is not at all favorable.

Nevertheless, using the same thought-process, there would be plenty of those who would say: I have had nothing to do with this! I am not to blame! We should blame the current president, this government...! These assertions taken from a current collectively conscious point of view would be no more than foolish and presumptuous statements that support the catastrophic state that our so-called civilized societies of the third millenium find themselves in. A millenium that has already witnessed wars of great scale, as well as guerrillas and hatred under the name of saints – saints that could only be holy figures of darkness -; not to mention misery, hunger...

The fact is that our current social picture is not one of the brightest. But it is crucial that we recognize that even so, the sun still shines in our daily horizons and that there is still time – albeit ever more scarce – to rebuild our societies and in some way, make up for lost time. Furthermore, we should use the term “fight” only to fight for a future that lacks room for the opportunity of armament, imprisonment, hate, but spares room for actual PEACE. Every man should realize that the fight against violence begins from oneself, in the pith of his conscious and in his direct relationship with his fellow beings.

*“Que chaque homme puisse comprendre que la lutte
contre la violence commence par soi-même...”*

**Le Développement de la Conscience en Faveur de la Paix
La Conscience Collective face à un Malheur Social: la Violence**

Vu l'état chaotique de notre société moderne, les métropoles du monde et du Brésil éprouvent des difficultés grandissantes pour contenir l'augmentation dévastatrice de la violence, de la guérilla urbaine, du trafic de stupéfiants. Et un grand nombre de citoyens, tels que des otages de ce contexte social, finissent pas perdre leur liberté, leur droit à la vie, sous les feux croisés de fusils, de mitrailleuses, voire d'artefacts explosifs.

Face à cette situation, les gouvernements esquissent des tentatives visant la résolution du problème; une démarche pareille est suivie par des entités non-gouvernementales,

par des intellectuels et par des citoyens communs, sans aucun succès. Et, dans ce moment même, les forces de l'ordre publique finissent par se confondre avec celles du "Crime Organisé"; les médias, surtout la télévision, investissent lourdement dans le sensationnalisme de la criminalité, du chaos e, pendant ce temps, les larmes inconsolables d'un père, d'une mère, reflètent un mélange de rage, de souffrance et d'impuissance devant la perte d'un fils massacré par la violence... Et des cris de paix se confondent avec les rafales de mitrailleuse... Enfin, la situation actuelle va à la dérive; alors, il devient presque impossible d'inculper qui que ce soit.

Inculper. Faute. À qui la faute?! Et les individus présumés coupables ne se feront pas prendre facilement... Cependant, c'est sûr que l'auteur de ce texte reconnaît lui-même sa quote-part de culpabilité. Pour quelle raison?! Ce n'est pas compliqué. Parce que cet individu est un être social, il fait partie d'une société, comme toi, cher/chère lecteur/lectrice. Il est ainsi un fragment de la conscience de cette société, une microconscience, et c'est bien le rassemblement de beaucoup d'autres microconsciences qui devient la base pour former les familles, les quartiers, les Villes, les pays, en somme, les sociétés... Humanité, c'est-à-dire, la macroconscience: la somme de toutes les microconsciences existantes sur la face de la Terre. Alors, à partir de cette analyse, nous aurons une gradation spécifique pour l'attribution de la responsabilité relative à chaque individu en considérant aussi son degré d'évolution. Et, vu que dans son action l'être humain est baloté entre les valeurs positives et négatives – hélas, il nous faut reconnaître qu'aujourd'hui celles-ci sont prédominantes –, nous concluons que face à l'amère réalité qui s'étale devant nos yeux, le résultat du rassemblement de toutes ces individualités est extrêmement défavorable pour nous.

Toutefois, en reprenant ce raisonnement, il y aurait aussi des gens pour dire: Je n'ai rien à voir avec ça! Ce n'est pas de ma faute! C'est plutôt celle de ce président-là, de ce gouvernement...! Et, maintenant, à partir d'une vision de conscience collective, ces assertions ne seraient que de simples bêtises et des présomptions qui ne feraient que confirmer l'état calamiteux et déplorable de nos sociétés, dites civilisées, en plein troisième millénaire; d'ailleurs, ravagé par des conflits, des guérillas, de la haine au nom de soit-disant guerres saintes – bien sûr, il ne pourrait s'agir que d'origine satanique –, sans oublier de parler de la misère, de la famine...

Notre situation sociale n'a rien de réjouissant; voilà ce qui est un fait. Mais, en contrepartie, il nous faut observer qu'un soleil brille toujours à l'horizon et qu'il y a encore du temps — aujourd'hui, de plus en plus rare — pour reconstruire nos sociétés et pour compenser d'une certaine façon le temps perdu. Et que nous soyons prêts à lutter pour un avenir où l'on évite tout ce qui puisse entraîner la course aux armements, l'existence des maisons d'arrêt, la pratique de toute espèce d'iniquités, en somme, la haine, et où il n'existe que la PAIX. Que chaque homme puisse comprendre que la lutte contre la violence commence par lui-même, au tréfonds de sa conscience, en rendant ainsi plus vivable son relation à autrui.

“Paz é guerra. Não a sangrenta e irracional de quem almeja poder e dinheiro, mas de quem busca um mínimo que seja de justiça.”

Felipe Sáles Gomes

Faculdade de Filosofia de Campos

Paz é guerra. Não a sangrenta e irracional de quem almeja poder e dinheiro, mas a de quem busca um mínimo que seja de justiça. No entanto, a prostituída palavra é, muitas vezes, usada como mero argumento para esconder covardias e mascarar interesses. Uma cidade sabe que está perdida quando uma aparente paz é retratada todos os dias nos jornais, na tentativa de consolidação, consciente ou não, de um discurso podador. Sabe-se também que está tudo perdido quando a perdição, seja dos simples ou poderosos, é apenas baseada na automasturbação. Num ambiente assim, pode aparecer utopia, mas, utopia é a solução.

Doses de deslumbramentos, diretamente nas veias, tornam-se necessárias quando só o Sr. Mercado é alicerce para a felicidade, para um falso estado de apaziguação interior. Despertar inveja nunca foi tão necessário – e tão deturpante. São os novos pensamentos pós-modernos como cartilha para as vidas mais simples – e para aqueles que as conduzem. Contaminamo-nos com a crença de que uma cidade está perdida, longe da paz quando, por exemplo, as manchetes dos jornais são acompanhadas por semblantes estarecidos, apenas entre um desfile e outro pelos palcos do dia-a-dia de nossas democracias relativas.

Assim, uma cidade sabe que está perdida quando brigas ideológicas na imprensa sagram um “vencedor”, mas os (e)leitores continuam devidamente posicionados na platéia; quando tem-se acesso a provas de corrupção, mas mantêm-se abafadas em prol dos empregos de funcionários públicos indiretos, e de uma pacificante complacência criminosa com “coisas que sempre acontecem”: quando há gente ocupada regozijando-se pela própria vida que, se não é a ideal, ao menos não é pauta das desgraças do dia- que duramos poucos segundos em que se lê o *lead* e vira a página atrás das novidades do mundo *fashion*.

Essa realidade pré-fabricada, de que todos sabem que estão perdidos e não há outro caminho – tornando-se esta a via real -, é apenas um efeito colateral dessa desesperança coletiva, que denigre “utopias” como “fantasias”, “projetos” como “badernas” que defloram a paz nossa que, na verdade, está nos céus. Contudo, são construções do real tal qual na época em que o então utópico jornalista, José do Patrocínio, questionou a constitucionalíssima posse dos negros escravos, até hoje, definirem com o título de “abolicionista”.

Certamente não é tarefa das mais fáceis resgatar altruísmos gratuitos numa sociedade individualista e comunista, em que guerra é entretenimento. Paz é paradoxo em nossos hábitos ocidentais. No contexto do dia-a-dia, é quase hipocrisia não pensar a paz como utopia; mas, utopia sempre foi a aurora de idéias hoje tão inquestionavelmente consolida-

das. Utopias expandem nossas visões de realidade, e, logo, nossas possibilidades de seguir caminhos diferentes. Espíritos utópicos ativados combatem o amesquinamento de nossas aspirações, tornando a abstração da paz possível de concretização, ainda que num mundo umbiguista e com o cordão umbilical tão incrustado ao mercado.

A paz que eu não quero é a calma anestesiante dos dias de monotonia, que torna as vidas insossas e os direitos humanos relativos, em complacência com “direitos adquiridos” e ideais de adestramento. Paz é renunciar a esse discurso único e a “realidades” aceitas placidamente, acatando vidas de reticências sem teimar, ao menos, um ponto e vírgula, de vez em quando; quem sabe como fôlego para imprimir um ponto final em certos inscritos.

“Peace is war. Not the bloody and irrational type of those who yearn for power and money, rather, a war of those who search for any hint of justice.”

Peace is war. Not the bloody and irrational type of those who yearn for power and money, rather, a war of those who search for any hint of justice. Still, the corrupted word is more often than not, employed as a mere argument to conceal weakness and mask real interests. A city may consider itself defeated when a false peaceful atmosphere is portrayed on the daily newspapers in a conscious or non-conscious attempt at consolidating a condescending sermon. All is also lost when we start measuring the loss of the commoner and the powerful based only on self-indulgence. In an environment such as this one, peace might seem like utopia, but utopia is the solution.

Dosages of bedazzlement, directly applied to the veins, become a necessity when Mr. Market is the basis for happiness and for the simulation of a pacified inner state. The need to instigate envy has never been more felt – and so disturbing. These are the new post-modern ideals, which serve as a primer for the simplest life and for those who conduct them. When, for example, horrific images follow newspaper headlines, we believe that our cities are lost and distant from any peaceful status. Headlines that happen in the midst of our daily staged parades that march right through the heart of our relative democracies.

Thus, the city is known to be lost when ideological battles take place in the press and the newspapers elect a “winner”. Yet, the readers (who are also voters) remain as audiences; when there is access to evidences of political corruption, but they are overshadowed on behalf of indirect government jobs and due to the existent passive compliance for “things that always happen.” Meanwhile, there are people who rejoice over their lives, even if they aren’t ideal, just because they aren’t part of the tragic headlines – which we take so little time to read. We are more prompt to turn the page and check out the fashion world news.

This pre-fabricated reality in which everything and everyone is lost, together with

the belief that there is no way out, turns into an all-encompassing truth. Yet, it is only the collateral effect of a massive hopelessness that dismisses “utopias” as “fantasies”, “unrealistic projects”, and as “frolics” that molest peace – which can only really be found in heaven. Nevertheless, it is upon this reality that the utopist reporter José do Patrocínio, in his time, questioned the constitution against the ownership of black slaves and became known till this very day as an “abolitionist”.

To recover gratuitous altruistic acts in an individualistic and communist society – where war is entertainment – is certainly not the easiest of tasks. Peace is paradoxical to our western habits. In a daily context, it is almost hypocritical not to think of peace as something utopian. However, “utopian” is the founding adjective of most of our present-day ideas, which have now been unquestionably consolidated. Utopias expand our views on reality, and further our possibilities in choosing different directions. Active utopian spirits fight against the trifling of our aspirations. They provide us with the ability to turn abstract peace into something tangible, even in a world as self-centered as ours, where the center is the Market.

The type of peace I don't want is the kind where tranquility is an anesthesia for monotonous days, and which turns our lives dull and human rights relative in the name of compliance, “acquired rights”, and principles of conditioning. To achieve peace means to renounce an absolute truth, along with placidly conformed to “realities”. Peace means to respect and accept life's doubts and use them as pauses for reflection that could potentially put an end to certain assertions.

“La paix c’est la guerre. Non pas la guerre sanglante et irrationnelle de celui dont la seule envie consiste à s’approprier toujours plus de pouvoir et de pognon, mais la guerre déclenchée par celui qui est à quête d’un minimum de justice.”

La paix c’est la guerre. Non pas la guerre sanglante et irrationnelle de celui dont la seule envie consiste à s’approprier toujours plus de pouvoir et de pognon, mais la guerre déclenchée par celui qui est à quête d’un minimum de justice. Cependant, ce mot déjà dénaturé est le plus souvent employé comme un simple argument pour cacher des lâchetés et pour dissimuler des intérêts inavoués. Une ville est en train de perdre tous ses moyens de défense quand un semblant de paix est exhibé chaque jour à la une des quotidiens, en essayant de consolider, consciemment ou non, un discours réducteur. Il est possible de savoir également que tout est perdu quand les gens, dès les simples mortels jusqu’aux tout-puissants, se prennent pour le nombril du monde. Dans un climat pareil, ce point

de vue peut paraître utopique, mais la solution possible ne se trouve que dans l'utopie.

L'application des doses d'éblouissement, injectées directement dans les veines, se rend nécessaire quand M. le Marché devient le seul fondement pour atteindre le bonheur, et pour acquérir un état de fausse détente intérieure. L'aiguillon de la convoitise n'a jamais été aussi nécessaire – et aussi dénaturé. Les nouvelles pensées post-modernes sont vues comme un manuel pour ceux qui mènent une vie plus simple – ainsi que pour leurs guides. Facilement, nous nous laissons faire par la croyance qu'une ville est perdue, loin de la paix, quand, par exemple, les manchettes des quotidiens exhibent le semblant des gens épouvantés devant le défilé d'atrocités qui se succèdent sur les plateaux de nos démocraties inachevées.

Ainsi, une ville se rend compte de sa perte quand l'on assiste à la consécration du même "vainqueur" à la suite des disputes idéologiques, véhiculées par la presse, mais tout de même les (é)lecteurs gardent toujours le dernier mot; quand les preuves matérielles de corruption sont escamotées du public pour ne pas compromettre l'emploi de certains fonctionnaires sous-traités et au nom d'une soi-disant complaisance criminelle avec "des choses qui arrivent tout le temps"; quand il y a des rédacteurs heureux même si leur vie est encore loin de l'idéal, mais ne se réduit pas non plus à la liste des faits divers – alors l'on jete juste un coup d'oeil au *lead* et vite l'on tourne la page à la recherche des nouvelles du monde *fashion*.

Cette réalité préfabriquée dans laquelle tout le monde est submergé – sans qu'il y aie d'issue possible – n'est qu'un effet collatéral de ce désespoir collectif par lequel les "utopies" sont réduites à des "phantasmes" et les "projets" à du "fouillis", soi-disant responsable de notre manque de paix; en vérité, celle-ci est aux cieux. Toutefois, il s'agit d'une certaine élaboration du réel par laquelle le journaliste utopique, José do Patrocínio (1854-1905) – connu par le surnom d'"abolitionniste" – a mis en question le bien-fondé de la propriété des noirs esclaves qui, pourtant, se trouvait dûment consacrée par la Constitution elle-même.

Certainement, la tâche de réhabiliter des altruismes gratuits au sein d'une société individualiste et communiste, où la guerre est devenue un divertissement, n'est pas du tout facile. La paix n'est que paradoxe devant nos habitudes occidentales. Dans le contexte quotidien, l'on frôle l'hypocrisie, en évitant de penser la paix comme utopie; cependant, celle-ci a toujours été la source d'idées qui aujourd'hui ne sont plus l'objet de contestation. Les utopies élargissent nos visions de la réalité, et partant, nos possibilités d'entreprendre des voies différentes. Les esprits utopiques les plus dynamiques mènent le combat contre la dépréciation de nos aspirations; malgré notre monde nombriliste et aussi incrusté par son cordon ombilical au marché, ils croient qu'un jour la paix ne sera plus une abstraction.

La paix dont je n'ai pas envie est celle du calme anesthésiant des journées monotones qui rend les vies insipides et relativise les droits de l'homme par le biais des "droits acquis" et de l'idéal qui prêche le dressage des non-conformistes. La paix c'est, donc, renoncer à ce discours de la pensée unique et à des "réalités" acceptées placidement, comme si le respect de "points de suspension" empêchait de risquer, ne serait-ce que de temps à autre, un "point-virgule" en tant que souffle qui pousserait à imprimer, dans certains écrits, un "point final".

*“a partir daquele dia somente a Paz
reinou na cidade. E todos começaram a construir
caminhos de felicidade...”*

Fernanda Fatima dos Santos

Universidade do Grande Rio – Unigranrio

Era uma vez, um rei e uma rainha... O rei era forte, alto, bravo e só pensava em enriquecer, dominar. Mesmo que para isso tivesse que passar por cima dos outros. Mesmo que tivesse que esconder seus erros com o sangue alheio. Era um sujeito mandão. A rainha era linda, sorridente, sonhadora. Mas tinha algo curioso, carregava consigo uma bolsinha cheia de sementes.

Todo dia pela manhã, o rei passeava pelo seu território conferindo os seus bens e colocando o povo para trabalhar. Só queria saber de riquezas. Certa vez mandou arrancar muitas árvores da floresta porque elas escondiam a frente da janela de um dos corredores do palácio. Matava animais treinando tiro ao alvo, vendia as riquezas da natureza de se reino para outros povos. Era um rei muito cruel. Mandava matar pobres, presos e abafava todas as brutalidades que seus soldados faziam pelo reinado.

A rainha, quanto mais o rei aprontava, mais sementes lançava ao solo. Corria as cidadezinhas ajudando as pessoas, ia até a floresta tentar reparar os danos que o rei causava. Por onde passava, deixava suas marcas. Acreditava que um dia tudo poderia mudar. Soube, um dia, que soldados do rei haviam exterminado meninos que dormiam numa praça em frente a igreja. Como chorou a rainha. Mas, de madrugada ainda, correu a plantar suas sementes.

Certa vez, durante o jantar, o rei mandou que queimassem um índio que dormia às portas do palácio. A rainha sofreu demais. Correu para o quarto e pôs-se a chorar. Não sabia o que fazer. Não adiantou muito, o índio morreu queimado. O rei continuava a fazer suas atrocidades. O povo sofria, a rainha, também. Neste reinado somente os ricos eram bem vindos. O povo não tinha vez, o imigrante era freguês ou então... Morto no xadrez.

Um dia, já cansada de sofrer, a rainha debruçou-se na janela e começou a observar o horizonte. Em seus soluços, descobriu na bolsa mais uma semente e sussurrou em seu ouvido: “Tu és uma semente, virgem, porém fecunda de esperança, no momento de dar à luz”. E então lançou a semente janela abaixo. No dia seguinte o rei levou um grande susto, pois, ao olhar pela janela, avistou um árvore enorme com folhas brancas, frutos brancos, flores brancas. Na mesma hora, aos berros, quis saber quem havia colocado aquela árvore ali. A árvore calmamente disse ao rei: - Vossa Majestade, ó rei Poder, quem me plantou aqui foi nossa rainha Paz. Fui lançada por seu coração e regada por suas lágrimas.

Ao ouvir a árvore falar, o rei ficou roxo de loucura e desceu as escadas, voando para tomar uma providência. Ao chegar ao pátio do palácio, que espanto: existiam várias

árvores como aquela por todo o reino. E então começaram a sussurrar as árvores e todo povo: -queremos Paz, queremos Paz. A rainha Paz veio carregada pelo povo. O rei Poder ficou desesperado com a situação; o povo se uniu e juntos colocaram o poder para correr. O Poder gritava: -não, isto aqui é meu, tudo é meu; vocês são meus servos, eu mando aqui! Mas o povo era forte, e todos estavam decididos em dar um basta no Poder. Então, a partir daquele dia, somente a Paz reinou na cidade. E todos começaram a construir caminhos de felicidade.

“from that day on, only Peace ruled over the city. And ever since, everyone started to pave paths of happiness...”

Once upon a time there was a king and a queen... The king was strong, tall, and angry and his only ambition was to get richer and dominant. Even if it took running over everyone and everything. Even if he had to hide his mistakes with someone else's blood. He was a bully. The queen was beautiful, all smiles, and a dreamer. But she was somewhat mysterious, and carried with her a bag full of seeds.

Every morning, the king would stroll through his territory checking on his assets and making sure his people were at work. He only cared about riches. One time he ordered many forest trees cut down because they obstructed the front of one of the palace's hall windows. He killed animals by practicing target shooting, and sold all his natural riches to other folks. He was a very cruel king. He gave out commands to kill the poor, and the convicted and concealed all the atrocities committed throughout the kingdom by his soldiers.

The more the king fooled around, the more seeds the queen cast upon the soil. She would run into towns helping people, and would rush into forests to restore the ravage caused by the king. Wherever she'd go, she'd leave a trail of goodness behind. She believed that one day everything could change. One day she heard that the king's soldiers had killed boys that slept on the city square located in front of a church. How the queen wept! Nevertheless, still at dawn she ran to plant her seeds.

One time, after dinner, the king ordered to kill a native that slept at the door steps of the palace. The queen hurt immensely. She ran to her room and wept profusely. She didn't know what to do. It was to no avail; the native still burned to death. The king continued to commit his atrocities. The people sUniversidade Federal Fluminense - UFFered, so did the queen. In this kingdom, only the rich were welcome. The people had no turn, the immigrant was a fern, or else.... Left to burn.

One day, tired of all her pain, the queen leaned over her window and began to observe the horizon. Between sobs, the queen found a seed in her purse and whispered

in its ear: "You are a virgin seed, but you will fertilize hope at your birth." And so she threw the seed out the window. The next day, the king was taken by surprise when he looked out his window and saw a huge tree with white leaves, white fruits, and white flowers. On the very same minute, he demanded upon shrieks, to know who had planted the tree. And the tree calmly answered the king: "Your Majesty Power, the queen, Peace, was the one who planted me here. I was cast by her heart and watered by her tears."

On hearing the tree speak, the king turned blue with madness and rushed down the stairs to cease control of the situation. Upon arriving at the palace's courtyard, what a surprise: there were many other trees just like the first all over the kingdom. Next, the trees and all the people started hissing: "we want Peace, we want Peace." Queen Peace emerged carried by the people. King Power became desperate with the situation; the people united and together were able to make power run. Power yelled: "no! This is mine, everything is mine; you are all my servants, I rule around here!" But the people were strong, and everyone had decided to put an end to Power. From that day on, only Peace ruled over the city. And ever since, everyone started to pave paths of happiness.

*"À partir de ce jour-là, la Paix
seule règne sur la ville. Et tous se sont mis à
construire des chemins vers le bonheur..."*

Il était une fois, un roi et une reine... Le roi était fort, grand, brave et ne pensait qu'à devenir de plus en plus riche et puissant. Même s'il n'y arrivait qu'en écrasant les autres. Même s'il était obligé de dissimuler ses fautes en versant le sang d'autrui. Il était un homme autoritaire. De son côté, la reine était une jolie femme, toujours souriante, rêveuse. Mais chose curieuse: elle portait toujours sur elle une petite bourse pleine de graines.

Chaque matinée, le roi se promenait dans son territoire en surveillant ses biens et en faisant son peuple travailler davantage. Son seul intérêt était de ramasser toujours plus de richesses. Une fois, il a fait faire arracher beaucoup d'arbres de la forêt parce qu'elles cachaient la vue d'une fenêtre du palais. Il s'amusait à tuer des animaux pour s'entraîner au tir à la cible, il dilapidait les ressources naturelles du royaume pour les vendre à d'autres peuples. Il était un roi très cruel. Il donnait des ordres pour tuer les pauvres et les prisonniers; en plus, il faisait tout pour que les brutalités pratiquées par ses soldats ne soient pas dénoncées.

Plus le roi faisait des siennes, plus la reine jetait à terre des graines. Elle parcourait les petites villes en donnant un coup de main aux gens, elle s'occupait aussi de la forêt

pour réparer les dommages causés par le roi. Par où elle passait, son bon souvenir laissait des traces. Elle croyait qu'un jour tout pourrait changer. Une fois, elle a appris que des soldats du roi avaient massacré des enfants qui s'étaient endormis sur une place, devant une église. Alors, elle n'a pas eu assez de ses yeux pour pleurer. Cependant, le petit jour, elle se pressait toujours pour aller semer ses graines.

Une fois, pendant le dîner, le roi a fait faire brûler un indigène qui dormait devant le portail du palais. Devant cette cruauté, la reine s'est fermée dans sa chambre et a fondue en larmes. Elle ne savait pas quoi faire. De toute façon, l'indigène est mort de ses brûlures. Le roi continuait à commettre ses atrocités. Le peuple avait beaucoup de mal, et la reine aussi. Dans ce royaume, il n'y avait que les riches qui étaient les bienvenus au palais. À son tour... le peuple manquait toujours de pot, l'immigré était maraud ou alors... Mort en cachot.

Un jour, lasse de souffrir, la reine s'est penchée à la fenêtre et s'est mise à regarder l'horizon. En sanglotant, elle a découvert, dans sa bourse, encore une autre graine et lui a chuchoté à l'oreille: "Tu es une graine, vierge, mais féconde d'espoir au moment où tu accoucheras". Et alors, elle l'a lancée à terre. Le lendemain, le roi a été envahi par un grand frisson d'effroi: en regardant par la fenêtre, il s'est aperçu d'un arbre énorme dont les feuilles, les fruits et les fleurs étaient tout blancs. D'emblée, il a voulu savoir qui avait placé l'arbre dans cet endroit. Doucement, l'arbre lui a dit: - Majesté, ô roi Pouvoir, j'ai été plantée ici par notre reine Paix; j'ai été lancée à terre par son coeur et arrosée par ses larmes.

En écoutant l'arbre qui parlait, le roi est devenu fou furieux et est descendu les escaliers en prétendant mettre un terme à cet épisode, le plus vite possible. Une fois arrivé dans le jardin, il a dû encaisser encore une autre surprise: l'arbre qu'il avait aperçu de sa fenêtre s'était multipliée par des milliers, partout dans le royaume. Et alors, les arbres et tout le peuple se sont mis à susurrer: Nous souhaitons la Paix, nous souhaitons la Paix. En liesse, la reine Paix était portée par la foule. Face à cette situation, le roi Pouvoir a sombré dans le désespoir; rassemblé, le peuple l'a chassé. Mais, lui, n'arrêtait pas de hurler: - Non, ce palais m'appartient, tout est à moi; vous n'êtes que mes serviteurs, ici c'est moi qui donne des ordres, canaille! Renforcé par l'union de tous, le peuple a pris la décision de renvoyer le Pouvoir. Alors, à partir de ce jour-là, la Paix seule règne sur la ville. Et tous se sont mis à construire des chemins vers le bonheur.

“As vidas e sofrimentos são reais. O comodismo, o descaso e a soberba também são”.

Fernando Cassibi de Souza

Universidade Estácio de Sá

Ninguém entende a dor enquanto alheia. Não há, via de regra, quem anseie ou lute por um ideal se não sentir, por alguns segundos ou por uma vida inteira, as dores que, comumente, lhes vêm por meio da narrativa. Os defensores por uma causa justa, e que implique o fim da angústia entre os homens são gente como nós mesmos, que escutam, sensibilizam-se para, daí, verbalizarem. É irônico, mas somente assim muitos conseguem tocar a quem se deseja. Estórias são passadas, ouvidas ou lidas, muitas vezes com músicas sonoras e emotivas, que marcam as palavras e se põem como cicatrizes que revolucionam nossa razão.

Parem de negar água às pobres crianças e mulheres idosas e desamparadas, que só fazem chorar por entre as paredes de pau-a-pique, na espera de seus homens, que se vão numa noite de inverno para, na manhã de primavera, estarem lavorando. A dor que os consome é tanta que corresponde à dos mendigos que, em uma madrugada na cidade grande, em meio a luxos, restaurantes e “shoppings”, olham exasperados a lata de lixo. Caçam uma garrafa qualquer. Ela servirá como álibi inicialmente, para se aproximarem do latão de lixo, e ao contrário de lá depositarem algo, estarão vasculhando sua comida.

Xandi já tem sete anos, mas sabe como se esquivar dos tiros. Fica bonitinho, agachado e com as mãos nas orelhas, lutando para segurar os joelhos, cansados. Ao final do conflito do lado externo, percebe-se vivo e dá um leve suspiro e sorriso, os quais se contrapõem à lágrima que teima em se segurar no glóbulo esquerdo do rosto, um tanto pela emoção, um tanto pela irmã mais nova, atingida, e cuja vida se esvai, aos poucos, de gota em gota, de gota em gota...

Amanda segura a mão de Elcio. Enfermeira, já deveria ter ido embora há mais de uma hora. Mas aquele senhor estava com feições desesperadas. Foi como entrar em um transe. Deitado numa maca de hospital, que em vez de estar a caminho de uma sala de operação, encontra-se parada em meio a outras. Ela olha para os lados e suplica aos céus por um milagre. Em vão. Em vão? Em vão. E sua crença em Deus dissipa-se como o vento matutino. Em uma outra parte, Liana e Felipe são namorados. Fogem para uma aventura na mata e deparam-se com o terror. São acuados e encurralados. Felipe deixa o mundo com um tiro na nuca, e Liana, violada tantas e repetidas vezes, não sabe se deseja estar viva ou morta. O transgressor a mata a facadas. Quinze, no total. O pai, enquanto isso, exhibe a foto de sua bela filha em rede nacional e espalha panfletos por helicópteros. Com seu fio de esperança que, logo, se descobrirá vazio. Ou talvez revigorado por um novo sentimento de luta.

As vidas e sofrimentos são reais. O comodismo, o descaso e a soberba também são. E quem se lembrará, quem não sentirá na pele, se não for consigo? É a santa ignorância, que ataca os homens bons e os fazem fleumáticos perante a realidade que nenhum “reality show” pode superar. Em verdade, a paz se encontra realmente nos homens de boa vontade.

“ These life-stories and their serings are real. The indulgence, negligence, and arrogance are also real”.

No one understands pain as long as it is foreign. As a general rule, there is no one who will aspire or fight for an ideal if that person doesn't feel, be it for a few seconds or an entire lifetime, the pains that are usually experienced through narrative. The patrons of just causes and those who fight for the end of human anguish are people like us, but who listen and are sensible enough to be reactive. Stories are shown, heard or read, and are often accompanied by a soundtrack or an emotive tune, in order to brand words as deep scars capable of revolutionizing our reasoning. It's ironic, but more often than not, it is the only way that many people are able to touch others with their stories.

Stop denying water to poor children and old, abandoned women who weep all day inside their mud walls waiting for their husbands who leave them on a winter night, only to return on a spring morning for labor. The pain that consumes them is as great as that of the homeless who, under the city's dawn lights and in the midst of luxuries, restaurants and shopping centers, look exasperatedly at a trash can. They hunt for any kind of bottle. A bottle initially to serve as an alibi to get closer to the dumpster, but instead of depositing something there, they will be searching for their next meal.

Xandi is only seven years old, yet he already knows how to dodge gunshots. He keeps beautifully quite, crouched, hands on top of ears, battling to keep his tired knees wrapped up in his arms. When the struggle outside ceases, he realizes he is still alive and lets out a soft sigh and a smile. The sudden relief is contradictory to the tears that insist on running down his left cheek. Tears half due to his high-strung state, and half caused by his younger sister who has been hit and whose life is slowly vanishing drop by drop, drop by drop...

Amanda holds on to Elcio's hand. As a nurse, she should have left more than an hour ago. But the old man carried a desperate face. It was like entering a trance. Lying on a hospital stretcher that should have been on its way to a surgery room, but is instead, stagnated among many others. She looks around and prays to the heavens for a miracle. All in vain. In vain? In vain. And her belief in God is dissipated like the

morning wind. Somewhere else, Liana and Felipe are a romantic couple. They escape on a romantic gateway in the middle of the woods and come across terror. They were cornered and captured. Felipe leaves this world with a shot at the neck, and Liana, who is numerous and repetitively violated, is not sure whether she'd rather die or live. The transgressor kills her at knifepoint. Fifteen stabs in total. In the meantime, her father exhibits a photo picture of his beautiful daughter in national TV, and distributes pamphlets all over town by helicopter. He carries with him a bag of hope that will soon reveal itself empty. Or maybe rejuvenated by a new sense of contention.

These life-stories and their sUniversidade Federal Fluminense - UFFerings are real. The indulgence, negligence, and arrogance are also real. Yet, who will remember; who will feel it in their own skin unless it happens to them? Gross ignorance assaults good men and renders them apathetic before a reality that no "reality show" can top. In reality, peace is only found in men of good will.

*“Ces vies et ces souffrances
sont réelles. Et de même le goût de la facilité,
le mépris et l’arrogance”.*

Personne n’arrive à entendre la souffrance d’autrui. Tous ceux qui ont envie de lutter pour un idéal finissent par sentir, pour quelques instants ou la vie durant, les peines qui habituellement leur arrivent par le truchement du récit. Les défenseurs d’une juste cause – dont il est question la fin de l’angoisse entre les hommes - sont des individus semblables à nous-mêmes qui restent à l’écoute, dotés de fine sensibilité; ce n’est qu’après qu’ils réussissent à verbaliser leur senti. Cette démarche semble ironique, mais pour beaucoup elle est le seul moyen d’émouvoir quelqu’un. Des anecdotes sont racontées, écoutées ou lues, le plus souvent accompagnées de mélodies sonores et émotives qui scandent les mots et se présentent comme des cicatrices qui laissent notre raison sens dessus dessous.

Arrêtez de refuser de l’eau aux pauvres enfants et aux femmes âgées et délaissées qui ne font que pleurer entre les murs de terre cuite de leur baraque, en attendant leurs maris qui sont partis la nuit d’hiver pour labourer les champs au matin du printemps. La douleur dont ils souffrent est tellement intense qui correspond à celle des mendiants qui, au petit jour dans la grande ville, à côté des quartiers de luxe*, des restaurants et des “shoppings”, jettent leurs regards exaspérés vers la poubelle*. Leur seul envie c’est de retrouver une quelconque bouteille qui leur servira d’alibi pour s’approcher de la grande boîte à ordures; et ils s’y enfonceront, eux-mêmes, à la recherche de quoi manger.

Xandi n’a que sept ans, mais il connaît déjà le moyen d’éviter les tirs. Très sagement, il reste accroupi dans le coin de la rue avec ses petites mains sur les oreilles, en faisant

un grand effort pour bien tenir ses genoux fatigués. Au terme de la bagarre, il se sent vivant, pousse un léger soupir et dans son visage brille un sourire; c'est ainsi qu'il cherche à dissimuler la larme qui est à point de couler de son globe gauche. En fait, il est ému du sort de sa petite soeur, atteinte par une balle perdue, dont la vie s'évanouit, lentement, goutte à goutte...

Amanda, infirmière, tient la main de Élcio; elle a fini son temps de service, il y a plus d'une heure. Mais l'état de ce monsieur-là est vraiment désespéré. Il a eu l'impression d'avoir été en transe; au milieu de tant d'autres gens, il est couché sur un brancard dans un couloir de l'hôpital au moment où il aurait dû être déjà dans une salle de chirurgie. Elle regarde autour d'elle en suppliant aux cieux un miracle. En vain. En vain? Oui, en vain. Et sa foi en Dieu se dissipe comme le vent matinal. Ailleurs, les amoureux Liana et Felipe cherchent un endroit pour être seuls et fuyent dans un bosquet où, tout d'un coup, ils devront faire face à une situation de terreur: sans avoir pu échapper de la poursuite menée par ses bourreaux, Felipe est abattu avec une balle dans la nuque tandis que Liana est tellement abusée qu'elle ne sait plus si lui reste encore de la vie; de toute façon, son agresseur l'a achevée à coups de poignard. Quinze, au total. Pendant ce temps, son père diffusait la photo de sa belle et bien-aimée fille sur les chaînes de télé et lançait des tracts par hélicoptère en gardant un brin d'espoir qui, bientôt, s'est avéré inutile. Ou, peut-être, revigoré par un nouveau sentiment de lutte contre toute espèce de violence.

Ces vies et ces souffrances sont réelles. Et de même le goût de la facilité, le mépris et l'arrogance. Mais le souvenir de la violence pourrait-il être gardé pour quelqu'un qui ne l'a pas senti dans sa peau? Il s'agit de la sainte ignorance qui assaillit les hommes bons et les rend flegmatiques face à une réalité bien au-delà d'un quelconque "reality show". En fait, la véritable paix ne se trouve que dans les hommes de bonne volonté.

* Dans l'original, jeu de mots: *luxo* [luxo] et *poubelle* [lata de lixo].

“O primeiro passo para conquistar a paz é acreditar que ela é possível. Falta fé, falta esperança, falta amor a nós mesmos e ao próximo”

Flávia Carvalho Marques
Centro Universitário Celso Lisboa

Todos falam em paz , desejam a paz, mas o que temos feito por ela?

O que fazemos para que ela se instale no mundo e em nós?

Para mudar o mundo, é preciso a nós mesmos. É essencial que mudemos nossa maneira de ser, de pensar e de agir

O primeiro passo para conquistar a paz é acreditar que ela é possível. Falta fé, falta esperança, falta amor a nós mesmos e ao próximo

No corre-corre da vida só temos tempo para a ambição, para a conquista das coisas materiais. É cada um por si e esquecemos, até ,de Deus por todos. Não paramos para refletir, para apreciar as coisas simples e belas da vida; o sol, a noite estrelada, as flores, o amor, o sorriso das crianças...

Queremos tanto o que não possuímos, que nos esquecemos de curtir o que já possuímos, e não percebemos que existem muitas pessoas querendo o pouco que temos pelo fato de não terem nada

A paz é construção interior. Não é conquistada de um dia para o outro, ela é um processo de amadurecimento de cada ser. Ela é conquistada com paciência, com o saber repartir, com o saber perdoar com bons pensamentos, com responsabilidade social, conscientes de que temos direito e deveres, enfim, com a transformação dos nossos sentidos, porque quem consegue amar e respeitar a si mesmo, seu próximo e a vida, constrói a paz interior e, conseqüência, contribui para a paz do mundo

O pouco que fizermos já é muito na construção dessa paz tão desejada. Se cada um fizer a sua parte, a paz não será mais um sonho , será realidade e o mundo voltará a sorrir.

*“The first step in achieving peace
is believing that it is possible. There is a lack
of faith, a lack of hope and a lack
of love towards others and ourselves”*

Everyone talks about peace, wishes for peace, but what have we done for it?

What have we done for its induction in our world and within us?

To change the world, it is necessary that we first change ourselves. It is essential for us to change our way of being, thinking and acting.

The first step in achieving peace is believing that it is possible. There is a lack of faith, a lack of hope and a lack of love towards others and ourselves.

In our hasty daily lives, we only have time for our ambitions and material conquests. To each his own, and we forget about “God for all.” We don’t stop to reflect upon the beautiful and simple things of life; the sun, the star-lit night, the flowers, love, the smiles on children’s faces...

We long so much for what we don’t have, that we forget to enjoy that which we already possess. We don’t realize that there are so many people out there who have nothing, wishing they had just a little of what we own.

Peace is something you build internally. Peace is not achieved from one day to the next; rather, it is a process of individual growth. It is achieved with patience, by knowing how to share, how to forgive, with happy thoughts, with social awareness and responsibility, and by being conscious of our rights and duties. Ultimately, by altering our senses and being respectful and lovable towards ourselves, our fellow beings and life, we would consequently contribute to world peace.

The little we can do is already a lot towards the generation of a state of peace, which we so long for. If each one of us does our part, peace will cease to be only a dream and become a reality by which the entire world could smile again.

*“Le premier pas pour conquérir la paix
c’est de croire qu’il est possible de la vivre. Nous
manquons de foi, d’espérance et
de l’amour à nous-même et au prochain”*

Tout le monde en parle, tous la souhaitent, mais qu’est-ce que nous avons fait pour vivre la paix?

Qu’est-ce que nous faisons pour qu’elle soit en oeuvre dans le monde et en nous?

Pour changer le monde, il va falloir commencer par notre propre changement. Il est essentiel que nous changeons notre manière d’être, de penser et d’agir.

Le premier pas pour conquérir la paix c’est de croire qu’il est possible de la vivre. Nous manquons de foi, d’espérance et de l’amour à nous-même et au prochain.

Dans l’agitation de notre vie quotidienne, nous n’avons du temps que pour réaliser nos ambitions, pour nous approprier de choses matérielles. C’est toujours le chacun pour soi, et nous arrivons même à oublier l’autre moitié du proverbe: et Dieu pour tous. Nous n’avons pas une minute à perdre pour réfléchir, et pour apprécier les choses simples et belles de la vie: le soleil, la nuit étoilée, les fleurs, l’amour, l’éclat de rire des enfants...

Nous avons tellement envie d’acquérir ce que nous ne possédons pas encore que nous oublions de jouir de ce qui nous appartient déjà, et nous ne nous apercevons même pas qu’il y a beaucoup de gens qui se contenteraient du peu que nous avons; en fait, ils n’ont rien.

La paix est une construction à l’intérieur de nous-mêmes. Il ne s’agit pas d’une conquête qui serait accomplie du jour au lendemain, mais elle est un processus de mûrissement de chaque être. Sa conquête demande de la patience, du partage, du pardon; il nous faut avoir de la responsabilité sociale, être pleinement conscients de nos droits et de nos devoirs, et oeuvrer pour la transformation de notre manière de sentir; en effet, celui qui réussit à aimer et à respecter à soi-même, à autrui, et la vie, il arrive à construire sa paix intérieure et, cela étant, il contribue pour la faire rayonner sur toute la planète.

Le peu que nous puissions faire sera déjà beaucoup pour la construction de cette paix dont nous avons tellement besoin. Si chacun fait sa partie, la paix ne sera plus un rêve, mais deviendra une réalité; et le visage de tout le monde s’ouvrira à nouveau en un large sourire.

“Estupradas, defloradas, madrugada
adentro. Depois de serem totalmente bombardeados,
por soldados armados...”

Francisco Chaves Lameirão Junior

Universidade Gama Filho

Guernica...

(Um quadro de Picasso)

Estupradas, defloradas, madrugada adentro.
Depois de serem totalmente bombardeados,
por soldados armados
Homens e seus filhos choram,
já não lutam ou imploram,
morrem nas trilhas minadas.
Suas filhas, mães, esposas, irmãs.
Ou quaisquer mulheres humilhadas, no meio,
com uma boca estranha, em seu seio,
na cara e na cama da guerra.
Nos ferros, dos infernos...
Futuros filhos bastardos, de suas terras.
Quadro macabro, apocalíptico, efusivo e político.
Um painel cibernético...
Gravura de velhas tristezas que não são belas.
Patética futura explosão nas estrelas.
Essa ética, nunca será romântica.
Hermenêutica...
Transformada em diabólica inquisição.
Povos não chorem mais,
mesmo que eles prometam,
matem ou ameacem...
“Não passarão”
Matar nunca fará um herói.
Como se as condições de “heróis”,
os tornassem livres dos arbítrios,
frios e fascistas.
Lembrará agora, as borras das botas,
na lama das fomes...
Insista para impedir de ressurgir,

na forma de uma Ofélia ou Amélia,
nossa fossa aos que a habitaram e
sucumbiram...

Em nosso solo executados,
pelos seres fardados, que lá
invadiram...

Não haverá perdão, ou cura.

Curra?

Nenhum coração atura.

Miséria infinita.

Pilhéria será viver ali ou aqui,
nesta Terra,

após a destruição maldita...

Cujo desejo foi sempre ser pacífica.

“Raped, deflowered, all through dawn. After being
thoroughly bombed, by soldiers fully armed...”

Guernica...

(A painting by Picasso)

Raped, deflowered, all through dawn,
After being thoroughly bombed
by soldiers fully armed
Men and their sons cry,
they no longer plead or defy,
they die on mine tracks
Their daughters, mothers, wives, sisters.
Or any woman humiliated in the midst,
on her bosom foreign lips,
On her face and on a war berth,
On the fetters of hell...
Future sons, illegitimate on their earth,
A gruesome picture, apocalyptic, effusive, politic
A cybernetic panel...
An engraving of old sorrows that aren't pretty
Pathetic future explosion of stars
This ethic, will never be romantic
Hermeneutic...
Transformed into a diabolic inquisition.

People cry no more,
Even if they promise,
Kill or threaten...
"They won't pass"
Murder will never give birth to a hero.
As if the condition of being a "hero"
would free them from all judgment
Cold and fascist
Will now remember, the boot bottoms
Stepping on the mud of hunger...
Persisting to avoid the return,
in the form of Ophelia or Amelia,
our sorrow to those who lived and
surcumbered...
Executed on our soil,
by those men in uniform, who
invaded...
There will be no cure, no one to remit
Cure?
too much to handle for any spirit
Misery is infinite,
The Cruel joke is to live here or there
on this Land,
after such ghastly blight...
A land with whose only desire is to remain at peace.

*"Violées, déflorées, nuitamment. Après avoir été
totalement bombardés, par des soldats armés..."*

*Guernica...
(Tableau de Picasso)*

Violées, déflorées, nuitamment.
Après avoir été totalement bombardés,
par des soldats armés
Certains hommes et leurs fils pleurent,
ils n'ont plus de force pour lutter ou implorer,
ils meurent en marchant sur des mines.
Leurs filles, mères, épouses, soeurs,
Ou n'importe quel autre femme humiliée, au centre,

avec une bouche étrange, et dans son ventre,
dans son visage et sur la paillasse de la guerre.
Dans les fers, des enfers...
Futurs fils bâtards, de leurs terres.
Scène macabre, apocalyptique, expansive et politique.
Un tableau cybernétique...
Gravure de vieilles tristesses qui ne sont pas belles.
Patétique future explosion dans les étoiles.
Cette éthique ne sera jamais romantique.
Herméneutique...
Transformée en diabolique inquisition.
Ô peuples, ne pleurez plus,
même s'ils fassent des promesses,
même s'ils tuent ou fassent des menaces...
"Ils ne l'emporteront pas"
Tuer ne fera jamais un héros.
Comme si les conditions de "héros",
les plaçaient au-dessus de l'arbitraire,
froid et fasciste.
Il se souviendra maintenant, la boue des bottes,
Dans la fange de la famine...
Insistez pour empêcher de resurgir,
sous la forme d'une Ophélie ou d'une Amélie*,
notre fosse à ceux qui l'habitèrent et
y succombèrent...
Sur notre sol, exécutés,
par les êtres costumés qui
l'avaient envahi...
Pas question de pardon ni formol.
Viol?
Aucun cœur n'a le contrôle.
Misère infinie.
Moquerie sera vivre là ou ici,
sur cette Terre,
après sa destruction maudite...
Dont le désir fut toujours de rester pacifique.

* Très populaire, cette chanson brésilienne fait l'apologie de la femme soumise...

“Paz. É para ser escrito com letra maiúscula, com convicção. Escrever a paz é inscrevê-la em cada ser humano, desde a infância”.

Gisele Goneli de Lacerda

Universidade Federal Fluminense - UFF

PAZ. Palavra de poucas letras, uma sílaba só. Em uma frase, pela sua rápida pronúncia, passa até despercebida. “Queremos paz!”, grita a multidão na Praia de Copacabana. E lá do alto, da cobertura de um prédio classe alta, alguém pergunta: “Queremos o quê? Pá, pé, pó?” Será por isso, pela pobreza fonética, que esta palavrinha de uma única vogal não é apreendida? Mas, seu significado é tão grandioso... O que acontece, então? Por que, ultimamente, é isso o que se mais fala no mundo todo e o que se menos escuta?

PAZ. Virou bandeira mundial. Bandeira esta que também ninguém vê. Por que é branca é desprezada? Pois o que chama mais a atenção é o colorido das festas, do Carnaval com o barulho dos fuzis AR-15 se confundindo com a alegria dos fogos de artifício?

PAZ. Suscita perguntas sem respostas. Porque sem resposta está a atual situação mundial, com guerras destruindo países, e, sobretudo, matando cidadãos, pais, mães, filhos, irmãos, maridos e esposas, que nada têm a ver com os reais motivos dos conflitos, que são forçados para ludibriarem os povos, colocando uns contra os outros. Não há resposta também para a violência urbana, onde as pessoas são mortas por balas perdidas, porque perdida é a paz. E quando isso acontece, o caos é rei na selva de pedra das grandes metrópoles.

PAZ. Sem ela, os homens deixam de ser racionais e passam a ser somente animais, uns devorando os outros. Não por comida ou pela sobrevivência, mas pela ganância, pela intolerância, pela falta de respeito ao próximo. Atitudes estas ruínas da paz. E não adianta gritar se ninguém escuta, nem mesmo o ouvido de quem grita escuta. Não bastam manifestações públicas “contra a guerra”, “contra as armas”, que só levem às ruas pessoas “contra o domingo em casa”. É preciso que as pessoas tenham consciência do que estão fazendo, da grandiosidade de seus atos, da força da sua voz. É preciso ser de fato a favor da paz, do desarmamento, internalizando estes objetivos como ideologia de vida, a favor da luta verdadeira por um mundo melhor. E isso só será alcançado quando cada pessoa, de cada cidade ou aldeia do mundo escrever a paz não só na porta da geladeira, na palma da mão, num pedacinho de papel ou numa faixa quilométrica. É muito mais que isso.

PAZ. É para ser escrito com letra maiúscula, com convicção. Escrever a paz é inscrevê-

la em cada ser humano, desde a infância. Deve ser a maior herança dos pais para seus filhos, sejam eles ricos ou pobres, que saibam ou não escrever. Tudo bem se não respeitar a norma culta da língua, atropelar o português e trocar o z pelos. Pois, o maior crime do ser humano é negar ao mundo viver em paz.

“Peace. A word to be written in capital letters, with conviction. To write peace is to inscribe it in each human being, since childhood.”

PEACE. A word with few letters, and only one syllable. In a sentence, quickly pronounced, a word that can go by unnoticed. “We want peace!”, shouts the crowd at Copacabana Beach. From way above, from the terrace of an upper class building, someone asks, “We want what? A piece of what?” Is this why - because of some phonetic shortcoming - this one-syllable word cannot be understood? But how could this be if the meaning of this word is so grand . . . What happens then? Why has this lately become something the whole world talks about but nobody hears about?

PEACE. It has become a flag for the whole world. A flag that has also gone unseen. Does nobody see it because it is white? For is it because what draws most attention is the colorfulness of celebrations, or the colors of Carnival in which the sound of AR-15 rifles blends in with the joy of fireworks?

PEACE. It raises questions with no answers. It is so because there are no answers to the current situation of the world in which wars are destroying countries, and, above all, are killing citizens, fathers, mother, sons, brothers, husbands, and wives, all of whom have nothing to do with the real motivation of conflicts, which are forged to trick peoples, posing them against each other. There is no answer either to urban violence, where people are killed by stray bullets. Peace is lost. And when this happens, chaos is the king of the concrete jungle of the great metropolis.

PEACE. Without it men cease to be rational and simply become animals devouring each other. Not for food or survival, but for greed, intolerance, and lack of respect for his kin. These are the rubbles of peace. And it's no use shouting if nobody listens, not even the ear of the person who is shouting is listening. It's not enough that public protests “against war” or “against weapons” only succeed in taking people to the streets on “lazy Sundays”. People must be conscious of what they are doing, of the grandiosity of their acts, and of the power of their voices. You must be truly in favor of peace, of disarmament. These objectives must be internalized as life ideologies in favor of a true struggle for a better world. And this will only be achieved when each person, from

each city or village in the world writes “peace” only on their refrigerator door, or on the palm of the hand, or on a small piece of paper, or on a kilometer-long banner. It’s much more than that.

PEACE. A word that should be written in capital letters, with conviction. To write peace is to inscribe it in each human being, since childhood. It should be parents’ greatest inheritance to their children whether they be rich or poor, know how to write or not. It’s alright not to obey proper grammar, exchanging “e”s and “i”s, because the greatest crime of all for the human being is to stop the world from living in peace.

*“PAIX. C’est un mot qu’il faut
écrire avec une majuscule, avec conviction. Écrire le
mot ‘PAIX’ c’est l’inscrire
dans chaque être humain, dès la prime enfance”*

PAIX. Mot court*, une seule syllabe. A l’intérieur d’une phrase, quand on le prononce assez vite, il peut passer même inaperçu. “Nous voulons la paix!”, crie la foule rassemblée dans la ‘Praia de Copacabana’. Et de là-haut, du dernier étage d’un immeuble cosu, quelqu’un demande: “Nous voulons quoi? ‘Pá’ [pelle], ‘pé’ [pied], ‘pó’ [poudre, ‘neige’]?” Est-ce pour cela, pour sa pauvreté phonétique, que ce petit mot d’une seule voyelle finit par être si mal appréhendé? Pourtant, sa signification est tellement imposante... Que se passe-t-il, alors? Pourquoi, dernièrement, c’est bien de ce mot que l’on parle le plus dans le monde alors que c’est celui que l’on a le plus de mal à écouter?

PAIX. Mot qui est devenu une bannière mondiale. Bannière qui à son tour n’est plus perçue par personne. Est-ce parce qu’elle est blanche qu’elle est méprisée? En effet, ce qui attire le plus notre attention, serait-ce les couleurs des réjouissances, du Carnaval, assorti du bruit des décharges de fusil AR-15 se confondant avec l’alacrité des feux d’artifice?

PAIX. Mot qui suscite des questions sans réponses. Parce que sans réponse se trouve la situation mondiale actuellement, minée par des guerres qui ravagent des pays, et, surtout, déciment des citoyens, des parents et des enfants, des frères, des maris et des épouses, qui n’ont rien à voir avec les motivations réelles des conflits, forgés afin de duper les peuples, en les jetant les uns contre les autres. Il n’y a pas non plus de réponse pour la violence urbaine laquelle provoque la mort des gens par des balles perdues, car perdue est la paix. Et quand cela arrive, le roi dans la jungle de pierre des grandes métropoles c’est le chaos.

PAIX. En son absence, les hommes cessent d'être rationnels et deviennent des animaux, qui s'autodévorent. Non par manque d'aliments, ni en vue de leur survie, mais par cupidité, par intolérance, par manque de respect envers autrui. Des attitudes qui anéantissent la paix. A quoi bon crier si personne n'écoute. Il ne suffit pas de rassemblements "contre la guerre", "contre les armes", qui ne font descendre dans la rue que les gens "contre le dimanche chez soi". Il faut que les personnes aient conscience de ce qu'elles sont en train de faire, de l'importance grandiose de leurs actes, de la force de leur voix. Il faut être, en effet pour la paix, pour le désarmement, en intériorisant ces objectifs comme idéologie de vie, en faveur du vrai combat pour un monde meilleur. Et cela ne sera réussi que quand chaque personne, dans chaque ville ou village de la planète aura écrit le mot "paix" sur la porte de son réfrigérateur, sur la paume de sa main, sur un petit bout de papier ou sur une banderole d'un kilomètre. Et beaucoup plus.

PAIX. Ce mot doit être écrit avec majuscule, avec conviction. Écrire le mot "paix", cela veut dire l'inscrire dans chaque être humain, dès la prime enfance. Il doit être l'héritage le plus prisé à transmettre par les parents à leurs enfants, qu'ils soient riches ou pauvres, cultivés ou illettrés. Peu importe que la phonétique officielle ne soit pas respectée, que l'on contrevienne à la règle en y mettant un "s" au lieu du "x". En effet, le plus grave crime qu'un être humain puisse commettre c'est de nier au monde la possibilité de vivre en paix.

* En portugais, 'paz' [pach].

“Há um crescimento de intolerâncias em relação às diferenças étnicas, culturais e religiosas...”

Gisele Marques Alves dos Santos

CEFET/RJ

O fenômeno da violência tem crescido e se mostrado um problema de faces multidimensionais. Especificamente nos últimos tempos, esta questão tem infelizmente conquistado significativo espaço nas sociedades do mundo inteiro. A vida humana se encontra ameaçada por ataques insensatos e violentos. As ideologias de ódio e vingança vêm tomando proporções gigantescas e, ditando, assim, a cultura do medo e do caos.

Nesse panorama de terror, insegurança e desordem social, uma nova ordem de caráter pacifista deve ser edificada. Ainda que o planeta esteja confuso, cheio de guerras e aflições, é preciso que as pessoas tenham a esperança de viver a verdadeira paz. Essa é tranqüilidade, concórdia, cessação de hostilidades e não deve ser vista como algo utópico, como vem acontecendo. A humanidade necessita de uma cultura de paz, inserindo-a em sua filosofia, sociologia, política e tradições.

Há um crescimento de intolerâncias em relação às diferenças étnicas, culturais e religiosas, assim como o aumento da violência urbana, acompanhado do crescimento de manifestações violentas dentro das escolas. Ao observarmos os fatores contribuintes dessas manifestações, é possível constatar que esses casos estão relacionados tanto a questões estruturais, quanto a questões culturais e éticas, levando-nos a inferir que há necessidade de uma reformulação na dinâmica de ensino, fazendo com que a cultura escolar esteja concernente à cultura da paz.

A cultura da paz visa ponderar os modos de comunicação e promover o seu lugar na mente e no coração do ser humano. Por isso, é tão importante que haja o estabelecimento desta e da não-violência, pois exigirá uma nova linguagem e renovação dos gestos de promoção da paz. Nesta busca, estaremos não só educando a nova geração, como também, educando-nos a fim de fixarmos esta não-violência.

A cultura, a educação e um pensamento voltado para a paz estão de mãos dadas e são peças fundamentais para a construção de um novo padrão de comportamento humano. Esse elo é imprescindível para que as novas gerações cresçam com mais responsabilidade, fazendo com que o ser humano possa desfrutar de um mundo mais ameno, numa civilização de respeito e amor ao próximo.

“There is a rise in intolerance of different ethnicities, cultures, and religions...”

The phenomenon of violence has risen and has revealed itself as a problem with multidimensional facets. Especially in recent times, this issue has unfortunately taken up significant space in societies all over the world. Human life finds itself threatened by insensitive and violent attacks. The ideologies of hatred and vengeance have been assuming gigantic proportions and have dictated a culture of fear and chaos.

In this scenery of terror, insecurity, and social disorder, a new pacifist order must be built. Even though the world is confusing right now, full of war and affliction, people must have hope in leaving true peace. This peace is about the tranquility, agreement, and ceasing of hostilities, and shouldn't be seen as something utopian, as it is right now. Humanity is in the need of a culture of peace, making it part of its philosophy, sociology, politics, and traditions.

There is a rise in the intolerance of different ethnicities, culture, and religions, as well as in urban violence, following the growth of violent manifestations in schools. As we observe the contributing factors to the manifestations, we will realize that these cases are related to structural issues as much as they are cultural and ethical issues. This leads us to infer that teaching dynamics should be redone in a way as to make school culture also a culture of peace.

The culture of peace intends to contemplate means of communication and promote a place for them in the hearts and minds of human beings. For this reason it is important for there to be the establishment of not only a place but also of non-violence, for the culture of peace will require a new language and the renovation of attitudes for the promotion of peace. In this search we will not only be educating a new generation, we will also be educating ourselves to solidify non-violence.

Culture, education, and an attitude towards peace all go hand-in-hand and are fundamental tools in the construction of a new pattern of human behavior. This bond cannot be broken if the new generations are to grow up with more responsibility, so that the human being can enjoy a more serene world, in a civilization of respect and love.

“Il y a un nombre croissant d'intolérances concernant les différences ethniques, culturelles et religieuses...”

Le phénomène de la violence ne cesse de grandir, se révélant un problème aux facettes multidimensionnelles. Ces derniers temps, en particulier, la question a conquis, hélas, un espace significatif dans les sociétés du monde entier. La vie humaine se trouve menacée par des atteintes insensées et violentes. Les idéologies de la haine et de la vengeance prennent des proportions de plus en plus gigantesques et dictent ainsi la culture de la peur et du chaos.

Devant ce panorama de terreur, d'insécurité et de désordre social, un nouvel ordre, pacifiste, cette fois-ci, doit être édifié. Bien que la planète soit confuse, pleine de guerres et de détresses, il faut que les gens aient l'espoir de vivre dans la vraie paix: la tranquillité, la concorde, l'arrêt des hostilités; et elle ne doit plus être vue, comme c'est le cas aujourd'hui, comme quelque chose d'utopique. L'humanité a besoin d'une culture de paix, qui finisse par être introduite dans sa philosophie, sa sociologie, sa politique et ses traditions.

Il y a un nombre croissant d'intolérances concernant les différences ethniques, culturelles et religieuses, ainsi qu'une augmentation de la violence urbaine, qui va de pair avec des manifestations violentes de plus en plus nombreuses à l'intérieur des écoles. En examinant les facteurs de ce type de manifestations, il est possible de constater que ces cas relèvent de questions aussi bien structurelles, que culturelles et éthiques, nous poussant à inférer qu'il y a un besoin de reformulation en ce qui concerne la dynamique de l'enseignement, afin que la culture scolaire devienne une culture de la paix.

La culture de la paix vise à pondérer les modes de communication et à promouvoir sa place dans l'esprit et dans le coeur de l'être humain. Pour cela, il est important qu'elle puisse s'établir ainsi que celle de la non-violence, ce qui demandera un nouveau langage et un renouveau des gestes de promotion de la paix. A travers cette recherche, nous serons à même d'éduquer la nouvelle génération, en même temps que d'accomplir notre propre éducation, ce afin de consolider cette non-violence.

La culture, l'éducation et une pensée tournée vers la paix oeuvrent ensemble et elles sont des pièces fondamentales pour la construction d'un nouveau modèle de comportement humain. Ce lien est indispensable pour que les nouvelles générations grandissent avec plus de responsabilité, de façon à ce que l'être humain puisse jouir d'un monde plus accueillant, dans une civilisation où règnent le respect et l'amour d'autrui.

“A paz é uma vitória individual, passível de ser alcançada com a superação de uma mentalidade vulnerável a preconceitos e individualismos exacerbados”.

Guilherme Neves Gonçalves

Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO

Difícilmente esperamos que se discorra sobre a paz sem mencionar a política, a indústria bélica e outros mediadores do comportamento vigente em um povo ou nação. Proponho uma reflexão sobre a paz enquanto um estado sublime de instropecção, a paz sob o prisma do pensamento humano, fundador de possibilidades.

A paz é uma vitória individual, passível de ser alcançada com a superação de uma mentalidade vulnerável a preconceitos e individualismos exacerbados. Aqueles que insistem em lidar com criminosos como se estes fossem apenas seres vis, guiados por ímpetos mordazes, estão tão distantes do ideal de paz quanto os últimos. Trata-se, pois, de um exercício de percepção e compreensão de que todos vivenciam dificuldades, e que estas, em alguns casos, muram as perspectivas de felicidade. A humanização dos julgamentos é essencial para que exista uma justiça verdadeira e equilibrada.

É preciso ainda desmistificar o “status” que envolve a prática de violência em muitas sociedades. Por vezes, sobretudo entre jovens do sexo masculino, a brutalidade torna-se sinônimo de honra e dignidade. Então, briga-se pelo enaltecimento de uma reputação fundada no arquétipo do “homem inexpugnável”, como se fracos fossem os que renunciam ao espírito destrutivamente competitivo que prevalece em determinados ambientes sociais.

A amizade e o respeito simbolizam ensinamentos fundamentais para o progresso harmônico das relações humanas, pois se tornamo-nos incapazes de enxergar no próximo alguém para se compartilhar momentos, sensações e experiências, condenamo-nos a viver em uma imensa arena de competidores, solitários e desventurados.

A introspecção não necessariamente remete a um estado de tristeza e apatia, mas, outrossim, ao comportamento de quem realiza as coisas com zelo e calma. A observação dos próprios pensamentos e sentimentos em busca de respostas para a condição humana universal é senão a própria sabedoria: fazermos o que acreditamos ser certo, e não o que friamente julgamos necessário, e assim sermos justos. Afinal, a paz não é fecunda onde carece a justiça, e, somente em tempos plácidos, podemos experimentar a infinidade imaginária dos momentos alegres, os momentos que compõem o que chamamos de felicidade.

“Peace is an individual victory, which can only be achieved by overcoming of a mentality vulnerable to prejudice and exacerbated individualism”.

We hardly expect there to be any discourse about peace without mention to politics, the arms industry, and other mediators of the behavior of a people or nation. I propose a reflection on peace as a sublime state of introspection; peace as seen through the prism of human thought, which bears all possibilities.

Peace is an individual victory, which can only be achieved by the overcoming of a mentality vulnerable to prejudice and exacerbated individualism”. Those who insist on dealing with criminals as if they were merely vile creatures guided by mordacious impulses are so distant from the ideal of peace as these criminals themselves. After all it is all about an exercise in perception and understanding of the fact that all people go through hardship, which, in many cases, becomes an obstacle to any perspective of happiness. The humanization of judging is essential for there to be true and balanced justice.

It also necessary to demystify the positive status which many times comes with the practice of acts of violence in many societies. Sometimes, mainly among young men, brutality becomes a synonym of honor and dignity. Fighting, therefore, is sought for the extolling of a reputation based on the archetype of an “undestroyable man”, as if those who renounce to the spirit of desctructive competition prevalent in specific social atmospheres were weak.

Friendship and respect symbolize the fundamental teachings for the harmonious progress of human relations. This is true because if we fail to perceive our kin as someone to share moments, sensations, and experiences with, we will be condemning ourselves to live in a huge arena of lonely and miserable competitors.

Introspection does not necessarily implicate in a state of sadness and apathy, but, much the otherwise, it implicates in a sort of behavior typical of someone who does things with zeal and calmness. The observation of one’s own thoughts and feelings in search of answers for the universal human condition is not but wisdom itself: to do what we believe is right and not what we coldly judge necessary, which is to be fair. After all, peace will not blossom where justice is lacking, and only in serene times can we experiment the imaginary endlessness of happy moments, those moments which make up what we call happiness.

“La paix est une victoire individuelle, susceptible d’être atteinte en venant à bout d’une mentalité vulnérable à des préjugés et à des individualismes exacerbés”

Il serait bien difficile d’attendre que l’on puisse discourir sur la paix sans faire mention de la politique, de l’industrie de l’armement et d’autres médiateurs du comportement habituel d’un peuple ou d’une nation. Je propose une réflexion sur la paix en tant qu’état sublime d’instropection, soit la paix sous l’angle de la pensée, fondatrice de possibilités.

La paix est une victoire individuelle, susceptible d’être atteinte en venant à bout d’une mentalité vulnérable à des préjugés et à des individualismes exacerbés. Tous ceux qui s’appliquent à envisager les criminels comme si ceux-ci n’étaient que des êtres méprisables, guidés seulement par des élans caustiques, se trouvent aussi éloignés d’un idéal de la paix que ces derniers. Il s’agit, donc, d’un exercice de perception et de compréhension du fait que tout le monde fait face à des difficultés, et que celles-ci quelquefois empêchent l’accès à des perspectives de bonheur. L’humanisation des jugements est essentiel pour que l’on puisse compter sur une justice vraie et équilibrée.

Il faut encore démystifier le statut qui entoure la pratique de la violence dans un grand nombre de sociétés. Quelquefois, surtout parmi les garçons, la brutalité devient une affaire d’honneur et de dignité. Alors, l’on se bagarre pour le prestige d’une réputation fondée sur l’archétype de “l’homme inexpugnable”, comme si tous ceux qui renoncent à l’esprit destructif de la compétition qui l’emporte dans certains milieux sociaux, étaient des lâches.

L’amitié et le respect symbolisent des enseignements fondamentaux pour le progrès harmonieux des rapports humains; en effet, si nous nous rendons incapables d’envisager autrui comme quelqu’un avec qui nous puissions partager de bons moments, des sensations et des expériences, nous sommes condamnés à vivre dans une immense arène de compétiteurs, solitaires et malheureux.

L’introspection ne se rapporte pas forcément à un état de tristesse et d’apathie, mais bien au contraire, au comportement de tous ceux qui accomplissent les choses avec beaucoup de zèle et en toute tranquillité. L’observation des pensées et des sentiments propres en quête de réponses pour la condition humaine universelle ne serait-elle pas la sagesse même: agir selon ce que nous croyons être vrai, et non pas selon ce que froidement nous jugeons être nécessaire, devenant ainsi justes. Au bout du compte, la paix n’est pas féconde où la justice fait défaut, et ce n’est que pendant des périodes paisibles que nous pouvons expérimenter l’infinité imaginaire des moments joyeux, ces moments-là même qui composent ce que nous appelons le bonheur.

*“Naquela chuvosa manhã,
entenderam que ela não estava mais próxima deles,
mas, indelevelmente, dentro deles”.*

Guilherme Tolomei

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Ninguém soube do nascimento da Paz. Tudo aconteceu no último barraco da favela, em um chuvoso domingo. Os gritos da criança misturavam-se com o barulho da chuva, fazendo parte dos harmônicos acordes da vida. A mãe estava lânguida com as dores do parto, não podendo sequer pegar a criança entre os braços.

A Paz cresceu na mesma favela em que nascera. Vivia a sorrir, distribuindo sua doçura gratuitamente. Sua tenra voz transmitia sossego. Dizia que um dia sairia de lá, andaria pelo mundo e várias pessoas a conheceriam, não importando qual fosse o lugar.

Todos a queriam por perto. Logo se tornou adulta, transformou-se em líder comunitária. Conseguiu criar uma biblioteca na pequena escola e foi responsável pela instalação de uma área de lazer. Era convidada na maioria dos aniversários, batizados e casamentos. Os moradores sempre falavam: “O que seria de nós sem a Paz?”

Aos poucos, seu nome começou a ser divulgado nas ruas da cidade. Muitos se perguntavam quem era a jovem que transmitia tamanha placidez. Alguns empresários queriam contratá-la para que fosse anunciante de produtos diversos. Ela se recusou, alegando que o que fazia não poderia ser encontrado em nenhum produto, muito menos, poderia ser vendido ou comprado.

Uma noite, porém, alguns sons romperam o silêncio da madrugada. Sons seguidos e repetidos. Dois grupos de criminosos disputavam o comando do tráfico. Não se sabe o nome do autor do tiro que alvejou a Paz. Nem se sabe quanto tempo ela agonizou antes de morrer. Os amigos tentaram o auxílio do hospital, contudo os médicos nada puderam fazer. Ela estava morta.

Mas na manhã seguinte, todos perceberam que, na verdade, ela não havia morrido. Naquela chuvosa manhã, entenderam que ela não estava mais próxima deles, mas, indelevelmente, dentro deles. Compreenderam que aquele tiro nunca poderia matá-la. Naquela manhã, todos sentiram que ela estava verdadeiramente viva e, o dia renasceu em paz.

“In that rainy morning they understood that she was not close to them, but inextricably inside of them”.

No one heard of the birth of peace. It all happened in the last shack in the “favela” on a rainy Sunday. The cries of the child mixed with the noise of the rain composing one of the harmonic chords of life. The mother was languid from the pains of labor not even able to hold the child in her arms.

Peace grew up in the same “favela” she was born in. She was always smiling and freely distributing her sweetness. Her tender voice transmitted tranquility. They said one day she would leave and no matter where she went people would still recognize her voice.

Everyone wanted her nearby. She soon became an adult; she became a community leader. She was able to set up a library in the small school and was responsible for the construction of recreation area. She would be invited to most birthdays, baptisms, and weddings. Neighbors would always say, “what would happen to us if Peace weren’t around?”

Little by little her name started to be announced in the city streets. Many would ask who was that young girl who transmitted such tranquility. Some businessmen wanted to hire her to help sell different products. She refused, replying that what she did could not be found in any product, not to mention be sold or bought.

One night, however, some noises interrupted the silence. Repeating sounds. Two criminal groups were fighting for the command of the local drug traffic. The name of the perpetrator of the shot that hit peace is unknown. How long she agonized before dying is not known either. Her friends tried to find help at the hospital, although the doctors couldn’t do anything. She was dead.

The next morning everyone realized that she wasn’t actually dead. On that rainy morning they understood that she was not close to them, but inextricably inside of them. They understood that that shot could never kill her. On that morning, they felt she was truly alive. They felt the day had reborn in peace.

“Dans cette matinée pluvieuse, ils ont saisi qu’elle n’était plus proche d’eux, mais d’une manière indélébile, à l’intérieur d’eux”

Personne n’a été au fait de la naissance de “Paz”*. Tout est arrivé à l’abri de la dernière cabane de la “favela”**, au cours d’un dimanche pluvieux. Les vagissements du nouveau-né s’étaient mélangés au bruit de la pluie, faisant partie des accords harmonieux de la vie. L’accouchée était languissante sous l’effet des douleurs de l’enfantement; il lui manquait jusqu’à l’énergie pour prendre son poupon dans ses bras.

“Paz” a grandi dans cette même “favela” où elle avait vu le jour pour la première fois. Elle souriait tout le temps, partageant sa douceur gratuitement. Sa tendre voix répandait la détente. Elle se disait qu’un jour elle sortirait de cet endroit, se promènerait partout dans le monde et se ferait connaître par nombre de gens de tous les coins de la Planète.

Tous souhaitaient la voir près d’eux. Bientôt elle est devenue adulte, ayant pris la tête de sa communauté. Elle a réussi à créer une bibliothèque dans l’école et s’est rendue responsable de la mise en oeuvre d’un parc de loisirs. Elle était invitée à participer à la plupart des anniversaires, baptêmes et mariages de la “favela”. Les ressortissants de l’endroit ne cessaient de se dire: “Qu’est-ce qu’on serait devenu... sans ‘Paz’?”

Petit à petit, son nom s’est fait connaître partout dans la ville. Beaucoup se demandaient qui était la jeune fille qui réussissait à transmettre tellement de sérénité. Certains chefs d’entreprise ont prétendu l’embaucher afin qu’elle devienne la tête d’affiche pour la publicité de divers produits. Elle a refusé ces invitations, en invoquant comme justification que, ce qu’elle était en train de faire, ne pouvait être rencontré dans aucun produit, encore moins, ne pouvait être vendu ni acheté.

Une nuit, toutefois, certains sons ont rompu le silence au petit jour. Il s’agissait de sons suivis et répétés. Deux bandes de criminels se disputaient le contrôle du trafic de drogues. Personne ne connaît le nom du tireur qui a pris “Paz” pour cible. On ne sait pas non plus combien de temps elle est restée agonisante avant de mourir. Malgré les efforts de ses amis qui l’ont amenée à l’hôpital, les médecins n’ont rien pu faire. “Paz” était morte.

Pourtant, le lendemain, tous ont pu s’apercevoir qu’elle n’était pas vraiment morte. Dans cette matinée pluvieuse, ils ont saisi qu’elle n’était plus près d’eux, mais d’une manière indélébile à l’intérieur d’eux. Ils ont compris que ce tir-là jamais n’aurait pu la tuer. Ce matin-là, tous ont eu le sentiment qu’elle restait vraiment vivante et le jour s’est levé en paix.

* Paix.

** Bidonville.

*“Ninguém quantifica a alma humana:
a quantidade de amor que (não) cabe no peito,
o tamanho do ódio que salta dos olhos”.*

Igor Teixeira Silva Fagundes

Universidade Federal Fluminense - UFF

Poderíamos descrever os motivos históricos, sociais, políticos, econômicos e culturais de uma guerra. Poderíamos lembrar que não só de bombardeios ela vive. Por vezes, a batalha é outra: é contra a fome. É também a falta de saúde e educação uma violência. Como propor, assim, uma solução única para que se consolide a paz, se há muitos tipos de desarmonia?

Fala-se muito em índices de pobreza, números de mortos em guerras, quantificações do arsenal bélico de um país e o custo da reconstrução daquele que, pelo mais forte, foi destruído. Ninguém quantifica a alma humana: a quantidade de amor que (não) cabe no peito, o tamanho do ódio que salta dos olhos. Não se quantifica porque o que vem do homem foge a medições. É sempre o inesperado. Mas é dentro do homem – e não fora – que se inscrevem as premissas para uma nação menos aflita.

Uma vez que nossas mentes se voltaram para este mundo científico, cartesiano, que resume quase tudo a um número; uma vez que, a curto prazo, não podemos nos desvincular dele, que levemos, então, a matemática às profundezas do humano. Se é por meio de cálculos que gostamos de pensar, imaginemos que eles possam trazer ajuda, através de seu importante conceito de soma. Soma de valores, sonhos, conquistas. Lembremos que a subtração é diminutiva. A vida tem sido subtraída. Pensemos a soma no fim das contas, mas, antes dela, que façamos a divisão.

Dividamos o que, em nós, possa ser asa para os que não alçam vôo. Dividamos o ar como quem oferece ao outro o direito de ser pássaro. Dividamos a água, este ir e vir do tempo, como se dividíssemos uma música que adentra o corpo e nos transborda; como se pudéssemos pescar neste mar, ora calmo, ora intranquilo, um motivo para a falta de bordas de nossas atitudes. E que se divida também a terra, não apenas aquela que poucos têm e a muitos falta. Não apenas a que divide o mundo com cercas de arame e provoca a fome de tantos, a violência por parte de outros. Que se divida a terra que mora em nosso peito, a que aramos com nossa graça e precisamos reparti-la com os corações estéreis. Como se deve também dividir o fogo, que inflama nossos lábios, levando voz aos que sentem frio e queimando o gelo dos que parecem odiosos. Ainda podemos preencher a pele com o calor do amar e do ser amado.

E nestas divisões dos quatro elementos que formam a natureza interna do corpo, que se possa chegar ao mais ínfimo grão. Quando mais nada de fértil puder ser dividido, chamaremos de PAZ esta poeira onde o próprio homem se dividirá, antes de dividi-la com o mundo, fazendo-a um pó de tudo, que se alastra e expande seu lastro de bondade. A paz pronta para se multiplicar.

“Nobody can quantify the human soul; the amount of love that can (or cannot) go into the heart; the amount of hatred that can jut out from eyes”.

We can describe the historical, social, political, economic, and culture motivations of a war. We can remind ourselves that bombings are not the only thing wars are made of. Sometimes, another battle is waged – one against hunger. Deprivation of health and hunger is also a form of violence. How to propose then a single solution able to consolidate peace whereas there are many kinds of disharmony.

Much is said about poverty indexes, war casualties, war arsenal quantifications for different countries, and the cost of reconstruction of that which was destroyed by the stronger ones. Nobody can quantify the human soul; the amount of love that can (or cannot) go into the heart; the amount of hatred that can jut out from eyes. It's not quantifiable since that which comes from man escapes measurement. It's always the unexpected. But it is inside man – and not outside – that the premises of a less afflicted nation are etched in.

Since our minds turned to this scientific and Cartesian world in which almost everything gets translated into since we cannot put it aside we might as well take mathematics into the depths of the human being. If it is by means of calculations that we like to think, let us imagine that they could help us, especially by means of the important concept of addition. The addition of values, dreams, and conquests. Let us remember that subtraction is diminishing. Life has been subtracted. Let us think about addition at the end of an equation, but before that, we must do the partition.

Let us part and share what inside of us can serve as a wing to those who cannot fly. Let us part the air as if we were giving someone else the right to be a bird. Let us part the water, the to-and-fro of the flow of time, as if we were sharing a song which invades the body and overflows us; as if we could fish in this sea, sometimes calm, sometimes rough, a reason for the absence of limits to our attitudes. Shall the earth also be divided, not only that which few possess and most lack. Not only that which parts the world with fences and barbed wire and causes hunger to many, along with violence. Shall the earth that lives in our heart be parted, the same earth which we treat with grace and needs to be shared with sterile hearts. The same way fire shall be parted, that which inflames our lips, bringing voice to those who are cold and burning the ice of the some who seem hateful. We can still cover the skin with the warmth of love and of the loving being.

The finest grain can be found in the division of the four elements which compose the internal nature of the body. When nothing else which is fertile can be parted, the remaining dust in which man himself will part himself from, before parting it with the world, shall be called PEACE. This will create a dust of everything, which spreads and expands in a trail of goodness. Peace is ready to multiply.

“Personne ne réussit à quantifier l’âme humaine: la quantité d’amour (qui ne peut pas être) contenue dans la poitrine, le paquet de haine qui saute aux yeux”

Nous pourrions décrire les motifs historiques, sociaux, politiques, économiques et culturels d’une guerre. Nous pourrions dire qu’elle-ne s’exprime que par des bombardements. Quelquefois, il s’agit d’un autre combat: la lutte contre la faim. Le manque de santé et d’éducation c’est aussi une violence. Au milieu de tant d’espèces de mécontentement, comment proposer une solution unique pour l’enracinement de la paix?

On parle beaucoup d’indices de pauvreté, du chiffre des morts provoqués par les guerres, de la quantification de l’arsenal d’armes d’un pays et du coût requis pour la reconstruction d’une nation détruite par une autre puissance plus forte. Personne ne réussit à quantifier l’âme humaine: la quantité d’amour (qui ne peut pas être) contenue dans la poitrine, le paquet de haine qui saute aux yeux. Cette quantification reste impossible parce que tout ce qui vient de l’homme n’est pas mesurable. C’est toujours l’inattendu. Pourtant, c’est bien à l’intérieur de l’homme – et non pas au dehors de lui – que s’inscrivent les prémisses d’une nation prête à dépasser son infortune.

Une fois que notre intellect s’est tourné vers ce monde scientifique, cartésien, qui ramène presque tout à un chiffre; une fois que dans un court délai, nous ne pouvons pas nous en détacher, alors décidons de mener les maths aux profondeurs de l’humain. Si nous trouvons du plaisir à penser par le truchement du calcul, nous allons imaginer que celui-ci peut nous apporter de l’aide à travers son important concept de somme. Somme de valeurs, de rêves, de conquêtes. Souvenons-nous que la soustraction est diminutive. La vie a dû subir l’emprise de la soustraction. Pensons la somme à la fin des comptes, mais avant faisons la division, partageons.

Partageons ce qui, en nous, peut être l’aile pour tous ceux qui n’arrivent pas à prendre leur essor. Partageons l’air à l’instar de qui offre à autrui le droit d’être un oiseau. Partageons l’eau, ce va-et-vient du temps, comme si nous avions partagé une mélodie qui finit par imprégner le corps et nous transvase; comme si nous pouvions pêcher dans cette mer, tantôt calme, tantôt agitée, un motif justifiant le manque de limites de nos attitudes. Partageons aussi la terre, non seulement celle qui se trouve aux mains d’un petit nombre faisant défaut à beaucoup de gens. Non seulement celle qui divise le monde avec du barbelé et provoque la faim d’un grand nombre et la violence de la part d’autres. Que l’on partage la terre qui demeure dans notre poitrine, celle que nous avons labourée avec notre grâce et que nous sentons le besoin de partager avec les cœurs stériles. De même on doit partager aussi le feu qui enflamme nos lèvres, en prêtant notre voix à tous ceux qui ont froid et en brûlant la glace de ceux qui semblent haineux. Nous pouvons encore recouvrir la peau avec la chaleur de celui qui aime et de celui qui est aimé.

Et dans le partage des quatre éléments qui forment la nature interne du corps, puissions-nous atteindre la plus petite graine. Quand tout ce qui est fertile aura été partagé, nous appellerons PAIX cette poussière où l’homme même sera décomposé, avant de la partager avec le monde, en réduisant en poudre le tout, qui s’éparpille et répand sa charge de bonté. La paix fin prête pour se multiplier.

“Vemos as manchetes dos jornais
celebrarem diariamente a violência como
um troféu a ser exibido”.

Isabela Ciarlini de Azevedo

Universidade Federal Fluminense – UFF

A violência tantas vezes nos revolta, mas nos cala. A injustiça salta aos olhos, mas nos omitimos. O autoritarismo nos oprime, mas nos submetemos. Como escravos do mundo e objetos de nossas próprias vidas, seguimos adiante. Durante o caminho circulamos em meio a vozes sufocadas, súplicas ignoradas e sorrisos reprimidos, sem percebermos que em nossa volta há pessoas como nós. Pessoas que estão em constante processo de construção da sociedade e reconstrução de si mesmas.

Aprendemos cedo as regras, para um harmonioso convívio social. Precisamos respeitar a hierarquia e obedecer a um extenso manual de boas maneiras. Quando crescemos, porém, nos damos conta de que isto não basta, pois, a nosso redor, há muitos conflitos, angústias e pânico estampado nos rostos. O medo se infiltra em nossos poros e sentimos necessidade de proteção. Vemos as manchetes dos jornais celebrarem diariamente a violência como um troféu a ser exibido. Então, resolvemos comprar a nossa pequena ilha de tranqüilidade em condomínios fechados, em *shopping centers* vigiados, e até pagamos mais pelo simples privilégio de sermos tratados com dignidade. “Ah, o escuro sangue urbano movido a juros”... Mas todas estas máscaras com que ocultamos a cruel realidade não são suficientes para que, uma vez ou outra, a vida deixe de nos surpreender com sua irônica risada lembrando-nos de que também somos de carne e osso e, portanto, nada poderemos levar. Para desarmar os homens é preciso, antes, desarmar seus corações. Porque enganando a nós mesmos, estaremos apenas contribuindo para perpetuar uma situação da qual tentamos fugir, entretanto, somos os únicos capazes de solucioná-la.

Quando nos damos conta disto, desmoronamos e, ao mesmo tempo, nosso castelo de sonhos, erguido arduamente, transforma-se em ruínas. Só, então, nos lembramos da longínqua idéia de paz como algo nebuloso, obscuro, vago, praticamente inatingível. Apenas uma idéia rondando de súbito nossos pensamentos; nos esquecemos de que um dia já fomos crianças e crescemos em meio a um mundo caótico e sem sentido. Sobrevivemos. Mas estivemos sempre tão preocupados em nos defender disto tudo, que passamos para nossos filhos o medo de viver, o pavor do próprio ser humano. Eles crescem e tornam-se adultos como nós, em constante busca de um porto seguro, na ilusão de que o mundo possa ser repartido e de que possamos viver numa redoma de vidro, dentro da qual nada precisaremos temer. Até que, quando menos esperamos, o vidro racha.

Criar em nós a noção de que não estamos sozinhos, de que a nossa própria existência depende de todos aqueles que vieram antes de nós, aos quais estaremos ligados para sempre numa corrente sem fim de doação de vida, é o primeiro passo para podermos entender que não é possível comprar a liberdade, o amor e a união. Não é possível viver com a consciência tranqüila enquanto for preciso ignorar o sofrimento de outras pessoas que têm direito à mesma qualidade de vida que desejamos para nós. Não é possível inventar uma felicidade ilusória. É preciso construí-la.

*“We see newspaper
headlines celebrating violence daily,
as a trophy to be shown off”.*

Violence revolts us so many times, and yet it silences us. Injustice can be blatant, and yet we omit ourselves. Authoritarianism oppresses us, and yet we submit ourselves. As slaves of the world and objects of our own lives, we carry on. In this path we wander through sUniversidade Federal Fluminense - UFFocused voices, ignored pleads, and repressed smiles, without noticing that surrounding us are people like us. These are people who are in a constant process of constructing society and deconstructing themselves.

When we are young we learn the rules for harmonious social living. We must obey the hierarchy and abide to an extensive good-manners manual. When we grow up, however, we realize that this is not enough since around us there is conflict, anguish, and panic on every face. Fear leaks into our pores and we feel the need for protection. We see newspaper headlines celebrating violence as a trophy to be shown off. We then decide to afford ourselves small islands of tranquility in our private condos, monitored shopping centers, and we even pay for the simple privilege of being treated with dignity. “Oh, dark urban blood fuelled by interests”...But all the masks with which we hide cruel reality are not enough to prevent that, once in while, life surprises us with its ironic laughter reminding us that we are also flesh and blood and that, therefore, nothing to carry away with us. To disarm men it is necessary to first disarm hearts. Fooling ourselves we are only contributing to perpetrate a situation we try to escape from, while we are the only ones capable of solving it.

When we realize this we fall apart and our laboriously built dream castle crumbles down at the same times. Only then do we remember the far-fetched idea of peace, something fogged up, obscure, vague, almost intangible. It is only an idea hovering over our thoughts; we forget that we were once children and that we grew up in the midst of a chaotic and senseless world. We survive. But we were always so concerned about defending ourselves from all of it that we ending up passing on to our children

our fear of living, the frightfulness of the human being. They grow up and become adults like us, in constant search for a safe harbor, living the illusion that the world can be fenced off and that we can live in a glass domes in which we need not have fear. Until the unexpected moment the glass starts to shatter.

To create the notion that we are not alone and that our own existence depends upon all those which preceded us – to whom we will be connected forever in an endless life-giving chain – is the first step before we understand that it is impossible to buy freedom, love, and unity. It is not possible to live with a clear conscience while it is still possible to ignore the sUniversidade Federal Fluminense - UFFering of other people who have the right to the same quality of life we want for ourselves. It is not possible to invent illusory happiness - it must be built.

“Nous regardons les manchettes des journaux célébrant quotidiennement la violence comme un trophée à exhiber”

La violence provoque notre révolte, mais souvent elle nous laisse muets. L'injustice saute aux yeux, mais nous n'esquissons pas le moindre geste de réaction. L'autoritarisme nous accable, mais nous nous laissons faire. Comme si nous étions des esclaves du monde et des objets de nos propres vies, nous poursuivons notre marche. Chemin faisant nous circulons au milieu de voix étouffées, de supplications ignorées et de sourires réprimés, sans que nous nous apercevions qu'autour de nous il y a des gens comme nous. Des personnes qui se trouvent dans un processus constant de construction de la société et de reconstruction d'elles-mêmes.

Nous apprenons assez tôt les règles pour l'instauration d'une entente sociale. Il nous faut respecter la hiérarchie et observer un gros manuel de bonnes manières. Quand nous avons grandi, toutefois, nous nous rendons compte que cela est insuffisant car autour de nous il y a nombre de conflits, d'angoisses et de panique empreints sur les visages. La peur s'infiltré par tous nos pores et nous ressentons le besoin de protection. Nous regardons les manchettes des journaux célébrant quotidiennement la violence comme un trophée à exhiber. Alors, nous décidons d'acheter notre îlot de tranquillité en habitant dans des endroits cloturés, en fréquentant des *shopping centers* surveillés, et nous sommes même prêts à payer le simple privilège d'être traités avec dignité. “Ah! le sang noir urbain mû par des intérêts boursiers”... Mais tous ces masques avec lesquels nous cachons la cruauté de la réalité ne sont pas suffisants pour que, de temps en temps, la vie ne nous surprenne plus avec sa risée ironique en nous rappelant que nous aussi sommes de chair et d'os, donc que nous ne pourrons rien emporter avec nous. Pour désarmer les hommes il va falloir, avant, désarmer leurs coeurs. En effet, en nous

trompant nous-mêmes, nous ne ferons que contribuer au maintien d'une situation que nous essayons de fuir; pourtant, nous sommes les seuls à avoir les moyens de la résoudre.

Quand nous nous rendons compte de tout cela, nous sommes atterrés et, en même temps, notre château de rêves, bâti péniblement, se transforme en ruines. Ce n'est qu'alors que nous nous souvenons de la lointaine idée de paix comme de quelque chose de nébuleux, obscur, flou, pratiquement, inaccessible. Une idée, seulement, assaille soudain nos pensées; nous oublions qu'un jour nous avons été des enfants et avons grandi au milieu d'un monde chaotique et dépourvu de sens. Et nous avons survécu. Mais nous avons toujours été si préoccupés par notre défense contre tout cela que nous avons transmis à nos enfants la peur de vivre, la crainte envers l'être humain même. Ils grandissent et deviennent des adultes comme nous, en quête constante d'un havre de paix, avec l'illusion que le monde peut être partagé et que nous pouvons nous retirer sous une cloche de verre, à l'abri de tous les malheurs. Jusqu'à ce qu'à l'improviste le verre se casse.

Créer en nous la notion que nous ne vivons pas seuls, que notre propre existence dépend de tous ceux qui nous ont précédés, auxquels nous serons reliés à jamais dans une chaîne sans fin de don de vie, c'est le premier pas à faire pour que nous puissions comprendre qu'il est impossible d'acheter la liberté, l'amour et l'union. Il est impossible de vivre avec la conscience tranquille tant qu'il faudra ignorer la souffrance des autres personnes qui ont droit à la même qualité de vie que nous souhaitons pour nous-mêmes. Il est impossible d'inventer un bonheur illusoire. Il va falloir le construire de toutes pièces.

“De colo é o meu sobrinho que com um aninho de vida já sabe diferenciar o barulho de fogos de artifício do estrondo rasgante das armas de fogo”.

Jean Maciel Xavier

Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO

Desejo íntimo que conduz a um único sentimento. Igualdade de direitos e igualdade de deveres. Respeito às diferenças. PAZ eterna, morte, fim... Pode-se idealizar o que quiser dessa palavra. Aqueles que promovem as guerras têm, em seus discursos, a PAZ como objetivo principal, mesmo não sabendo o que ela quer dizer realmente. Inexiste PAZ sem justiça. São dois lados de uma mesma moeda que perde o seu valor quando é abandonado qualquer um deles. Para falar de PAZ somente sendo criança.

Em meu tempo de criança a PAZ era poder correr pelado e livre pelas ruas da *Favela da Maré. Atrás de pipa, de bola ou de outro amiguinho brincado de pique-pega. Esse momento de ingenuidade me propunha a PAZ universal, apesar de saber que o mundo aí fora estava repleto de guerras.

Tempos depois eu já não me achava pelado nas ruas do lugar onde eu nasci, que agora já urbanizado, se chama **Complexo da Maré. Nessa época PAZ, para mim, era conversar com os meus amigos de rua, jogar bola e brincar de polícia e ladrão. Tinha noção de que a PAZ em que eu vivia não era plena como eu achava antes. Pois vi, na televisão, um menino iraniano, da minha idade, carregando uma arma maior que ele para lutar uma guerra que seus pais herdaram de seus avós. Pobre menino não sabia nem o que estava acontecendo ao seu redor.

Hoje, não corro livre e muito menos pelado pelas ruas do bairro onde eu nasci que se chama ***Maré. A minha idéia de PAZ não é tão plena como antes. É poder conversar na rua de casa com meus amigos que ainda não morrem por bala perdida ou pela guerra que está instaurada entre o poder do estado e o poder paralelo. Neste momento vejo, nas ruas, dezenas de meninos iranianos, iraquianos ou palestinos, não importa, pois, onde moro não existe ninguém dessa nacionalidade. O que vejo são meninos que agora, acompanhados de suas meninas-mães, carregam no colo os seus filhos que, ao cruzar a próxima esquina, serão órfãos.

De colo é o meu sobrinho que com um aninho de vida já sabe diferenciar o barulho de fogos de artifício do estrondo rasgante das armas de fogo.

Embora a minha consciência e o meu desejo de PAZ tenham aumentado junto com a minha maturidade, faço muito menos do que fiz quando criança. Talvez eu tenha perdido um pouco da ingenuidade que me fazia acreditar que o próximo ser humano, não era inimigo, era mais um amiguinho para brincar de pique-pega. Acreditava que o

mundo é perfeito e repleto de PAZ, do jeito que eu o faço ser.

A grande esperança de PAZ plena está nos exemplos dados pelas crianças. Que em meio a um intenso tiroteio, a menininha larga as mãos da mãe e corre para ajudar um amiguinho que está caído no chão, paralisado de medo. Ele não se importa com o castigo da mãe aflita, pois os dois amigos voltam seguros para as suas casas. Naquele minuto eu acreditei que a verdadeira PAZ é possível.

* Favela da Maré

** Complexo da Maré

***Bairro Maré

Os três nomes são de um mesmo lugar em tempos diferentes. Mostram a evolução de uma favela do Rio de Janeiro em bairro.

*“From my lap, my little one year old
nephew can already distinguish the noise of
fireworks from the ripping blast of firearms”.*

It's an intimate desire that brings out a unique feeling. It's about equality of rights and duties and respect for differences. Eternal PEACE, death, end . . . One can idealize this word to any extent. Those who promote wars have, in their discourse, PEACE as the main goal, even though they really don't know what it means. There is no PEACE without justice. They are the opposing sides of the same coin, who's worth is discarded when any of the sides is abandoned. Only a child can speak of PEACE.

When I was a child, PEACE was about being able to run free and naked across the streets of the Mare Favela. I would run after a kite, a ball or another friend while playing catch. This moment of innocence suggested me universal PEACE, even though I knew that the world out there was full of wars.

Later I didn't find myself running around naked where I had been born, which by now had been urbanized and was called Mare Complex**. At the time PEACE, to me, was about talking to my friends, playing football, and catch. I was conscious that the PEACE I was living in was not as complete as the one I lived before. On television I saw an Iranian boy about my age carry a weapon bigger than him to fight a war inherited from his grandparents. Poor boy, he didn't know what was happening.

Nowadays, I don't run around free – not to mention naked – through the streets of the neighborhood where I was born, called Mare***. My idea of peace is not as complete as before. Now it's just about being able to talk on my street with those friend of mine who still haven't been hit by stray bullets or by the war being waged between

the boundaries of the State and the underworld. On the streets at this moment I see dozens of Iranian, Iraqi, or Palestinian kids, but it doesn't matter because where I come from there are no nationalities. What I see are sons who, accompanied by their child-mothers, carry their children who shall become orphans at the next street corner.

From my lap, my little one year old nephew can already distinguish the noise of fireworks from the ripping blast of firearms.

Although my conscience and my desire of PEACE have grown as I have matured, I do much less than when I was a child. Maybe I have lost some of the innocence that used to make me have faith in the human being next to me wasn't an enemy, but a friend for playing catch. I used to believe that the world was perfect and full of PEACE, the way I made it out to be.

The great hope for complete PEACE lies in the examples given by children. Amidst cross-fire from a shooting, a littler girl will let go of her mother's hand and will run to help her friend who has fallen to the ground, paralyzed by fear, so that both can come home safe. For that minute I believed that true PEACE is possible.

*Mare Favela

** Mare Complex

*** Mare Neighborhood

The three names refer to the same place however in different periods of times. They show the evolution and transformation of a favela into a common neighborhood in Rio de Janeiro.

*“Dans mes bras, âgé à peine d'une
année, mon neveu sait déjà faire la différence entre
l'éclat des feux d'artifice
et le bruit fracassant des armes à feu”*

Désir intime qui amène à un seul sentiment. Égalité de droits et égalité de devoirs. Respect pour les différences. PAIX éternelle, morte, fin... On peut idéaliser ce que l'on veut au sujet de ce mot. Tous ceux qui déclenchent les guerres font l'usage dans leurs discours de la PAIX en tant que but principal, même s'ils ne savent pas ce que cela veut dire vraiment. Il n'y a pas de PAIX possible sans la justice. Il s'agit des deux faces d'une même pièce qui perd sa valeur quand l'une d'elles est abandonnée. L'on ne peut parler de la PAIX qu'en étant enfant.

Quand j'étais enfant, la PAIX c'était pouvoir courir nu et libre dans les ruelles de la

“Favela* da Maré” après un cerf-volant, un ballon ou un autre petit ami, en jouant à cache-cache. Ce moment de naïveté m’offrait la PAIX universelle, même si je savais que, dans le monde, ailleurs, il y avait plein de guerres.

Quelques années plus tard, moi, je ne pouvais plus marcher à poil dans les ruelles de l’endroit où j’étais né; après avoir été urbanisé, il s’est appelé “Complexo** da Maré”. À cette époque-là la PAIX, pour moi, c’était bavarder avec mes amis du quartier, jouer au ballon ainsi qu’au gendarme et au voleur. J’ai eu l’impression que la PAIX où je vivais n’était aussi parfaite que celle que j’avais imaginée auparavant. Et puis en regardant la télé j’ai vu un enfant iranien, de mon âge, qui portait une arme plus grande que lui pour lutter dans une guerre que ses parents avaient hérité de ses grands-parents. Pauvre enfant! Il ne savait même pas ce qui était en train d’arriver autour de lui.

Aujourd’hui, je ne suis plus libre de courir, et encore moins nu, dans les rues de “Maré”, l’endroit où je suis né qui maintenant est devenu “bairro”*. Mon idée concernant la PAIX n’est pas si parfaite qu’auparavant. C’est sortir de chez moi et pouvoir bavarder avec mes amis qui n’ont pas encore été victimes d’une balle perdue, ni de la guerre déclenchée entre le pouvoir de l’État et le “poder paralelo”*. Dans ce moment précis je vois, dans les rues, des dizaines d’enfants iraniens, irakiens ou palestiniens, peu importe; en fait, là où j’habite il n’y a pas de ressortissants de ces nationalités. Ce que je vois ce sont des enfants, maintenant accompagnés de leurs mères-enfants; elles tiennent dans leurs bras leurs bébés qui, au prochain coin de rue, deviendront orphelins.

Dans mes bras, âgé à peine d’une année, mon neveu sait déjà faire la différence entre l’éclat des feux d’artifice et le bruit fracassant des armes à feu.

Même si l’approfondissement de ma prise de conscience et de mon désir concernant la PAIX va de pair avec ma maturité, je constate que je suis devenu beaucoup moins actif par rapport à ce que j’ai pu faire quand j’étais un enfant. J’ai fini par perdre, peut-être, de la naïveté qui me faisait croire que l’être humain le plus proche de moi n’était pas un ennemi, mais plutôt un petit ami prêt à jouer à cache-cache. Je croyais le monde parfait et comblé de PAIX, comme je voudrais qu’il soit.

Le grand espoir de PAIX en plénitude se trouve dans les exemples fournis par les enfants. En pleine fusillade, la fillette quitte les mains de sa mère et, courant à toutes jambes, va prêter secours à un petit ami qui vient de se jeter à terre, transi de peur. Elle se moque d’être punie par sa mère en détresse, puisque les deux amis rentrent sains et saufs chez eux. Dans cet instant, j’ai cru que la vraie PAIX est possible.

* Littéralement, “pouvoir parallèle”: référence à l’emprise des trafiquants sur les “favelas” de Rio de Janeiro.

** Ces trois dénominations – “Favela”, “Complexo” et “Bairro” – ont trait à un même endroit – “Maré” –, correspondant à des périodes différentes; elles nous font voir l’évolution d’une “favela” de Rio de Janeiro qui est devenue un “bairro” [arrondissement].

*“E ao final não seguraremos
mais em armas e veremos refletido
nesse gesto, o coração do
mundo de paz que tanto sonhamos ...”*

Joana D’Arc Rodrigues Ferreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Existe um lugar, mais ou menos às margens de um rio, de onde surgem várias revoluções. Esse espaço já sofreu várias ocupações, já enfrentou seu próprio absolutismo, comandou exércitos numerosos em cruzadas. É realmente um patrimônio mundial da humanidade, devido à sua vital importância, principalmente no atual cenário de conflitos em que vivemos.

Muitas decisões importantes lá são tomadas. Entre alguns projetos ainda sonhados, está em pauta a criação de uma torre que, diferentemente da torre de babel, será constituída pela linguagem universal do amor, que pode ser entendida por todas as nações, porque essa linguagem é nata no homem. Esse monumento corre o risco de sair meio irregular, devido à heterogeneidade do ser, mas com certeza, será um marco de unidade dentro da diversidade, pois unirá forças contra um inimigo que vem avançando contra a segurança mundial.

Outra obra destinada a perpetuar para a posteridade, um símbolo de orgulho para seus habitantes, é um arco. Os colaboradores nessa construção histórica podem ter os mais diversos nomes e origens: Júlio, César, Carlos, Magno, Felipe, Augusto, Henrique, Alexandre... o importante é que este esteja alicerçado em bases que garantam o sucesso de seus ideais de equidade para que, assim, todos os povos possam celebrar a dignidade da vida humana. E mesmo que os inimigos o ataquem, e seu povo caia em prantos, a bravura dos que o defendem derrotará o algoz. Então, o arco onde triunfará a vitória da paz, depois de tanta luta, poderá ser visto não só como uma marca de resistência, mas também será o símbolo de todos aqueles que abraçam o ideal da fraternidade entre as nações.

Apesar de ocupações, invasões, batalhas que teve que enfrentar, esse território é conhecido por ser um lugar de luz e de esperança num mundo rumo às trevas da intolerância humana. Suas ideologias, suas obras monumentais na construção de um mundo melhor, merecem a atenção de todos os que se sentem atraídos a participar de uma nova grande revolução: a edificação de uma era pacífica na história da humanidade, que somente será possível com a solidariedade de todos aqueles que acreditam que o sentimento de paz é capaz de vencer qualquer guerra.

Por isso, para que a paz não seja vista como mais uma questão filosófica, é necessário que o mundo inteiro una-se ao exército que quer transformar a paz numa realidade imediata. Para chegar a esse fantástico lugar, onde essas maravilhas são e estão sendo realizadas, basta dar sua mão ao próximo e assim sucessivamente. E ao final não seguiremos mais em armas e veremos refletido nesse gesto, o coração do mundo de paz que tanto sonhamos, e teremos alcançado então o nirvana social.

*“And in the end we won’t be
holding weapons anymore, and this
gesture will reflect the heart
of the peaceful world we’ve dreamt of. . .”*

There is a place, more or less on the banks of a river, from which many revolutions have been spawned. This space has already undergone many occupations, it has confronted its own absolutism, and has commanded numerous armies in crusades. It is truly an world asset of humanity, due to its vital importance, mainly in the current scenario of conflict in which we live.

Many important decisions are taken there. Among some projects still being dreamt of, the creation of a tower which, unlike the Tower of Babylon, will be built upon the universal language of love, understandable by all nations and borne to all men, is at stake. This monument is at risk of being conceived crooked, because of the heterogeneous character of being, but it surely will be a sign of unity within diversity, for it will be a union of forces against an enemy advancing further against world safety.

Another work destined to last into posterity, a symbol of pride for its inhabitants, is an arch. The collaborators in this historical constructions have different names and come from different places: Julius, Caesar, Charles the Great, Philip, Augustus, Henry, Alexander . . . the important is that the arch is erected upon a bases that guarantee the success of their ideals and equity so that, therefore, all peoples might celebrate the dignity of human life. And even if the enemies attack, and its people burst into tears the braveness of those who defend it will overcome the . Then the arch wherein peace shall triumph, after much fight, will be seen not only as a sign of resistance, but shall also be the symbol of all those who embrace the ideal of fraternity among nations.

Despite occupations, invasions, battles confronted, this territory is known for being a place of light and hope in a world falling into the darkness of human intolerance. The ideologies, the monumental works in the construction of a better world, deserve the attention of all those who are attracted to participating in a new great revolution: the edification of a new pacific era in the history if humanity, that can only be possible

with the solidarity of all those who believe that the sentiment of peace is capable of overcoming any war.

In order for that to happen, for peace not to be viewed as a philosophical question, it is necessary that the whole world join the army that wants to transform peace into an immediate reality. To get to this fantastic place, where these marvels are and are being produced, all you have to do is hold hands with the person next to you and so on. And in the end we won't be holding weapons anymore, and this gesture will reflect the heart of the peaceful world we've dreamt of, and we will have thus achieved social nirvana.

*“Et à la fin nous ne tiendrons
plus d’armes et à travers ce geste nous
verrons refléter le coeur du monde
de paix auquel nous avons tant rêvé...”*

Il existe un endroit en bordure d'une rivière où sont nées plusieurs révolutions. Cet espace a déjà souffert nombre d'occupations, a dû faire face déjà à son propre absolutisme, et a pris la tête de nombreuses armées au cours de croisades. Il s'agit vraiment d'un patrimoine mondial de l'humanité en raison de son importance vitale, surtout, dans le scénario actuel des conflits qui pullulent autour de nous.

Nombre de décisions essentielles y sont prises. Parmi les projets encore rêvés l'on peut trouver celui de la création d'une tour qui à la différence de celle de Babel sera constituée par le langage universel de l'amour qui peut être entendu par toutes les nations, car ce langage est né dans l'homme même. Ce monument risque de présenter des imperfections découlant de l'hétérogénéité de l'être, mais il deviendra certainement un jalon de l'unité à l'intérieur de la diversité, dans la mesure où il rassemblera les forces contre un ennemi qui constitue une menace de plus en plus grande pour la sécurité mondiale.

Une autre oeuvre est destinée à perpétuer en tant que symbole la fierté de ses habitants c'est une arche. Les collaborateurs de cette construction historique portent les noms et les origines les plus divers: Jules César, Charlemagne, Philippe-Auguste, Henri, Alexandre... l'important est que chacun d'eux soit fondé sur des bases qui assurent le succès de ses idéaux par rapport à l'équité pour qu'ainsi, tous les peuples puissent célébrer la dignité de la vie humaine. Et même si chacun doit endurer l'attaque de ses ennemis, et même si son peuple fond en larmes, la bravoure de ceux qui prennent sa défense finira par mettre en déroute le bourreau. Alors, l'arche où aura lieu la victoire de la paix à la suite de tant de combats, pourra être vue non seulement comme un

signe de résistance, mais aussi le symbole de tous ceux qui embrassent l'idéal de la fraternité entre les nations.

Malgré les occupations, les invasions, les batailles engagées, ce territoire-là est connu comme étant un lieu de lumière et d'espoir dans un monde tourné vers les ténèbres de l'intolérance humaine. Son idéologie, ses oeuvres monumentales visant la construction d'un monde meilleur méritent d'être regardées attentivement par tous ceux qui se sentent attirés à participer à une nouvelle grande révolution: l'édification d'une ère pacifique dans l'histoire de l'humanité ne sera possible qu'en se basant sur la solidarité de tous ceux qui croient que le sentiment de paix est capable de l'emporter sur n'importe quelle guerre.

De ce fait, pour que la paix ne soit pas perçue comme une question philosophique de plus, il faut que le monde entier rejoigne l'armée qui prétend transformer la paix en une réalité immédiate. Pour accéder à ce lieu fantastique où ces merveilles sont élaborées, il suffit de tendre sa main à son prochain et ainsi de suite. A la fin, nous ne tiendrons plus d'armes et dans ce geste, nous verrons reflété le coeur du monde de paix auquel nous avons tant rêvé; alors, nous aurons atteint le nirvana social.

“Afinal, cada ponto de vista, na verdade, é a vista de um ponto, e a sociedade não é homogênea em sua estrutura”.

João Daniel de Carvalho Fonseca
Universidade Federal Fluminense - UFF

Paz: em vão será a tentativa de defini-la. Paz social, familiar, espiritual... São variações do mesmo tema sem sair do tom. Enfoquemos as causas do fato e não o fato. Violência, tráfico de drogas, armas e marginalização são, em primeira instância e em grande número de votos, os principais impeditivos para o alcance de uma paz tão nebulosa, desejada e pregada pela sociedade mundial, às vezes tão emotiva em seus suplícios e carências e, em parte, tão hipócrita em seus valores e princípios. Mas, quais seriam as causas e origens destes obstáculos?

Por que não atribuir esta problemática ao contexto político-econômico no qual estamos inseridos? Como o local social e os óculos sociais que usamos podem retratar nossa visão de mundo, a imparcialidade nas idéias interpretadas se faz obrigatória, pois a sociedade está linearmente estratificada e podemos perceber diferentes configurações sócioeconômicas num mesmo meio. Afinal, cada ponto de vista, na verdade, é a vista de um ponto, e a sociedade não é homogênea em sua estrutura.

Partindo da premissa que a ligação acima proposta seja estabelecida, podemos abordar duas vertentes: sob uma ótica micrológica, enfocando uma sociedade, como a brasileira, por exemplo, ou macrológica, enfatizando as relações internacionais de cunho sócioeconômico existentes no mundo. A tríade cultura-economia-política, formulada ao longo da história, estabelece as relações sociais internas e externas de uma determinada tribo ou sociedade. E isso é fato aplicável a quase todas as organizações formais e informais.

Como pode um chefe de família desempregado estar em paz consigo mesmo, se está inserido num contexto socioeconômico desigual e sem perspectivas de mudança? Como pode uma sociedade julgar um marginal, se este está à margem da coletividade e esta mesma sociedade não lhe dá oportunidades de inserção e integração social? Como podemos combater o armamento clandestino se ele é o resultado da falta de opções e exclusão social “oferecidas” por nós mesmos e pelo Estado? Imaginemos uma ingênua criança de rua. Será que ela está em paz, sem ter condições de educação, alimentação, saúde e moradia condizentes com o nível mínimo para um ser humano?

Como pode uma nação viver em paz, cercada por uma faixa estreita de terra que a separa do mundo? Como pode um Estado governar em paz, se existem diferenças da ordem de milhões de dólares entre seu PIB e os de outros países? Como pode existir paz entre nações se as diferenças ideológicas entre elas, em larga escala, são movidas por interesses financeiros e políticos?

Rezemos. Elaboremos também, com os chefes de nações do mundo, uma campanha global para um mutirão que pregue a igualdade social, distribuindo caviar e champagne a quem não tem alimentos, oferecendo gratuitamente cursos de doutorado a quem não sabe ler e doando castelos a quem não tem onde morar. A justiça social talvez se faça rigorosa e possa estruturar um processo cibernético de paz globalizada. Pressionaremos o ENTER e o sistema estará instalado em sua integridade. Puro sonho, doce utopia...

*“After all, each point of view is,
in reality, the view from a point, and society isn’t a
homogenous structure.”*

Peace: any attempt at defining it will be in vain. Social peace, family peace, and spiritual peace . . . These are variations on a same theme without falling out of tune. Let us focus on the causes of the fact and not on the fact. Violence, drug trafficking, weapons, and marginality are, in first place and with the greater number of votes, the main obstacles in the achievement of such an obscure peace, desired, and preached by world society, sometimes so emotive in its pleas and needs, and others so hypocritical in its values and principles. But what would be the origin of and causes of these obstacles,

Why not attribute these problems to political and economic context we live in? As the social locale and social glasses we use portray our view of the world, the impartiality of the ideas interpreted is a contingency for society is stratified linearly and we can perceive different socio-economic conditions in a same group. After all, each point of view is, in reality, the view from a certain point, and society is not a homogenous structure.

Assuming the premise that that the connection proposed above is established, we can approach two perspectives; the first one, a micrological one, focusing on a society, such as the Brazilian society, for example; and a second, macrological ones, emphasizing on international relations from a world socioeconomic perspective. The triad culture-economics-politics, a concept shaped by history, establishes internal and external social relations of a specific society or tribe. And this is an applicable fact to all formal and informal organizations.

How can the unemployed head of a family be at peace with himself, if he finds himself in an unequal social context and without perspective of change? How can a society put a criminal in trial, if this same criminal is at the margin of a society that does not give one the chance for fitting and social integration? How can we fight against weapon smuggling if it is a result of the lack of options and social exclusion

“offered” by ourselves and by the State? Let us imagine an innocent street child. Is it possible that he or she is at peace, while not having education, food, health, and living conditions the appropriate for a minimum level living?

How can a nation live in peace, if surrounded by a narrow strip of land separating it from the world? How can a State govern in peace, if there are differences of the order of millions of dollars between its GNP and that of other countries? How can there be peace among nations, if the ideological differences between them, to a large extent, are motivated by financial and political interests?

Let us pray. Let us also launch a world campaign, together with the leaders of all nations, for social equality, distributing caviar and champagne to those who have no food, offering PhDs to those who cannot read, and donating castles to those who have no place to live. Social justice shall become rigorous and shall structure a cybernetic process for world peace. Let us press ENTER and the system will be installed in its integrity. Pure dream, pure utopia...

*“Au bout du compte, chaque point de vue
n’est vraiment que la vue d’un point, et la société
n’est pas homogène dans sa structure”*

Paix: toute démarche engagée dans la recherche de sa définition serait vouée à l’échec. Paix sociale, familiale, spirituelle... Ce sont des variations sur le même thème sans sortir du ton. Envisageons plutôt les causes du fait et non le fait lui-même. Violence, trafic de drogues et d’armes, outre l’exclusion sociale ce sont, en première instance et pour nombre de voix, les principaux freins à l’accès à une paix si nébuleuse, souhaitée et prêchée par la société mondiale, quelquefois si émotive dans ses supplices et ses manques et, en partie, si hypocrite dans ses valeurs et principes d’action. Mais quelles seraient alors les causes et les sources de ces obstacles?

Pourquoi ne pas attribuer cette problématique au contexte politico-économique dans lequel nous sommes insérés? Comme le contexte social et les lunettes sociales que nous portons peuvent dépeindre notre vision du monde, l’impartialité des idées interprétées se rend obligatoire car la société se trouve linéairement stratifiée et nous pouvons apercevoir différentes configurations socio-économiques dans un même milieu. Au bout du compte, chaque point de vue n’est vraiment que la vue d’un point, et la société n’est pas homogène dans sa structure.

En partant des prémisses que la liaison proposée plus haut est établie, nous pouvons aborder deux versants: sous une optique micrologique, en prenant comme cible une société – par exemple, la brésilienne – ou macrologique, en visant les rapports

internationaux à caractère socio-économique existants dans le monde. La triade culture-économie-politique, formulée tout au long de l'histoire, établit les relations sociales internes et externes d'une tribu ou société. C'est un fait applicable à presque toutes les organisations formelles et informelles.

Comment un chef de famille au chômage peut-il être en paix avec lui-même s'il est inséré dans un contexte socio-économique inégal et sans perspective de changement? Comment une société peut-elle juger un marginal, si celui-ci vit en marge de la collectivité qui à son tour ne lui donne aucune occasion d'insertion et d'intégration social? Comment pouvons-nous combattre l'armement clandestin s'il est le résultat du manque d'options et de l'exclusion sociale "offertes" par nous-mêmes et par l'État? Pour un instant, imaginons un enfant de rue et toute sa naïveté. Est-ce qu'il est en paix s'il ne dispose pas des conditions d'éducation, de nourriture, de santé et de logement indispensables pour subvenir aux besoins d'un être humain?

Comment une nation peut-elle vivre en paix, si elle se trouve entourée d'une étroite bande de terrain qui la sépare du monde? Comment un État peut-il gouverner en paix, si la différence entre son PIB et ceux des autres pays s'élève à des millions de dollars? Comment la paix peut-elle exister entre les nations si leurs différences idéologiques, à large échelle, sont entraînées par des intérêts financiers et politiques?

Prions. Tâchons d'élaborer aussi avec les Chefs des nations du monde une campagne globale visant une mobilisation collective qui prêche l'égalité sociale, en partageant du caviar et du champagne avec les affamés, en offrant gratuitement des places pour le troisième cycle destinées aux illettrés, et en faisant donation de châteaux aux sans-abris. La justice sociale, peut-être, se fait plus rigoureuse et peut structurer un processus cybernétique de paix mondialisée. Nous allons presser la touche ENTER et le système sera installé dans son intégralité. Que du rêve pur, de la douce utopie...

“...educação como um dos pilares mais significativos do processo de desenvolvimento humano”.

João Paulo Marques Schittini

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

A via da paz somente será percorrida quando cada indivíduo colocar seu nome no pacto social firmado por nossos ancestrais, em constatação à necessidade de se viver em comunidade, isto é, no momento em que houver comprometimento e engajamento para com a sociedade.

Teto, livro, água, trabalho e saúde, no linguajar de muitos; moradia, educação, saneamento básico, oportunidades de emprego e assistência médica, nas palavras de estudiosos, apenas representa que todos conhecem o caminho certo. Então, o que ainda falta para se tomar o próximo retorno em direção à Avenida da Paz ?

Certamente, enquanto a admirável Declaração Universal dos Direitos do Homem não transcender o plano ideológico, da utopia à realidade, os pontos cardeais continuarão a tilintar balas traçantes, algozes da vida humana.

Pelas janelas assiste-se à escalada do terror, todavia vivencia-se, mesmo assim, uma superficial tranqüilidade enquanto a barbárie ainda não bateu à porta. Não se trata de declarar mais guerra afirmando que a culpa alheia é maior, mas de chamar todos à comunhão da paz.

Com efeito, a deficiência na organização da sociedade civil em prol do bem comum, sempre apontando a falta dos governantes como maneira mais simples de eximir-se da dívida social, é justamente o ponto de partida de qualquer discussão acerca dos rumos da humanidade.

Esta associação comunitária, entretanto, somente será conseguida com uma formação educacional basilar que crie a necessidade da interação responsável do homem com seu meio.

De fato, não carecem estudiosos autorizados no assunto para destacar a importância da educação como um dos pilares mais significativos do processo de desenvolvimento humano. A riqueza concentrada há muito na história da civilização gera indubitavelmente grandes disparidades no seio da sociedade, ao passo que a educação figura no papel de nobre retomadora da igualdade.

Verifica-se, desta maneira, que a educação transporta o ser humano a níveis de plena consciência, acarretando na eleição de melhores representantes do povo, em consequentes exigências mais concisas, em uma maior preocupação social, em tolerância com diferenças culturais e de costumes, enfim, em uma série de atalhos para se alcançar a paz.

A educação representa, portanto, a rendição das armas, o fim do toque de recolher, a dispersão das fumaças atômicas e o Pacto de Amor e Zelo entre todos os povos do mundo.

*“... education as one of the
most significant pillars of the process
of human development”.*

The pathway to peace will only be trailed when each individual inscribes his name in the social pact signed by our ancestors, in acceptance of the necessity to live in community, that is, in acquiescence of the moment in which there is a compromise and an engagement towards all of society.

A roof, books, water, work, and health, in the everyday language of many; habitation, education, basic sanitation, work opportunities, and health insurance, in the words of scholars. It's a sign everyone knows the right path. So, what is still missing to take the next exit to Peace Avenue?

Certainly, while the admirable Universal Declaration on the Rights of Man does not transcend the ideological realm, from utopia to reality, all cardinal points on the compass will be clinking from cutting bullets, executioners of human life.

Through the windows the escalade of terror can be seen, although at the same time a superficial tranquility can be lived while barbarianism lurks beyond the door. It's not a matter of declaring war, stating that the blame of others is greater, but of calling on all to come together in a communion of peace.

In fact, a deficiency of the organization of civil society on behalf of collective well-being, always pointing fingers to the faults of governments as the simplest way of exempting itself from its social debt, is precisely the starting point of any discussion pertaining to the course of mankind.

This community association, however, will only be achieved with basic educational upbringing, creating the need for responsible interaction between man and his environment.

In fact, authorized scholars on the subject are not lacking. They bring attention to the importance of education as one of the most significant pillars in the process of human development”. Longtime richness concentration throughout history has certainly engendered great disparity in the core of society, whereas education plays the noble part of the accomplisher of equality.

It is therefore concluded that education transports the human being to levels of complete consciousness, resulting in the election of better representatives of the people, in more precise and concise demands, in greater social concern, in tolerance of different

cultures and customs, and, finally, in a series of shortcuts to achieve peace.

Education therefore represents the surrender of arms, the end of the curfew call, the dispersion of all atomic smoke and the Pact of Love and Zeal* among the peoples of the world.

**The first letters of the words pact, love, and zeal spell out the word peace, "paz", in Portuguese.*

“...l'éducation en tant que pilier parmi les plus significatifs du processus de développement humain”

La voie de la paix ne sera parcourue qu'au moment où le nom de chaque individu figurera sur le pacte social signé par nos ancêtres, en constatant notre besoin de vivre en communauté, c'est-à-dire, au moment où il y aura un compromis et un engagement envers la société.

Pour certains il s'agit du toit, des livres, de l'eau, du travail et de la santé; pour d'autres, les plus cultivés, ils parleront de logement, d'éducation, d'assainissement de base, d'opportunités d'emploi et d'assistance médicale, ce qui est une façon de dire que tous connaissent déjà le bon chemin. Alors, qu'est-ce qui manque encore pour que l'on puisse prendre le prochain virage vers l'avenue de la Paix?

Tant que l'admirable Déclaration universelle des droits de l'homme restera au plan idéologique, ne réussissant pas à transcender l'utopie pour devenir réalité, les points cardinaux continueront à tinter de balles traçantes, de bourreaux de la vie humanine.

Par les fenêtres, on assiste à l'escalade de la terreur; toutefois on peut vivre, malgré tout, dans une tranquillité superficielle en attendant que la barbarie vienne frapper à notre porte. Au lieu de déclarer encore la guerre sous prétexte que la faute incombe plutôt à autrui, il s'agit d'appeler à la communion de la paix.

En effet, le handicap dans l'organisation de la société civile en faveur du bien commun, toujours en soulignant la faute des gouvernants comme la façon la plus simple de s'exempter de la dette sociale, c'est justement le point de départ de n'importe quelle discussion sur l'avenir de l'humanité.

Ce rassemblement communautaire, pourtant, ne se fera que moyennant une formation éducationnelle de base qui finisse par créer le besoin d'une interaction responsable de l'homme et de son milieu.

De fait, il ne manque pas d'experts en la matière pour attirer l'attention sur l'importance de l'éducation en tant que pilier parmi les plus significatifs du processus de développement humain. La concentration de la richesse, depuis longtemps au cours de l'histoire de la civilisation, génère indubitablement des disparités au sein de la société, tandis que l'éducation joue le rôle noble d'entraîner l'égalité.

De cette façon l'on peut voir que l'éducation porte l'être humain à des niveaux de pleine conscience, en contribuant à l'élection de meilleurs représentants du peuple, à des exigences plus concises, à une plus grande préoccupation sociale, à une tolérance à l'égard des différences culturelles et des habitudes, enfin, à une série de raccourcis qui donnent accès à la paix.

L'éducation représente, donc, la suspension des armes, le lever des interdictions, la dispersion des fumées atomiques, et le Pacte d'Amour Indéfectible et Xénophile* entre tous les peuples du monde.

* D'après l'original, *Zêlo*; en portugais, le Z correspond à la troisième lettre du mot "PAZ" [PAIX]. Voici donc l'expression originale: "Pacto de Amor e Zelo".

*“A paz, a minha paz, tem que ter cor,
vida, mais cores que o próprio arco-íris.”*

José de Souza Neto
Universidade Estácio de Sá

A paz não deveria ser vista como um pano branco, pálido, sem vida. A paz, a minha paz, tem que ter cor, vida, mais cores que o próprio arco-íris. Ela tem que ser sólida, real, paupável. Pode ser grande ou pequena, e não uma coisa de tamanho único, uniforme. Podem aparecer pontos vermelhos, negros, ou quaisquer outras manchas, pequenas ou grandes, que não irão acabar com a paz, apenas fazê-la ser diferente.

Sem a paz, o homem não consegue evoluir, avançar no seu progresso e alcançar a felicidade que tanto busca. De uma maneira estranha, ele luta constantemente em busca da paz. Ele fere, maltrata e até mata. O homem cria o colorido da paz, pois a paz sem luta é a verdadeira exceção.

Não podemos tocá-la, mas temos que preservá-la, entendê-la, nunca mantendo-a na força. A verdadeira paz tem que ser mostrada para o mundo, com a realidade que a enxergamos, com suas cores, suas mutações, sua verdade, com seus momentos de crises e soluções.

Hoje senti que para escrever a paz, teria que ser de uma forma diferente das que tanto me apresentaram, simples, direta, de forma legível, tanto para mim quanto para aquela gente que está lá fora, que eu não conheço, mas que é parte integrante de nossa paz, mesmo que, em alguns momentos, tudo pareça tão difícil e conflitante.

Concluí que nada poderia ser mais simples, direto e verdadeiro que descrevê-la com as palavras do princípio universal de ser gentil com os outros e fazer aos outros o que queres que te façam. Regra básica da lei de causa e efeito, repetida na quase totalidade das seitas e religiões: Ama o próximo como a ti mesmo (Cristianismo); Não faça aos outros homens o que não queres que eles te façam (Confucionismo); De cinco maneiras um verdadeiro líder deve tratar seus amigos e dependentes – dando o que deles espera receber e sendo tão fiel quanta sua própria palavra (Budismo); Não faça ao teu semelhante aquilo que para ti mesmo é doloroso (Judaísmo); Ninguém pode ser um crente até que ame ao seu irmão como a si mesmo. (Islamismo); Considera o lucro do teu vizinho como teu próprio e o prejuízo dele como se também fosse teu (Taoísmo) e julga aos outros com a ti mesmo julgas, então participarás do Céu (Sikhismo) entre tantas outras.

Dizia Einstein que a vida é como jogar uma bola na parede... Tudo quanto ela faz é retribuir e transferir aquilo que nós lhe oferecemos. E nós oferecemos a paz.

“Peace, my peace, has got to have color, life, more colors than the rainbow”.

Peace shouldn't be seen as a white, pale, lifeless cloth. Peace, my peace, has got to have color, life, more colors than the rainbow. It has got to be solid, real, and tangible. It can be big or small; it does not have to be something uniform, of one size only. There might be red spots, black spots, or any other spots, big or small. They won't end peace, just make it different.

Without peace, man cannot evolve, advance in his progress, and achieve the much sought after happiness. In a strange way, he is in a constant fight in search for peace. It hurts, abuses him, and sometimes even kills him. Man creates the colorfulness of peace, for peace without a struggle is a true exception.

We cannot touch, but we must preserve it, understand it, and never keep it alive by force. True peace must be shown to the world realistically, with all its colors, its mutations, its truth, and its moments of crises and resolution. Today I felt that to write peace I would have to do in a different way. I would have to be simple, direct, and legible. Not only for my own sake but also for that of all those people out there, whom I don't know, but are a part of our peace, even though, at times, it seems so difficult and conflicting. I concluded that nothing could more simple, direct, and true than describing it with the words that go along with the universal principle of being kind to others and doing to others what you wish them to do to you. A basic rule of the law of cause and effect, repeated by almost also religions and sects: Love thy neighbor as you love yourself (Christianity); Do not to do to others what you don't want them to do to you (Confucianism); Of the five ways a true leader must treat his friends and dependents – giving what they expect to receive and being faithful to your word (Buddhism); Do not do to like that which is painful to yourself (Judaism); Nobody can be a believer until he loves his brother as he loves himself (Islamism); Consider your neighbors profit as your own and his failure as your own (Taoism); and judge others as you judge yourself, and then you will be part of Heaven (Sikhism), among many others.

Einstein used to say that life is like throwing a ball at the wall . . . All it does is return and transfer that which we offered it. And we offer peace.

“Pour moi, il faut que la paix ait de la couleur, soit vivante, qu’elle ait encore plus de couleurs que l’arc-en-ciel lui-même”

La paix ne devrait pas être vue comme une étoffe blanche, pâle, sans vie. Pour moi, il faut que la paix ait de la couleur, soit vivante, qu’elle ait encore plus de couleurs que l’arc-en-ciel lui-même. Il faut qu’elle soit solide, réelle, palpable. Elle peut être quelque chose de grand ou de petit, mais surtout pas de taille unique, uniforme. Même s’il y a des points rouges, noirs, ou d’autres taches, petites ou grandes, ils ne réussiront pas à venir à bout de la paix; simplement ils vont la rendre un tout petit peu différente.

Sans la paix, l’homme n’arrive pas à évoluer, aller de l’avant pour atteindre le bonheur, objet de son inlassable quête. D’une façon étrange, il lutte constamment à la recherche de la paix. Il frappe des coups blessants, il traite les autres avec brutalité, il lui arrive même de tuer. L’homme crée le coloris de la paix car celle-ci sans combat c’est la vraie exception.

Nous ne pouvons pas la toucher, mais il nous faut la préserver, l’entendre, sans jamais la tenir par force. Il faut que la vraie paix soit présentée au monde, de la façon que nous l’envisageons, avec ses couleurs, ses mutations, sa vérité, ses moments de crise et de réussite.

Aujourd’hui, pour écrire sur la paix, j’ai ressenti qu’à la différence des façons si nombreuses qui m’ont déjà été présentées, il me faudrait l’aborder d’une manière simple, directe, lisible, aussi bien pour moi que pour la foule qui se trouve dans la rue, que je ne connais pas, mais qui est partie prenante de notre paix, même si pendant quelques moments, tout semble être si difficile et conflictuel.

Je suis arrivé à la conclusion que rien ne pourrait être plus simple, direct et vrai que le fait de la décrire avec les mots de ce principe universel: être gentil avec autrui et faire à autrui ce que tu souhaites qu’il te fasse. Règle de base de la loi de cause et effet, répétée dans presque la totalité des sectes et des religions: “Tu aimeras ton prochain comme toi-même” (Christianisme); “Ne fais pas à autrui ce que tu ne voudrais pas qu’on te fit à toi-même” (Confucianisme); Les cinq façons qu’un vrai chef se doit d’utiliser à l’égard de ses amis et de ses subordonnés – en leur rendant ce qu’il attend recevoir d’eux et en restant si fidèle que sa parole même (Bouddhisme); Ne fais pas à ton semblable ce qui pour toi-même est douloureux (Judaïsme); Personne ne peut être un croyant avant qu’il n’aime son frère comme soi-même (Islamisme); Considère le gain de ton voisin comme le tien et son préjudice comme s’il avait été aussi le tien (Taoïsme); et porte un jugement sur les autres à l’instar du jugement que tu portes sur toi-même, alors tu feras partie du Ciel (Sikhisme); parmi tant d’autres.

Einstein disait que la vie est comme lancer un ballon contre le mur... Tout ce qui lui reste à faire c’est de rendre et transférer ce que nous lui avons offert. Et nous offrons la paix.

*“ A paz fica em segundo plano,
em caminhadas pelas ruas ou
campanhas pela televisão “.*

José Ronei Lopes Batista

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Armas, bombardeios, assassinatos, choro, medo. O cenário de uma grande peça milenar onde cada vida torna-se alvo sem motivo. Talvez a grande estupidez da escrita bélica seja tirar as exclamações e reticências de olhos sedentos de vida. E nesse contexto, a única contra-escrita capaz de calar o idioma da violência é a escrita universal da paz. Uma nova linguagem, uma nova comunicação entre homens, onde prevaleça a tolerância e a harmonia.

Escrever a paz e contribuir nessa nova visão de mundo é algo muito além do que grafar letras num pedaço de papel. Exercitar a palavra é um dom sentimental que se enche de potencialidade quando o choro por uma vida perdida torna-se presente. Muito se escreve nos jornais sobre genocídios, cenários de terror. A paz fica em segundo plano, em caminhadas pelas ruas ou campanhas pela televisão. O dicionário da paz, dessa forma, se constrói no contexto da desilusão.

Afinal, será que apenas agora, depois de milhares de anos vivendo sobre este planeta, o homem resolveu pensar sobre a paz? Claro que não. E mais claro ainda é perceber que a paz é uma resposta e não um questionamento. O primeiro pedido de desculpas entre duas pessoas foi o primeiro tratado de paz assinado com o aperto das mãos. As mãos. Mãos simbolizam o fazer humano. Hoje, nossos líderes continuam apertando as mãos, ensaiando a paz. Mas, por algum motivo, as bombas e balas continuam ceifando sonhos e possibilidades.

Do aperto de mãos passamos a uma formalidade mais burocrática: o papel e a caneta. O século passado foi envolto de assinaturas e desejos escritos em tinta. Mas as guerras persistiram e teimaram em manter-se vivas na morte de civis inocentes. O atual século não mostra diferenças; atentados, guerrilhas, explosões. Perdemos possibilidades em Nova Iorque, perdemos um embaixador da paz no Iraque, perdemos crianças nas drogas e nas minas, perdemos tempo e esperança.

Mas agora nos oferecem o tal papel e a caneta, ou a tela e o teclado. Diante de tanta amargura e descrença, o que podemos fazer? Agora, somos nós os embaixadores, os formuladores de um tratado eterno de solidariedade. Tanto medo nos poda de criatividade.

A ação sensível de escrever é o choro em lágrimas grafadas. A esperança é tudo que temos e a palavra, tudo que nos restou. Há medo, mas há também desejo. E nessa nova perspectiva de mundo, o idioma a ser construído precisa estar embasado na sensibili-

dade de que a vida possui linguagens ricas de um mundo melhor.

As armas possuem apenas uma língua, a língua explosiva que torna os decibéis inúteis e assustam as crianças. As palavras não. As palavras de paz escrevem histórias e contam os sonhos de pequenos e grandes homens. As palavras de paz possuem milhares de línguas, que tiram as pessoas de suas fobias e as colocam sentadas ao pôr do sol, abraçadas ao mundo que tanto sonham viver.

*“Peace remains a
backdrop in street marches and
televised campaigns”.*

Arms, bombardments, murders, cries, and fear. This is the scenery of a secular play in which each lives, for no reason at all, become targets. Maybe the great stupidity of the belligerent testament is to remove the exclamation marks and suspension marks of eyes hungry for life. In this context, the only counter-testament capable of silencing the language of violence is the universal testament of peace. A new language, a new form of communication between men, in which harmony and tolerance prevails comes to being.

Writing peace and contributing to this vision of the world is something that goes way beyond etching letters on a piece of paper. Expression is a sentimental gift that gains full stride when the cry for a lost life becomes present. Much is written on newspapers about genocides and scenarios of terror. Peace remains a backdrop in street marches and televised campaigns. The dictionary of peace, therefore, is built upon a context of disillusion.

After all, is it only now, after thousands of years living in this Earth, that man has decided to give thought to peace? Of course not. And it is even clearer that peace is an answer, as opposed to a question. The first apology between two people was the first peace treaty ever to be signed with the shaking of hands. Hands. Hands represent humans at work. Today our leaders continue shaking hands, rehearsing for peace. However, for some reason, bombs and bullets continue ravaging dreams and possibilities.

From the shaking of hands to a more bureaucratic formality: pen and paper. The last century was taken by signatures and wishes spelled out in ink. But the wars persisted and stubbornly kept themselves alive in the deaths of innocent civilians. The current century is no different: terrorist attacks, guerillas, and explosions. We lost a chance in New York, we lost an ambassador of peace in Iraq, we lose children because of drugs, and in mine we lose time and hope.

Now the offer us pen and paper, or the screen and keyboard. In the face of so much bitterness and disbelief, what can we do? Now, it's our turn to be ambassadors, the

drafters of an eternal treaty of solidarity. So much fear stunts our creativity.

The sensitive act of writing is the shedding of tears on the form of etched letters. Hope is all we have, and words are all that are rest of us. There is fear, but there is also desire. And in this perspective of the world, the idiom to be built must be based on the feeling that life possesses languages rich with better worlds.

Arms possess only one language, the language of explosion, which renders decibels useless and frighten children. Not words. Words of peace write stories and tell the dreams of small and great men. Words of peace have thousands of languages which remove people from their phobias and sit them facing the sunset, embracing the world the want to live in so much.

*“La paix est laissée à l’arrière-plan,
n’étant évoquée qu’au cours des manifestations
de rue et des campagnes télévisuelles”*

Des armes, des bombardements, des assassinats, des pleurs, de la peur. Voilà le scénario d’une grande pièce millénaire où chaque vie devient une cible sans aucun motif. Peut-être, la grande bêtise de l’écriture belliqueuse est d’enlever des regards assoiffés de vie les points d’exclamation et de suspension. Dans ce contexte, la seule contre-écriture capable de faire taire le parler de la violence est l’écriture universelle de la paix. Un nouveau langage, une nouvelle communication entre les hommes où la tolérance et l’harmonie l’emporteront.

Écrire sur la paix et donner sa contribution à cette nouvelle vision du monde c’est quelque chose qui se trouve bien au-delà du simple fait de noter des lettres sur un bout de papier. Mettre en usage les mots, c’est un don sentimental qui se remplit de potentialités quand l’on pleure une vie perdue. On écrit beaucoup dans les journaux sur des génocides, des scénarios de terreur. La paix est laissée à l’arrière-plan; elle n’est évoquée qu’au cours des manifestations de rue et des campagnes télévisuelles. Cela étant, le dictionnaire de la paix se construit dans le contexte de la désillusion.

Finalement, est-ce aujourd’hui seulement, depuis après des milliers d’années sur cette planète, que l’homme décide de penser la paix? Certainement pas. La paix est une réponse et non pas une mise en question. La première fois que deux personnes se sont présenté des excuses a été le premier traité de paix signé par le truchement d’une poignée de mains. Les mains: symbole du faire humain. Aujourd’hui, nos chefs politiques continuent à se donner des poignées de mains, en essayant de trouver la paix. Mais, par un motif inavoué, les bombes et les balles n’arrêtent pas de moissonner rêves et possibilités.

De la poignée de mains, nous sommes passés à une formalité plus bureaucratique: le papier et le stylo. Au cours du siècle dernier, nombre de signatures et de désirs ont

été couchés sur le papier. Néanmoins, l'on se rend compte que les guerres persistent et s'entêtent à rester vivantes, donnant la mort à des civils innocents. Par rapport au siècle actuel, la situation n'a pas beaucoup changé: des attentats, de la guérilla, des explosions. Nous avons perdu des chances d'entente à New York, nous avons perdu un ambassadeur de la paix en Irak, nous sommes en train de perdre des enfants entraînés dans le trafic des drogues et déchiquetés par des mines, nous perdons du temps et de l'espoir.

Mais maintenant nous recevons le cadeau de ce papier et de ce stylo, ou d'un écran et d'un clavier. Face à une amertume si intense et un tel degré de scepticisme, que pouvons-nous faire? Nous sommes les ambassadeurs, les concepteurs d'un traité éternel de solidarité. Une peur si accablante nous tranche de la créativité.

L'action sensible d'écrire est un chagrin dont les larmes laissent des traces. L'espoir c'est tout ce que nous avons et la parole, tout ce qui nous reste. Il y a de la peur, mais il y a aussi du désir. Et dans cette nouvelle perspective du monde, il va falloir que la langue à construire repose sur la sensibilité selon laquelle la vie possède des langages riches d'un monde meilleur.

Les armes n'ont qu'un langage, c'est-à-dire la langue explosive qui rend inutiles les décibels et qui remplit d'effroi les enfants. Tout au contraire, concernant la parole. Les paroles de paix écrivent des histoires et racontent les rêves des petits et des grands hommes. Les paroles de paix possèdent des milliers de langues, qui tirent les gens de leurs phobies en les plaçant assis devant le soleil couchant, enlacés au monde dans lequel ils rêvent tant de vivre.

“PAZ é tudo isso, um misto de amor, de harmonia, de confiança e fraternidade.”

Juliana Agualuza Gonçalves

Faculdades Integradas Hélio Alonso - FACHA

A humanidade caminha ao encontro da PAZ , através da criação de alternativas e da busca constante por soluções para dar fim às guerras e a todo tipo de violência física e social. As mobilizações em todo o mundo se multiplicam a cada dia, com o povo nas ruas reclamando por justiça, chorando a perda de pessoas queridas e pedindo apenas PAZ

O principal fator que leva à violência é a falta de acesso à cultura, a educação, à saúde e à moradia. A garantia de uma vida digna e satisfatória não é a realidade da maioria das pessoas, já que, entre os vários países, há diferenças profundas, assim como num país, o contraste também é gritante. Desigualdade social, distribuição de renda, interesses políticos e tantos outros aspectos são responsáveis por provocar a violência e disseminá-la no mundo.

É irreal dizer que a violência está inserida no indivíduo, independente do meio ao qual ele pertence, pois na verdade, um sistema falido corrompe o ser humano de tal forma que ele já não tem preocupação com a integridade e sua segurança, e as conseqüências provocadas por essa falta de direcionamento é a total ausência dos valores familiares e sociais

Os números da violência estão cada vez mais alarmantes e a referência disso está em todas as partes do mundo. As pessoas estão mais inseguras, seu medo é maior , a PAZ parece estar cada vez mais distante, e ainda assim, não se perde a segurança.

É preciso escrever uma nova página na história da humanidade, onde os povos possam dar as mãos e lutar, sem armas de fogo, armas químicas ou bombas nucleares, mas com a alma, com o coração aberto aceitando as diferenças que existem e pedindo a PAZ

O sofrimento no rosto de milhares de pessoas reflete uma dor ou uma preocupação e precisa se transformar num sorriso de esperança. Não se pode calar uma multidão de vozes que pregam o bem e buscam a PAZ

PAZ é tudo isso, um misto de amor, de harmonia, de confiança e fraternidade. É o sonho de todas nações, a razão de ser da luta pela igualdade social entre aqueles que são tão diferentes. É o desejo explícito de viver um mundo melhor, é o que possibilita momentos de felicidade, é sinônimo de total alegria

A PAZ é tudo aquilo de que o mundo realmente precisa, mas alguns poucos , que talvez nem possam ser chamados de “humanos”, insistem em fingir que ela não existe. E através de atitudes irracionais e inconseqüentes, mobilizam nações inteiras com a intolerância, sua insensatez e sua prepotência. O ódio, a discórdia e a ganância nunca levarão à PAZ porque são carregados de individualismo. E a PAZ é o retrato da união, do respeito mútuo e do desejo em comum

A PAZ é tudo o que a maioria dos povos do mundo, independente do seu poderio, raça, crença ou dimensão, deseja, mas nenhum deles conseguirá alcançar sozinho. O predomínio da PAZ acontecerá em sua plenitude somente quando deixar de ser uma utopia e passar a existir, não como algo inatingível e, sim, transmitido naturalmente nas atitudes e palavras dos seres humanos.

“PEACE is all of this, a mix of love,
harmony, trust, and fraternity”.

Humanity walks towards peace by means of the creation of alternatives and the constant search for solutions to give an end to all kinds of physical and social violence. Mobilizations all over the world multiply each day, with people in the streets protesting for justice, crying the loss of loved ones, and just asking for PEACE.

The main factor leading to violence is the lack of access to culture, education, health, and shelter. The guarantee of a dignified and satisfactory life is not a reality for most people, since, between many countries, there are profound differences, as well as in within a single countries in which there are sharp differences. Social inequality, income distribution, political interests, and many other aspects are responsible for provoking violence and spreading it throughout the world.

It's unreal to say that violence is inserted in each being, regardless of the environment he belongs to, since, in reality, a broken-down system corrupts the human being in such a way that he no longer has a concern about his integrity and his security, and the consequences provoked by this lack of direction is the complete absence of family and social values.

The numbers of violence are more and more alarming and references to them are everywhere in the world. People feel unsafe, and they feel more afraid. PEACE seems to be each time more distant, and yet there is no demand for security.

A new page must be written in the history of mankind, telling how people can hold hands and fight, without firearms chemical or nuclear weapons, but with their souls, with open hearts accepting existing differences and asking for PEACE.

The sUniversidade Federal Fluminense - UFFering in the faces of thousands of people reflects a sorrow or a worry and must be changed into a smile of hope. It is no possible to silence a crowd of voices praying for goodness and searching for PEACE.

PEACE is all of this, a mix of love, harmony, trust, and fraternity. It's the dream of all nations, the *raison d'être* of the struggle for social equality among those who are so different. It's the explicit desire to live in a better world, it is what allows for moments of happiness, it's a synonym of complete joy.

PEACE is all that which the world really needs, but which only few, who probably

don't even deserve to be called "human", insist on pretending that it does not exist. And through irrational and inconsequential attitudes, they galvanize entire countries with intolerance, brashness, and arrogance. Hatred, strife, and greed will never lead to PEACE, because they carry the mark of individualism. PEACE is the portrait of unity, of mutual respect, and common desire.

PEACE is all that most peoples in the world, regardless of power, race, religion, or dimension desires, but which alone none of them can achieve. The predominance of PEACE shall be complete only when it ceases to be a utopia and becomes a reality, not as something unreachable, but as something naturally transmitted in the attitudes and words of human beings.

“La PAIX est tout cela: un mélange d’amour, d’harmonie, de confiance et de fraternité”

L'humanité marche à la rencontre de la PAIX à travers la création d'alternatives et la quête inlassable de solutions afin de mettre un terme aux guerres et à tout genre de violence physique et sociale. Partout dans le monde, l'on vérifie chaque jour la descente du peuple dans les rues, revendiquant la justice, pleurant la perte d'êtres aimés et ne demandant que la PAIX.

Le facteur principal qui entraîne la violence c'est le manque d'accès à la culture, à l'éducation, à la santé et au logement. La garantie d'une vie digne et satisfaisante n'est pas ce qui est vécu par la plupart des gens alors qu'entre les pays il y a de profondes différences; de même, à l'intérieur d'un même pays, les contrastes sont criants. L'inégalité sociale, la mauvaise distribution de la richesse, les intérêts politiques et tant d'autres aspects, voilà les responsables de la violence et de sa dissémination dans le monde.

On ne peut dire que la violence est insérée dans l'individu, indépendamment du milieu auquel il appartient, car, en vérité, un système en faillite corrompt l'être humain de telle façon qu'il n'est plus préoccupé de son intégrité et de sa sécurité; la conséquence de ce manque d'orientation est l'absence totale des valeurs familiales et sociales.

Les chiffres de la violence sont de plus en plus alarmants et ce constat peut être fait partout dans le monde. Les gens sentent moins de sécurité, leur peur augmente, la PAIX semble être de plus en plus lointaine, et malgré tout l'on ne perd pas la confiance.

Il faut écrire une nouvelle page de l'histoire de l'humanité, où les peuples pourront se tendre la main et lutter, sans armes à feu, ni armes chimiques, ni bombes atomiques, mais avec leur âme et leur coeur ouvert, en acceptant leurs différences et en invoquant l'avènement de la PAIX.

La souffrance empreinte sur le visage de milliers de personnes reflète une douleur ou une préoccupation : il faut qu'elle se transforme dans un sourire d'espoir. Il est

impossible de taire une multitude de voix qui prêchent le bien et recherchent la PAIX.

Voici ce qui est la PAIX: un mélange d'amour, d'harmonie, de confiance et de fraternité. C'est le rêve de toutes les nations, la raison d'être du combat pour l'égalité sociale entre ceux qui sont tellement différents. C'est le désir déclaré de vivre dans un monde meilleur, c'est ce qui procure des moments de bonheur, c'est le synonyme de joie totale.

La PAIX est tout ce dont le monde a vraiment besoin; mais un petit nombre de gens qui peut-être ne méritent même pas d'être appelés "humains" s'obstinent à faire semblant qu'elle n'existe pas. Et par le truchement d'attitudes irrationnelles et inconscientes, ils arrivent à mobiliser des nations entières avec l'intolérance, la bêtise et la toute-puissance. La haine, la discorde et l'avidité jamais ne donneront accès à la PAIX parce qu'elles sont surchargées d'individualisme. La PAIX est le portrait de l'union, du respect réciproque et du désir communautaire.

La PAIX est tout ce dont la majorité des peuples du monde, indépendamment de leur puissance, de leur race, de leur croyance ou de leur dimension, souhaitent atteindre, mais aucun d'eux ne le réussira tout seul. Le primat de la PAIX n'arrivera dans sa plénitude que lorsqu'elle cessera d'être une utopie pour devenir une réalité, non pas comme quelque chose qui ne serait jamais atteinte mais qui est transmise naturellement par les attitudes et par les paroles des êtres humains.

“A paz é uma briga. E ela não acaba nunca.”

Juliana Krapp Guimarães

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Sempre seguiu os conselhos do pai, todos eles. Olhar para os dois lados, não falar com estranhos, chegar cedo, preservar o corpo e a alma. E agora está o pai ali, morto, pálido, irreconhecível entre as flores.

Ainda é cedo para o enterro, mas os amigos já providenciaram uma bandeira branca com a palavra PAZ desenhada ao centro. Cobrirá o corpo ao lado da bandeira do Flamengo, até virar pó, junto com o que sobrou do pai. Dizem que é um protesto, uma forma de chamar atenção para o que aconteceu. Uma homenagem.

Paz e Mengão, duas coisas das quais o pai gostava. Também gostava de cerveja e de carnaval, mas isso é outra história. Morreu de repente. Poderia ter sido vítima de uma bala perdida. Mas também poderia ter sido vítima de vingança. Poderia ser policial e ter sido morto em alguma *blitz* falsa de traficantes — ou poderia ser traficante e ter morrido em confronto com a polícia. Poderia ter presenciado algum crime e sido executado para não denunciar ninguém. Talvez pudesse ter perdido a vida na luta por terras, na disputa política, na reação a um assalto ou em uma briga de trânsito. Poderia ter acontecido por engano, confundido com alguém. Poderia ter assediado a mulher errada, rezado para um outro deus, entrado na favela rival. Poderia ter sido torturado na cadeia, ou espancado em alguma festa. Não importa. Está morto.

Os amigos também já estão organizando uma passeata — talvez na praia, talvez no Centro — a favor da paz. É difícil acreditar que servirá para alguma coisa. Pedir a paz para quem, afinal? Para as autoridades, para o governo, para os céus? Essa mania de achar que a paz é coisa de outro mundo, diria o pai. Ou não. Ele era sempre tão imprevisível. Vontade de sacudi-lo e arrancar dele ao menos uma última resposta, um último conselho. O que fazer, pai?

Diante da morte, a paz só parece possível na inscrição da bandeira. Não passa de uma palavra, de uma idéia um tanto vaga. Sendo impossível trazer o pai de volta, por que pensar na paz? Para que pensar em soluções, em providências? A paz não será instaurada por uma passeata. O pai está morto, e com ele morreram também o futebol de domingo, as risadas pela casa, as conversas sobre as guerras — as oficiais e as veladas.

Curioso é que o pai parece tão em paz ali deitado. A raiva não está nele, está fora. A raiva está aqui dentro, como cócegas permanentes na boca do estômago, como náuseas. Olhar o pai morto é ver a paz, e desejá-la em vida. Desejar que tivesse sido diferente é, então, pensar na paz?

A paz é um mistério. E essa raiva talvez seja uma semente, uma pontada seca que se torna cada vez mais nítida. O pai talvez dissesse que a passeata, sozinha, não adiantaria de nada. Mas, como um começo, valeria a pena. O pai gostava de perceber como as

coisas cresciam. Mostrava como era importante dar uma direção aos desejos, torcer para que a raiva virasse uma idéia, uma luta. A imagem serena do pai era um ímpeto, movia algo ainda irresoluto. O pai não vai mais levantar dali. No entanto, a paz é uma herança, assim como a guerra. No fundo, talvez, o pai já soubesse. A paz é uma briga. E ela não acaba nunca.

“Peace is a fight which never ends”.

The father’s advice had always been followed, without exception. Look both ways before crossing, don’t talk to strangers, arrive early, and preserve your body and soul. And now there he was, dead, pale, and unrecognizable among flowers.

It’s still early for the burial, but his friends have already arranged a white flag with the word PEACE at the center. It will cover the body alongside a Flamengo* flag, until it turns into dust together with what was left of the father. They say it’s a protest, a way of getting attention to what happened. A tribute.

Peace and Flamengo, those were the two things the father liked. He also enjoyed some beer and Carnaval – but that’s another story. He died suddenly. He could have been the victim of a stray bullet. But he could also have been the victim of revenge. He could have been a cop and have been killed in a fake road block forged by drug traffickers. He could have witnessed a crime and been executed not to rat anyone off. Maybe he could have lost his life in a fight for land, in a political dispute, in a reaction to a robbery, or in a traffic brawl. It could have happened by accident, mistaken for another person. He could have flirted with the wrong woman, prayed for the wrong god, or entered a rival favela. He could have been tortured in prison, or beaten up at some party. It doesn’t matter. He’s dead.

His friends are also organizing a march – maybe at the beach, maybe downtown – in favor of peace. It’s hard to believe it will make any difference. Demand peace from whom, after all? To the authorities, to the government, to the skies? “This mania of thinking that peace is something from another world”, the father would say – or not. He used to be so unpredictable. The need to shake him up and prying at least one last answer from him, a last piece of advice. What to do father? Why think about solutions and measures? Peace won’t be brought about by a march. The father is dead, and with him Sunday football, laughter in the house, talks about war (official and unofficial ones) were dead too.

The curious thing is that the father looks so in peace lying there. The rage is not in him, it’s outside. The rage is in here, like a permanent tickle coming from the stomach, like a nausea. To see the father dead is to see peace and to wish it were alive. So, is wishing things were different the same is thinking about peace?

Peace is a mystery. This rage is maybe a seed, a dry pang that is gradually more

clear. The father would maybe say that the march, alone, didn't make any difference, but as a start, it would be worth it. The father used to like to notice how things grew. He would show how important it was to give wishes a direction, to hope that the rage would turn into an idea, a fight. The father's serene image was still a force, something was still unresolved. The father would not rise from there. However, peace is like a legacy, just like war. Deep inside, maybe, the father already knew this. Peace is a fight which never ends.

“La paix est une bagarre. Et elle ne s'arrêtera jamais”

Il avait toujours suivi tous les conseils de son père: avant de traverser la rue, regarder à droite et à gauche, ne pas parler à des inconnus, arriver bien avant l'heure convenue, préserver le corps et l'âme des tentations. Et maintenant son père se trouve là, sans vie, pâle, méconnaissable au milieu des bouquets de fleurs.

Il reste encore beaucoup de temps avant l'enterrement, mais ses amis ont déjà apporté un drapeau blanc au centre duquel est dessinée le mot “PAIX”. Il servira de couverture pour le corps à côté de la banderole du “Flamengo”*, jusqu'à ce qu'il devienne de la poussière en même temps que les ossements du défunt. D'après ce qu'ils disent, il s'agit d'une protestation, d'une façon d'attirer l'attention sur ce qui était arrivé. Un hommage, quoi.

Paix et “Mengão”, voilà deux choses prisées par son père. Il avait du goût aussi pour la bière et le carnaval, mais là c'est une autre histoire. Il a fait une mort subite. Il aurait pu être victime d'une balle perdue, ou bien d'un règlement de comptes. Il aurait pu être un gendarme et trouver la mort au cours d'une opération de contrôle de véhicules montée par des trafiquants – ou bien il aurait pu être un trafiquant et trouver la mort lors d'une bagarre avec les policiers. Il aurait pu être témoin d'un crime quelconque et avoir été abattu pour qu'il ne risque pas de dénoncer qui que soit. Peut-être, il aurait pu perdre sa vie au cours d'une dispute concernant le titre de propriété d'un terrain, en réagissant à un coup de main ou à la suite d'une querelle dans la rue avec un autre chauffeur. Il aurait pu être assassiné, pour avoir été confondu avec quelqu'un d'autre. Il aurait pu harceler la femme qu'il ne fallait pas, prier à un autre dieu, ou pénétrer dans la “favela” rivale. Il aurait pu être torturé en prison, ou être frappé dans une fête quelconque. Peu importe. Il est mort.

Ses amis sont en train d'organiser aussi une marche – peut-être au bord de la plage ou dans le centre-ville – en faveur de la paix. C'est difficile de croire qu'elle puisse servir à quelque chose. Au bout du compte, demander la paix pour qui? Pour les autorités, pour le gouvernement, pour les cieux? “Voilà cette lubie de trouver que la paix est une chose d'un autre monde”, dirait son père. Ou plutôt, non. Il était toujours si imprévisible. Quelle envie de le secouer et arracher de lui, tout au moins, une dernière

réponse, un dernier conseil. Ô notre père, que faire, alors?

Face à la mort, la paix ne semble être possible qu'à travers les lettres inscrites sur le drapeau. Il ne s'agit que d'un mot, d'une idée un tout petit peu vague. Étant donné l'impossibilité de faire retourner notre père, à quoi bon penser la paix? À quoi bon penser des solutions, des mesures à prendre? La paix ne sera pas instaurée par une manifestation de rue. Notre père est mort, et avec lui est mort également le football du dimanche, les risées dans la maison, les causeries sur les guerres — aussi bien les officielles que les invisibles.

C'est curieux que notre père ait un air si plaisible en restant couché là. La colère ne se trouve pas en lui, mais en dehors. La colère se trouve au dedans, comme des chatouillements au creux de l'estomac, comme des nausées. Regarder notre père mort c'est voir la paix et la souhaiter pour la vie quotidienne. Souhaiter que cela aurait pu être différent c'est alors penser la paix?

La paix est un mystère. Et cette colère, peut-être, soit une graine, un point sec de côté qui se rend de plus en plus net. Notre père aurait peut-être dit que la marche à elle seule ne servirait à rien. Mais en tant qu'un commencement, cela vaudrait la peine. Notre père aimait s'apercevoir comme les choses grandissaient. Il montrait comme il était important de donner une orientation aux désirs, faire en sorte que la colère devienne une idée, un combat. L'image sereine de notre père était un élan, elle faisait bouger tout ce qui restait encore irrésolu. Notre père ne pourra plus se lever. Pourtant, la paix est un héritage, ainsi que la guerre. Au fond, peut-être, notre père l'aurait déjà su. La paix est un combat. Et il ne s'arrêtera jamais.

* En abrégé. "Mengão": il s'agit d'un des clubs de Rio de Janeiro; il rassemble le plus grand nombre de supporters dans tout le Brésil.

“Lutemos sim, mas sem armas,
com a mente e o coração. O importante
é não perder a emoção”.

Karen Sandra Seretta

Faculdade Machado de Assis – FAMA

“E A PAZ ESTEJA CONOSCO ELA ESTÁ NO MEIO DE NÓS”.

Como é bom abrir lentamente os olhos todas as manhãs e ter a certeza da vida. Contemplar as maravilhas da natureza e a sua performance diante dos seres humanos; poder sentar em frente ao mar e flutuar na imaginação, filosofando sobre nossa essência, sobre a insustentável leveza do ser ou, mesmo ainda, sobre como conquistar o amor da sua vida. Pensamentos inconstantes que fazem o mundo girar. Problemas cotidianos, pequenos em relação ao problema social, a fome, a falta de saúde e educação, mas, mesmo assim, problemas que fazem o mundo girar. Poder reunir os amigos, preparar um churrasco e a cervejinha pra acompanhar. Loucuras que fazem o mundo girar. Beijos ao luar, o samba no coração, praia e calor nos corpos suados de prazer. Canções que fazem o mundo girar. A enxada e a foice na mão, lutando por um lugar ao sol, e os abraços aconchegantes do amor, depois de um dia de labuta. E mesmo as putas... Ora, fazem o mundo girar.

Seqüestro da filha de fulano, assalto à mão armada, estupro, pedofilia, programas de TV, drogas, alcoolismo, bicheiros, traficantes, corrupção, políticos... Epa!!!! Também fazem o mundo girar e de tal forma que, quando nos damos conta, o mundo girou tanto que explodiu no ar... E o mundo parou de girar. Cansado e com um peso enorme a sustentar. Ora!!! mas e a leveza do ser??? Bem... o que fazer se somos mais fracos que o poder da gravidade....Gente!!!! será esta a desculpa usada pelo pacifista americano (do Norte, não se esqueçam), de nome Bush, para fazer Guerra? Claro, a gravidade dos terrorismos só será combatida com mais terrorismo. É a Guerra pela Paz? Ou a Paz através da Guerra?

Cantemos em nome do Senhor... Oremos irmãos, para que tenhamos o Pão Nosso de Cada Dia, mesmo que a inflação seja de 18% ao mês. Mas, “perai”, não estávamos falando de guerra? Claro, a guerra da fome, guerra dos impostos, violência urbana, rural, até guerra do Carnaval. Mas, e a Paz? Sei lá, temos que procurar. Eu? Você? Nós? E como dizia Velho Chico: “... Todos juntos somos fortes, somos pedra e somos água. Todos nós no mesmo barco, não há nada a temer...”

Quem somos? Quem seremos? Para onde iremos? Para que tenhamos um futuro? Ou, se é que teremos? São indagações que necessitam de respostas positivas. Onde só na Paz encontraremos. Então, partamos em busca da mesma. Lutemos sim, mas sem armas, com a mente e o coração. O importante é não perder a emoção.

“...only to be found in Peace. Therefore, let us part in search of it. Let us fight with our minds and hearts, but without guns. The important things is not to lose the emotion”.

“MAY THE PEACE BE WITH YOU / IT IS WITHIN US”.

How good it is to be able to slowly open your eyes every morning and be assured to be alive. To contemplate the marvels of nature and its unfolding before human eyes; to be able to sit in front of the sea and float on our imagination, philosophizing about our essence, about the unbearable lightness of being, of even how to conquer the love of your life. These are inconstant thoughts that make the world spin. Everyday problems, small in relation to social problems, starvation, disease, and under education, still make the world spin. To be able to bring friends together, prepare a barbecue, and having some beers to go along. Insanities that make the world spin. Kisses under moonlight, samba in the heart, the beach, and heat from bodies sweating from pleasure. Songs that make the world spin. The pick and ax in hand, fighting for a spot in the sun, and the comforting embraces of love after a hard days work. And even the whores . . . they make the world spin too.

The kidnapping of somebody's daughter, a mugging, rape, pedophilia, TV shoes, drugs, alcoholism, gamesters, traffickers, corruptions, politicians . . . Hey!!! They make the world spin in such a way that, when we realize it, the world has spun so much it has burst in midair. . . And the world stopped spinning. It has become tired from having to carry such a large burden. But hey, where did the lightness of the being go? Well . . . what can we do if we are weaker than the power of gravity. . . Everyone!!! Is this the excuse used by the American pacifist (North-American, mind you), called Bush to go into war? Of course, the gravity of terrorism will only be combated with more terrorism. Is War for the stake of Peace? Or Peace by means of War?

Let us sing in the name of the Lord . . . Let us pray, brothers to have our daily bread, despite 18% monthly inflation. But, hang on, weren't we talking about war? Of course, the war of hunger, the war of taxes, urban and rural violence, and even the war of Carnival. But how about Peace? I don't know, we'll have to look for it. Me? You? Us? As Old Chico would say, “Together we are strong, we are stone and we are water. Together on the same boat we have nothing to fear...”

Who are we? Who are we going to be? Where are we going? Are we going to have a future? These are questions that need positive answers, only to be found in Peace. Therefore, let us part in search of it. Let us fight with our minds and hearts, but without guns. The important thing is not to lose the emotion.

*“... elles ne seront pas trouvées
que dans la Paix. Alors, partons à sa quête. Soyons
prêts à lutter, mais désarmés,
avec notre intelligence et notre coeur. L’important
c’est de ne pas perdre l’émotion”*

“ET LA PAIX SOIT AVEC NOUS ELLE EST AU MILIEU DE NOUS”.

Quel bonheur de pouvoir ouvrir doucement les yeux chaque matin et d’avoir la certitude d’être vivant. De contempler les merveilles de la nature et leur performance devant les êtres humains; de pouvoir s’asseoir face à la mer et de laisser flotter son imagination, en philosophant sur notre essence, sur l’insoutenable légèreté de l’être ou encore sur la façon de conquérir l’amour de sa vie. Des pensées inconstantes qui font que le monde tourne. Des problèmes quotidiens, insignifiants par rapport au problème social, à la famine, au manque d’assistance médicale et d’éducation, mais, tout de même des problèmes qui font que le monde tourne. Pouvoir rassembler les amis, Préparer un méchoui avec une petite bière. Des folies qui font que le monde tourne. Des baisers au clair de lune, de la samba au coeur, de la plage et de la chaleur pour le plus grand plaisir des corps couverts de sueur. Des chansons qui font que le monde tourne. La houe et la faux à la main, en luttant pour avoir sa place au soleil, et les étreintes passionnelles de l’amour, après une journée de labeur. Y compris les putes... Or, tout cela fait que le monde tourne.

Le kidnapping de la fille d’un tel, les attaques à main armée, les viols, la pédophilie, les émissions de télé, les drogues, l’alcoolisme, les “bicheiros”*, les trafiquants, la corruption, les hommes politiques... Ouf!!!! Tout cela aussi fait que le monde tourne et d’une telle façon qu’avant que nous nous en rendions compte le monde aura tellement tourné qu’il finira par exploser... Et le monde s’est arrêté de tourner. Las et lourd d’un énorme poids insoutenable. Bien fait!!! mais... et la légèreté de l’être??? Bon... quoi faire si nous sommes plus fragiles que le pouvoir de la gravité.... Pas possible!!!! Voilà les excuses fournies par le pacifiste nord-américain (j’insiste, du Nord), un certain Bush, pour déclarer la Guerre! Bien sûr, la parade des terrorismes ne sera combattue que par un terrorisme encore plus musclé. Est-ce cela la Guerre pour la Paix? Ou la Paix par le truchement de la Guerre?

Chantons au nom du Seigneur... Prions mes frères pour que nous obtenions Notre Pain de Chaque Jour, même si l’inflation mensuelle s’élève à 18%. Mais, “halte-là”, nous étions en train de parler au sujet de la guerre, n’est-ce pas? Bien sûr, la guerre de la famine, la guerre des impôts, la violence urbaine et rurale, voire la guerre du Carnaval. Mais, et la Paix? Que sais-je, moi, il nous faudra la rechercher. Moi? Toi? Nous? Et pour reprendre des paroles sur le “Velho Chico”**: “... Tous ensemble nous sommes forts, nous sommes de la pierre et de l’eau. Tous sur le même bateau, il n’y a rien à craindre...”

Qui sommes-nous? Qui deviendrons-nous? Vers où irons-nous? Pour que nous ayons un avenir. Est-ce que nous l'aurons? Voilà des interrogations pour lesquelles il faudra trouver des réponses positives. Celles-ci ne seront trouvées que dans la Paix. Alors, partons à sa quête. Soyons prêts à lutter, mais désarmés, avec notre intelligence et notre coeur. L'important c'est de ne pas perdre l'émotion.

* Ce sont les promoteurs des jeux de hasard clandestins.

** Il s'agit de l'expression affectueuse utilisée pour désigner le fleuve "São Francisco" (env. 2.700 km), né dans le Minas Gerais et qui, après avoir traversé les Etats de Pernambouc, Sergipe et Alagoas, rejoint l'Atlantique. Depuis l'époque coloniale, il est appelé le "fleuve de l'unité nationale" pour être l'élément de liaison entre le Sud et le Nord-est du pays.

“ Entender e aceitar o outro, apesar de suas diferenças, é o primeiro e grande passo para a conquista da tão sonhada paz mundial .”

Karla Chagas Gallo

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Cenas de violência têm-se tornado cada vez mais comuns, sobretudo na vida do carioca, já acostumado à subordinação forçada diante de um poder paralelo mais forte que o próprio Estado. Apesar disso, de tempos em tempos, a mídia confere maior notabilidade à determinada tragédia urbana em particular. Nessas ocasiões, em geral, a população se veste de branco e sai às ruas clamando por paz.

Mas, afinal, o que é isso? Banalizamos o termo e não entendemos o seu real significado. Pedimos paz para o mundo e travamos verdadeiras guerras pessoais com aqueles que estão próximos e que, por algum motivo, assumem posições contrárias aos nossos padrões. Esquecemos que a fraternidade é um sentimento que deve nascer dentro de cada um, em casa, entre familiares, através da difícil tarefa diária do conviver.

Nesse contexto, o respeito é a palavra-chave. Entender e aceitar o outro, apesar de suas diferenças, é o primeiro e grande passo para a conquista da tão sonhada paz mundial. Essa, sem dúvida, ainda é uma utopia. Nas atuais circunstâncias, dificilmente a população inteira do planeta chegaria a tal nível de conscientização. Existem muitos interesses em jogo: disputas por dinheiro, poder, territórios, áreas de influência.

Além disso, o ser humano necessita de certo grau de agressividade para sobreviver. É ela que nos empurra para frente, que nos faz ter garra para correr atrás dos nossos objetivos. O seu excesso é que é prejudicial. E, nesse sentido, a sociedade moderna tem-se mostrado bastante culpada. Em função das atuais dificuldades do mercado de trabalho, em que dezenas, centenas de pessoas disputam uma única vaga, é preciso ser o melhor e, para isso, vale tudo.

O homem nunca foi tão lobo do homem. Diante disso, o papel da família tem sua importância redobrada. Os pais têm, agora, a responsabilidade de ensinar seus filhos a equilibrar competitividade e solidariedade. É uma tarefa difícil, principalmente se levarmos em consideração que esses conceitos, na prática, muitas vezes acabam se opondo. Teremos que aprender a unir nossas aspirações pessoais com o respeito e a ajuda ao próximo. É um desafio, com certeza. Porém, vale a pena tentar.

“To understand and to accept others, despite their differences, is the first large step to achieve the dream of world peace”.

Scenes of violence are more and more common, especially in the lives of *cariocas**, already used to being subordinated to a parallel power stronger than the State. In spite of this, from time to time, the media confers greater attention to a specific urban tragedies. In these occasions, the population generally wears white and takes the street calling for peace.

But what is this, after all? It has become a trivial term and we do not understand its true meaning. We demand peace for the world and we engage in true personal battles against those nearby who, for some reason, take stances contrary to ours. We forget that fraternity is a feeling that should grown in each one of us, at home, among relatives, by means of the hard task of living together.

In this context, respect is the key word. To understand and to accept others, despite their differences, is the first large step to achieve the dream of world peace. This is, beyond any doubt, still utopian. In the current circumstances, the whole population of the world would hardly achieve such a level of consciousness. There are many interests in stake: disputes for money, power, territory, and areas of influence.

In addition, the human been depends on a certain amount of aggressiveness for survival. It is the impulse from it that makes us go forward, that makes us persistent in the quest for achieving our goals. Only in excess does it become harmful. And, in this sense, modern society has much to be guilty of. Due to the many hardships of today's labor market, in which tens or hundreds of people compete for a single position, it is necessary to be the best, and, in order to achieve that, anything goes.

Man has never been as much the wolf of man as he is now. In the face of this, the role of the family becomes important twofold. Parents now have the responsibility of teaching their children to strike a balance between competitiveness and solidarity. It's a difficult task, especially if we take into account that these concepts, in practice, are many times contradictory. We will have to learn how to combine our personal aspirations with respect and helpfulness towards those surrounding us. It is certainly a challenge. However, it is a challenge worth facing.

“Entendre et accepter autrui, malgré ses différences, voilà le premier et important pas à faire vers la conquête d’une paix mondiale tant recherchée”

Des scènes de violence sont devenues de plus en plus courantes, surtout dans la vie quotidienne du “carioca”*, habitué déjà à l’assujettissement forcé devant un pouvoir parallèle plus fort que l’État lui-même. Malgré tout, de temps à autre, les médias attirent davantage l’attention sur une tragédie urbaine. Dans ces occasions-là, la population prend des vêtements blancs et descend dans la rue pour revendiquer la paix.

Mais, au bout du compte, de quoi s’agit-il? Nous banalisons le terme et n’entendons pas sa signification réelle. Nous demandons la paix pour le monde et finissons par nous engager dans de véritables guerres personnelles contre ceux qui sont autour de nous et qui, pour un motif quelconque, prennent des positions contraires à nos manières d’être. Nous oublions que la fraternité est un sentiment qui doit naître dans tout un chacun, chez nous, entre nos proches, par le truchement de la tâche quotidienne bien difficile de la convivialité.

Dans ce contexte, le respect devient le mot-clé. Entendre et accepter autrui, malgré ses différences, voilà le premier et important pas à faire vers la conquête d’une paix mondiale tant recherchée. Cela est encore, sans doute, une utopie. Dans les circonstances actuelles, la population de toute la planète arriverait difficilement à un tel niveau de conscientisation. Il y a beaucoup d’intérêts en jeu: des disputes pour l’argent, le pouvoir, des territoires, des zones d’influence.

De plus, l’être humain a besoin d’un certain degré d’agressivité pour survivre. C’est celle-ci qui nous pousse en avant, qui nous donne de l’énergie pour poursuivre nos objectifs; ce qui est nuisible c’est d’en avoir en excès. Et, dans ce sens, l’on se rend compte de la faute qu’incombe à la société moderne. Vu les difficultés actuelles concernant le marché du travail où des dizaines, des centaines de personnes se disputent une seule place, il faut être le meilleur et pour cela, tous les moyens sont bons.

L’homme n’a jamais été aussi loup pour l’homme. Devant cela, l’importance du rôle de la famille a redoublé. Les parents ont maintenant la responsabilité d’apprendre à leurs enfants l’équilibre entre compétitivité et solidarité. Il s’agit là d’une tâche difficile notamment si nous considérons que dans la pratique ces concepts sont souvent conflictuels. Il nous faudra apprendre à concilier nos aspirations personnelles avec le respect et l’aide à autrui. C’est un défi, certainement. Néanmoins, cela vaut la peine d’y faire face.

* Surnom attribué aux ressortissants de la ville de Rio de Janeiro.

“...o ideal de paz deve ser manifestado em cada indivíduo para a partir daí atinja toda a coletividade.”

Klabston Herbston do Nascimento

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Políticas bélicas desenvolvidas por diversos países, ações terroristas praticadas por grupos extremistas, elevação dos índices de criminalidade em todo o mundo, tudo isso ameaça a paz mundial. Diante dessa situação, faz-se mister uma reformulação dos mecanismos internacionais de combate à violência aliada a ações que efetivamente promovam o desarmamento das nações. Ao mesmo tempo, urge a implementação de políticas educacionais e culturais que contribuam para a tolerância e o respeito entre as pessoas, independente de ordens e normas legais.

A criação da Organização das Nações Unidas e o estabelecimento de diversos tratados e convenções representam um grande avanço na busca pela paz. Paradoxalmente, muitos países signatários desses mecanismos praticam ações que contrariam as resoluções assinadas por eles. Diante disso, é preciso que haja uma reestruturação das instituições internacionais, especialmente de Conselho de Segurança das Nações Unidas, estabelecendo regras iguais para todos os países que o integram. Dessa forma, observar-se-á maior legitimidade e imparcialidade na resolução dos conflitos.

Na atitude, o mundo assiste perplexo aos atentados terroristas praticados por grupos extremistas, cuja motivação, na maioria das vezes, é o fanatismo político e religioso. Essa atrocidades perpetradas contra a humanidade põem em xeque a paz mundial e evidenciam a intolerância entre os diversos povos. Mais do que combater esses grupos que orquestram ações terroristas, é necessário que se estabeleçam relações internacionais baseadas no respeito mútuo entre as pessoas e na aceitação das diferenças político-religiosas.

Outra grave ameaça à conquista da paz é a elevação dos índices de criminalidade, observada principalmente nos grandes centros urbanos. É imprescindível a implementação de políticas de segurança que diminuam esses índices, mas, antes de tudo, deve-se priorizar a instituição de políticas educacionais e culturais que ajudarão a mudar esse quadro. Paralelamente, o ideal de paz deve ser manifestado em cada indivíduo para que, a partir daí, atinja toda a coletividade.

Em resumo, é negável que há enormes desafios a serem superados até a construção de uma comunidade internacional onde não se observa um estado permanente de beligerância. Os diversos governos e a população em geral devem eleger a paz como ideal permanente, pois somente assim haverá uma sociedade justa em que o direito à vida e à liberdade seja efetivamente universal e que sejam reduzidas as margens de exclusão social.

*“The ideal of peace must be
manifest in each one so that it
can become collective”.*

Belligerent policies carried out by many countries, terrorist actions conducted by extremist groups, the elevations of crime rates all over the world – all of this is a threat to world peace. In this situation, it is of utmost important to revise the international mechanisms designed to combat violence along with actions that effectively promote the disarmament of nations. At the same time, there is an urge for the implementation of educational and cultural policies which contribute to strengthening of tolerance and respect among people, regardless of legal orders or norms.

The creation of the United Nations and establishment of several treaties and conventions represent a great advance in the quest for peace. Paradoxically, many nations who ascribed to these mechanisms act in contradiction to the same resolutions they have signed. For this reason, international institutions, specifically the Security Council of the United Nations, must be reformed, establishing equal rules for all countries who are part of it. If this happens, greater legitimacy and impartiality will be accomplished in the resolution of conflicts.

In terms of attitude, the world is perplexed as it watches the unfolding of terrorist attacks being perpetrated by extremist groups, whose motivation most time is political and religious radicalism. These atrocities being committed against mankind put world peace in jeopardy and demonstrate intolerance among different peoples. More than combating these groups who orchestrate terrorist actions, it is necessary for international relations to be based on mutual respect among people and on the acceptance of political and religious differences.

Another serious threat to peace is the elevation of crime rates, occurring mainly in large urban centers. The implementation of security policies that succeed in decreasing these rates is of the utmost importance. However, before that, there should be priority for educational and cultural policies that might help in changing this scenario. Simultaneously, the ideal of peace must be manifest in each one so that it can become collective.

In summary, it's undeniable that there are great challenges to be overcome before an international community, in which a constant state of warfare is not in progress, is built. Different governments and the population in general must elect peace as a permanent ideal, for only then will there be a just society in which the right to live and to liberty is effectively universal and only then will the margins of social exclusion be eliminated.

*“L’idéal de la paix doit se manifester
dans chaque individu pour qu’il puisse atteindre,
à partir de là, toute la collectivité”*

Des politiques belliqueuses développées par divers pays, des actions terroristes déclenchées par des groupes extrémistes, une hausse des indices de la criminalité dans toute la planète, tout cela menace sérieusement la paix mondiale. Devant cette situation, il va falloir promouvoir un changement des mécanismes internationaux de combat contre la violence assorti d’actions qui conduiront effectivement au désarmement des nations. En même temps, il est urgent mettre en oeuvre des politiques éducatives et culturelles qui favorisent la tolérance et le respect entre les personnes, indépendamment des ordres et des normes légales.

La création de l’Organisation des Nations Unies et l’établissement de divers traités et conventions représentent un grand progrès vers la quête pour la paix. Paradoxalement, nombre des pays signataires pratiquent des actions contraires aux résolutions qu’ils avaient signés. Devant cela, il faut qu’il y ait une restructuration des institutions internationales, spécialement du Conseil de Sécurité des Nations Unies, en établissant des règles semblables pour tous les pays qui l’intègrent. De cette façon, il sera possible d’observer une plus grande légitimité et impartialité lors de la résolution des conflits.

Actuellement, le monde assiste perplexe aux attentats terroristes pratiqués par des groupes extrémistes, dont la motivation, souvent, est le fanatisme politique et religieux. Ces atrocités perpétrées contre l’humanité tiennent en échec la paix mondiale et mettent en évidence l’intolérance entre les peuples. Plus que combattre ces groupes qui orchestrent des actions terroristes, il faut établir des rapports internationaux basés sur le respect réciproque entre les personnes et sur l’acceptation des différences politico-religieuses.

Une autre grave menace à la conquête de la paix est la hausse des indices de la criminalité, observée principalement dans les grands centres urbains. La mise en oeuvre de politiques de sécurité qui fassent baisser ces indices est indispensable; mais, avant tout, l’on doit reconnaître la priorité à l’institution de politiques éducatives et culturelles qui aideront à changer ce piètre tableau. Parallèlement, l’idéal de la paix doit se manifester dans chaque individu pour qu’il puisse atteindre, à partir de là, toute la collectivité.

En résumé, il est indéniable qu’il y a d’énormes défis à dépasser avant d’arriver à la construction d’une communauté internationale délivrée d’un état permanent de belligérance. Les divers gouvernements et la population doivent choisir la paix en tant qu’idéal permanent: voilà la seule manière d’accéder à une société juste où le droit à la vie et à la liberté soit effectivement universel, en même temps que soient réduites les marges de l’exclusion sociale.

“Optamos pelas inclinações, arbítrios e satisfações pessoais por acreditarmo-nos capazes de deliberar nossas próprias leis ...”

Leandro de Paula Santos

Universidade Federal Fluminense - UFF

Falar da paz pode ser uma cilada, um clichê ou um atrevimento produtivo. O tema é delicado e a inabilidade humana em abordá-lo só revela a hesitação própria de quem ousa descrever o gosto daquilo que nunca experimentou. Ou, mais ainda, torna visível uma certa parcela de culpa que se esconde nos porões de nossa vida privada, bem-nutrida pela preguiça conveniente de quem sempre tem outro alguém a incriminar.

Para construir qualquer interpretação deste assunto, cuja amplitude é a evasiva perfeita para a conformação, torna-se necessário partir do mais próximo referencial, aquele que, por distração ou fraqueza, abtemo-nos de assumir: o nosso próprio delito. Não é de hoje que nos acostumamos a fazer de nossos braços cruzados, mais do que hábito ou descuido, um indício perverso da indiferença. Esta é a consequência infeliz e, até certo ponto, previsível da escolha que fizemos pela autonomia do sujeito em detrimento do princípio que considera estéril qualquer desenvolvimento que não provém da cooperação. Optamos pelas inclinações, arbítrios e satisfações pessoais por acreditarmo-nos capazes de deliberar nossas próprias leis e, o pior, nossa própria sorte. E assim, tendo por prumo o empenho vaidoso da pretensão, tornamo-nos norteadores de nosso desgoverno. Não é preciso muito esforço crítico para inferir o lógico: dessa liberdade, para a qual jamais questionamos sermos ou não preparados, fizemos erguer o hoje, que se pergunta, aturdido em sua barbárie, o que vem a ser a paz.

Tecer a sua possibilidade nas amarras de um cenário por nossas mãos lesado é sobre ela argumentar sem ter que ponderar tratados, cessares ou czares. É nela pensar isento dessa consciência aflitivamente científica que só a privação de algo nos traz. É pleiteá-la não como as simples vontades permitem, mas como qualquer propósito de vida íntima. É apressar a comodidade dos sonhos futuros e reclamar as responsabilidades dos ombros dos outros.

Porque ela é antes uma intenção individual, desafetadamente encorajada na pulsação silenciosa do cotidiano. Porque ela é a um só tempo uma ética e um exercício, pautada muito menos na retórica política do que no emprego espontâneo da cortesia e no desprendimento compassivo da solidariedade. Porque edificar um projeto coletivo de paz é saber renunciar aos privilégios do ego, angariar as vontades de mudança que advêm do caos e, descartando qualquer espera, responder a aflição da urgência.

“We opt for the personal inclinations, judgments, and satisfactions because we believe ourselves to be capable of deliberating on our own laws. . .”

To talk about peace can be a trap, a cliché or a preposterous but salutary proposition. It's a delicate theme and human incapability in approaching it only reveals the hesitation peculiar to those who dare to describe the taste of something they never tried. Or yet it turns visible a certain portion of guilt that lurks in the underbelly of our private lives, which is otherwise well-nurtured by the convenient laziness of those who always have someone else to incriminate.

In order to establish any interpretation of this subject, whose breadth supplies the perfect excuse for conformity, it is necessary to take up a closer reference point, from which, due to distraction or frailty, we tend to shy away from: our culpability. It is not a recent fact that we are used to keeping our arms crossed. More than a habit or a slip, it is a perverse proof of our indifference. This is the unfortunate consequence – and, to a certain extent, a predictable one – of the option we have made for self-autonomy as opposed to the principle that considers sterile any form of development not stemming from cooperation. We opt for the personal inclinations, judgments, and satisfactions because we believe ourselves to be capable of deliberating on our own laws, and, worse yet, our own fate. Therefore, having chosen the vain momentum of pretension as guide, we have become the purveyors of our misgovernment. Not much critical effort is needed to infer this logic. Based on this liberty, for which we never questioned ourselves whether we were prepared or not, we have erected what we call peace. And it is this peace, in the midst of the confusion caused by its rashness, which we are calling into question.

Our task is to establish with our hands its possibilities in a scenario of apparent deadlock. It is foolish to discuss it without pondering about treaties, cease-fires, or czars. It is our task to think about it relieved from this science-afflicted consciousness, which only the deprivation of something causes. It is our task to demand it not just as simple wills permit us to, but as any intimate longing. It is our task to anticipate the comfort of future dreams and to bring upon us the responsibilities laid upon the shoulders of others.

For it is first and foremost an individual intention, encouraged in the silent pulsing of everyday life. For it is at once an ethic and an exercise, based less on political rhetoric than on the spontaneous employment of courteousness, and on the compassionate givingness of solidarity. For edifying a collective project for peace is to know how to renounce to the privileges of the ego, to garner the willpower for change which comes from chaos, and, shunning any waiting period, to respond to affliction of urgency.

*“Nous avons opté pour les inclinaisons,
l'arbitraire et les satisfactions personnelles parce
que nous nous croyions capables
de délibérer au sujet de nos propres lois...”*

Parler sur la paix peut devenir un piège, un cliché ou une effronterie productive. Le thème est délicat et la maladresse humaine en l'abordant ne fait que révéler l'hésitation de celui qui ose décrire le goût de ce qu'il n'avait jamais expérimenté. Ou, qui plus est, rend visible une certaine quote-part de culpabilité qui se cache dans le tréfonds de notre vie privée, assez bien nourrie par la paresse de celui qui a toujours su rejeter la faute sur quelqu'un d'autre.

Pour construire une quelconque interprétation dont l'ampleur est la réponse évasive, parfaite par le truchement de la conformité, il devient nécessaire de partir du plus proche référentiel, soit celui que par distraction ou par faiblesse nous nous gardons de prendre en charge: notre propre délit. Cela ne date pas d'hier que le fait de croiser nos bras n'est pas seulement une habitude ou une négligence, mais le signe pervers de l'indifférence. Voilà la conséquence malheureuse et, jusqu'à un certain point, prévisible du choix que nous avons fait pour l'autonomie du sujet au détriment du principe qui considère stérile tout le développement en dehors de la coopération. Nous avons opté pour les inclinaisons, l'arbitraire et les satisfactions personnelles parce que nous nous croyions capables de délibérer au sujet de nos propres lois et, pis encore, de notre propre sort. Ainsi, en ayant adopté comme repère le ressort vaniteux de la prétention, nous sommes devenus le pivot de notre inconduite. Il ne faut pas beaucoup d'effort critique pour inférer ce qui est logique: de cette liberté sur laquelle nous ne nous étions jamais questionnés pour savoir si nous étions préparés, ou non, à la prendre en charge, nous avons fait ériger cet instant précis qui, étourdi par sa barbarie, se demande ce qui est vraiment la paix.

Tisser la possibilité de l'instaurer avec les amarres d'un scénario froissé par nos propres mains, c'est une façon d'argumenter sans avoir à pondérer sur des traités, des césars ou des tzars. C'est de la pensée libérée de cette affligeante conscience scientifique qui ne nous est apportée que par la privation de quelque chose. C'est de plaider en sa faveur non pas comme il est loisible à de simples volontés, mais comme un dessein quelconque de la vie intime. C'est de hâter l'accommodation des rêves futurs et de réclamer les responsabilités imposées à autrui.

Parce qu'elle est plutôt une intention individuelle, encouragée sans la moindre affectation par la pulsation silencieuse du quotidien. Parce qu'elle est en même temps une éthique et un exercice qui relève beaucoup moins de la rhétorique politique que de l'usage spontané de la courtoisie, ainsi que du détachement compassif de la solidarité. Parce que l'édification d'un projet collectif de paix est de savoir renoncer aux privilèges de l'ego, rassembler les envies de changement qui adviennent du chaos et, en rejetant n'importe quelle espèce d'atteinte, répondre à la détresse d'urgence.

*“Este amor jamais acaba. E assim,
colhamos e comamos dos seus frutos, dentro
os quais está a verdadeira paz”*

Leonardo Carvalho

Universidade Federal Fluminense – UFF

“Hoje será assinado um acordo de paz entre o bam-bam-bam do país “A” e o comigo-ninguém-pode do país “B” - diz o emocionado repórter do telejornal da manhã. E que bela manhã de sol para se dar início à paz. Opa! Está na hora! Eles vão apertar as mãos. Que mãos poderosas! Essas mãos devem ter criado o Universo e tudo o que nele há , pois , meu Deus, o mundo todo aguarda o remendar das rachaduras. Eis o chamado “esforço” pela paz

Somos loucos pela paz. E por ela até matamos, se for possível e preciso, mas somos apenas meros mortais. Deixaremos o milagre para os todo-poderosos chefes, comandantes, presidentes, diretores,, secretários, vices dos vices dos vices... Deixemos para eles que, diga-se de passagem, “sabem “ o que fazem. São como os pais de suas nações. Só que seus filhos são desobedientes e brigam o tempo todo. Joãozinho quer se apropriar de algo que pertence ao Zequinha, e o faz de maneira boba e feia. Zequinha que não leva desaforo para casa, amarra umas bombinhas no corpo e dá um abraço “fraternal” e eterno em Joãozinho . E aí, lá se vai o remendo, lá se vai o esforço . É culpa das crianças? É claro que não. Os pais é que não “educaram” direito

O fato é, meus queridos , que o homem quer ser Deus, mas, ainda que pudesse, sequer pensa como tal. Façamos uma pueril reflexão: o ódio é algo imposto ou brota do coração? Como remediar um mal que emana do mais profundo fel, com um “bem” que sai da ponta da caneta, muitas vezes carregada com tinta de sangue. O homem precisa entender que há um Deus que criou tudo, inclusive a nós. E o seu plano era, é , e sempre será que todos vivamos bem. Uma das provas disso é que somos um milagre. A não ser que você use um carregador para reabastecer seu coração a cada vinte e quatro horas. Já pensou se o nosso coração ficasse fora da área de cobertura? Olhe para você! Olhe bem mesmo! Você acha que ter nascido num país pacífico ou não, dependeu de você? Ser quem você é, depende de você? O dia que nasceu ou morrerá, dependeu ou dependerá de você? Do seu poder? Somos o vapor da fumaça a vapor. Somos, ou melhor, não somos, estamos.

Sabe quem entende de paz? As crianças. Perguntemos a uma criança, cujos pais se separaram, qual o seu maior desejo. Ela vai dizer: que minha mamãe e meu papai fiquem juntos de novo. A inocência entende que é preferível amar, a odiar; unir, a separar; construir, a destruir. O problema é que quando o homem recebe a vacina

tríplica (anti-inocência, anti-amor, anti-humildade) começa a separar-se de si mesmo. Há um “eu” que anseia pelo bem e outro que pratica o mal em prol de um cancerígeno benefício. Um lado que precisa de felicidade, outro que vomita arrogância, soberba, “sabe quem sou eu?”

Que tal refletirmos sobre a natureza? Há uma árvore chamada egoísmo, difícil de ser derrubada, que só faz sombra para uma pessoa e seu futuro é a injustiça. Um fruto que já nasce maduro e nunca apodrece. Mas uma coisa não pode ser esquecida: não se plantam bananas para colher maçãs. O homem acaba colhendo, ou condena a sua descendência a colher ou comer do amargo de seu mal. Neste sentido, amados, a paz também é fruto. Porém, este precisa passar por um longo processo de maturação que, necessariamente, começa dentro de um “eu” e depois sim, se propaga por outros “eus”. É um fruto de uma árvore chamada amor, que só pode ser plantada numa terra bem fértil. Os geniais cientistas ainda não descobriram, mas a terra mais fértil do mundo é o coração. Esta terra prospera tudo quanto nela é plantado. E, aí, perguntemonos: o que plantar, com o que adubar, e como regar? Tomara que seja amor, adubado com humildade e regado com fé, esperança. Não o amor de novela, que justifica traição, ou o amor de um deus, que autorize o suicídio. Mas o amor que cura, que limpa, que transforma, que faz chorar o mais rude homem. Este amor, amados, ouçam bem! Este amor jamais acaba. E assim, colhamos e comamos dos seus frutos, dentro dos quais está a verdadeira paz

*“This love never ends.
And thus let us harvest and consume
its fruits, wherein lies true peace”*

“Today a peace agreement will be signed between Mr. Bigshot from country “A” and Mr. So-and-so-powerful-one from country “B”, announces the much moved morning news anchor. And what a beautiful sunny morning it is to give a start to peace. Oh boy, this is it! They are about to shake hands. What powerful hands! These hands must have created the Universe and everything in it, as, dear God, everyone awaits the mending of divides. Such is the so-called “effort” for peace.

We are crazy for peace. We will even kill for it, if possible and necessary. However, we are mere mortals. Let’s leave the entire miracle making to the almighty chiefs, commanders, presidents, directors, secretaries, and vice-vice-vice. Let them do it, after all they are the ones who “know” what they’re doing. They are like the parents of their nations. It’s just that their children do not obey them and are quarreling all the time. Johnny wants to take hold of something that belongs to Jimmy, and does it in some foolish and ugly way. Jimmy can’t take it, so he ties some bombs up to his body

and gives Johnny a “fraternal” and eternal embrace. And after that, there goes that mending job, there goes all the effort. Blame the kids. Of course not. The parents are the ones who did not provide a proper education.

The fact is, my dear ones, that man wants to be God. However, even supposing he could be God, he wouldn't be able to think accordingly. Let us proceed to an innocent reflection: is hatred something imposed or does it stem from the heart? How to remedy an evil which flows from the deepest venom with an act of “goodness” which comes from the tip of a pen, many times tainted with blood. Man must understand that there is a God who created everything, including us. And his plan was, is, and will always be to allow us to live well. One of the proofs of this is that we are a miracle. Unless you use a recharging device to restart your heart every twenty-four hours, we are a miracle. Can you imagine if your heart got out of the coverage zone? Look at you! Look really close! Do you think that being born or not in a peaceful country depend on you? Does being who you are depend on you? Does the day you are born or die depend on you? Does it depend on your power? We are the vapor of the smoke of the vapor. We are, or better yet, we are being.

You know who understands peace? Children do. Ask a child whose parents are divorced, what is his greatest wish? He or she will answer: that my father and mother come together again. Innocence understands that it is better to love than to hate; to unite rather than separate; to build rather than destroy. The problem is that when man receives triple vaccine (anti-innocence, anti-love, anti-humbleness) he starts to become separated from himself. There is an “I” which longs for well-being, and another that practices evil in the name of a cancerous benefit. One side needs happiness, the other vomits arrogance and asks out loud, “do you know who I am?”

How about we reflect on nature? There is a tree called selfishness, hard to be cut down, that gives shade to only one person and its future is injustice. It bears ripe fruit which never rot. But one thing cannot be forgotten: bananas aren't planted so that apples are picked later. Man ends up picking the fruit, and if not he condemns future generation to pick them or to each the bitter taste of evil. In this sense, my loved ones, peace is also a fruit. However, this fruit must undergo a long process of ripening, which, necessarily, begins within “I” and then letter spreads to other “Is”. It is the fruit of a tree called love, which can only be planted in fertile soil. The ingenious scientists still haven't discovered this, but the world's most fertile soil is found in the heart. Everything planted in this soil prospers. Our next question is: what to plant? How to fertilize the soil? How to water it? I hope the answer is love, fertilized with humbleness, and watered with faith and hope. Not the love seen in soap operas, which justifies betrayals, or the love of gods, which authorizes suicide. But the love that heals, cleanses, transforms, and brings to tears even the toughest man. This love, loved ones, listen! This love never ends. And thus let us harvest and consume its fruits, wherein lies true peace.

*“Cet amour ne finit jamais. Ainsi,
il nous reste à cueillir et manger ses fruits, à
l’intérieur desquels se trouve la vraie paix”*

“Aujourd’hui un traité de paix sera signé entre le bravache du pays ‘A’ et le fier-à-bras du pays ‘B’” – voilà l’annonce émouvante du présentateur des nouvelles de télé-matin. Qu’elle est belle cette matinée ensoleillée pour faire le premier pas vers la paix. Ouf! C’est l’heure! Ils vont se donner une poignée de mains. Quelles mains puissantes! Ces mains-là ont dû certainement créer l’Univers et tout ce qui s’y trouve; en effet, mon Dieu, le monde entier attend le rapiècement des fêlures. Voici ce que l’on appelle “l’effort” pour la paix.

Nous sommes fous de paix. Et pour elle, le cas échéant, nous sommes prêts à tuer, mais nous restons de pauvres mortels. Nous laisserons la réalisation de ce miracle aux tout-puissants chefs, commandants, présidents, directeurs, secrétaires, et tous les adjoints des adjoints des adjoints... Laissons-les à cette tâche d’autant plus qu’ils “savent”, soit dit en passant, ce qu’ils font. Ils sont comme les pères de leurs nations; il reste qu’ils ont des enfants désobéissants qui se disputent tout le temps. “Joãozinho” prétend s’approprier de quelque chose qui appartient à “Zequinha”, et il arrive à ses fins d’une façon bête et dégoûtante. À son tour, “Zequinha” qui n’est pas prêt à se laisser faire vient d’attacher au corps quelques petites bombes et d’une façon “fraternelle” et à jamais embrasse “Joãozinho”. C’en est fini du rapièçage, tout l’effort est réduit à néant. Serait-ce la faute aux enfants? Certainement pas. Ce sont les parents qui n’ont pas su donner une “bonne” éducation.

Le fait est que, mes chéris, l’homme veut être Dieu, mais, même si cela était possible, il n’arriverait même pas à penser comme tel. Nous allons proposer une réflexion puérole: la haine est-elle imposée ou jaillit du cœur? Mais comment rapiècer un mal qui émane du plus profond fiel avec un “bien” qui sort de la pointe du stylo, souvent chargé de l’encre de sang? L’homme a besoin d’entendre qu’il y a un Dieu créateur de tout, y compris nous-mêmes. Son plan était, est, et sera à toujours que nous vivions tous bien. Une des preuves de cela c’est que nous sommes fruit d’un miracle. À moins que tu utilises un chargeur afin de réapprovisionner ton cœur toutes les vingt quatre heures. As-tu déjà pensé si ton cœur restait hors de la zone de couverture? Regarde-toi! Bien attentivement! As-tu l’impression que le fait de naître dans un pays pacifique ou non cela aurait pu dépendre de toi? L’être que tu es, dépend-il de toi? Le jour où tu es né ou celui de ta mort dépend-il de toi? De ton pouvoir? Nous sommes la vapeur de la fumée à vapeur. Nous sommes, ou mieux encore, au lieu d’être, nous y trouvons.

Saurais-tu qui entend le plus de la paix? Eh oui, les enfants. Allons demander à un enfant dont les parents se sont séparés quel est son plus grand désir? Voici sa réponse: que maman et papa vivent à nouveau ensemble. L’innocence comprend qu’il vaut mieux aimer que haïr; réunir que séparer; construire que détruire. Le problème c’est qu’en recevant le triple vaccin (anti-innocence, anti-amour, anti-humilité) l’homme commence

à se séparer de lui-même. Il y a un “je” qui souhaite le bien et un autre qui pratique le mal en faveur d’un bénéfice cancérigène. Un côté qui a besoin de bonheur, et un autre qui vomit de l’arrogance, de la morgue: “savez-vous qui je suis?”

Et si nous réfléchissions sur la nature? Il y a un arbre qui s’appelle “égoïsme”, difficile à abattre, qui ne donne de l’ombre que pour une seule personne et son avenir est l’injustice. Un fruit qui apparaît déjà mûr et ne pourrit jamais. Mais une chose ne peut pas être oubliée: l’on ne peut pas planter des bananes et s’attendre à cueillir des pommes. L’homme finit par cueillir, ou il condamne sa descendance à cueillir ou à manger, l’amer de son mal. Dans ce sens, chers bien-aimés, la paix est aussi un fruit. Toutefois, celui-ci a besoin de passer par un long processus de maturation qui nécessairement commence à l’intérieur d’un “je”, puis, bien sûr, se propage dans d’autres “je”. Il s’agit du fruit d’un arbre appelée amour qui ne peut être planté que dans un terrain assez fertile. Cela n’a pas encore été découvert par les plus grands scientifiques, mais la terre la plus fertile du monde est le coeur. Cette terre fait grandir tout ce qu’elle reçoit dans ses entrailles. Et, alors, posons-nous nous cette question: que va-t-on planter, quel matériau va-t-on utiliser comme engrais, et comment va-t-on l’arroser? Nous espérons bien que ce sera avec de l’amour, engraisé d’humilité et arrosé de foi et d’espérance. Non pas l’amour distillé par la “novela”* qui justifie tout genre de trahison, non pas l’amour d’un dieu qui autorise le suicide. Mais l’amour qui guérit, qui nettoie, qui transforme, qui fait pleurer y compris le plus rude des hommes. Cet amour-là, chers bien-aimés, écoutez bien! Cet amour-là ne finit jamais. Alors, cueillons et mangeons ses fruits à l’intérieur desquels se trouve la vraie paix.

* Série télévisuelle (une demi-douzaine par jour sur les différentes chaînes brésiliennes) qui se prolonge par plusieurs épisodes et présente des personnages assez passionnels du quotidien.

*“Pomba tola, pomba surda essa
pomba da paz. Despreza e ignora o abismo
que se abriu no seio da humanidade”.*

Letícia Barboza Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

A paz está na moda. Vestimos branco dos pés à cabeça, convocamos a imprensa e percorremos as ruas da cidade em passeatas. Distribuímos folhetos, erguemos cartazes, interditamos o trânsito num domingo e, de vez em quando, até ouvimos algum belo discurso contra a violência. Sim, fazemos muito barulho: Abaixo ao crime organizado! Abaixo à corrupção desmedida! Abaixo a tudo e a todos que engendram o mal! Queremos o fim do medo! Até choramos – de raiva ou de emoção – e nunca desistimos de lutar por um mundo melhor. Soltamos nosso grito de dor no ar e, cheios de esperança, voltamos aos nossos lares com a sensação de missão cumprida.

O mundo deseja acreditar na eficácia da ação de seus filhos, mas a desesperança é inevitável: a paz nunca vem! Estamos na batalha contra o sangue derramado, mas a paz parece estar tão longe... Pomba tola, pomba surda, essa pomba da paz. Despreza e ignora o abismo que se abriu no seio da humanidade. É teimosa essa Pomba, deve estar escondidinha em algum lugar, mas onde?

Onde? Onde ela está? Estamos impacientes, quem essa “pomba” pensa que é para demorar tanto para pousar em nosso meio? Não sabe ela que temos pressa, que temos um mundo tecnológico a construir. Não temos tempo para esperar! Precisamos produzir, trabalhar muito, ganhar muito dinheiro. Precisamos crescer na vida. Falta-nos tempo até para perguntar como nossos filhos estão na escola, como saber, então, que o vizinho passa fome?

Ora essa, é claro que não ignoramos que há exploração infantil no Brasil e no mundo e que o idoso é maltratado, mas o que fazer? Reconhecemos que há problemas, mas não temos soluções para eles e, sendo imediatistas como somos, nunca as teremos. Enquanto privilegiarmos uma cultura desigual e agirmos no ímpeto do modismo superficial, a paz, que tanto esperamos, vai continuar escondida.

A paz se oculta porque não é uma mercadoria que se produz em série. Ela não é produto para ser comprada. A paz não está nas estampas das camisas ou no colorido dos cartazes das passeatas. Também não está em palavras vãs lançadas ao vento. A paz não é gerada no motim, na confusão. A paz é Silêncio. Não o silêncio vazio que angustia, mas o silêncio que substitui qualquer palavra e faz o homem buscar, no mais profundo do seu ser, a essência da vida: o Amor.

Paz é amor e não pode estar na moda. O modismo é superficial. A paz rejeita

qualquer superficialidade e mergulha no ventre da existência humana. Quem deseja conhecê-la, precisa dedicar-se ao tempo ontológico, o tempo do “conhece-te a ti mesmo”. Passeatas, roupas brancas e belos discursos são válidos sim, mas não essenciais. O essencial é dizer Não ao mundo do preconceito e da ganância. O essencial é tentarmos nos livrar do imediatismo e voltarmos o nosso olhar para as coisas simples da vida, como ajudar o próximo e dar mais atenção às crianças. Será que o homem moderno, acostumado à complexidade de seu tempo, está pronto para a simples tarefa de cultivar o Silêncio ao seu redor?

*“Foolish and deaf dove of peace.
It despises and ignores the chasm that has
been opened in the heart of humanity.”*

Peace is in fashion. We dress in white from head to toes, we call the press in and we cross city streets in marches. We hand out pamphlets, we put up signs, we stop traffic on Sunday, and, once in a while, we can even listen to some great speech against violence. Yes, we make a lot of noise: Down with organized crime! Down with unchecked corruption! Down with all and everything that engenders evil! We even cry – due to rage or emotion – and we never give up in fighting for a better world. We shout our cry or pain into the air, and, full of hope, return home with the sensation we have accomplished a mission.

The world wants to believe in the effective action of its children, but despair is inevitable: peace never comes! We are in a battle against spilt blood, but peace seems to be so far away . . . Foolish and deaf dove of peace. It despises and ignores the chasm that has been opened in the heart of humanity. It is a stubborn little Dove, however. It must be hiding somewhere. But where?

Where? Where is it? We are impatient. Who does this dove think it is to give itself the right of taking so long before it lands among us? Little does it know that we are in a hurry, that we have technological world to build. We have no time to wait! We need to produce, work a lot, and make lots of money. We need to grow up. Barely do we have time ask how our children are doing at school. How can we expect then to know if our neighbor is starving?

Why, of course we do not ignore the fact that there is child exploitation in Brazil and the world, and that elders are being mistreated. But what to do? We acknowledge problems, but we have to solutions for them. Also, being the immediatists we are, we'll never bother to have them. As long as we privilege an unequal culture and as long as we continue acting based on superficial impulses, peace, which we all wait for, will remain hidden.

Peace hides itself because it is not a mass-produced merchandise. It is not a product to be purchased. Peace isn't in t-shirt designs or in the color of protest banners. Peace isn't either in words tossed up into the wind. Peace isn't generated in mutinies, or in confusion. Peace is Silence. Not the empty and anguishing silence, but the silence which replaces any word and makes man seek, in the deepest dwellings of his self, the essence of life: Life.

Peace is love and it can't just be in fashion. Fashion is superficial. Peace rejects any kind whatsoever of superficiality, and it plunges deep into the interior of human existence. Those who wish to know it must devote themselves to ontological time, the time of "knowing your own self". Marches, white clothes, and beautiful speeches are valid, yes, but not essential. It is essential to say No to the world of prejudice and greed. It is essential to try to rid ourselves from immediatism, and to turn our attention to the simple things of life, such as help those close to us and giving children more attention. Is modern man, used to the complexity of his time, ready for the simple task of cultivating the Silence around him?

*“Quelle est bête, sourde, cette colombe
de la paix! Elle méprise et ignore l'abîme qui s'est
ouvert au sein de l'humanité”*

Le thème de la paix est à la mode. Nous enfilons des vêtements blancs, nous convoquons la presse et manifestons dans les rues de la ville. Nous distribuons des tracts, brandissons des pancartes, interdisons la circulation automobile un dimanche et, de temps à autre, il nous arrive d'entendre un beau discours contre la violence. Nous faisons beaucoup de bruit, c'est vrai: A bas le crime organisé! A bas la corruption à tous les niveaux! A bas tout ce qui engendre le mal! Nous voulons finir avec la peur! Nous arrivons même à pleurer – de rage ou d'émotion – et nous ne cessons jamais de lutter pour un monde meilleur. Nous lâchons notre cri de douleur dans l'air et, remplis d'espoir, nous rentrons chez nous avec la sensation d'avoir accompli notre devoir.

Le monde souhaite croire en l'efficacité de l'action de ses enfants, mais le désespoir est inévitable: la paix n'arrive jamais! Nous sommes en pleine bataille contre le sang versé, mais la paix semble être si lointaine... Quelle est bête, sourde, cette Colombe de la paix! Elle méprise et ignore l'abîme qui s'est ouvert au sein de l'humanité. Quelle est têtue cette Colombe! Elle a dû se cacher quelque part, mais où précisément?

Où? Où est-elle? Nous devenons impatients: pour qui se prend-elle, cette "colombe" au point de se faire tellement attendre avant de se poser parmi nous? Ne sait-elle pas que nous sommes pressés, que nous avons à construire un monde technologique? Nous n'avons plus de temps à perdre! Il nous faut produire, travailler beaucoup, gagner

beaucoup d'argent. Il nous faut grandir dans la vie. S'il nous manque du temps pour demander si les choses se passent bien à l'école pour nos enfants, comment savoir, alors, que notre voisin est affamé?

Qu'à cela ne tienne! Il est évident que nous n'ignorons pas qu'il y a de l'exploitation du travail infantile dans le Brésil et dans le monde, et que les personnes âgées sont maltraitées, mais quoi faire? Nous reconnaissons qu'il y a des problèmes à résoudre, mais nous ne recherchons même pas de solutions et, du fait que nous sommes immergés dans l'immédiateté, nous ne les trouverons jamais. Tant que nous privilégierons une culture inégale et agirons dans l'élan du modisme superficiel, la paix, tellement attendue, restera cachée.

La paix se cache parce qu'elle n'est pas une marchandise qui peut être produite en série. Elle n'est pas un produit à acheter. La paix ne se trouve pas dans les dessins des t-shirts, ni dans les couleurs des banderoles portées par les manifestants. Elle ne se trouve non plus dans les paroles vides jetées dans le vent. La paix n'est pas engendrée dans l'émeute, ni dans la confusion. La paix est Silence. Non pas le silence vide qui suscite l'angoisse, mais le silence qui prend la place de toute parole et entraîne l'homme à rechercher au plus profond de son être l'essence de la vie: l'Amour

Paix c'est l'amour et il ne peut pas être à la mode. Le modisme est superficiel. La paix refuse toute superficialité et plonge dans les entrailles de l'existence humaine. Celui qui souhaite faire sa connaissance aura besoin de s'attacher au temps ontologique, au temps du "Connais-toi toi-même". Des manifestations, des vêtements blancs et des beaux discours sont, bien sûr, valables, mais non essentiels. L'essentiel c'est de dire "Non" au monde du préjugé et de la cupidité. L'essentiel c'est de tenter nous libérer de l'immédiateté pour tourner notre regard vers les choses simples de la vie, telles qu'aider notre prochain et prêter plus d'attention aux enfants. Est-ce que l'homme moderne, habitué à la complexité de son temps, est prêt à faire face à la tâche simple de cultiver le Silence autour de lui?

“A grande atração da festa era um bichinho chamado Homem, meio teimoso...”

Lis Rejane Lopes Dutra

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

No princípio a Terra era sem forma e vazia,
Deixando Deus triste, pois não era preenchida.

Uma manhã, Deus acordou de bom humor, matutando as idéias que trariam alegria. Sonhou e pensou, fazendo a realidade. Para comemorar, resolveu chamar os anjos para uma festa de chocolates.

A grande atração da festa era um bichinho chamado Homem, meio teimoso, mas tão bonitinho... Quando deu meia-noite, os anjinhos foram dormir e o Homem voltou pra casa numa carruagem que voava. E saiu correndo gritando que achou a festa chata, ficando com tanta raiva que começou a fazer coisas erradas.

Quando Deus criou mais homenzinhos, eles também eram teimosos. E Deus ficou triste e foi chorar no céu. E o bichinho tentava se defender de outro bichinho, que tentava se defender de outro bichinho, uma confusão! Criaram armas, munição e um monte de objetos esquisitos. Aí deus desceu do céu com uma linda invenção: - Essa aqui é a escola. Aqui vocês vão aprender como viver.

E os homenzinhos ficaram tão curiosos que foram tirar a prova. E não é que deu certo? E começaram a aprender sobre a paz. Cada um fez a sua parte, tornando o mundo azul.

“The great attraction of the party was a little, stubborn creature called man.”

At the beginning the earth was shapeless and empty, making god sad for the land was not occupied. One morning god woke up in a good mood, cooking up ideas that would bring joy. He dreant and thought, creating reality. In order to celebrate, he decided to invite angels to a chocolate party. The great attraction of the party was a little, stubborn creature called man. But he was so cute. When the clock struck midnight, the angels went to bed and man went back home in a flying carriage. He left in a rush and exclaiming that he thought the party had been really boring. He was so angry he started doing bad things. When god created more little men, they were

stubborn too, so god was sad and to heaven to cry. And the little creature tried to defend himself from the other little creature. What confusion! They createn weapons, amunition, and a bunch of other weird objects. Then god came back down from heaven with a wonderful invention: this here is school; here you will learn how to live. And the little men were so curious they decided to check it out. And you know what? It worked. They started learning everything about peace. Each one did his own share making the world blue.

“L’attraction Principale de la fête était une petite bête appelée ‘homme’, assez têtue...”

Au commencement la terre était informe et vide, ce qui laissait dieu triste car elle n’était pas remplie

un matin, dieu s’est réveillé de bonne humeur, en pensant aux idées qui apporteraient de la joie. Il a rêvé et pensé, en même temps qu’il faisait la réalité. En souhaitant la commémorer, il a décidé de convoquer les anges pour une fête de chocolats.

L’attraction principale de cette fête était une petite bête appelée ‘homme’, assez têtue, mais elle était tellement jolie.. Quand a sonné minuit, les petits anges sont allés se coucher et l’homme est rentré chez lui á bord d’un carrosse qui volant. Il est sorti, criant que la fête, á son avis, avait été ennuyeuse, plein de tant de rage qu’il a commencé à faire des choses malsaines.

Quand Dieu a crée d’autres petits bonshommes, eux aussi étaient bien têtus. Dieu en a été triste et est allé pleurer dans le ciel. La petit bête essa yait de se défendre d’une autre petit bête qui à son tour essayait de se défendre d’une autre petit bête...enfin, une confusion monstre! Alors, elles ont crée des armes, des munitions et un tas d’objets extravagants. Á ce moment-la Dieu est descendu du ciel avec une belle invention: -regardez bien, c’est une école où vous allez apprendre à vivre.

Les petits bonshommes étaient tellement curieux qu’ils ont voulu la mettre à l’épreuve. Malgré la nouveauté tout s’est bien passé. Et ils ont commencé à apprendre au sujet de la paix. Chacun a fait sa part, en rendant bleu le monde...

*“Silêncio. Ouvi-lo é preciso... e quando
isso é feito, descobre-se que muito mais do
que um fim, a Paz é um princípio”.*

Lorena Braga Sales

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Silêncio. Ouvi-lo é preciso...e quando isso é feito, descobre-se que muito mais do que um fim, a Paz é um princípio. Se a paz é a meta e, ainda assim, ela é desconhecida, então ela não pode ser alcançada. Mas é muito fácil conhecê-la. Ela se faz presente a cada momento do dia, na forma de uma escolha. Mesmo - e principalmente - nas situações mais adversas.

Uma árvore estará sempre de acordo com sua semente. Assim como uma semente de maçã não se tornaria uma laranjeira, a origem de um ideal não poderia ser diferente de seu resultado. Para a Paz ser efetiva, precisa-se fazer uma escolha. E todos os seres humanos - independentemente de credo, raça, ideologia ou cultura - têm uma grande chave consigo: o poder do discernimento. Podem usá-la quando quiserem. Só é necessário o Querer. E este é o princípio. Quando isso acontece, a Paz também pode ser vista no meio e no fim, ou seja, quando ela existe no coração, ela pode ser vista numa atitude e na consequência de um ato pacífico.

Mundo. Observá-lo é preciso...e quando isso é feito, o Querer se faz presente. Pois o silêncio da Paz não é omissivo nem displicente. Ele é benevolente e fecundo. E quando o ser impera no humano e simplesmente vê o que há à sua volta, em silêncio, ele tem o desejo de doar algo. Algo de si.

E aquele, que durante o seu dia oferece algo de si mesmo ao mundo, está exercendo a Paz.

A tão procurada Paz, a quem todos se referem nas grandes conferências e nas reivindicações mais diversas, está, agora mesmo, de frente para todos. Ela está visível. Então, a solução para a Humanidade não é encontrar a Paz, mas simplesmente abrir os olhos.

*“Silence. It is necessary to listen to it...
and when this is done, Peace is discovered to be
much more than an end – it is a principle”.*

Silence. It is necessary to listen to it... and when this is done, Peace is discovered to be much more than an end – it is a principle. If Peace is a goal, and yet it is unknown, it can't be achieved, therefore. But it is very easy to know it. It is present each moment of the day, in the form of a choice, even – and mainly – in the toughest situations.

A tree will always be in accord to its seed. Just as the seed of an apple would never become an orange tree, the origin of an ideal would never be different from its result. In order for Peace to be effective, a choice must be made. And all human beings – regardless of creed, race, ideology or culture – carry with them a great tool: the power of discerning. They can use it at will. Wanting to is all that is needed – this is the principle. When this happens, Peace can be seen in the middle and in the end, in other words, when it exists in the heart, it can be seen in an attitude and in the consequence of an act of peace.

World. It is necessary to observe it... when this is done Wanting becomes present. For the silence of Peace is not omitting or careless. It is benevolent and fertile. And when this is present in the humans, they simply see what is around them, and in silence they have the desiring of donating something, something of himself.

And he who during his day offers something of himself to the world is exercising Peace.

The much sought after Peace, to which all refer to at the great conferences and in all kinds of demands is, right now, in front of everyone. It is visible. Therefore, the solution for Humanity is not finding Peace, but simple opening its eyes.

*“Le silence. Il faut l'écouter... et quand on l'écoute,
on découvre que beaucoup plus qu'une fin, la Paix
est un commencement”*

Le silence. Il faut l'écouter... et quand on l'écoute, on découvre que beaucoup plus qu'une fin, la Paix est un commencement. Si la paix est le but et, si, malgré tout, elle est méconnue, alors elle ne peut être atteinte. Mais il est très facile de faire sa connaissance. Elle est présente à chaque instant de la journée, sous la forme des choix à faire. Y compris - et notamment - au cours des situations les plus adverses.

Un arbre sera toujours en accord avec sa graine. De même qu'une graine de pomme

ne deviendra jamais un oranger, ainsi l'origine d'un idéal ne pourra pas être différent de son résultat. Pour que la Paix devienne effective, il faut qu'un choix soit fait. Et tous les êtres humains - indépendamment de leur credo, leur race, leur idéologie ou culture - détiennent une clé très importante, à savoir le pouvoir du discernement. Ils peuvent l'utiliser quand bon leur semble. Il leur suffit le Vouloir. C'est le commencement. Quand cela arrive, la Paix aussi peut être vue au milieu et à la fin, c'est-à-dire, quand elle existe dans le coeur, elle peut être vue dans une attitude et en tant que conséquence d'un acte pacifique.

Le monde. Il faut l'écouter... et quand on l'écoute, le Vouloir se rend présent. En effet, le silence de la Paix n'est pas oublieux ni insouciant. Mais bienveillant et fécond. Et quand l'être prend le dessus dans l'humain et se met simplement à regarder ce qu'il y a autour de lui, en silence, il ressent le désir de faire don de quelque chose. Quelque chose de lui-même.

Et celui qui durant sa journée offre quelque chose de lui-même au monde, il est en train de mettre en oeuvre la Paix.

Tellement recherchée, la Paix, devenue thème de grandes conférences et des revendications les plus diverses, se trouve, dans cet instant précis, face à tout le monde, elle est visible. Alors, la solution pour l'Humanité n'est pas de rencontrer la Paix, mais simplement d'ouvrir ses yeux.

*“...se sentimos, discutimos, lançamos
idéias por que não conseguimos evoluir?...”*

Luciano José Aquino de Azevedo
Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO

Ele tinha os olhos azuis mais lindos, assim tão claros como as manhãs nas quais o cheiro de maresia se impõe como o leite entregue, fresco.

Ele tinha os olhos verdes, como se refletissem o mar, que além de acalentá-lo, toda noite, fosse dele referência, se transformassem a cada onda.

É como se fosse um soldado, na guerra, afagando assim, um gato, hamster que seja...

Há uma grande saída – eloqüente enquanto não se figura o concreto. Somos, na realidade, símbolos vivos de uma única questão – se sentimos, discutimos, lançamos idéias, por que não conseguimos evoluir?... A saída, ah, sim... Há, em cada interesse, em cada gesto, em cada movimento, qualquer que seja.

Se é simples falar da paz? Nunca.

Ninguém pode pedir mais do que se pode dar, bem como tem que avaliar o que se tem, o que se chega. “Engraçado” é discutir a paz, é sentir-se, de tal forma atrelado e distante a movimentos. A visão que se tem é única, muitas vezes, quanto à paz, quanto ao movimento que se revela a cada esquina

A paz esteja convosco, conosco...

Queria ver, assim, alguém de nariz escorrendo, de tranças e balas, crescendo como se a fronteira fosse a dor posterior maior.

A manifestação da paz de cada um – aquilo que se espera de cada um de nós, aquilo que esperamos de cada um...

Espero, apenas, que sejamos realistas, na medida em que, se por um lado temos amstras grátis e pingos de ilusão, que sejamos, então, simplesmente grandes e otimistas.

*“...if we are able to feel, discuss,
and propose ideas, why can't we evolve?...”*

He had the most beautiful blue eyes, as clear as the mornings when the sea breeze imposes itself as fresh, delivered milk.

He had green eyes, as if they reflected the sea transformed by each wave. A sea which was also his source of tranquility and reference.

It's as if he were a soldier in war.

There is a great way out – eloquent if not concrete. We are, in reality, living symbols of a single question - if we are able to feel, discuss, and propose ideas, why can't we evolve? . . . The way out, oh, yes . . . There is in each interest, in each gesture, in each movement, whatsoever.

Is it simple to talk about peace? Never.

Nobody can ask for more than they can give. Likewise, everyone has to know what they have in store, and where they are going. It's "funny" to discuss peace, to feel in any way connected to its distant movements. There is usually a unique vision in regard to peace, to the movements at each street corner.

May peace be with you, and us . . .

I'd like to see then a runny-nosed child, in braids, and eating candy growing up as if the frontier were their greatest sorrow.

The manifestation of peace in each one – that which is expected from each one of us, that which we expect from each one. . .

I just hope we are realistic, inasmuch as, if on one hand we have free samples and drops of illusion, we should be simply grand and optimistic.

“...si nous sentons, discutons, lançons des idées pourquoi ne réussissons-nous pas à évoluer?...”

Il avait les plus beaux yeux bleus, aussi clairs que les matins où l'odeur de la mer s'impose comme du lait frais.

Il avait les yeux verts, comme s'ils reflétaient la mer qui la nuit durant en le berçant serait devenue son repère, se transformaient à chaque vague.

C'est comme s'il était un soldat, en guerre, caressant, un chat, un hamster aussi...

Il y a une grande issue – éloquente en attendant la configuration du concret. Nous sommes, en réalité, des symboles vivants d'une seule question – si nous sentons, discutons, lançons des idées pourquoi ne réussissons-nous pas à évoluer?... L'issue, ah! bien sûr... Il y en a dans chaque intérêt, dans chaque geste, dans chaque mouvement, n'importe lequel.

Est-ce qu'il est simple de parler au sujet de la paix? Jamais.

Personne n'a le droit de demander plus qu'elle n'est à même de rendre, ainsi il lui faut évaluer ce qu'elle a, ce dont elle est capable. C'est "drôle" de discuter sur la paix, soit le fait que la personne ait le sentiment d'être attachée et bien loin des mouvements. La vision que chacun peut avoir est unique, souvent, par rapport à la paix, par rapport au mouvement qui se révèle dans chaque coin de rue.

La paix soit avec vous, avec nous...

J'aimerais regarder, ainsi, quelqu'un ayant la goutte au nez, avec ses nattes et balles, en grandissant comme si la frontière était une plus grande souffrance postérieure.

La manifestation pour la paix de chacun – ce que l'on attend de chacun de nous, ce que nous espérons de chacun...

Ma seule attente c'est que nous soyons plus réalistes dans la mesure où, si d'un côté nous avons des échantillons gratuits et des gouttelettes d'illusion, alors soyons simplement magnanimes et optimistes.

“E na rua da favela, o filho da doméstica tem no coração apenas uma bala”.

Luis Eduardo de Oliveira Morais
Universidade Federal Fluminense - UFF

O pequeno negrinho corre assustado pelas ruas da favela.

Ele foge da polícia. Embora tenha apenas 11 anos de idade, já trabalha no tráfico de drogas há bastante tempo. Porém, desta vez, parece estar cercado. Do outro lado da cidade, sua mãe trabalha como doméstica numa linda casa de um bairro nobre. Ela vê entrar pela cozinha o filho da patroa, um garoto sorridente, de pele rosada e olhos brilhantes que, apesar da idade, já é seu patrão. Ele está chegando com os seus pais, retornando de uma passeata contra a violência organizada pelos moradores do bairro. Nos últimos meses, muitos assaltos violentos estavam acontecendo naquela área e o filho da patroa não pode mais brincar na rua

Enquanto guardam cartazes e planfetos da passeata, todos conversam e assistem ao noticiário da TV. Na tela, a imagem de uma criança do outro lado do mundo. Um garoto que, durante a guerra do Iraque, havia perdido toda sua família e os dois braços numa explosão. Frágil, de traços árabes, moreno, naquela idade e já era uma vítima da guerra. Órfão e sem os dois braços. A patroa olha para o filho saltitante e agradece a Deus por ele ter saúde e o corpo perfeito. E, mesmo sem dar atenção ao noticiário, corre em direção à doméstica que já está indo embora. O filho da patroa entrega a ela um presente, uma camisa que trouxera da manifestação pela paz. A doméstica agradece, guarda a camisa e leva para casa o presente, pois nunca dava nada para o filho. Ainda bem que ele tinha os dois braços, pensou ela. Dessa vez, ele teria uma surpresa!

No mesmo instante, o negrinho corre pelos becos e ruelas do morro e com os braços sãos, ele segura os papalotes de cocaína. Os policiais são muitos e o negrinho não tem sorte. Numa esquina mal escolhida, ele encontra um policial de arma em punho, que sem hesitar, dá um tiro certeiro no peito do filho da doméstica

Do outro lado da cidade, o filho da patroa recebe no peito um abraço da mãe protetora. Ela sabe que ele vai crescer sempre sujeito à violência das ruas. Do outro lado do mundo, no peito do filho da guerra, no Iraque, resta um coração gelado. Ele afirma para os repórteres que vai crescer sempre com ódio daqueles que explodiram sua família. E na rua da favela, o filho da doméstica tem no coração apenas uma bala

Enquanto o presente de sua mãe continua estendido na cama, à sua espera.

Uma linda camisa branca com os seguintes dizeres:

“Escreva a paz no coração do mundo!”

É uma pena que o negrinho não saiba ler nem escrever.

*“And in the streets of the favela,
the maid’s son has a single bullet in his heart”.*

The little black boy runs frightened through the favela streets. He is running away from the police. Even though he’s just 11 years old, he’s already been working in drug trafficking for a while. However, this time, he seems to be cornered. On the other side of the city, her mom works as a housemaid at beautiful house in an upscale neighborhood. She sees her employer’s son walking into the kitchen, a smiling boy, with rosy skin and shiny eyes. Despite the boy’s age, he is her employer too. He is just back home from the streets with his parents, where they were participating in a march for peace against violence, organized by people from the community. In the last months, many violent robberies have been taking place in that area, and the boy can’t play in the streets anymore.

While they put away the banners and pamphlets from the march, they talked and watched the news on TV. On the screen, an image from a boy from the other side of the world is shown. A boy who, during the Gulf War, had lost his entire family and both of his arms after an explosion could be seen. Looking fragile, with Arab features, tanned, at that age the boy already was a victim of war. He was an armless orphan. The mother looks at her prancing son and thanks God he has perfect health and body. Not paying attention to the news, the mother runs to the maid who is on her way out. The boy hands her a present, a t-shirt he had brought from the peace march. The maid thanks him and takes it home. It would be a good idea to give it to her son – she never gave him anything. Fortunately he still had two arms, she thought. This time he was up for a big surprise.

Meanwhile, the little black boy ran through the alleys and dead-end streets of the hillside and, with his able and healthy hands, he holds on to cocaine paper envelopes. There are plenty cops, and the little black boy is short of luck. On a badly chosen street corner, he stumbles onto a policeman with a gun at hand and who, with no hesitation, shoots straight at the chest of the maid’s son.

On the other side of town, the other son gets a protective hug from his mother. She knows that he will always grow up vulnerable to street violence. On the other side of the world, in the chest of the son of war in Iraq, lies a frozen heart. He tells reporters that he will grow up hating those who blew up his family. And in the streets of the favela, the maid’s son has a single bullet in his heart. Meanwhile, while waiting, his mother stretches out his present on his bed. A beautiful white shirt with the following words:

“Write peace on the heart of the world!”

It’s a pity the little black boy couldn’t read or write.

“Dans la rue de la ‘favela’, le fils de la femme de ménage ne garde dans son coeur qu’une balle”

Épouvanté, le petit noir court dans les ruelles de la “favela”.

Il est en train de fuir le gendarme. Malgré son jeune âge – 11 ans – il travaille depuis longtemps pour le compte du trafic de drogues. Néanmoins, cette fois-ci, il semblerait qu’il se trouve encerclé. Sa mère est femme de ménage dans une belle maison d’un quartier bourgeois, de l’autre côté de la ville. Elle regarde le fils de sa maîtresse, un garçon souriant, la peau rosée et les yeux brillants qui emprunte la porte de la cuisine pour rentrer à la maison et qui malgré son âge est déjà son patron. Il vient de rentrer avec ses parents d’une manifestation organisée par les habitants du quartier contre la violence. Ces derniers mois, il y a eu beaucoup d’agressions violentes dans cette zone et le fils de sa maîtresse ne peut plus jouer dans la rue.

En rangeant les banderoles et les tracts de la manifestation, tous bavardent et regardent les nouvelles du téléjournal. À l’écran, l’image d’un enfant de l’autre bout du monde. Un garçonnet qui pendant la guerre en Irak, a perdu toute sa famille et ses deux bras dans une explosion. Fragile, des traits arabes, un teint assez foncé, malgré son jeune âge il était déjà une victime de la guerre. Orphelin et handicapé de ses deux bras. De son côté, la maîtresse de maison regarde son enfant plein d’entrain, en remerciant Dieu pour sa santé et son corps parfait. Et, en écartant son attention des nouvelles, il court vers la femme de ménage qui s’en va. Alors il lui fait un cadeau: un T-shirt de la manifestation pour la paix. En le remerciant, la femme de ménage met le T-shirt dans son sac et l’emporte chez elle; elle n’avait jamais fait de cadeau à son enfant. Voilà ce qui tombait bien parce que lui il avait ses bras, elle s’est parlée à elle-même; cette fois-ci, il aurait une surprise!

Dans le même instant, le petit noir court dans les impasses et les ruelles de son quartier et dans ses bras sains il tient les papillotes de cocaïne. Les policiers sont nombreux tandis que le petit noir manque de chance. Hélas! au coin d’une rue, il rencontre un policier qui tire à bout portant: le fils de la femme de ménage est atteint en pleine poitrine.

De l’autre côté de la ville, le fils de la maîtresse de maison a chaud à la poitrine: il vient d’être embrassé par sa mère protectrice. Elle sait qu’il va grandir sous la menace constante de la violence de la rue. De l’autre bout du monde, dans la poitrine de l’enfant de la guerre, en Irak, il reste un coeur gelé. Il affirme aux journalistes qu’il va grandir en gardant de la haine contre ceux qui ont fait exploser ses proches. Et dans la rue de la “favela”, le fils de la femme de ménage ne garde dans son coeur qu’une balle. Tandis que le cadeau de sa mère reste déployé sur le lit, en l’attendant.

C’est un très joli T-shirt blanc qui porte ce message:

“Écrivons la paix dans le coeur du monde!”

C’est dommage que le petit noir ne sache ni lire ni écrire.

“Não existe guerra justa que não seja em nome da compreensão do mundo, do respeito a tudo que nos faz tão iguais...”

Luter Angelo de Oliveira de Souza

Universidade Federal do Rio de Janeiro / Universidade Estácio de Sá

Ausência da guerra para alguns doutores, esforço da vida para tantos humanistas. Mas, para os que sofrem sua ausência, a paz é urgência, é obsessão; nunca esteve tão atual, nem tão distante.

Como trazer o que entendemos por libertação aos que julgamos cativos se nosso próprio entendimento jaz encoberto numa burca? Como levar à África tudo aquilo que não proporcionamos a nós mesmos, não vendo no morador de rua o haitiano carioca? Com que direito queremos garantir democracia ao Afeganistão se negros, mulheres e pobres ainda lutam pelas mesmas regalias dos homens brancos ricos do Brasil? O messianismo do Ocidente se mostra frustrante e paradoxal sempre que tenta exportar o que não tem, dando aos demais do planeta entrada franca na falência social, filha natural da ganância capitalista. Nossa realidade pouco tem a ver com a igualdade midiática advogada e obstruída pela elite.

Antes da luta pela transformação do outro, temos de ser capazes da mudança de nós mesmos. Não existe guerra justa que não seja em nome da compreensão do mundo, do respeito a tudo que nos faz tão iguais, e tão diferentes. Enquanto há tantos que morrem por fome e outros tantos que matam por cobiça, mais distante permanece o entendimento das nações.

Paz não é nada que a petulância de cada dia seja capaz de ensinar, mas é tudo que a tolerância e a humildade nos permitirão aprender. Não conseguiremos abrir a porta da transformação pela justiça com modelos trazidos de fora porque a tranca da equidade ainda fica por dentro. Estamos preparados para projetá-la, mas estaremos dispostos a vivê-la? Para entender a paz, temos de crer na humanidade, perseguir a fé, vivenciar esperanças. Todos têm de aprender a abraçar o diferente, o mundo tem de querer perder o medo do novo.

“There is no unjust war that is not also waged in the name of the comprehension of the world, of respect to everything that makes us the same...”

Absence of war for some scholars, an endeavor for life for so many humanists. But for those who sUniversidade Federal Fluminense - UFFer from its absence, peace is urgent, it is an obsession; it has never been such an important issue, and never has it been so distant.

How to bring what we know for the liberation of those we consider captives if our own understanding is veiled by a burka? How to take to Africa all that we do not even afford ourselves? We can't see our own Hatians living in Rio de Janeiro. Do we have the right of wanting to secure democracy in Afghanistan if blacks, women, and poor people are still fighting to have the same rights as white rich people in Brazil? Western moral crusading has proved to frustrating and paradoxical every time it tries to export something it doesn't have, giving the rest of planet a free ticket to social default, capitalistic greed's legitimate child. Our reality has little to do with the equality advocated by the media and obstructed by the elite.

Before the fight for transformation of all, we have to be capable of changing ourselves. There is no unjust war that is not also waged in the name of the comprehension of the world, of respect to everything that makes us the same and so different. As long as there are so many who die of hunger and so many others who kill for greed, understanding among nations will remain distant.

Peace isn't anything that day-by-day petulance is capable of teaching, but it is everything that tolerance and humbleness will allow us to learn. We will not be able to open the door to the transformation of justice with models brought from elsewhere because the key to equality still is to be found inside. We might prepared to project it, but are we willing it live it? In order to understand peace, we have to have faith in humanity, we must pursue faith, and live in hope. All must learn how to embrace that which is different. The world must lose its fear of all that is new.

*“La seule guerre juste est celle qui
est déclarée au nom d’une compréhension
réciproque, au nom du respect
à l’égard de tout ce qui nous fait si pareils...”*

L’absence de guerre pour certains universitaires, un effort de la part de la vie pour nombre d’humanistes. Mais, pour ceux qui souffrent de son absence, la paix devient une urgence, une obsession; elle n’a jamais été aussi actuelle, ni aussi lointaine.

Comment apporter ce que nous entendons par libération à tous ceux que nous considérons comme captifs si notre propre entendement est recouvert par un tchador? Comment amener en Afrique tout ce dont nous nous bénéficions, alors que nous ne voyons pas le sans-abri de notre rue, le haïtien “carioca”? De quel droit prétendons-nous assurer la démocratie en Afghanistan si des noirs, des femmes et des pauvres luttent encore pour les mêmes avantages dont jouissent les hommes blancs riches du Brésil? Le messianisme de l’Occident devient frustrant et paradoxal chaque fois qu’il tente d’exporter ce dont il ne bénéficie encore pas, en procurant aux autres peuples de la planète l’accès libre à la faillite sociale, fille naturelle de la cupidité capitaliste. Notre réalité n’a que peu à voir avec l’égalité médiatique plaidée et à la fois obstruée par l’élite.

Avant la lutte pour la transformation d’autrui, il faut que nous nous rendions capables de promouvoir notre propre changement. La seule guerre juste est celle qui est déclarée au nom d’une compréhension réciproque, au nom du respect à l’égard de tout ce qui nous fait si pareils, et si différents. Tant qu’il y aura autant de morts du fait de la famine et une quantité encore plus grande d’autres morts pour cause de convoitise, l’entente entre les nations sera de plus en plus lointaine.

La Paix n’est rien que l’effronterie de chaque jour soit capable de nous apprendre, mais elle est tout ce dont la tolérance et l’humilité nous permettront de nous imprégner. Nous ne réussirons pas à ouvrir la porte de la transformation par la justice en n’utilisant que des modèles importés du dehors parce que le verrou de l’équité se trouve encore au dedans. Même si nous sommes préparés pour l’envisager, est-ce que nous serions prêts à la vivre? Pour comprendre la paix, il nous faut croire en l’humanité, poursuivre la foi, vivre l’espoir d’un monde meilleur. Il va falloir que tous apprennent à embrasser les différences d’autrui, il va falloir que le monde veuille à nouveau perdre la peur.

“O medo maior era o medo de ter medo”

Maria Margarida da Costa Sampaio
Universidade Estácio de Sá

Era a Chapeuzinho Verde-Amarelo.
Amarelada de medo.
Tinha medo de tudo.
Medo de andar de ônibus,
Medo de andar de metrô,
Medo de andar de dia,
Medo de andar à noite.
Medo de adulto negro,
Medo de criança branca também.
Tinha medo de bala perdida e
De bala achada.

Não ouvia rádio,
Não via TV,
Não falava ao telefone,
Não falava com os vizinhos,
Não se comunicava com ninguém.

Seu medo era muito grande!
Tinha medo da linha amarela,
Da linha vermelha,
Da linha verde.
Da zona norte,
Da zona sul,
E da centro-oeste também.
Então vivia trancada em seu apartamento,
E não dormia,
Com medo do ladrão “acordá-la” à noite.
De todos os medos que ela tinha,
O medo maior era o medo de ter medo.
Um medo chamado Síndrome do Pânico.
Que se caracteriza por ataques súbitos de terror,
Que coloca a Chapeuzinho Verde-Amarelo
Em estado permanente de alerta.

Coração acelerado,
Dor no peito,
Formigamento,
Náuseas,
Falta de ar,
Tremor,
Vertigens,
Medo de morrer ou
De estar enlouquecendo.

O psicanalista recomendou: terapia e poesia.
E Chapeuzinho Verde-Amarelo abriu o
Sem Fotografias de Ângela Montez e leu:
“tenho medo e o medo faz estrondos à minha porta
tenho medo e a angústia me acorda amanhecida
tenho medo que me desejes:
que o espelho me deixes
ou me resistas”

E Chapeuzinho leu outro poema,
Mais outro,
Mais outro e
Mais outro.
E não teve medo que os poemas a desejassem,
Que o espelho a deixasse
Ou até que resistisse a ela.
E assim... encontrou a paz!

(O texto “Chapeuzinho Verde-Amarelo” é uma adaptação do conto infanto-juvenil “Chapeuzinho Amarelo”, de autoria de Chico Buarque e cita um poema de Angela Montez extraído do seu livro “Sem Fotografias”).

“The greatest fear was the fear of fearing”

There once was Little Green and Yellow Hood
Very yellow of fear
She was afraid of everything
Riding the bus
Taking the subway
Walking during the day
Walking at night
Of black adults
And of white children too
She was afraid of stray bullets,
And claimed bullets too.

She didn't listen to the radio,
Nor watched TV,
Nor talked on the phone,
Nor spoke to neighbors,
Nor communicated with anyone.

Her fear was too great!
She was afraid of the yellow line
Of the red line,
Of the green line,
Of the north zone
Of the south zone
And of the center-west too.

So she lived locked up in her apartment,
And didn't sleep,
Afraid that the robber would “wake her up” at night.
Of all fears she had,
The greatest fear was the fear of fearing.
A fear called Panic Syndrome.
It is characterized by sudden terror attacks,
Which puts Little Green and Yellow Hood
In constant state of alert.

Heart beating fast,
Chest pains,
Tingling,
Nausea,
Short of breath,

Tremor,
Vertigo,
Fear of dying or
Of going mad.
Her shrink recommended: therapy and poetry.
And Little Green and Yellow Riding Hood opened
Angela Montez's "No Fotografias and read:
"I have fear and fear sends blows to my door
I have fear and the angst wakes me up in the morning
I have fear it desires me:

Shall the mirror leave me or resist"

And the Riding Hood read another poem,
And another one,
And another one,
And yet another one.
And she was no longer afraid poems desired her
Or that resisted her
And thus . . . she found peace.

("The text "Little Green and Yellow Riding Hood" is an adaptation of the children's story "Little Yellow Riding Hood", by Chico Buarque and quotes a poem by Angela Montez extracted from her book "Sem Fotografias").

“La plus grand’ peur c’était la peur d’avoir peur”

C’était la fillette Petit Chaperon vert-et-jaune.

Verte de peur.

Elle avait peur de tout.

Peur de prendre le bus,

Peur de prendre le métro,

Peur de marcher au grand jour,

Peur de marcher la nuit.

Peur d’un homme noir,

Peur aussi d’enfant blanc.

Elle avait peur d’une balle perdue et

D’une balle retrouvée.

Elle n’écoutait pas la radio,

Ni regardait la télé,

Ni parlait au téléphone,

Ni aux voisins,

Ni s’adressait à personne.

Sa peur était bien grande!

Elle avait peur de la voie jaune,

De la voie rouge,

De la voie verte.

De la zone du nord,

De la zone du sud,

Et aussi de la zone du centre-ouest.**

Alors, elle restait verrouillée dans son appartement,

Et n’arrivait pas à s’endormir,

De peur que le cambrioleur la fasse “s’éveiller” dans la nuit.

De toutes les peurs qu’elle avait,

La grand’peur c’était la peur d’avoir peur.

Une peur appelée le Syndrome de la Panique.

Qui se caractérise par des bouffées de terreur,

Qui place la fillette Petit chaperon vert-et-jaune

Dans un état permanent d’éveil.

Accélération du rythme des battements du coeur,

Douleurs aiguës de la poitrine,

Fourmillement,

Nausées,
Manque d'air,
Tremblements,
Vertiges,
Peur de la mort ou
D'être en train de devenir fou.

Le psychanalyste a recommandé: thérapie et poésie.
Et la fillette Petit Chaperon vert-et-jaune a ouvert le livre
"Sem Fotografias" [Sans photos] de Ângela Montez et a lu:
"j'ai peur et cette peur fait du fracas devant ma porte
j'ai peur et l'angoisse m'éveille engourdie
j'ai peur que tu aies envie de moi:
que le miroir m'abandonne
ou résiste à mes volontés"

Et Petit Chaperon a lu un autre poème,
Encore un autre,
Un autre et
Encore un autre.
Et elle n'a pas eu peur que les poèmes eussent envie d'elle,
Que le miroir l'abandonnât
Ou même qu'il lui résistât.
Et ainsi... elle a rencontré la paix!

Ce texte est une adaptation du conte pour enfants le "Petit Chaperon jaune" du compositeur/parolier/chanteur/écrivain Chico Buarque; il cite aussi un poème de Ângela Montez extrait de son livre "Sem Fotografias" [Sans photos].

* *Les couleurs du drapeau brésilien.*

** *Référence aux axes de circulation automobile (voies) et aux arrondissements de Rio de Janeiro.*

“...ao contrário devemos lutar com as únicas e verdadeiras armas capazes de vencer o “inimigo”... A esperança; a coragem, o amor e a solidariedade!”

Marta Cristina da Silva

Universidade Federal Fluminense – UFF

Todos têm direito à paz, independentemente de religião, raça, sexo, cor, classe social ou nação, mas o dever de cultivá-la é responsabilidade de cada indivíduo que, consciente de seus atos, promove a cidadania

Silenciemos a nossa mente para ouvirmos o coração... Momento salutar de reflexão, quando passamos a limpo os pensamentos, palavras e, sobretudo, ações diárias que nos envergonham, pois quase sempre recaem na omissão. Trabalhemos criando um “projeto de vida” cujo lema é atitude, dando ao povo condições dignas para viver e saciar a “fome” que corrói suas entranhas com o vazio da miséria e desalenta sua alma com as injustiças à beira da sociedade

A violência que assola a humanidade é consequência de desequilíbrio sócio-econômico e cultural que desencadeia “guerras infundas” que não podem ser combatidas com sede de vingança, ao contrário, devemos lutar com as únicas e verdadeiras armas capazes de vencer o “inimigo”... a esperança, a coragem, o amor e a solidariedade! Se estamos revestidos com esta união de forças positivas e poder edificante, aí sim, cruzaremos fronteiras e conquistaremos a liberdade como “mensageiros e agentes da paz” em qualquer tempo e lugar!

Nossa missão no planeta é plantar a sementinha do jardim de infância aos campus de universidades e expandir, atingindo crianças, jovens, adultos e o ancião; a herança divina da paz que se perpetua de geração a geração... Como quem semeia um solo fértil, árvore rara que cresce, floresce produz bons frutos, doa generosa sombra de frescor e sabedoria a mãe Terra tudo oferece, enquanto seus filhos pródigos devastam a natureza porque, para a pseudo construção de um “país melhor”, ignoram o desenvolvimento sustentável

Com tudo isso, que reine a paz no Mundo, com a serenidade do escritor que recicla idéias, cria histórias, informa; diverte; brinca com a cor, forma, som, imagens, odores e sabores, dá luz a nossa imaginação, porém acredita em seus ideais... suas mensagens são vida pulsante e, portanto, motivadores de transformação, constante e transcendente, perante as “leis dos homens”, a expressão de uma utopia, que diante do universo infinito é um enigma a ser desvendado por nós, embaixadores da paz.

*“On the contrary, we should
fight with the only weapons truly capable
of defeating the “enemy”...
Hope, courage, love and solidarity!”*

Everyone has the right to peace, regardless of his or her religion, race, gender, social class, and nationality. However, the responsibility of cultivating peace is the duty of every civilian who acts consciously in favor of citizenship.

Let us silence our minds to hear our hearts... A wholesome moment of reflection in order to examine our thoughts, words, and above all, the often hidden daily actions of which we are ashamed. Let us work in a life project that has “attitude” as its motto. Let us make sure that all citizens live in dignified conditions and are capable of satiating the “hunger” that thrives in misery and eats away at their insides, while social injustices dampen their souls.

The violence haunting humanity is the consequence of a social-economic and cultural unbalance that unleashes “endless wars” that cannot be stopped by the thirst of vengeance. On the contrary, we should fight with the only weapons truly capable of defeating the “enemy”... Hope, courage, love and solidarity! Once we are protected by these unifying positive forces and by an edifying power, we will be able to cross frontiers and conquer freedom anytime, anywhere as the “messengers of peace”.

From pre-k schools to university campuses, our mission on earth is to plant the seed wherever we go in order to reach children, youngsters, adults, and seniors. The divine inheritance of peace should be perpetuated from generation to generation... As someone who inseminates a fertile soil, from which a rare tree grows, blossoms and provides great fruits as well as a generous fresh shadow full of wisdom. Mother Nature always provides, but her prodigious children recklessly destroy Her in the name of a pseudo- effort for a “better country” where sustainable development is not an issue.

In spite of all of the above, peace should reign our world with the same serenity that a writer feels in recycling his or her ideas, making-up stories, informing; entertaining; playing with colors, forms, sounds, images, odors and tastes, fueling our imagination, while still believing in his or her transcribed messages. Their messages are full of resonating life and are thus, propellers of change and transcendence not intimidated by the “laws of men”. They are expressions of utopia, and stand before an infinite universe as enigmas to be deciphered by us, the ambassadors of peace.

*“...au contraire, nous devons lutter
avec les seules et véritables armes capables de
vaincre l’ennemi’... L’espérance,
le courage, l’amour et la solidarité!”*

Tous ont droit à la paix, indépendamment de leur religion, de leur race, de leur sexe, de la couleur de leur peau, de leur classe sociale ou de leur nationalité, mais le devoir de la cultiver est une responsabilité de chaque individu qui pleinement conscient de ses actes réhabilite la citoyenneté.

Faisons silence dans notre mental pour écouter notre cœur... Il s’agit d’un moment salutaire de réflexion quand nous mettons au net nos pensées, nos paroles, et surtout nos actions quotidiennes qui nous font honte, car souvent nous pêchons par omission. Attachons-nous à créer un “projet de vie” dont la devise est “attitude ferme”, en procurant au peuple des conditions dignes pour vivre et pour rassasier la “faim” qui ronge ses entrailles dévorées par le vide de la misère et qui décourage son âme consumée par les injustices envers la société.

La violence qui ravage l’humanité est la conséquence du déséquilibre socio-économique et culturel qui déclenche des “guerres interminables” dont l’éradication ne peut pas se faire moyennant la soif de vengeance; au contraire, nous devons lutter avec les seules et véritables armes capables de vaincre l’“ennemi”... l’espérance, le courage, l’amour et la solidarité! Si sommes revêtus de cette union de forces positives et de pouvoir édifiant, alors, nous franchirons des frontières et conquérons la liberté en tant que “messagers et agents de la paix”, tout le temps et partout!

Notre mission sur cette planète est de planter la petite graine, dès la garderie au campus, et de l’élargir, en touchant des enfants, des jeunes, des adultes et des vieillards; soit, l’héritage divin de la paix qui se perpétue de génération en génération... À l’exemple de celui qui sème dans un sol fertile - et l’arbre rare grandit, fleurit et produit des bons fruits, en procurant une ombre généreuse de fraîcheur et de sagesse -, de même la mère Terre offre tout dont les êtres humains ont besoin; cependant, entraînés par la pseudo-construction d’un “pays meilleur”, ses enfants prodigues ravagent la nature parce qu’ils ignorent le développement soutenable.

Malgré tout cela, que la paix règne sur le Monde à partir de la sérénité de l’écrivain qui recycle des idées, crée des histoires, fournit des renseignements, procure du divertissement, s’amuse avec les couleurs, les formes, les sons, les images, les odeurs et les saveurs, éclaire notre imagination; néanmoins, il croit à ses idéaux... Ses messages sont pleines de vie, et donc instigatrices d’une transformation constante e transcendante devant les “lois des hommes”, l’expression d’une utopie qui face à l’univers infini reste une énigme à déchiffrer par nous, ambassadeurs de la paix.

“Será que é só o mundo que está “em guerra?”

Maurício Figueiredo Rangel

Universidade Estácio de Sá

“Paz. Eu acredito que... “ é o tema. Bem , já que pedem, creio que o problema é a ausência de paz e é bem mais subjetivo, imediato e cotidiano

Veja agora, estamos escrevendo todos sobre a idéia. Alguns devem citar o “ sistema” como responsável pela situação mundial, outros destacam o estilo “ cowboy” de Bush

É. Mas e por dentro? Como cada um se sente fora daqui? E quando as idéias pacifistas cessarem na entrega do texto final?

Às vezes, olhos pra minha rua . Pra minha casa. Não sei se você já teve essa sensação de alívio por morar num lugar onde não há chances de explodir uma bomba por uma guerra declarada ou terrorismo. Mas até quando? Já temos o Poder Paralelo

Bem, chegamos ao tráfico. Por que há? O que falta aos olhos da classe média para que se droguem? Será que é só o mundo que está “em guerra”? Não. Acho que a tal paz não existe nem sequer nas próprias pessoas

Olha, nem o interesse real pela paz existe. Esses meios de comunicação que nos trazem os absurdos norte-americanos é quem nos dita o que desejar. E, inclusive, nossas vontades não costumam ser majoritariamente altruístas

Aprendemos a possuir. Beleza, imóveis, automóveis. Vende-se tudo, e agora também a paz? Pelo menos, as licitações para a reconstrução do Iraque já vão começar. Mas, fora a brincadeira do último período, as pessoas vêem a paz como algo externo a elas. Deve começar pelo Estado, em função da humanidade – quando, na verdade, deve partir do indivíduo em função de si e da sociedade

Temos medos, angústias. Às vezes, perdemos o sono. Olhamos desconfiados. No fim, estamos sempre com o pé atrás, preocupados demais com os próprios problemas

Entretanto, não adianta tentar a paz no mundo sem conquistá-la em casa. Explorar causas e efeitos numa ação militar suspeita mostra um recorte frio da realidade, e cria hipóteses de cura distante de uma problematização que devia ser mais próxima

Paz. Eu acredito que se debate muito a mundial, pela qual não se pode fazer muita coisa quando não se é secretário da ONU . Aliás , ultimamente, nem sendo

Além disso, se o ideal de uma nação for realmente pacifista e se esta souber não se

deixar levar pelo ódio e revanchismo... Talvez, no caso norte-americano, a opinião pública não tivesse permitido a guerra ocorrida no Iraque

E , no parágrafo de conclusão, não darei uma “fórmula”. Fica o ponto de vista de que a melhoria individual é o mais importante na busca pela paz. Ou ,do contrário, basta entrar numa passeata pela manhã e, à tarde, espancar o próprio filho (um tom debochado de dizer sobre um jeito cínico de agir).

“Could it be that only the world is ‘at war’ ?”

“Peace. I believe that...” is the topic. Well, since they are asking for it, I believe that peace is a lot more subjective, immediate and quotidian in nature.

Take a look around, we are all writing about the same topic. Some must be accusing the “system” as being responsible for the current world situation, others might be highlighting Bush’s “cowboy” style in public relations.

All valid assumptions. But what about inside? How does each one of us feel outside of this room? What happens after we hand in our final essays filled with pacifist theories?

Sometimes I look at my street, and at my house. I don’t know if you’ve ever felt a certain relief in knowing that you live in an area free of any war or terrorist bombshells. But until when? We already are subjected to the drug Mafia.

Well, we have now reached the drug traffic. Why does it exist? What does the middle class lack that they should feel the need to drug themselves? Could it be that only the world is “at war”? No. I don’t think that this so-called peace is found even within people themselves.

In fact, not even a real interest for peace actually exists. These modes of communication bomb us with the most preposterous North-American ideals that tell us what to think and wish for. Furthermore, our wishes and wants are not selfless in their majority.

We learn how to possess. Beauty, real estates, automobiles. We sell everything, and now peace as well? At least the summing for Iraq’s reconstruction has begun. However, not taking into account the joke made last period, people see peace as something external. They believe it should first come from the State, in the name of humanity – when in truth, it should first come from the individual in name of him or herself and society.

We have fears and agonies. We sometimes lose our sleep. We look around suspiciously. In the end, we always act dubiously, with second intentions and worry far too much about our own problems.

Nevertheless, it is useless to try to achieve world peace if we don't first achieve it at home. If we explore the causes and effects of a suspicious military action, we end up creating a cold, analytical image of social reality in order to formulate hypothesis on solutions for distant problems, when the analysis should be made closer to home.

Peace. Something largely discussed around the globe, but something to which we can't do much for unless we are the UN Secretary. Actually, lately it seems that not even then.

Moreover, if a nation's ideal is truly pacifist and if it can resist being conducted by hate and vengeance... Then maybe, in the North-American case, the public opinion would have not allowed the war to break in Iraq.

In my concluding paragraph, I will not come up with a "formula". I will leave you with my personal point of view that individual improvement is the most important factor in the search for peace. Or, on the contrary, it might be sUniversidade Federal Fluminense - UFFicient to participate in a walk for peace during the morning, and in the afternoon violently hit your own child (a scornful way of showing a hypocritical manner of acting).

"Est-ce que c'est bien le monde seul qui est 'en guerre'?"

"La paix. Je crois que..." c'est le thème de l'exposé. Bon, en réponse à cette demande, je crois que le problème est l'absence de paix et cet aspect-là devient beaucoup plus subjectif, immédiat et quotidien.

Regardez ce qui se passe: nous tous, nous sommes en train d'écrire au sujet de cette idée-là. Certains vont citer, certainement, le "système" comme responsable de la situation mondiale, tandis que d'autres vont souligner le style "cowboy" de Bush.

D'accord. Mais et au dedans? Comment chacun se sent-il hors de cette activité? Et, une fois rendu le texte final, quand il n'y aura plus de place pour la présentation des idées pacifistes?

Quelquefois, mon attention se tourne vers ma rue. Vers chez moi. Je ne sais pas si

vous avez déjà eu cette sensation de soulagement du fait que vous habitez dans un endroit où il n'y pas de risque d'exploser une bombe à la suite d'une guerre déclarée ou du terrorisme. Mais jusqu'à quand? Sur place, il y a déjà le "Poder Paralelo"*.

Bon, nous débouchons sur le trafic des stupéfiants. Pourquoi cela marche? La consommation de drogues correspondrait-elle à quel type de manque de la part de la classe moyenne? Est-ce que c'est bien le monde seul qui est "en guerre"? Pas du tout. Je trouve qu'une telle paix n'existe même pas dans les individus.

Regardez bien, au bout du compte, il n'y aucun intérêt réel pour la paix. Ces médias qui nous apportent les absurdités des nord-américains finissent par dicter nos propres envies. Et, qui plus est, notre bon vouloir n'est pas, d'habitude, majoritairement altruiste.

Il nous faudra apprendre à nous approprier des biens. De la beauté, des immeubles, des voitures. Tout est en vente: et maintenant serait-il arrivé le tour de la paix? Au moins, les offres d'appel concernant la reconstruction de l'Irak ont déjà démarrées. Mais, au-delà de cette plaisanterie, les gens envisagent la paix comme quelque chose d'extérieur à eux, en commençant par l'État et visant le bénéfice de l'humanité – quand en vérité, elle doit partir de l'individu au profit de lui-même et de la société.

Nous sommes assaillis par des craintes, des angoisses. Parfois, nous perdons le sommeil. Nous restons méfiants. À la fin, nous nous tenons toujours sur nos gardes, en nous faisant trop des soucis au sujet de nos propres problèmes.

Cependant, il ne sert à rien de souhaiter la paix dans le monde avant de la conquérir chez soi. Le fait de dénicher les causes et les effets d'une action militaire suspecte montre un découpage froid de la réalité et soulève des hypothèses de guérison éloignée pour une problématique qui aurait dû être plus proche de la Paix. Je crois qu'il y a trop de débats concernant la Paix dans sa dimension mondial par rapport à laquelle l'on ne peut pas grand-chose quand l'on est pas le secrétaire de l'ONU. D'ailleurs, dernièrement, même si l'on avait été.

En plus, si l'idéal d'une nation est vraiment pacifiste et si celle-ci tient bon sans se laisser emporter par la haine et le revanchisme... Peut-être, dans le cas nord-américain, l'opinion n'aurait pas permis la guerre survenue en Irak.

Et, dans le paragraphe de la conclusion, je m'abstiendrais de fournir une "formule" à suivre. Je m'en tiens au point de vue selon lequel l'aspect le plus important dans la quête de la paix est le perfectionnement individuel. Ou sinon, il suffit de se joindre le matin à une manifestation, et le soir de frapper son propre fils (soit, un ton bien moqueur pour parler d'une façon cynique d'agir).

* Littéralement, "Pouvoir Parallèle": référence à l'emprise des trafiquants sur les "favelas" de Rio de Janeiro.

*“ A única guerra que podemos aceitar é a
contra o analfabetismo, contra a fome, contra as
injustiças e contra a insegurança pública ...”*

Mauricio Monteiro Machado

Escola Nacional de Ciências Estatísticas - ENCE

Guerra, violência e sangue são presentes em quase todos os capítulos da história mundial. Estamos no início do século XXI e já passou da hora de começarmos a escrever a paz em nossas vidas. Precisamos trocar a cultura da violência pela cultura da paz. Seguirmos as centenas de bons exemplos que temos para redescobrirmos a solidariedade e acabarmos com as guerras que matam crianças, destroem sonhos e o futuro de muitas pessoas.

Transformar a cultura da guerra em uma cultura de paz e harmonia é uma urgência mundial. A única guerra que podemos aceitar é a contra o analfabetismo, contra a fome, contra as injustiças e contra a insegurança pública, pois desejar a paz para o mundo é o mesmo que desejar justiça, educação, saúde e comida para todos. Há 800 milhões de pessoas desnutridas no mundo, 11 mil crianças morrem de fome por dia. Parece incrível que a mesma tecnologia que foi capaz de mandar o homem para o espaço, ainda não conseguiu mandar alimentos para cada prato, de cada ser humano faminto. Como disse Betinho: “quando um cidadão tem fome é porque tudo mais já lhe foi negado”.

Paz não significa apenas a ausência de guerras, de disputas políticas, sociais ou econômicas; mais do que isso, paz é um estado de tranquilidade e progresso social, caracterizado pelo relacionamento saudável e cordial entre indivíduos ou povos. “Da justiça de cada um nasce a paz de todos” pregou o Papa João Paulo II. Escrever a paz é não atear fogo no índio, é respeitar o próximo seja ele de qualquer religião, etnia, idade ou cor. Um bom exemplo de luta é a Madre Tereza de Calcutá, uma das personalidades que melhor representou a batalha pela paz e pela cooperação entre os homens no século XX. Segundo ela: “A Paz começa com um sorriso”.

Deve-se ressaltar, que a paz é fundamental em qualquer sociedade e que muitas pessoas ainda estão longe dela, pois estão imersas em guerras e no terrorismo, que assolam grande parte do Oriente Médio e do mundo. Hospitais e escolas são bombardeados. A agonia toma conta da vida da população. Crianças herdaram o ódio a certas etnias e adquirem em casa a vontade de matar o próximo. Com isso, esquecem do lazer e da infância, e até do direito de crescer e ser feliz. Ainda se não bastasse, existem países ambiciosos que impõem suas forças e destroem vidas, visando apenas o próprio lucro. Um pensamento que deve ser lembrado é do brasileiro Sérgio Vieira de Mello, homem

que sempre lutou pela paz e foi morto pelo terrorismo em um ataque a sede da ONU: “Quem gostaria de ver seu país ocupado? Eu não gostaria de ver tanques estrangeiros em Copacabana”.

Dessa forma, vimos que a segurança pessoal, que é garantida ao cidadão no terceiro artigo dos Direitos Humanos, parece não existir diante de fatos como o dos paulistas que se perderam após um jogo no Maracanã e foram baleados por traficantes que negavam aos cidadãos honestos, o direito de ir e vir, após determinado horário. Ou de pessoas que não dormem em paz, devido à guerra em que está inserido seu país. Enfim, toda a violência que oprime o ser humano deve ser combatida, seja ela culpa do estado, do poder internacional, ou do poder paralelo. A esperança vai vencer o medo com um sorriso, pois depois de tanta guerra em nossa história, está na hora de começarmos a escrever a palavra PAZ. Gandhi estava com razão quando afirmou: “Não existe caminhos para a paz. A paz é o caminho”.

*“ The only war we should accept
is the one against illiteracy, hunger, injustice,
and public instability... ”*

War, violence and blood are present throughout almost all chapters of history. We are at the beginning of the 21st century and it's about time that we started to write peace into our lives. We need to exchange the culture of violence by the culture of peace. We need to follow the hundreds of good examples that are out there in order to rediscover the meaning of solidarity and put an end to the wars that kill innocent children and destroy the dreams and futures of so many people.

Transforming the culture of war into a culture of peace and harmony is a global urgency. The only war we should accept is the one against illiteracy, hunger, injustice, and public instability, since wishing for global peace is the same as wishing for world justice as well as global education, nutrition and health. There are 800 million malnourished people in the world, and 11 thousand children die of starvation every day. It seems incredible how the same technology that was able to send man to space, is incapable of guaranteeing food on the plate of every hungry human being. As Betinho⁵ once said: “when a citizen is allowed to feel hunger, it's because everything else has been denied to him.”

Peace does not only imply the absence of war, or political, social and economic disputes; it's a lot more than that. Peace is a state of serenity and social progress, characterized by a healthy and cordial relationship between individuals and peoples. “Collective peace is born from individual justice” the Pope, John Paul II, once preached. To write peace is a form of assuring that a native-Brazilian will not be se on fire, and

that your fellow citizens will always be respected regardless of their religion, ethnicity, age or color. Mother Thereza of Calcuta is one of the 20th century's greatest examples in the battle for peace and cooperation among men. According to her: "Peace begins with a smile".

It is worth mentioning that peace is fundamental to any society, but that many people are still very distant from such reality. The Middle East and other parts of the world are immersed in wars and terrorist conflicts. Hospitals and schools are bombarded. People's lives are taken over by despair. Children inherit an explicit hate towards an ethnicity and develop a mind frame conditioned to kill their fellow man. In addition, they forget how to have fun and just be children, as well as their right to grow and be happy. As if it weren't enough, there are still those greedy countries that impose their strength and destroy lives all in the name of profit. Sérgio Vieira de Mello, a Brazilian diplomat who always battled for peace and who was recently killed during a terrorist attack on a UN office building, delivered a statement worth remembering: "Who would ever like to see their country occupied by foreign forces? I wouldn't like to see foreign tanks in Copacabana."

Last year, a group of "paulistas"⁶ were shot and killed by drug dealers after attending a game in Brazil's largest soccer stadium, the Maracanã. They got lost after they left the stadium and were denied street access by the dealers who have now taken upon themselves to control the area's movement and traffic after a certain hour. In this manner, we might conclude that personal security, which is guaranteed to every citizen by the third article of the Human Rights declaration, doesn't seem to exist. The country seems to be under some kind of invisible war, and people can no longer sleep in peace. Still, we should rise up against all forms of violence, regardless of who's to blame; the government, international authorities or the drug Mafia. Hope will defeat fear with a smile, because after so much war in our history it is finally time we started to write the word PEACE. Gandhi was right when he stated: "There are no paths leading to peace. Peace is the path."

⁵ *Brazilian activist*

⁶ *Brazilians who were born and raised in the city of São Paulo.*

“La seule guerre acceptable c’est celle qui est déclarée à l’analphabétisme, à la famine, aux injustices et au manque de sécurité publique...”

La guerre, la violence et le sang sont présents dans presque tous les chapitres de l’histoire du monde. Nous nous trouvons au début du XXIème siècle et c’est déjà passée l’heure de commencer à écrire la paix dans nos vies. Il nous faut échanger la culture de la violence par la culture de la paix. Il nous faut suivre les bons exemples en redécouvrant la solidarité et en évitant les guerres qui tuent des enfants, détruisent des rêves et l’avenir d’un grand nombre de personnes.

La transformation de la culture de la guerre en une culture de la paix et de l’harmonie est devenue une urgence à l’échelle planétaire. La seule guerre acceptable c’est celle qui est déclarée à l’analphabétisme, à la famine, aux injustices et au manque de sécurité publique; en effet, le fait de souhaiter la paix pour le monde rejoint le désir de justice, d’éducation, de santé, et de nourriture pour tous. Dans notre planète, 800 millions de personnes vivent dans une situation de dénutrition et 11 mille enfants meurent de faim chaque jour. Il paraît incroyable qu’en et qui a trouvé les moyens pour que l’homme puisse entreprendre des voyages interplanétaires, la même technologie n’ait pas encore réussi à assurer de la nourriture pour subvenir aux besoins de ces êtres humains affamés. D’après les propos de Betinho*: “Quand un citoyen souffre de la faim c’est parce que tout le reste lui avait été déjà nié”.

La paix ne veut pas dire que l’absence de guerres, de disputes politiques, sociales ou économiques; au-delà de tout cela, la paix est un état de tranquillité et de progrès social, caractérisé par des rapports sains et cordiaux entre les individus ou les peuples. “De la justice de chacun, naît la paix de tous” a prêché le Pape Jean-Paul II. Écrire la paix c’est ne pas jeter du feu sur un indigène, c’est de respecter son prochain indépendamment de sa religion, de son ethnie, de son âge ou de la couleur de sa peau. Un bon exemple de lutte est celui de Mère Tereza de Calcutta, une des personnalités qui a mieux représenté, dans le XXème siècle, la bataille pour la paix et pour la coopération entre les hommes. D’après son témoignage, “la Paix commence avec un sourire”.

Il faut souligner que la paix est fondamentale dans n’importe quelle société et que beaucoup de gens n’en jouissent pas encore, car ils sont immergés dans de guerres et dans le terrorisme qui ravagent une grande partie du Moyen Orient et du monde; ni les hôpitaux, ni les écoles ne sont épargnés dans les bombardements. La population est envahie dans son quotidien par la détresse. Les enfants reçoivent des plus âgés comme héritage la haine à certaines ethnies et finissent par acquérir l’envie de tuer leur prochain. Au milieu de tout cela, elles oublient leur temps de loisir et de jouer en tant qu’enfants, pour ne pas parler de leur droit de grandir et d’être heureux. En plus, l’ambition des gouvernants de certains pays les amène à imposer leur pouvoir et à massacrer des vies, ne visant que leurs propres gains. Il nous faut rappeler les propos

du citoyen brésilien, Sérgio Vieira de Mello, un homme qui a toujours lutté pour la paix, en ayant trouvé la mort lors d'un attentat terroriste aux installations de l'ONU à Bagdad: "Quelqu'un aurait-il envie de voir son pays occupé? Moi, je n'aimerais pas du tout rencontrer des tanks étrangers à 'Copacabana'".

Ainsi, nous venons d'observer que la sûreté personnelle, assurée à tout individu dans le texte du troisième article de la Déclaration universelle des droits de l'homme, semble ne pas être respectée dans des incidents comme celui des ressortissants de São Paulo qui se sont égarés à Rio de Janeiro, après un match de foot au stade de 'Maracanã', et ont fini par être pris pour cibles des trafiquants, lesquels nient aux citoyens honnêtes le droit de circuler librement après l'heure fixée par eux; ou dans le cas des gens qui n'arrivent pas à s'endormir en paix, à cause de la guerre qui sévit dans leurs pays. En somme, toute violence – aussi bien de l'État que d'un quelconque pouvoir international ou du "pouvoir parallèle" – qui tyrannise l'être humain doit être dénoncée pour qu'elle soit extirpée. L'espoir l'emportera sur la peur avec un sourire; après un tel nombre de guerres dans notre histoire, c'est l'heure de commencer à écrire le mot PAIX. Gandhi avait raison quand il a affirmé: "Il n'existe pas des chemins vers la paix. La paix elle-même est le chemin".

* *Regretté leader de mouvements sociaux au Brésil.*

*“ Mas nem todos conseguem ver,
não conseguem sentir o amor de DEUS,
esse que nos deu o dom da vida ...”*

Melissa Jardim de Souza

Universidade Salgado de Oliveira - UNIVERSO

Dentre os povos e nações diferentes, onde a dor e alegria são emoções presentes numa instabilidade social, instabilidade à qual direcionamos nossos anseios para mudar há fatos que ficam registrados na memória e marcados no coração do ser humano, este mesmo ser que tem o dom da vida e não sabe viver, que age com atitudes desmetidas e faz sofrer...

Dor e alegria, lágrimas e sorrisos, na realidade uma alternância de sons ecoam nos quatro cantos desta terra, o som de um choro de bebê que acaba de nascer, o choro de uma mãe que numa guerra vê seu filho morrer, sob o mesmo céu, na guerra fica iluminado pelas bombas e tiros perdidos no ar e que, em algum lugar, é contemplado em festas de fim de ano por fogos de artifício a brilhar e a irradiar os corações dos esperançados para um mundo melhor...

Luz no céu, festejo de quê? Da força? Do poder? É triste lembrar das vidas que se perderam por não saber viver, por não saber amar...

O amor que, despercebidamente, faz parte de nossas vidas quando, ao iniciarmos o dia, somos abraçados e aquecidos com o calor de Deus através do sol, quando ,ao findar o dia somos beijados por ELE, pela brisa da tarde, quando, perceptivos ,nos colocamos a admirar a liberdade dos pássaros a voar, a extensão das águas do mar, percebemos que há vida em todo lugar...

Mas nem todos conseguem ver, não conseguem sentir o amor de DEUS, esse que nos deu o dom da vida. Precisamos ter a consciência do real valor da dádiva que nos é concebida a cada dia, gratuitamente, porque dessas dádivas compartilhamos indistintamente com nossos irmãos, independente de cor, raça ou classe social: O amor de DEUS.

Precisamos aprender a amar e recomeçar...

De olhos abertos e com atitudes conscientes, faremos com que o anseio pela paz saia das frases dos impressos e se tornem exercidas por atos que gloriosamente marcarão nossas vidas e das gerações que estão por vir em atos de amor. Para haver PAZ é preciso e necessário mais amor.

*“ But not everyone can see,
or feel the love of GOD, the One who
gave us the gift of life...”*

Among different people and nations, where pain and joy are present emotions during social instability, an instability to which we direct all our anxieties to change the pictures that become registered in our memories and branded in the human heart, the same heart that has the gift of existence but doesn't know how to enjoy life, that acts recklessly and is filled with strife...

Pain and joy, tears and smiles, in reality there is an alternation of sounds echoing throughout the four corners of the earth, the unexpected lung-filled cries of strong healthy newborns, the sorrow-filled cries of a mother who over her dead son still mourns, under the same sky, which war bombs and lost gunshots turn bright, while in some other site, the same sky is contemplated during a new year's celebration with fireworks that illuminate and irradiate the hearts of those who hope for a better world...

Lights in the sky, a celebration of what? Of strength? Of Power? It is sad to remember those lives that were lost because they didn't know how to live, didn't know how to love...

The love that is unobtrusively part of our lives, as we start a new day and are embraced and warmed by God's sun rays, when at night fall, we are kissed by HIM, by the afternoon breeze, when perceptively we admire the ease with which the birds fly, the extension of the ocean when the tide is high, we realize that life is everywhere and is not shy...

But not everyone can see, or feel the love of GOD, the One who gave us the gift of life. We need to be aware of the true value of all the holy gifts that we receive daily and freely. And among these gifts, there is one that we share indistinguishably with all our brothers and sisters regardless of their color, race, or social class: the love of GOD.

We need to learn how to love and start over..

With open eyes, we will turn peace into an aspiration beyond the written word. Every act will be filled with peace and gloriously remembered during our lifetime and by the next generation that will be bred with acts of love. We need more love for peace to exist.

“Mais ce n’est pas donné à tout le monde de se rendre compte, ni de sentir l’amour de DIEU, celui-là même qui nous a fait le don de la vie...”

Dans certains peuples et nations, l’intermittence de souffrance et de joie est la conséquence directe de leur instabilité sociale – d’ailleurs, nous faisons nos vœux pour qu’ils arrivent à surpasser cette situation. Les scènes de détresse, prises sur place, restent enregistrées dans la mémoire et gravées dans le cœur de l’être humain, celui-là même qui a reçu le don de la vie et ne sait pas vivre, qui assume des attitudes démesurées et provoque de la douleur...

Souffrance et joie, larmes et sourires: en réalité, une alternance de sons résonne aux quatre coins de cette terre, dès le vagissement de l’enfant nouveau-né, aux pleurs d’une mère qui a perdu son fils dans la guerre. Et sous le même ciel, éclairé ici par les bombes et les tirs perdus dans l’air, quelqu’un ailleurs contemple les feux d’artifice du réveillon qui brillent et rayonnent dans les cœurs de tous ceux qui ont l’espoir d’un monde meilleur...

Des feux croisent le ciel, qu’est-ce que l’on fête? Une manifestation de force? De pouvoir? C’est triste de rappeler les vies perdues parce qu’elles n’ont pas su vivre, parce qu’elles n’ont pas su aimer...

L’amour s’intègre imperceptiblement dans nos vies quand au début de notre journée de travail nous sommes embrassés et réchauffés avec la chaleur de Dieu par les rayons du soleil, ou quand à la fin du jour IL nous fait la bise par la brise du soir, ou quand nous nous disposons à admirer la liberté du vol des oiseaux ou l’étendue de l’eau de la mer; alors, nous nous apercevons qu’il y a de la vie partout...

Mais ce n’est pas donné à tout le monde de se rendre compte, ni de sentir l’amour de DIEU, celui-là même qui nous a fait le don de la vie. Il nous faut prendre conscience de la valeur réelle du don qui nous est accordé chaque jour, gratuitement, car ces dons sont partagés indistinctement avec nos frères, indépendamment de la couleur de leur peau, de leur race ou de leur classe sociale: L’amour de DIEU.

Il nous faut apprendre à aimer et recommencer tout...

Avec nos yeux grand ouverts et avec nos attitudes conscientes, nous ferons en sorte que nos vœux pour la paix ne restent des phrases couchées sur du papier, mais soient mis en pratique par des actes qui glorieusement marqueront nos vies et celles des futures générations, d’autant plus qu’il s’agit d’actes d’amour. En fait, pour qu’il y aie de la PAIX, il va falloir encore et encore plus d’amour.

“É preciso querer mudar, e isso está ao nosso alcance. Basta começar”.

Milena Cabral Aguiar

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

É Revellion. Um outro ano começará. Feliz Ano Novo! Muita Paz!... É fácil falar. É fácil apenas desejar. Um intuito vazio, enquanto o tempo passa e quase nada é feito. Façamos um retrocesso e uma análise histórica das principais guerras mais recentes: I Guerra Mundial, gerada por interesses comerciais; II Guerra Mundial, gerada por intolerância; Guerra fria, inundada com armas de destruição em massa, cercada por medo e tensão. Conflitos religiosos, atentados terroristas, e muitas outras guerras que encheram o mundo de desesperança... Quando vamos parar? Onde vamos chegar?

Há um tempo atrás, milhares de pessoas viveram a agonia de terem seus parentes mortos, de não saberem se teriam o que comer no outro dia, se estariam vivas nas próximas horas. Hoje em dia não é tão diferente. Notícias de conflitos religiosos nos chegam frequentemente. Além disso, as notícias de atentados terroristas também são comuns; a mais significativa ocorreu há mais ou menos um ano, ocasião em que foram destruídas as chamadas “torres gêmeas” em Nova York. E para a nossa preocupação, notícias sobre conflitos em resposta a esse triste episódio foram anunciadas. Bombardeios no Oriente, milhares de civis mortos... E a paz cada vez mais distante.

Mas não precisamos ir muito longe para ratificar que a paz está sendo cada vez mais esquecida. Basta olhar para as favelas, atualmente cenários de “bang bang” em que pessoas inocentes são mortas por balas perdidas. Balas perdidas que também estão presentes no cotidiano de trabalhadores e cidadãos nas ruas e, até mesmo, dentro de suas casas. Embora já existam várias ONGs, movimentos e grupos que pregam a paz, ela não pode ficar na teoria. Temos que parar de achar que paz é aquilo que os diplomatas fazem, onde

são firmadas relações harmoniosas e respeitadas entre as nações. É preciso que a diplomacia nasça dentro de nós; para com o próximo e em todo lugar: em casa, com a família que é o alicerce da formação de uma pessoa; na rua, onde encontramos milhões de pessoas; no trabalho, em que exercemos uma profissão e somos respeitados como profissionais, na instituição de ensino, base para a educação em todos os sentidos; no trânsito, onde milhares de mortes acontecem por imprudência e intolerância... Enfim, na vida.

Temos que enxergar a paz não como um marketing de fim de ano ou como integrante de frases de dominação em massa e clichês, mas sim como algo de uma sociedade viva, em que haja respeito entre as pessoas. Algo que realmente deva ser um combustível para a melhoria de todos como seres humanos.

Vamos dar um basta na dor, no sangue e no sofrimento. Para que coisas tão ruins, se no mundo existe a alegria, a felicidade, o amor?

É preciso querer mudar, e isso está ao nosso alcance.

Basta começar.

“It is essential to want to change, and that is within our reach. We just have to get started.”

It new year's. Another year about to begin. Happy New Year!... It's easy to say. It's easy to wish. When you're empty of intentions, time passes you by and nothing is done.

Let us engage in a regressive historical analysis of the most recent main wars: World War I, generated by commercial interests; World War II, generated by intolerance; and the Cold War with its weapons of mass destruction, surrounded us with fear and tension. Religious conflicts, terrorist attacks, and many other wars that fill our world with despair.... When will we stop? Where do we want to go with all this?

Some time ago, millions of people lived the agony of having their relatives killed, of not knowing whether they would eat the next day, and of hoping they would still be alive in the next few hours. It is not so different nowadays.

News on religious conflicts is frequently heard of. What's more, news on terrorist attacks is also very common; the most significant happened more or less a year ago, when the "Twin Towers" were burned down in New York city. And to our despair, they have recently announced the news about the conflicts generated in response to the horrible Sept. 11th episode. Various bombings in the Middle East, millions of

dead civilians... While peace lies ever more distant.

But we needn't go so far in order to ratify that a peaceful existence is being forgotten by the minute. We only need to look at the shantytowns, which have currently become stages for a "bang bang" where people are constantly killed by misguided bullets. Lost bullets that fly into the daily routines of the working people and meandering citizens, and into their very homes.

Even though there are a lot of NGO's, movements and groups that preach peace, they remain mainly in the theoretic realm. We have to stop thinking that peace is what diplomats do when they consecrate harmonious and respectful relations among nations. It is necessary that diplomacy be born within all of us and be extended to our neighbors and everywhere else: in the house; with the family – the grounds to anybody's character formation; in the streets, where we meet millions of people; at work, where we exercise a profession and are respected as professionals; in educational institutions – the basis for every kind of learning; in traffic, where millions of accidents happen due to carelessness and intolerance... Anyhow, in life in general.

We should view peace not as a marketing strategy for the end of the year, or as part of some cliché sentence for the masses, but as something belonging to a living, respectful society. We should consider it a form of fuel capable of improving mankind. Let's put an end to all the pain, blood and sUniversidade Federal Fluminense - UFFering. Why should we dwell upon bad things if there is so much happiness, love and joy in the world?

It is essential to want to change, and that is within our reach. We just have to get started.

“Il faut avoir envie de changer, et cela est à notre portée. Il suffit de commencer”

C'est le Réveillon. Un nouvel an vient de commencer. Bonne année! Et Paix en abondance!... C'est bien facile de le dire. C'est bien facile s'il ne s'agit que de l'expression d'un vœu. Un dessein vide, pendant que le temps passe et presque rien n'est accompli.

Prenons du recul pour procéder à une analyse historique des principales guerres du siècle dernier: Première Guerre Mondiale (1914-1918), déclenchée par des intérêts commerciaux; Seconde Guerre Mondiale (1939-1945), engendrée par l'intolérance; Guerre froide, marquée par la dissémination d'armes de destruction massive, entourée par des craintes e par des tensions. Des conflits religieux, des attentats terroristes, et beaucoup d'autres guerres qui ont submergé le monde dans un état de désespoir... Quand irons-nous nous arrêter? Jusq'ou prétendons-nous mener cette escalade?

Il n'y a pas longtemps, des milliers de personnes ont été envahies par le désarroi

devant la mort violente de leurs proches, par l'incertitude concernant leur nourriture du lendemain, et pis encore, si elles seraient encore en vie avant la fin de la journée. Hélas! de nos jours, la situation n'a pas beaucoup changé.

Souvent nous recevons des nouvelles au sujet de conflits concernant la religion. Et courantes sont aussi les dépêches relatives à des attentats terroristes; la plus significative est tombée, il y a plus d'un an, lors de la destruction des *Twin Towers* à New York. Et nous nous faisons toujours du souci devant l'annonce des conflits déclenchés en réponse à ce triste épisode. Des bombardements en Orient, la mort des milliers de civils... Et la paix de plus en plus éloignée de nous.

En fait, nous n'avons pas besoin d'aller trop loin pour ratifier que la paix reste de plus en plus dans l'oubli. Il nous suffit de jeter un coup d'oeil vers les "favelas" qui sont devenues des scénarios d'aventures analogues au "western" où des innocents sont frappés à mort par des balles perdues. Des balles perdues qui fauchent aussi la vie des travailleurs et des citoyens qui transitent dans la rue, voire quand ils se trouvent chez eux.

Malgré les efforts de plusieurs ONG's, de mouvements et de groupes en faveur de la paix, celle-ci n'est souvent qu'une théorie. Il nous faut arrêter de réduire la paix à la mission des diplomates, c'est-à-dire, à la signature des traités concernant les relations harmonieuses et respectueuses entre les nations. Il faut que la diplomatie naisse à l'intérieur de nous et s'adresse à notre prochain où qu'il se trouve: à la maison auprès de sa famille qui est le socle de la formation de l'individu; dans la rue où transitent des millions de personnes; dans le local de travail où il exerce son métier et mérite du respect en tant que professionnel; dans l'institution d'enseignement qui est la base de l'éducation entendue dans tous ses aspects; sur la route où par imprudence et par intolérance survient la mort des milliers de gens... En somme, dans la vie tout court.

Il nous faut envisager la paix non pas comme un *marketing* de fin d'année, ni comme le fleuron de phrases solennelles et de clichés, mais comme quelque chose d'une société vivante qui préconise le respect réciproque. Ou la véritable force motrice pour le perfectionnement de tous en tant qu'êtres humains. Proclamons d'une seule voix: assez de peine, assez de sang, assez de souffrance. À quoi sert de s'occuper de choses si nuisibles quand le monde renferme aussi de la joie, du bonheur, de l'amour?

Il faut avoir envie de changer, et cela est à notre portée. Il suffit de commencer.

“...quero continuar sonhando por uma paz de peito nu e cálido, para que nossos filhos não sejam tão alienados e descrentes”.

Monica Cristina da Silva Moreira

Faculdade de Direito de Campos

De Tudo, meus sentimentos ainda são poesias, por mais que tenha dor em meu peito em pensar nas “Crianças mudas telepáticas”, suscetível sou aos sonhos de que um dia valerá o decreto de que agora só a verdade e a vida valem a pena e que o trabalho coletivo pronunciará a vida verdadeira, como uma mãe de cheiro bom e peito cheio de alento.

“Maior amor nem mais estranho existe” do homem pelo seu irmão, quando livres do “prego da mentira” e da dúvida. Que não sejam mais permissivos às rosas hereditárias e radiotivas.

Desejo profundamente que a visão do homem (e eu, a partir de agora, por cumplicidade e solidariedade, incluo-me) não seja mais obtusa, que mãos e pés não sejam mais acorrentados.

Intensamente grito e choro ao ver janelas em todo mundo, girassóis abrindo-se dentro das sombras, nos educando: - nos dizendo que as mesmas janelas devem permanecer abertas durante todos os instantes para que nossas crianças e idosos possam ver o verde onde cresce a esperança.

Apesar de acordar assustada pensando nas “meninas cegas e inexatas”, na dura realidade onde assistimos ainda boquiabertos e atônitos a uma globalização que não entendemos, quero continuar sonhando com uma paz de peito nu e cálido, para que nossos filhos não sejam tão alienados e descrentes.

“...I want to continue dreaming of a naked and ardent peace. Thus, guaranteeing that our children are not raised in an alienated and faithless manner.”

In spite of everything, my sentiments are still poems, however painful it might be to think about the “Mute telepathic children”⁷, susceptible I am to the dreams that proclaim that life and truth are worthwhile and that in a collective effort we will pronounce the truth about life, like a scented mother with a chest filled with courage.

“A greater love, cannot be any stranger”⁸ of the man towards his brother, when he is free from the “nail of deceit” and doubt. Do not let them be permissive to the hereditary and radioactive roses.⁹

I profoundly wish that man’s perception (and from now on, I include my own perception in an act of compliance and sympathy) no longer be obtuse and that his hands and feet no longer be in chains.

I cry and scream intensely every time I see windows all over the world, sunflowers blossoming under shadows and teaching us: - telling us that the same windows should always be left open so that children and elders alike, are able to see the green ground where hope grows.

In spite of waking up scared and thinking about the “blind and imperfect girls”¹⁰; in spite of a harsh reality in which we find ourselves dumbfounded and stupefied by a globalization process that we still don’t understand, I want to continue dreaming of a naked and ardent peace. Thus, guaranteeing that our children are not raised in an alienated and faithless manner.

⁷ “*Rosa de Hiroshima*” (Hiroshima’s Rose”) Lyrics by the great Brazilian poet Vinicius de Moraes for a song composed by Gerson Conrad; 1954.

⁸ “*Soneto do Maior Amor*” (Sonnet of the Greatest Love), by the Brazilian poet Vinicius de Moraes.

⁹ Another reference to Vinicius’ “*Rosa de Hiroshima*” (Hiroshima’s Rose).

¹⁰ “*Rosa de Hiroshima*” (Hiroshima’s Rose”), Vinicius de Moraes; 1954

“...je veux continuer à rêver d’une paix franche et chaleureuse pour que nos enfants ne soient pas si aliénés ni désabusés que nous le sommes”

Par rapport au Tout, mes sentiments sont toujours des poèmes, pour plus que j’aie mal à ma poitrine en pensant aux “Enfants muets vidéopathiques”, je reste sensible aux rêves qui annoncent le jour où prévaudra le décret selon lequel, maintenant, la vérité et la vie sont les seules valeurs qui méritent d’être prises en compte, et que le travail collectif déterminera la véritable vie, à l’instar d’une mère qui sent bon et dont la poitrine regorge de courage.

“Il n’y a pas d’amour plus grand ni plus étrange” que celui de l’homme pour son frère à condition qu’ils soient libres de “la ruse du mensonge” et du doute. Qu’ils ne soient plus permissifs aux roses héréditaires et radioactives.

Mon voeu le plus profond c’est que la vision de l’homme (et moi, à ce moment même, par complicité et solidarité, je m’y inclus) ne soit plus obtuse, c’est qu’il n’aie plus ses pieds et poings liés.

Je pousse des hurlements et je fonds en pleurs en observant des fenêtres dans tout le monde, autant de tournesols qui s’ouvrent à l’intérieur des ombres, en nous apprenant: - en nous disant que les mêmes fenêtres doivent rester ouvertes à toujours pour que nos enfants et les personnes âgées puissent regarder le vert où grandit l’espoir.

Malgré l’effroi ressenti, à mon réveil, en pensant aux “fillettes aveugles et inexactes”, et à la réalité pénible qui nous laisse bouche bée et étonnés devant une mondialisation qui nous échappe, je veux continuer à rêver d’une paix franche et chaleureuse pour que nos enfants ne soient pas si aliénés ni si désabusés que nous le sommes.

*“... é grande o abismo entre
a realidade e o que pregam e garantem
as nossas progressistas leis...”*

Nadja Maria de Farias Bereicoa

UniverCidade

O direito de uma pessoa termina onde começa o direito de outra. Este princípio jurídico elementar - norteador de relações cotidianas como as de vizinhos - traduz a necessidade de o ser humano se auto-impor e aceitar limites e é uma das chaves para a tão almejada paz. Seja no terceiro ou no primeiro mundo, o que poucos atentam é que essa conquista deve ser diária, dependendo, na maioria das vezes, de pequenas mas decisivas atitudes individuais e estatais. Está primeiramente em nossas próprias casas, onde devem ser iniciadas as noções básicas de respeito e cidadania, o embrião daquilo que desejamos ver nas ruas, nos jornais e na televisão: o fim da violência urbana e das guerras.

Assim como a educação e a saúde, a conscientização acerca dos direitos e deveres individuais e coletivos deve ser política pública prioritária, visando à formação de uma nova geração de adultos, nos mais diversos países. Poderia ser iniciada dentro das salas de aula - com o aprendizado de dispositivos legais e constitucionais de forma lúdica e aplicada aos curriculums escolares e universitários - prolongada pela vida profissional, a partir de ampla discussão ético-jurídica e, principalmente, após a atuação de agentes-voluntários e dos meios de comunicação, disseminada pelas comunidades carentes.

No Brasil, por exemplo, é grande o abismo entre a realidade e o que pregam e garantem as nossas progressistas leis, havendo ainda milhões de pessoas que vivem sem certidão de nascimento, à margem das estatísticas oficiais, por ignorarem como obtê-los. Com o conhecimento geral sobre direitos e deveres relativos à cidadania, ao meio-ambiente, às relações de vizinhança, familiares e de consumo, aliado a um resgate massivo de valores morais, importante passo seria dado rumo ao apaziguamento das relações - começando entre moradores da mesmo prédio, da mesma rua e cidade.

Paralelamente a esse esforço pró- conscientização, outras ações governamentais se fazem indispensáveis no Brasil e em outros países, como a geração de empregos, a erradicação da fome e do analfabetismo e a melhoria das condições sanitárias, de saúde e habitacionais. Mas é evidente que, sozinhas, não bastam para trazer a paz social e terminar com a violência, embora possam diminuí-la. Prova disso é que, mesmo nos países ditos desenvolvidos, onde essas questões básicas se encontram sob controle, adolescentes matam-se dentro de escolas e lanchonetes, de modo banal e frívolo. A paz, portanto, não nasce da riqueza, assim como não está necessariamente ausente na pobreza.

Salvo retrógradas e minoritárias exceções, viagem no mundo Estados Democráticos

de Direito, que têm modernos ordenamentos jurídicos capazes de harmonizar as suas relações sociais. Cumpra difundi-los, respeitá-los, praticá-los. Num mundo globalizado pela internet e pelo rompimento das barreiras comerciais, a propagação dessa onda de valorização e balizamento de direitos e deveres aumentaria a auto-determinação e a união dos povos, acarretando o cumprimento de tratados e leis internacionais.

Adotando a filosofia de não fazer ao outro o que não gostaríamos que fizessem conosco, talvez a paz deixe de ser uma utopia para ser algo possível. De dentro dos lares, escolas e comunidades diretamente para o mundo.

“... there is a great gap separating reality from that which our progressive laws state and guarantee...”

One person's liberty only goes as far as where another person's liberty goes. This primary legal principle – which guides everyday relations such as those with our neighbors – translates the human necessity of self-imposing and accepting limits and is one of the keys to the much sought after peace. Whether it be in the first world or in the third world, what few people realize is that this struggle is a daily one and most times depends on small but decisive attitudes taken by individuals or by States. Our homes are the first places where the basic notions of respect and citizenship should be introduced. It is the embryo of what we want to see in streets, newspapers, and on television: the end of urban violence and of wars.

In the same way as with education and health, awareness of individual and collective rights and duties should be a first priority public policy. Such a policy would aim at creating of a new generation of adults in different countries. It would be introduced into classrooms, and would comprise learning legal and constitutional enactments in a fun way applied to school and university programs. This education would continue throughout professional life, by means of an overreaching legal and ethical debate. This policy would also include the activity of volunteer agents and of mass media in poor communities.

In Brazil, for example, there is a great gap separating reality from that which our progressive laws state and guarantee. There are still millions of people who don't have birth certificates, and have been excluded from official statistics simply because they don't know how to get them. With general awareness of rights and duties concerning citizenship, the environment, community relations, family, and consuming, along with a mass revival of moral values, an important step toward the appeasing of relationships would be taken. This can start with our next-door neighbors, and with those who live in our street and city.

In addition to this pro-awareness effort, other governmental action is required in Brazil and in other countries, such as the creation of jobs, the eradication of hunger and illiteracy, and the improvement of sanitary, health, and living conditions. But it is evident that, let alone, they are not enough to bring social peace and eliminate violence, even though they might help in decreasing these. Proof of this is that, even in the so-called developed countries, where these basic problems are under control, teenagers are killing themselves in schools and cafeterias in a cold and frivolous manner. Peace, therefore, is not borne from affluence, in the same way it is not necessarily absent in poverty.

With the exception of some backward minorities, the world is dominated by Democratic Legal States detaining modern legal frameworks capable of harmonizing social relations. They must be diffused, respected, and practiced. In a world made global by the Internet and by the demolishing of commercial barriers, this wave of rights and duties would increase self-determination and the union of peoples, resulting in the compliance of treaties and international laws.

Adopting the philosophy of not doing to others what we do not wish is done to ourselves, maybe peace will cease being utopian and become something possible. From homes, schools, and communities directly to the world.

*“... qu’il est énorme l’abîme entre
la réalité et ce qui est prêché et assuré
par nos lois progressistes...”*

Le droit d’une personne s’achève où commence celui de l’autre. Ce principe juridique élémentaire – guide pour les relations quotidiennes à commencer par celles avec les voisins - traduit le besoin ressenti par l’être humain de s’imposer et d’accepter des limites; en outre, il s’agit bien de l’une des clés pour atteindre la paix dont nous avons tellement envie. Il n’y a que très peu de gens, aussi bien dans le troisième que dans le premier monde, qui se rendent compte qu’il s’agit d’une conquête quotidienne, relevant dans la plupart du temps d’attitudes banales, mais décisives tant au niveau individuel que social. Elle se trouve d’abord chez nous où les notions de base concernant le respect réciproque et la citoyenneté doivent être inculquées en tant qu’embryon de ce que nous souhaitons voir mis en oeuvre dans la rue et diffusé par la presse écrite et audiovisuelle: la fin de la violence urbaine et des guerres.

De même que l’éducation et la santé, la prise de conscience concernant les droits et les devoirs individuels et collectifs doit devenir une des priorités des politiques publiques visant à la formation d’une nouvelle génération d’adultes, dans tous les pays. Elle pourrait être entamée dans les classes du 2ème cycle – en commençant par

l'apprentissage des dispositions légales et constitutionnelles d'une façon ludique et en l'adaptant au cursus universitaire – et prolongée tout au long de la vie professionnelle, à partir d'un débat éthico-juridique le plus élargi possible et, notamment, après l'action menée par des agents-bénévoles et par les média au sein des communautés plus défavorisées.

Au Brésil, par exemple, l'abîme entre la réalité et ce qui est prêché et assuré par nos lois progressistes est énorme: il y a encore des millions de personnes sans leur registre de naissance, en dehors des statistiques officielles, du fait qu'elles ne savent même pas comment se le procurer. L'obtention d'un savoir de base sur les droits et les devoirs concernant la citoyenneté, l'environnement, les relations de voisinage, les rapports familiaux et de consommation, avec la réhabilitation massive des valeurs morales, sera un pas important vers la pacification des relations - en commençant par les habitants d'un même immeuble, d'une même rue et d'une même ville.

Parallèlement à cet effort visant une prise de conscience, d'autres actions gouvernementales se rendent indispensables au Brésil et dans d'autres pays, tels que la création de nouveaux emplois, l'éradication de la famine et de l'analphabétisme, ainsi que l'amélioration des conditions sanitaires, de la santé et du logement. Mais il est évident que le fait même de les mettre en oeuvre ne suffit pas pour obtenir la paix sociale et faire disparaître la violence, quoique toutes ces mesures puissent contribuer pour la réduire. Ce constat peut être vérifié dans les pays dits développés où, malgré le niveau assez élevé de leur qualité de vie, les adolescents se entre-tuent de la façon la plus banale et frivole à l'intérieur de leurs écoles et dans des cafétérias. La paix, donc, ne relève pas de la richesse, et elle n'est non plus nécessairement absente dans des situations de pauvreté.

Sauf des exceptions rétrogrades et minoritaires, il y a des États de droit démocratiques qui disposent des réglementations modernes capables de promouvoir l'harmonie de leurs relations sociales. Il va falloir les diffuser, les faire respecter et les mettre en oeuvre. Dans un monde globalisé *via* le réseau internet et le renversement des barrières commerciales, la propagation de cette vague de valorisation et d'alignement de droits et de devoirs renforcerait l'autodétermination et l'union des peuples, en entraînant l'accomplissement de traités et de lois internationaux.

En adoptant la philosophie du "ne pas faire à autrui ce que nous ne voudrions pas qu'on nous fit à nous-mêmes", peut-être que la paix en devenant quelque chose de possible - à partir des foyers, des écoles et des communautés directement vers le monde - ne soit plus une utopie.

*“Jogamos na fogueira Gandhi,
Betinho, queimamos nosso futuro ao trocarmos
nosso caráter pela mais-valia...”*

Naetê Barbosa Lima Reis

Universidade Federal Fluminense - UFF

Jogar-se no mar de sonhos aquecido pelo sol da realização. Amar sem compreender o motivo e o sentido. Amar o desconhecido simplesmente porque amar, sonhar, traz paz às nossas almas.

Ver num vento solto, no bater de asas de um pássaro... voar a magia da vida que em si carrega o necessário para que não desejemos mais nada.

Ter paz é fortalecer o campo da alma para que nasçam flores de virtude em nosso coração.

O universo tão perfeito, que para criar o amanhecer demorou milênios, só pode ter sido imerso em pura paz. Mas como alterações na gestação, o homem mudou um belo curso e deixou o clima tenso, amargo e o ar denso.

Clareza virou escuridão.

O único animal capacitado a pensar sobre sua própria existência não agüentou o peso das dúvidas sobre o mundo e sobre si. O homem feriu a paz em seu primeiro ato de violência sem necessidade, o homem atrofiou a harmonia ao sentir prazer por ter mais, poder mais e sentir menos. Onde havia irmãos, criaram-se inimigos, onde havia união, fez-se solidão e nada mais fluiu em seu lugar.

No sentido mais egoísta que podíamos tomar, corrompemo-nos em nosso vazio e passamos a amar menos os seres a nossa volta.

Criou-se das árvores o papel, que mais tarde tornou-se verde e atualmente vale gente, sem qualquer respeito ao direito mais sagrado que existe: o direito a usufruir a vida.

Eis o caos em que nos situamos. Sobrecarregamos o lugar em que habitamos, estamos estressados em busca de ideais

impostos e que nos alienam, criamos problemas que não sabemos resolver.

Jogamos, na fogueira, Gandhi, Betinho; queimamos nosso futuro ao trocarmos nosso caráter pela mais-valia, pela covardia, pela crueldade de impedir nossos irmãos miseráveis de progredir em nome de nossas vaidades.

Os jovens em sua maioria vivem no mundo da estética e do prazer, vão conduzir o mundo estafado diante de tantas injustiças e só com boas intenções vão estabelecer a paz.

Crianças e adolescentes precisam de pais mais humanos e presentes, que não apenas chorem com medo da violência, mas que estudem formas de erradicá-la, vendo que só uma boa educação, baseada na moralidade, nos fará suficientemente sublimes para sentir algo tão glorioso como a paz.

*“We buried Gandhi and Betinho
and we burnt our future by selling our
characters to the capitalist system....”*

To throw oneself in an ocean of dreams heated by the light of fulfillment. To love without knowing the reason or sense. To love the unknown simply because loving and dreaming brings peace to our hearts.

To find a free wind, see the flapping of a bird's wings,...to fly on life's magic carpet, which is enough for us to crave nothing more. To have peace is to fortify the soul's field in order to grow flowers of virtue in our hearts. Our most perfect universe, which took centuries to create the sunrise, could have only been submerged in pure peace. However, as alterations in a gestation, men changed their beautiful path and left the atmosphere tense, bitter and the air dense.

Brightness turned into darkness. The only animal capable of reflecting upon its own existence did not bear the weight of doubts about the world and itself. Peace was harmed when men committed their first act of unnecessary violence. Humans interrupted the course of harmony as they felt pleasure in having more, wanting more, and feeling less. In the place of brothers, enemies were made; instead of unity, loneliness took over and nothing more flew in the right place.

By choosing to walk down the most selfish road we corrupted ourselves with emptiness and began to love less and less the individuals around us.

Paper was extracted from trees to later become green. Nowadays this paper can buy

even humans, disrespecting the most sacred human entitlement: the right to enjoy life.

This is the chaos in which we find ourselves. We are overcrowding the place we live in, we are stressing over imposed ideals that alienate us. And lastly, we are generating problems which we don't have the solutions for.

We buried Gandhi and Betinho and we burnt our future by selling our characters to the capitalist system. We became cowards, cruelly stopping our miserable brothers from progressing because of our own vanity.

Most of the young people today live in a world of esthetics and pleasure. They will lead our exhausted world against so many injustices and only with good intentions will they establish peace on earth.

Children and teenagers need more humane parents, who not only cry for fear of violence, but who search ways of destroying it. Parents that understand that only a good education, based on morality, will make us sufficiently sublime to feel something so glorious as peace.

*“Nous avons jeté Gandhi et Betinho
au bûcher, nous avons brûlé notre avenir en
préférant à notre âme la plus-value...”*

Se jeter à la mer des rêves, rechauffée par le soleil de l'accomplissement. Aimer sans chercher à comprendre ni le motif, ni le sens. Aimer l'inconnu simplement parce qu'aimer, rêver, apporte la paix à nos âmes.

Apercevoir les rafales de vent, le bruissement des ailes d'un oiseau... se laisser emporter par la magie de la vie qui renferme le nécessaire pour ne plus avoir envie de rien. Être en paix c'est renforcer le terrain de l'âme pour que des fleurs de vertu poussent dans notre coeur.

Si parfait, l'univers qui pour la création de l'aube a dû prendre des millénaires était sûrement immergé dans la paix la plus pure. Mais en tant qu'une des altérations de la gestation, l'homme a fini par détourner ce qui aurait dû être une évolution réussie et a rendu l'environnement tendu, amer, et l'air est devenu dense. La clarté a sombré dans les ténèbres.

Le seul animal doté de la capacité de penser sur sa propre existence n'a pas supporté la lourdeur des doutes sur le monde et sur soi-même. L'homme a égratigné la paix dès son premier acte gratuit de violence, il a atrophié l'harmonie en trouvant du plaisir à s'approprier davantage de biens, de pouvoir, et en émoussant ses sentiments. Là où il régnait la fraternité, les gens sont devenus des ennemis; l'union a cédé la place à la solitude et depuis il n'en reste plus rien.

Dans le sens le plus égoïste possible, nous nous sommes corrompus de notre vide et du coup nous avons moins d'égards vis-à-vis de notre entourage.

Des arbres, l'on a fabriqué le papier qui plus tard s'est rendu verd, et actuellement s'échange par des gens sans aucun respect envers le droit le plus sacré qui soit: celui de jouir de la vie.

Voilà le chaos où nous nous trouvons. Nous ne faisons que polluer l'endroit où nous habitons, nous vivons stressés à la recherche d'idéaux imposés et nous sombrons dans l'aliénation; nous nous créons des problèmes dont nous en ignorons la solution.

Nous avons jeté Gandhi et Betinho* au bûcher, nous avons brûlé notre avenir en préférant à notre âme la plus-value, la lâcheté, la cruauté par laquelle nous empêchons nos frères miséreux de sortir de leur état au nom de notre fatuité. La plupart des jeunes ne se soucient que de leur apparence et de leurs plaisirs; ce sont eux qui auront la tâche de conduire le monde embourbé dans un tel nombre d'injustices, mais le fait d'avoir de bonnes intentions ne leur suffira pas pour établir la paix. Les enfants et les adolescents ont besoin des parents plus humains et présents, qui ne se limitent pas à déplorer la violence, mais qui trouvent les moyens de son éradication, en se rendant compte qu'il n'y a que l'éducation, basée sur la moralité, qui nous rendra suffisamment sublimes pour sentir quelque chose d'aussi glorieux que la paix.

* Regretté leader des mouvements sociaux du Brésil.

“Os laços da paz só serão atados pela responsabilidade moral de cada indivíduo”.

Natascha Ballestero Fernandes de Oliveira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Assim caminhou a humanidade até aqui: delimitando fronteiras forjadas no calor da batalha, construindo mais muros do que pontes. Hoje não apenas questões territoriais fomentam o espírito bélico, como também, a crescente intolerância ao próximo. A diversidade cultural, que fazia da humanidade um jardim de civilizações, agora ceifa inúmeras vidas, pois as diferenças étnicas e religiosas estão exacerbadas. Será o esforço pela paz uma utopia?

Lapidar as diferenças visando à homogeneidade cultural apenas agrava os sentimentos de intolerância. E como poderia ser diferente se alguém tenta alterar ou, até mesmo, apagar sua identidade? Pluralismo cultural sim, aculturação, não. Iniciada com a expansão marítima do século XV, a globalização aproximou distâncias e possibilitou o intercâmbio cultural em proporções jamais vistas até então. Entretanto, o processo decorrente do contato entre duas ou mais civilizações não deve acarretar qualquer natureza de subordinação, seja ela política ou religiosa. Cada sociedade apresenta particularidades que denotam relatividade ao conceito certo-errado, ou seja, as diretrizes para as legislações políticas, sociais e programas educacionais dependerão da realidade de cada sociedade ou nação.

Silêncio não é paz, quando muito é ausência de guerra. A discriminação da Cultura de Paz exige a participação conjunta da sociedade. Os laços da paz só serão atados pela responsabilidade moral de cada indivíduo. Sendo a moral um conjunto de regras de conduta, nada melhor do que a educação para semear, enraizando de médio a longo prazo, a Cultura de Paz. Porém não só os educadores discriminam valores haja vista o poder de persuasão da mídia. É importante que esta não seja moldada pelas forças de mercado. Antes de tudo, a mídia precisa filtrar os fatos para que as impurezas não catalisem iminentes conflitos.

Logo, a paz sustentável deixa de ser meramente utópica quando maiores investimentos forem aplicados no que tange ao desenvolvimento humano. A educação, em sentido amplo, ameniza a intolerância à medida que indivíduos com capacidade crítica vislumbrarem sua responsabilidade ética para com a sociedade e valorizarem toda riqueza pertinente à pluralidade cultural. Assim sendo, a paz, mais do que quimera, será realidade.

“The strings of peace will only be reattached by the moral responsibility of each one.”

Thus humanity progressed until now: establishing frontiers forged in the heat of battles, and building more walls than bridges. Today, not only territorial matters spur the war-waging spirit – so does rising intolerance. Cultural diversity, which used to make humanity a garden of civilizations, now ravages countless lives. Ethnic and religious differences have been exacerbated. Is the peace effort utopian?

To sculpt around differences in order to homogenize cultures only aggravates intolerance. And how could it be different if there is someone trying to change or even erase your identity? Cultural pluralism, yes; cultural absorption, no. Kicked off by the maritime expansion in the 15th century, globalization has shortened distances and has made possible cultural exchanges in an unprecedented scale. However, the process resulting from the contact between two or more civilizations shouldn't lead to any nature of subordination, political or religious. Each society presents peculiarities that imply in relativity to the concept of right or wrong. In other words, the guidelines for political, social, and educational legislation depend on the reality of each society or nation.

Silence is not peace. It is at least the absence of war. The decriminalization of the Culture of Peace requires the society to participate. The strings of peace will only be reattached by the moral responsibility of each one. Morality being a set of rules for behavior, nothing better than educating in order to sow and then harvesting the Culture of Peace, after allowing it to establish roots in the long run. However, educators are not the only ones discriminating against values, taking into full account the persuasion power of the media. It is important that market forces do not mold these values. First and foremost, the media must filter the facts so that impurities do not trigger conflicts at the brink of exploding.

Therefore, sustainable peace ceases to be merely utopian when greater effort is put into human development. Education, broadly speaking, placates intolerance as critically capable people start to embrace their ethical responsibility towards society and start to value all the richness deriving from cultural pluralism. In so being, peace, more than a chimera, shall be reality.

“Les liens de la paix ne seront pas noués que par la responsabilité morale de chaque individu”.

Voici la façon selon laquelle l'humanité a avancé jusqu'ici: en délimitant les frontières forjées dans la chaleur des batailles, en construisant des murs dont le nombre est beaucoup plus grand que celui des ponts. Aujourd'hui, l'esprit belliqueux est nourri non seulement par des questions territoriales, mais aussi par l'intolérance grandissante envers autrui. La diversité culturelle qui avait transformé l'humanité dans un jardin de civilisations, maintenant est en train de moissonner un nombre considérable de vies, car les différences ethniques et religieuses sont exacerbées. L'effort pour la paix ne sera-t-il qu'une utopie?

Le fait d'atténuer les différences en envisageant l'homogénéité culturelle ne fait qu'aggraver le sentiment d'intolérance. Et comment aurait-il pu être autrement s'il y a quelqu'un qui essaye d'altérer, voire effacer, notre identité? Pluralisme culturel, oui; acculturation, non. Déclenchée en même temps que l'expansion maritime du XV^e siècle, la mondialisation a rapproché les distances et a ouvert la possibilité d'échanges culturelles dans une proportion jamais vue auparavant. Toutefois, le processus découlant du contact entre deux ou plusieurs civilisations ne doit aucunement entraîner une quelconque subordination, soit-elle politique ou religieuse. Chaque société présente des particularités qui dénotent la relativité du concept vrai-faux, concernant les directives à adopter lors de l'établissement d'une législation politique et sociale; de plus, les systèmes éducatifs ne dépendront que de la réalité de chaque société et de chaque nation.

Silence ne veut pas dire paix; tout au plus, c'est l'absence de guerre. La discrimination de la Culture de la Paix nécessite la participation conjointe de la société. Les liens de la paix ne seront pas noués que par la responsabilité morale de chaque individu. La morale étant un ensemble de règles de conduite, rien de mieux que l'éducation pour semer, par un enracinement à moyen et à long termes, la Culture de la Paix. Néanmoins, il n'y a pas que les éducateurs qui discriminent les valeurs; il suffit de prendre en compte le pouvoir de persuasion des médias. Il est important que ces moyens de communication ne soient pas modulés par les forces du marché. Avant tout, il faut que les médias filtrent les faits pour que les impuretés ne catalysent pas des conflits imminents.

Alors, la paix soutenable ne sera plus utopique quand il y aura l'application d'un volume d'investissements de plus en plus considérable au développement humain. Dans son sens le plus ample, l'éducation arrive à amortir l'intolérance dans la mesure où des individus dotés d'une fine capacité critique assument leur responsabilité éthique envers la société et fassent valoir toute la richesse afférente à la pluralité culturelle. Cela étant, la paix, plus qu'une chimère, deviendra une réalité.

“A paz é uma lei natural! Bem como a lei da gravidade ou a do magnetismo terrestre”.

Nazra Corrêa da Silva Simão
Instituto Metodista Bennett

A paz assumiu, na vida atual, um caráter de bem de consumo e, apesar de seu valor intangível, está quase sendo cotada na bolsa de valores e, seguramente, faz parte da cesta básica do planeta. Há um grande equívoco em tal concepção... As pessoas, em sua ânsia e desejo interior legítimo de “viver em paz”, a estão buscando não importa como, não importa onde, a qualquer preço. Grande ironia... Quanto pagar por algo impagável? Como trocar um bem que não é coisa?

A paz é uma lei natural! Bem como a lei da gravidade ou a do magnetismo terrestre. Esta não é uma teoria excêntrica ou sem fundamento, é simplesmente uma questão de pura observação. A paz poderia ser definida como um estado de equilíbrio dinâmico, no qual os seres de todas as naturezas encontram sua zona ótima de conforto para se desenvolverem dentro de seu único projeto de vida. Isso não significa estabilidade constante, trajeto linear, mas espaço para ser quem se é, considerada toda a complexidade ou simplicidade própria de cada um. Sob essa ótica, é fácil perceber que o mundo nasce em paz, mas as interferências humanas desviam o curso natural da vida. Infelizmente, nem todas as intervenções do homem nas leis da natureza são bem sucedidas como o avião. Subliminarmente, pode-se depreender dessa situação um paradoxo: ao nascer, cada indivíduo traz em si a sabedoria da lei natural da paz, o que se vai perdendo pouco a pouco, até o momento a partir do qual passa-se a uma busca frenética pelo precioso bem perdido.

Diante dessas constatações, percebe-se a ineficácia de se tratar a paz como artigo de negociação ou alvo de tratados internacionais ou, pior ainda, como condição imposta por outrem, de fora para dentro, coercitivamente. O uso da força violenta para garantir a paz é de uma incoerência assustadora. Não são poucos os que dizem: “violência gera violência”. Mais uma vez, depara-se com sua condição de lei natural, sujeita inexoravelmente à reação nascida da ação originária. No entanto, a força deve sim ser usada, no sentido da determinação, da coragem, da bravura, tão necessárias quando se empreende, em meio a tantos e duros obstáculos, a árdua tarefa de reconstruir a paz.

O campo de observação e experimentos para conquistar este tesouro perdido é subterrâneo, interior, silencioso. Entenda a discussão insensata com seu irmão ou sua mãe antes de querer entender o conflito no Oriente Médio. Abra suas portas internas antes de derrubar muros alheios. Cale-se e ouça a si próprio antes de proferir sentenças de vida ou de morte. O grande caminho para a paz é o que se trilha sem sair do lugar, “apenas” compreendendo o universo com suas leis naturais próprias e aceitando-se parte integrante do todo.

*“Peace is a natural law!
Just like the law of gravity or the
“magnetism of Earth”.*

Nowadays peace has taken the form of a consumer's good. Despite its intangible value, it is being offered in the stock market, and, certainly is part of society's staple products. There is a great misconception in that vision . . . In the anxiety and interior longing to “live in peace”, people are doing anything, going anywhere, and paying any price in search for peace. It's a great a great irony. How much can you pay for something unpriceable? How to trade a good that is not actually a thing?

Peace is a natural law! Just like the law of gravity or the magnetism of Earth. This is not an eccentric or senseless law, it is simply a matter of pure observation. Peace can be defined as a state of dynamic equilibrium, in which all beings of all natures find an optimal zone of comfort to develop their unique life plans. This not does mean constant stability, and linear trajectory. It means space to be yourself, considering all the complexities or lack thereof of life. Under this prism, it is easy to notice that the world is born in peace, but that human interference can stray life off its natural course. Unfortunately, not all human interference nature are as well off as the airplane. Subliminally, a certain paradox can be derived from this situation: when borne, each one bears within the knowledge of the natural law of peace, which gradually fades away until the moment when the frenzied search for the precious lost object begins.

In the face of these conclusions, the inefficacy of dealing with peace as an article of negotiation or a subject of international treaties is noticed. Worst yet, we perceive it as conditions imposed by others, from the outside, and by force. The use of violence to guarantee peace is a terrible incoherence. It's not uncommon to hear the “violence leads to violence”. Once again, we face the natural law's condition, inexorably subject to the reaction to the original action. However, force must be used, but only in the sense of determination, courage, braveness, all of which are necessary when the difficult task of rebuilding peace is undertaken amidst so many obstacles.

The field of observation and the experiments necessary to find this lost treasure is below, interior, and silent. Try to understand the senseless discussion with your brother or your mother before trying to understand the Middle East conflicts. Open your internal doors before knocking over the wall of others. Be silent and listen to yourself before sentencing to life or death. To tread the pathway of peace it is not necessary to change places. All you have to do is understand the universe and its own laws and accept yourself as a part of the whole.

“La paix est une loi naturelle! À l’instar de la loi de la gravité ou de celle du magnétisme terrestre”.

Dans la vie actuelle, la paix est marquée par un caractère de bien de consommation et, malgré sa valeur incalculable, elle a failli avoir sa cotation en Bourse; certainement, elle fait partie du panier de la ménagère autour de la planète. Il y a une grave erreur dans une telle conception... Poussées par leur envie et leur désir intérieur légitime de “vivre en paix”, les personnes sont amenées à la chercher n’importe comment, n’importe où, coûte que coûte. Quelle grande ironie... Combien déboursier pour quelque chose qui n’a pas de prix? Comment échanger un bien qui n’est pas une marchandise?

La paix est une loi naturelle! À l’instar de la loi de la gravité ou de celle du magnétisme terrestre. Il ne s’agit pas d’une théorie excentrique ou sans fondement, mais simplement d’une question de pure observation. La paix aurait pu être définie comme un état d’équilibre dynamique, dans lequel les êtres de toute nature trouvent leur zone optimale de réconfort pour se développer dans le cadre de leur unique projet de vie. Cela ne veut pas dire une stabilité constante, ni une trajectoire linéaire, mais un espace pour être ce que l’on est, en considérant toute la complexité ou simplicité propres à chacun. C’est facile de s’apercevoir que le monde naît en paix, mais les interférences humaines écartent la vie de son cours naturel. Hélas! Les interventions de l’homme dans les lois de la nature ne sont pas toujours une réussite comme l’invention de l’avion. D’une façon subliminaire, il est possible inférer de cette situation-là un paradoxe: à la naissance, chaque individu renferme en soi la sagesse de la loi naturelle de la paix qu’il va perdre peu à peu, jusqu’au moment où il déclenche une quête frénétique pour le bien précieux perdu.

Face à ce constat, l’on s’aperçoit de l’inefficacité d’aborder la paix comme un article de négociation ou comme cible de traités internationaux, ou encore pire, comme une condition imposée par autrui, du dehors vers le dedans, d’une façon coercitive. L’usage de la violence, de la force pour assurer la paix est l’indice d’une effroyable incohérence. Ils ne sont pas rares ceux qui disent: “la violence attire de la violence”. Une fois encore, l’on se trouve devant cette condition de loi naturelle, soumise inexorablement à la réaction issue de l’action originaire. Pourtant, la force doit être utilisée, mais dans le sens de la détermination, du courage, de la bravoure, qui sont des attributs si nécessaires quand on entreprend, au milieu de nombreux obstacles difficiles à surmonter, la tâche pénible de reconstruire la paix.

Le champ d’observation et d’expérimentation pour conquérir ce trésor perdu est souterrain, intérieur, et silencieux. Fais attention à la discussion insensée avec ton frère ou avec ta mère avant de vouloir entendre le conflit au Moyen Orient. Laisse ouvertes tes portes internes avant de renverser les murs dressés par autrui. Tais-toi et reste à l’écoute de toi-même avant de porter jugement de vie ou de mort. Le grand chemin vers la paix est celui que l’on prend sans quitter sa place; il “suffit” de comprendre l’univers avec ses lois naturelles et de s’accepter comme partie prenante du tout.

“Devemos deixar para trás as linhas sinuosas e reescrever a Paz com linhas retas...”

Ocimar da Conceição Guimarães

Universidade Estácio de Sá

Os fundamentos, que permeiam a Paz no mundo, reúnem questões como espaço territorial, nacionalidade, regulamentação dos mares e do espaço aéreo e aspectos diversos, entendidas neste contexto como leis internacionais regidas pelas várias organizações.

Desde os primórdios, o homem procura incessantemente, encontrar alternativas no controle de conflitos, sejam internos ou externos. Internamente reconhecemos que os esforços têm sido constantes, mas há causas que necessitam ser estabelecidas, como: a habitação, a questão indígena, o movimento negro, a crise na saúde, a violência urbana, entre outros. Externamente, podemos sintetizar destacando as questões étnicas e religiosas que adquirem grande importância no pós guerra-fria, com características comuns nos quatro continentes do mundo.

O primeiro documento de caráter internacional é o Tratado de Paz de Westfália, em 1648, considerado o marco do direito internacional moderno. Entretanto, tantos outros tratados surgiram, com seus objetivos eficientes e ineficientes, minimizados pela geopolítica, como orientadora das ações políticas dos Estados. Em análise, continuamos em busca pela Paz, uma sede que parece não ter fim. É de suma importância, armar a nossa mente – enquanto sociedade – contra as ideologias revolucionárias que tentam inculcar nos indivíduos a Paz total. Armamos sim, as nossas mentes – enquanto indivíduo – com idéias participativas a fim de denunciar perseguições políticas, violações dos direitos humanos, incapacidade de matar o *outro* assumindo a administração de entender o *diferente*, sermos contrários à omissão dos crimes contra a humanidade, num mundo globalizado com integração sem precedentes.

Devemos deixar para trás as linhas sinuosas e reescrever a Paz com linhas retas, dando-lhe uma nova trajetória, adotando métodos inovadores para construí-la no interior dos Estados, das Comunidades e dos Movimentos contemporâneos, pensando na agregação de idéias, estabilização e reconhecimento da independência dos diferentes Estados, trabalhando juntos pela Paz, pela justiça e pela reconciliação – que juntos dialogam -, isso como um sinal visível da unidade compartilhada.

“We must leave behind sinuous lines and rewrite Peace with straight lines...”

The factors affecting Peace in the world involve subjects such as territory, nationality, sea and space regulation, and many other aspects comprised in the field of international law enforced by international organizations.

Since the beginning of time, man has tirelessly been seeking different tools to control conflicts, whether they be internal or external. We internally acknowledge that the efforts have been constant, but they are yet to be established in certain areas such as: habitation, the indigenous question, the black movement, the health crisis, and urban violence, among others. Externally, we can bring the attention to ethnical issues as well as religious ones, which acquire great importance in the post cold war era, and which have common traits in all four continents of the world.

The first international document is Peace of Westphalia Treaty signed in 1648 is considered a benchmark of modern international law. However, many other treaties have been signed having efficient or inefficient objectives that are minimized by geopolitics as the guide of State political action. In analysis, we remain seeking for Peace; it is an unquenchable thirst. It is of the utmost importance to set our minds – as a society – in opposition to revolutionary ideologies that try to instill total Peace in people. We should rather set our minds on – as individuals – participatory ideas aiming to denounce political persecution, human rights violations. We should do so by refusing to kill others based on the incapacity to understand their differences, by being opposed to inaction before crimes against humanity in a globalized world with unprecedented integration. We must leave behind sinuous lines and rewrite Peace with straight lines, giving them a new trajectory, adopting innovating methods to build it in contemporary States, Communities, and Movements, thinking in the combination of ideas, stabilization, and recognizing the independence of different Sates, working together for Peace, justice, and for reconciliation – which go together – as a visible sign of shared unity.

“Il faut nous débarrasser des lignes sinueuses pour réécrire la Paix sur des lignes droites...”

Les fondements qui traversent la Paix dans le monde rassemblent des questions – tels que l’espace territorial, la nationalité, la réglementation de la mer et de l’espace aérien et encore d’autres aspects – entendues dans ce contexte comme des lois internationales régies par plusieurs organisations.

Dès le début, l’homme ne cesse pas de chercher des alternatives pour le contrôle de conflits, internes ou externes. Par rapport à la situation interne, nous reconnaissons qu’il y a eu des efforts constants, mais il y a aussi des causes qui doivent être bien établies, tels que: le logement, la question indigène, le mouvement noir, la crise dans la santé, la violence urbaine, et encore beaucoup d’autres sujets. À l’extérieur, nous pouvons présenter une synthèse en attirant l’attention vers les questions ethniques et religieuses qui gagnent une importance croissante dans la période de l’après guerre froide, avec des caractéristiques communes dans les quatre continents.

Le premier document d’envergure internationale est le Traité de Paix de Westphalie, en 1648, considéré comme le jalon du droit international moderne. Néanmoins, beaucoup d’autres traités ont été signés, avec des objectifs efficaces et inefficaces, minimisés par la géopolitique, en tant que pivot des actions politiques des États. Sous une forme d’analyse, nous sommes toujours à la recherche de la Paix, une soif qui semble être inapaisée. Il est donc d’extrême importance que notre intelligence – en tant que société – soit armée contre les idéologies révolutionnaires qui tentent d’inculquer dans les individus la Paix totale. De l’autre côté, nous armons nos intelligences – en tant qu’individus – en tirant profit des idées de participation afin de dénoncer les persécutions d’ordre politique, les violations des droits de l’homme, l’incapacité de tuer *autrui* en endossant l’administration d’entendre ce qui fait le *différent*, en restant contraires à l’omission par rapport aux crimes contre l’humanité dans un monde globalisé, et partant, marqué par une intégration sans précédent.

Il faut nous débarrasser des lignes sinueuses pour réécrire la Paix sur des lignes droites, en lui procurant une nouvelle trajectoire, en adoptant des méthodes innovatrices pour la construire au sein des États, des Communautés et des Mouvements contemporains, en envisageant l’agrégation d’idées, la stabilisation et la reconnaissance de l’indépendance des différents États, en travaillant ensemble pour la Paix, pour la justice et pour la réconciliation, lesquelles doivent rester en dialogue ininterrompu; tout cela est bien un signe visible de l’unité partagée.

*“ A paz individual não existe.
Ou ela é universal ou não é “*

Pedro Luiz da Silva do Rego Lima

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Termo usado tão freqüente quanto impensadamente, a paz é um desses conceitos tão gerais e abrangentes que uma tentativa de melhor defini-lo e delimitá-lo parece, em primeira instância, missão impossível.

Uma melhor compreensão dessa tão citada paz exige a identificação dos pilares que, inexoravelmente, a sustentam; dos valores dela inseparáveis. É preciso olhar criticamente para os usos incoerentes do termo, com o propósito de esclarecer (ou talvez até obscurecer) este que parece ser, ou talvez devesse ser, o fim buscado pelo conjunto da humanidade.

Cabe, pois, ressaltar que somente em relação a este conjunto da humanidade pode-se falar de paz propriamente dita. A paz individual não existe. Ou ela é universal ou não é. Soa incongruente falar de paz de um ou de poucos se quaisquer homens que se proclamam excepcionalmente abençoados pela paz, convivem com a guerra ao seu lado. Trancafiar-se em condomínios, mantendo-se enjaulados e vigiados, não é exatamente o que se pode entender por buscar a paz. Não se a encontra fugindo do mundo, ou se ilhando dentro dele. Ela só pode ser alcançada por todos neste mundo; a espera por uma paz celestial, extra-mundana, assim como a construção de uma pseudo-paz em ilhas isoladas, não passa de tentativa frustrada de se conviver com a guerra.

Assim, tem-se um indício de que a paz está intimamente vinculada a outros dois valores fundamentais: igualdade e liberdade. Atestar o caráter universalizante inerente à idéia de paz é trazer à tona a sua inseparabilidade desses dois valores. Enquanto os homens se separarem em diferentes trincheiras de classe ou mesmo de raça, vendo uns aos outros como inimigos, a paz será um ideal distante.

Enquanto houver exploração e subjugação do homem pelo homem, a noção de paz permanecerá como um monolito inatingível, pois a igualdade é sua pré-condição fundamental. E também não há liberdade, nem para o mais solitário e independente dos homens, se a humanidade se organiza de forma a prover alguns poucos com fartura, e outros muitos com penúria; a injustiça social é notória fomentadora de guerra e caos.

Enfim, pode-se chegar a pensar, e é tão natural que se pense, que os crentes numa solução verdadeiramente pacífica nada mais são que utopistas, fadados à desilusão. Porém, crer na paz significa crer na humanidade; significa ter esperança na capacidade racional do homem. Único responsável por sua própria miséria, cabe ao homem dar motivo de orgulho a Prometeu, usando a razão para construir um outro mundo, em que imperem os valores de igualdade e liberdade. Um mundo pacífico.

*“Individual peace does not exist.
It is either universal or it isn’t”.*

As frequently used as it is infrequently thought about, peace is one of those terms so general and broad that any attempt to define it more adequately seems to be, at a first glance, an impossible mission.

A better comprehension of the much-cited peace requires the identification of the pillars that inexorably support it as well as of the values inseparable from it. It is necessary to have a critical interpretation of inadequate uses of the term, with the intention of clarifying (or maybe fogging up) what seems to be the goal sought by a certain fraction of humanity.

It also must be stressed that peace, in itself, is applicable only to this fraction. Individual peace does not exist. It is either universal or it isn't. It sounds strange to talk about the peace of one or of few if those men who claim to be exceptionally blessed by peace lives with war next door. Locking themselves up in condos, keeping themselves engaged and under surveillance isn't exactly what we can call seeking peace. Peace isn't found escaping the world or becoming an island. It can only be achieved if achieved by all in the world; a wait for celestial peace just as the construction of a pseudo-peace on isolated islands isn't but a frustrated attempt to live with war.

Therefore, there is an indication that peace is closely bound to two other fundamental values: equality and liberty. To attest the universal character inherent to the idea of peace is to show how inseparable they are. As long as men separate themselves in different trenches of class or even race, perceiving each other as enemies, peace shall remain a distant ideal. As long as there is the exploitation and submission of man by man, the notion of peace will remain an intangible monolith since equality is a funda-

mental condition. There shall be no liberty either, not to the loneliest and most independent of men, as long as humanity is organized in such a way that few are provided with plenty, and most others with little. Social injustice is a notorious breeder of war and chaos.

At last, it can be believed that – and this is natural – that those who believe in a truly peaceful solution are being utopian, fated to disillusionment. However, to believe in peace means to believe in humanity, in means having hope in man's capacity to be rational. As the sole responsible person for his misery, it is up to man to give something for Prometheus to be proud of, using reason to build another world, in which values of equality and liberty prevail a peaceful world.

“La paix individuelle n'existe pas. Est-elle universelle ou ne l'est-elle pas”.

La paix - terme utilisé d'une façon aussi fréquente qu'irréfléchie - est un de ces concepts à caractère si général et étendu que la démarche pour mieux le définir et le délimiter semble être, en premier ressort, une tâche impossible.

Une meilleure compréhension de cette paix si souvent mentionnée nécessite l'identification des piliers qui inexorablement, la supportent; c'est-à-dire, des valeurs qui lui sont inhérentes. Il faut porter un regard critique sur l'usage incohérent du terme, pour éclairer (ou peut-être même rendre plus obscur) ce qui semble être, ou peut-être aurait dû être, le but recherché par l'ensemble de l'humanité.

On ne peut parler au sujet de la paix tout court que par rapport à cet ensemble de l'humanité. La paix individuelle n'existe pas. Ou elle est universelle ou elle ne l'est pas. Il y a quelque chose d'incongru quand l'on parle de paix concernant une seule personne ou un petit nombre si tous ceux qui proclament avoir été bénis par la paix se nourrissent de la guerre. Le fait de rendre sophistiqués les moyens de sécurité des zones résidentielles, en restant confinés et en s'assurant d'une surveillance ininterrompue, n'est pas exactement ce que l'on peut entendre par une quête de la paix. Celle-ci ne peut pas être trouvée en fuyant le monde, ni en s'isolant dans son cocon. Elle ne peut être atteinte que par tous dans ce monde; l'atteinte d'une paix céleste, hors de notre monde, ainsi que la construction d'une pseudo-paix sur des îlots isolés, n'est qu'une démarche frustrante d'éviter la guerre.

Ainsi, l'on a un indice selon lequel la paix se trouve étroitement liée à deux autres valeurs fondamentales: l'égalité et la liberté. L'attestation du caractère universalisant inhérent à l'idée de paix montre qu'elle est dépendante de ces deux valeurs. Tant que les hommes resteront séparés à l'intérieur de différentes tranchées-abris de classe, voire de race, en se regardant comme des ennemis, la paix restera un idéal lointain.

Tant qu'il y aura de l'exploitation et de l'asservissement de l'homme par l'homme, la notion de paix demeurera comme un monolithe hors de portée, car l'égalité est son préalable fondamental. Et il n'y a pas non plus de liberté, pour le plus solitaire et indépendant des hommes, si l'humanité s'organise de telle sorte qu'elle procure à quelques-uns de la surabondance, et à d'autres, le plus grand nombre, la pénurie; l'injustice sociale est l'instigatrice manifeste de la guerre et du chaos.

Enfin, l'on peut même être amené à penser, et il est si naturel que l'on pense, que les partisans d'une solution vraiment pacifique ne sont rien que des utopistes, voués à la désillusion. Toutefois, le fait de croire dans la paix signifie croire dans l'humanité; signifie avoir de l'espérance dans la capacité rationnelle de l'homme. En tant que seul responsable de sa propre misère, l'homme se doit de rendre l'orgueil à Prométhée, en utilisant sa raison pour construire un autre monde régi par les valeurs de l'égalité et de la liberté. Un monde pacifique.

“Para alcançarmos a paz, basta agirmos como seres verdadeiramente espontâneos e naturais. Basta que o homem novamente se humanize!”

Rafael de Oliveira Sobral

Universidade Federal Fluminense - UFF

O mundo, após sucessivas cambalhotas, parece não mais saber ficar de pé. Tonto e desnordeado, cambaleia para todas as direções, sem rumo certo. De pernas para o ar, tornou-se impossível divisar o certo do errado. Os limites, os princípios e os caracteres de uma untuosa parcela da humanidade simplesmente desapareceram em prol da ganância, dos incontroláveis impulsos e desejos compulsivos pelo poder e fortuna. Tornaram-se um imenso aglomerado de seres completamente individualizados, com suas atenções voltadas para o próprio umbigo. De olhos fechados, recusam enxergar as puras e ingênuas belezas. Com os ouvidos tapados, repelem as variadas e sublimes melodias da natureza. E de bocas abertas, vomitam as mais perversas e putrefatas palavras, agressivas e estúpidas, desedificando pilares antes construídos em bases sólidas.

O homem, animal dotado de intelecto, cede, cada vez mais, lugar aos instintos primitivos e bárbaros, aplicando engenhosas criações na ação covarde e atroz de destruir outros homens. Nesta atmosfera densa e escura, luta todos os dias para superar o medo e conseguir viver, ou melhor, sobreviver.

Mas não estamos condenados ao fracasso e ao sofrimento eterno. Não vivemos em um mundo sentenciado de morte. Devemos, sim, esquadrihar soluções e aplicá-las em nossas ações diárias. Existem milhares de pessoas, em todos os cantos da Terra, dispostas a reverter este cenário sombrio instaurado no palco deste novo milênio. Se comparados à magnitude de nosso universo, poderíamos igualá-los às estrelas e planetas, pulverizados na imensidão bruna do espaço: exemplos de foco de lutas e indignação que concentram esforços no ofício de mudança conjuntural das escalas de valores humanitários. Diríamos que são seres verdadeiramente humanos que sonham e trabalham para construir um mundo melhor.

São pessoas que se dedicam a expor quão simples é chegar à tão sonhada paz mundial. Vista hoje como um patamar tão longínquo e, praticamente, utópica de ser alcançada, a paz, ao contrário do que a grande maioria dos terráqueos imaginam, não está tão distante de nós. Paradoxalmente, ela reside dentro de nós mesmos. Não há fórmula, teorema, regra, lei, ou qualquer outro mecanismo para que a conquistemos. Devemos apenas deixar que esta emane do nosso corpo. Amar os organismos naturais que, conosco, compartilham a imensa biosfera do planeta. Ações como desgrudar a condicionada visão do negresco jornal de todas as manhãs e direcionar a atenção ao

bailar de uma borboleta sobre um pequeno girassol de plástico, ou o preciso voar de um beija-flor à procura de néctar em uma samambaia artificial, presa ao teto de um escritório. Reservar alguns minutos do nosso precioso tempo para nos espelharos mais no comportamento dos animais, que parecem gritar aos nossos ouvidos, implorando que o homem cesse a destruição de toda a vida na Terra. Deveríamos adotar o comportamento amigo como o que há entre as anêmonas e os tubarões, entre os pássaros-palito e os crocodilos, entre as orquídeas e os jacarandás. Seres totalmente díspares que convivem em plena harmonia, respeitando suas diferenças. Para alcançarmos a paz, basta agirmos como seres verdadeiramente espontâneos e naturais. Basta que o homem novamente se humanize!

*“To achieve peace, we only need to act
natural and spontaneous. Humans only need
to humanize themselves again!”*

After a successive number of somersaults, the world doesn't seem to know how to stand back on its feet. Dizzy and bewildered, it stumbles in all directions without choosing one. With the world upside down, it became impossible to tell right from wrong. A fat portion of humanity loses its sense of limit, principles and character all in the name of greed, uncontrollable impulses and the compulsive need for power and fortune. They have turned into an indecipherable mass of beings completely individualized and preoccupied with their own self-centered lives. With their eyes shut, they refuse to see pure and innocent beauties. With their ears covered, they repel nature's various sublime melodies. And with their mouths wide open, they regurgitate the most, foolish, perverse and corrupt words that assault and deconstruct the pillars previously built on solid grounds.

An animal supposedly endowed with an intellect, the human being is increasingly giving way to its primitive and barbaric instincts and applying them on ingenious creations made for the cowardly and atrocious act of destroying other human beings. And it is in this dark and dense environment where we find ourselves fighting every day to overcome our fears and live, or better yet, survive.

Yet, we are not condemned to failure and eternal suffering. We do not live in a world sentenced to death. We should, however, try to project solutions and apply them to our daily actions. There are millions of people all over the world willing to revert this dark scenario that has established itself as center-stage in our new millennium. If we were to come up with a metaphor to compare these good-will people with the magnitude of our universe, we would say that they are like stars and planets, pulverized by the immense thickness of space. They are

focal examples of people who never give up in their efforts to fight for a structural change in the scale of humanitarian values. We could say that they are human beings, who truly dream and work for a better world.

They are people dedicated in showing how simple it is to achieve the world peace dreamed of by so many. Contrary to what many earthlings imagine, a peaceful world is not very far from us, and should not be seen as a distant and utopian platform impossible to reach. Paradoxically, it lives within us. There are no formulas, theorems, rules, laws or any other scientific mechanism that could help us achieve it. We should just exhale it from our bodies. We should love all natural organisms that we share our immense earthly biosphere with. And take actions such as transferring our conditioned eyes from the daily newspaper's headlines towards a butterfly's rhythmic flight over a plastic sunflower, or a hummingbird's precise search for nectar in an artificial garden placed outside an office window. We should take some time to observe and mirror animal behavior and listen to their desperate cries begging us to stop destroying life on earth. We should adopt the friendly and mutually beneficial relationship between sea anemones and sharks, cranes and crocodiles, and between orchids and the Brazilian jacarandás. Entirely different beings that live in harmony and respect each other's differences. To achieve peace, we only need to act natural and spontaneous. Humans only need to humanize themselves again!

*“Pour atteindre la paix, il nous suffit d’agir
comme des êtres vraiment spontanés et naturels.
Il suffit qu’à nouveau l’homme s’humanise!”*

Le monde, après des successives galipettes, semble ne plus savoir comment rester debout. Étourdi et tout désorienté, il chancelle dans toutes les directions, sans aucun but. En tombant les jambes en l'air, il est devenu impossible de distinguer le vrai du faux. Une fraction mielleuse de l'humanité a tout simplement remplacé les limites, les principes et les bons caractères par de la cupidité, par les incontrôlables impulsions et par le désir compulsif vers le pouvoir et la fortune. Ces gens-là se sont rendus une immense agglomération d'êtres complètement individualisés avec leur attention tournée uniquement vers leur nombril. En gardant leurs yeux fermés, ils refusent regarder la pureté et la naïveté de la beauté. En bouchant leurs oreilles, ils repoussent les mélodies, variées et sublimes, de la nature. Et en exhibant leurs bouches ouvertes, ils vomissent les mots les plus pervers et putréfiés, agressifs et stupides, en démolissant les piliers de leur comportement qui avaient été bâtis sur des bases solides.

L'homme, animal doté d'intellect, cède de plus en plus de la place aux instincts primitifs et barbares, en utilisant des créations ingénieuses pour l'action effrontée et

atroce de destruction des autres hommes. Dans cette atmosphère dense et obscure, il mène une lutte quotidienne pour surpasser la peur et pour arriver à vivre, ou pis encore, pour survivre.

Mais nous ne sommes pas voués à l'échec, ni à la souffrance éternelle. Le monde où nous vivons n'est pas condamné à mort. Au contraire, c'est à nous qu'il incombe de découvrir des solutions et de les mettre en oeuvre dans nos actes quotidiens. Dans tous les coins de la Terre, il y a des milliers de personnes prêtes à inverser ce scénario sombre, instauré sur le plateau de ce nouveau millénaire. Si nous les comparons à la magnitude de notre univers, nous pourrions les égaliser aux étoiles et aux planètes, pulvérisées dans l'immensité brunâtre de l'espace: ils constituent des poches de lutte de résistance et d'indignation qui concentrent les efforts visant le changement conjoncturel de l'échelle relative aux valeurs humanitaires. Nous dirions qu'ils sont des êtres vraiment humains qui rêvent toujours et s'attachent à construire un monde meilleur.

Ce sont des personnes qui se dévouent à montrer comment il est simple d'atteindre la paix mondiale dont l'on rêve tant. Contrairement à ce que la plupart des terriens s'imaginent, la paix - perçue aujourd'hui comme un palier si lointain, et pratiquement utopique à atteindre - n'est pas si éloignée de nous. Paradoxalement, elle se trouve à l'intérieur de nous-mêmes. Pour la conquérir, nous ne disposons d'aucune formule, ni d'aucun théorème, ni d'aucune règle, ni d'aucune loi, ni d'aucun autre mécanisme. Il nous suffit de laisser qu'elle émane de notre corps; d'aimer les organismes naturels qui partagent avec nous l'immense biosphère de la planète. Il nous faudra poser des actes tels que celui de nous débarasser de la visée conditionnée et noirâtre à la une des quotidiens chaque matin, en préférant prêter attention aux voltiges d'un papillon sur un petit tournesol en plastique, ou le vol précis d'un colibri* à la recherche du nectar dans une fougère artificielle, suspendue au plafond du bureau. Il nous faudra réserver quelques minutes de notre temps précieux pour que nous apprenions à mieux imiter le comportement des animaux qui semblent crier à nos oreilles, en suppliant que l'homme arrête de détruire la vie sur la Terre. Nous devrions adopter le comportement amical qui est en oeuvre entre les anémones et les requins, entre certains oiseaux et les crocodiles, entre les orchidées et les jacarandas. Ce sont des êtres sans aucune ressemblance qui vivent en parfaite harmonie, en acceptant réciproquement leurs différences. Pour atteindre la paix, il nous suffit d'agir comme des êtres vraiment spontanés et naturels. Il suffit qu'à nouveau l'homme s'humanise!

* Dans l'original, beija-flor, littéralement, celui qui donne un baiser aux fleurs.

*“Nosso planeta sofreu a síndrome
da sociabilidade e nos acolheu. Mas nenhum
de nós olhou para ele como um ser vivo”.*

Ricardo de Oliveira Razuk

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Como escrever sobre a Paz se não sei o significado de tal palavra? As palavras traduzem padrões de pensamentos e sentimentos que afloram quando da sua leitura ou seu pronunciamento. Quando leio a palavra PAZ, sinto um misto de ignorância e saudosismo.

Esforço-me para sentir paz, mas não a encontro. Será ignorância minha? Alguém sabe o que quer dizer PAZ? E o que é sentir PAZ? Vou relembro minha vida, como numa sessão de regressão, numa busca incessante por algum sentimento que possa me encorajar a dizer: “eu já senti paz!”. À medida que minhas recordações se aproximam da tenra idade, sinto-me melhor. Penso: “Freud estava certo! Quero voltar!” Não há mais volta. É quando bate a nostalgia com interfaces de melancolia.

Preciso chegar a uma conclusão. Afinal de contas, sou um ser racional e, pela razão, tenho condições de entender o significado de qualquer palavra. Lembro-me de dizeres do cotidiano: “me deixe(m) em paz!”. As pessoas costumam querer se isolar para encontrar a paz.. Logo, as pessoas são as responsáveis por não se ter paz... seria uma boa conclusão? Talvez sim, se não fosse pelo fato de os cientistas afirmarem que os seres humanos são os únicos seres vivos que buscam a sociabilidade. Precisam viver juntos, em sociedade. Espanto-me: “que contradição!”.

Suo frio e a razão falha. Melhor ir por outra linha de raciocínio. “Claro!”. Os povos clamam por paz. A paz pode ser um desejo de um grupo, uma nação, concluo. Objetivos comuns levam pessoas a clamar pela mesma palavra, pelo mesmo sentimento. Mas que sentimento? Começo a me interessar mais por esta vereda racional e arrisco um palpite: “talvez aqueles que clamam por paz não saibam nem o que tal palavra significa, mas sabem o que a falta dela lhes traz. Por antagonismo, a paz deve significar tudo aquilo que vivemos hoje de ruim, inversamente polarizado. A Paz é não vivermos em guerra, não passarmos fome, não insultarmos uns aos outros, não roubarmos uns aos outros, não deixar de curar para preservar o lucro. Acho que já tenho algo para dizer sobre o significado da PAZ.

Adotando este significado para a paz, algo mais difícil se aproxima: “como alcançá-la, então?”. Será que o conceito de Pangéia é um caminho? Se imaginarmos o planeta como um ser vivo único, ele não deveria Ter toda a paz do mundo? “Meu Deus!!! O planeta Terra é um ser vivo, ou melhor, um ser humano!”. Nosso planeta sofreu a síndrome da sociabilidade e nos acolheu. Mas nenhum de nós olhou para ele como um ser vivo. Olhamo-no com desprezo e

usufruímos dele como usufruíamos dos escravos. (“Acho que estou ficando louco, chamando o planeta de ser vivo, e, mais ainda, acreditando nisso”).

É. Não é fácil escrever a paz. Para escrevê-la, devo senti-la. Como com tudo que escrevo. Perdoem-me, mas não sinto paz. Quero senti-la. Sinto que os povos também querem. O planeta necessita. Ou chegaremos ao fim antes de conhecê-la.

*“Our planet has sered the syndrome
of sociability and has taken us in. Yet, no one
has understood it as a living being.”*

How can I write about peace if I don't know the meaning of the word? Words only translate thought patterns that emerge during text reading or pronunciation. When I read the word PEACE a feel a mixture of ignorance and nostalgia.

I make an effort to feel peace, but I can't find it within me. Could it be ignorance on my part? Can anyone tell me what PEACE means? I started searching my past, as if I were in a regression session, in an incessant effort to find a time where I could boast that; “yes, I have felt peace!”. The closer I came to feeling my younger years, the better I felt. I then think: “Freud was right! I want to regress!” But there is no possible regression. And that is when I'm hit by a nostalgic mood with a melancholic twist.

I need to come to a conclusion. After all, I am a rational being and through reason I should be able to understand the meaning of any word. I recall a popular saying: “leave me at peace!” People seem to want to isolate themselves to find peace. Therefore, other people must be responsible for you not being able to feel at peace.... would that be a valid conclusion? Maybe, if it weren't for the fact that scientists insist on affirming that humans are the only live beings that search for sociability. They need to live together in a society. I'm thus, surprised: “What a contradiction!”

I start to sweat and reason fails me. Better try another logical approach. “Of course!”. People cry out for peace. I conclude that peace might be the wish of a group of people or of an entire nation. Common objectives cause people to speak up in the name of the same word, or same emotion. But what emotion? I become more interested in this line of thought and dwell further in it: “maybe those who cry out for peace don't even know the meaning of the word, but they do know what the lack of it means. Peace must be everything bad that we witness nowadays, inversely polarized. Peace is the lack of war, the lack of hunger, the lack of insults and discrimination, the lack of assaults and the willingness to cure without thinking of any future profits. I think I've just come up with something to say about PEACE.

If we accept the above meaning for peace, a much harder question emerges: “how do we reach it?” Could the concept of Pangea be a viable solution? If we start to

imagine the earth as a living being, shouldn't it then have the right to live in peace? "My Goodness!! The Earth is a living being, or better yet, a human being!" Our planet has sUniversidade Federal Fluminense - UFFered the syndrome of sociability and has taken us in. Yet, no one has understood it as a living, breathing being. We look upon it with disdain and we take advantage of it as we did with the slaves. ("I think I might be going mad, calling our planet a living being and actually believing in it").

It is definitely not easy to write about peace. To write about it, I should feel it. Just as I do with everything else that I write about. Forgive me, but I do not feel peace. I want to feel it. I feel that the people also want to feel it, and that our planet needs it or else we will know the end before we know peace.

*“Notre planète a supporté le
syndrome de la sociabilité et a fini par nous
accueillir. Mais parmi nous, personne
n’a voulu la considérer comme un être vivant”*

Comment puis-je écrire sur la Paix si je ne connais pas la signification de tel mot? Les mots traduisent des modèles de pensées et de sentiments qui affluent lors de leur lecture ou de leur prononciation. Quand je lis le mot PAIX, je sens un mélange d'ignorance et de nostalgie.

Je me dépense pour sentir la paix, mais je n'arrive pas à la rencontrer. Est-ce dû à mon ignorance? Y aurait-il quelqu'un qui sache ce que veut dire le mot PAIX? Et que serait-il sentir la PAIX? J'essaye de remémorer ma vie, comme si j'étais en train de faire une séance de régression, dans une quête incessante d'un sentiment qui m'encouragerait à dire: "Moi, j'ai déjà senti la paix!". À mesure que mes souvenirs reculent jusqu'à ma petite enfance, je me sens mieux. Et je pense: "Freud avait raison! Je veux faire marche arrière!" Mais il n'y a plus de retour possible. C'est quand nous sommes assaillis par la nostalgie, assortie d'interfaces de mélancolie.

J'ai besoin d'arriver à une conclusion. Au bout du compte, je suis un être rationnel et par le biais de la raison je suis à même d'entendre la signification de n'importe quel mot. Je me rappelle d'expressions du quotidien: "Fiche(z)-moi la paix!" Les gens ont pris l'habitude de s'isoler pour retrouver la paix. Donc, ces gens-là sont les responsables du manque de paix... est-ce une bonne conclusion? Peut-être que oui, s'il n'y avait pas le constat des scientifiques selon lequel les humains sont les seuls êtres vivants qui recherchent la sociabilité. Ils ont besoin d'être ensemble, de vivre en société. Et je n'en reviens pas: "Quelle contradiction!"

J'ai des sueurs froides et ma raison flanche. Il vaut mieux prendre une autre voie de

raisonnement. "Bien sûr!" Les peuples clament pour la paix. Celle-ci n'est peut-être que l'envie d'un groupe, d'une nation, voilà ma conclusion. Des objectifs communs amènent les gens à clamer pour le même mot, pour le même sentiment. Mais lequel? Je commence à m'intéresser davantage à cette tournure d'esprit et je risque de faire un pari: "Peut-être, ceux qui clament pour la paix ne savent même pas ce que veut dire tel mot, mais ils ne sentent que trop dans leur peau quand elle leur manque. Par antagonisme, la paix devrait signifier tout ce dont notre vie quotidienne trouve de nuisible, inversement polarisé. La Paix est le fait de ne pas vivre en guerre, de ne pas avoir faim, de ne pas s'adresser des insultes ni de pratiquer des vols, de ne pas laisser de se soigner au détriment des sommes épargnées. Maintenant je trouve que j'ai quelque chose à dire sur la signification de la PAIX.

En adoptant cette signification concernant la paix, il se pose une question beaucoup plus difficile: "Alors, comment l'atteindre?" Le concept relatif à la Pangée serait-il la bonne voie? Si nous l'imaginons comme un être vivant unique, la planète ne devrait-elle pas Avoir toute la paix du monde? "Mon Dieu!!! Alors, la planète Terre est un être vivant, ou mieux encore, un être humain!". Notre planète a supporté le syndrome de la sociabilité et a fini par nous accueillir. Mais parmi nous, personne n'a voulu la considérer comme un être vivant. Nous la regardons avec mépris et nous en jouissons comme nous l'avions déjà fait avec nos esclaves. ("Moi, je trouve que je deviens fou en considérant la planète comme un être vivant et, pis encore, en y croyant dur comme fer").

Bien sûr! Ce n'est pas facile d'écrire sur la paix. Pour le faire, il me faudrait la sentir; d'après mon procédé dans tout ce que j'écris. Pardonnez-moi, mais je ne la sens pas; pourtant, j'en aurais tellement envie. Je le ressens que ce souhait est partagé aussi par tous les peuples. La planète en a un sacré besoin. Ou alors, tout sera fini avant qu'elle soit connue.

*“Só se pode cultivar a paz,
se antes plantarmos justiça social”*

Roberta da Costa de Sousa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Ter a certeza de que se vai chegar em casa e encontrar tudo exatamente do jeito que deixou. Quando aquela angústia existencial sufoca, a qualquer momento do dia ou da noite, saber que se pode sentar na areia à beira-mar e compartilhar com o horizonte toda a dor de ser simplesmente humano, e nada mais. Se por um instante esquecer a chave na porta, vai encontrá-la na fechadura, rindo, como a te pregar um susto. Só uma brincadeira da memória para descontrair. Pequenos exemplos da plena certeza de que está tudo bem.

Não basta apenas desejar a paz. Roupas brancas não limpam as turvas manchas sociais. A infinita linha do horizonte separa muito mais que o céu e o mar.

Ambos são azuis, mas não são iguais. Nem todos podem ansiar por encontrar tudo no lugar, simplesmente porque não têm nada. Apenas o vazio constrangedor da geladeira e o ruído aflito do estômago. Nem todos podem rir da chave esquecida na entrada, porque não existe porta, não existe casa.

Só se pode cultivar a paz, se antes plantarmos justiça social. Mas essa semente imprescindível está nas mãos de agricultores egoístas, com poder de semear e sem coragem de repartir os frutos. Preferem saboreá-los sozinhos, presos em enormes edifícios, atrás de grades, prisões de luxo, em carros sombrios por insul-film ou ainda, cercados por enormes muros humanos, que defendem propriedades e pensam proteger a vida. Mas nossa existência nunca esteve tão indefesa. Sempre preocupados com as luzes no céu, que não são estrelas. Identificam-se mais com os milionários de outros países que com a população miserável de seu território. Com essa conivência, consolidam a reprodução da dominação em esfera mundial na desigualdade das relações político-econômicas.

E será assim até que não lamentemos apenas a morte do jovem assassinado no sinal vermelho dentro do seu mais recente carro importado, mas quando aprendermos a derramar as mesmas lágrimas por aqueles que se entregam à sedução do tráfico. Nas guerras, já nos habituamos a esquecer as torturas, os estupros e todas as covardias dos considerados “vencedores”. Preferimos ampliar cárceres, propor redução da maioria penal, autorizar o Estado assassino por meio das mãos policiais. Recusamo-nos a reconhecer o fracasso do nosso sistema, tanto quanto rejeitamos a idéia da possibilidade de um delinqüente se regenerar.

Somente após resolvermos o problema da criminalidade, conseqüência direta da violência maior que é a corrupção, poderemos nos voltar para o próprio interior: nossas mágoas, ressentimentos e rancores. E no redemoinho de nós mesmos, descobrir que a busca incessante pela paz obriga-nos a travar combates intermináveis, na tentativa de

conservá-la conosco por pelo menos mais um instante. Árduas batalhas para inibir até mesmo o desejo natural de vingança contra o inimigo declarado que primeiro nos atacou. Aprender a dizer “não” à ordem do governante insensato, sem tēmer tudo que a palavra desertor traz consigo, em nome de nossa vontade de adormecer, quando a noite se aproxima. Já dizia Freud que a civilização reprime os desejos dos homens à custa da felicidade. Somos infelizes. Mas quem disse que somos civilizados?

*“Peace can only be cultivated
if social justice is planted before it”*

You leave home certain that when you come back, you will find everything exactly as it was before you left. You know that you can sit by the sea at any time of the day or night, whenever an existential crisis strikes, and are able to share the pain of simply being human with the horizon. And if you were to accidentally forget your keys on your front door, you will still find them there when you return, smiling back at you as if they were pulling a prank on you. Just a memory game for entertainment. Small indications that leave us absolutely sure that everything is alright.

It is not enough just to wish for peace. White T-shirts do not clean the disturbing social stains. The infinite horizon line separates a lot more than just the sky from the ocean. They are both blue but they are not the same. Some people can't even hope to find everything in place once they return simply because they don't have anything to begin with. They only live with the awkward emptiness of the refrigerator and the distressful rumble of their stomachs. Not everyone can laugh about the forgotten keys on the front door because not everyone has a door or a house for starters.

Peace can only be cultivated if social justice is planted before it. However, these indispensable seeds are in the hands of selfish farmers who have the power to sow but lack the courage to share the profits. They'd rather taste the fruits on their own, imprisoned in tall buildings, behind security gates, luxurious prisons, in dark cars protected by bullet-proof window screens, surrounded by immense human walls that supposedly protect human life and property. Nonetheless, our existence has never been more frail. People are more preoccupied with shining than watching the stars shine. They relate more to the rich from other countries than with their own population's misery. With their international obsession, they reproduce and solidify the overbearing inequalities of political-economic relations all over the world.

And it will continue to be this way until we are able to shed the same tears that we've spilled over a young teenager murdered in his newly imported car, over those we have lost to drug traffic as well. During wartime, we condition ourselves to forget about the tortures, rapes and other cowardly acts executed by the “winning side”.

We'd rather enlarge our prison cells, propose legal age reduction, and condone State murder by the hands of corrupt policemen. We refuse to see the downfalls of our system in as much as we reject the idea that a delinquent might be rehabilitated into society.

Crime is a direct violent consequence of corruption, and we will only be able to look within – to our own sorrows, resentments, and grudges – after we have crime under control. And inside our storm of sentiments, we should understand that the incessant search for peace and the desire to keep it for at least a few more seconds, obliges us to thwart endless battles. We should fight arduously to inhibit the natural instinct of vengeance against the declared enemy who supposedly made the first attack. In the name of sound sleep, we should learn how to say “no” to the irrational leader without fearing the consequences that a word like “deserter” might bring. Freud used to say that civilization represses man's basic natural instincts for the sake of civilization's stability and happiness. However, we are unhappy. But then again, who ever said we were civilized?

“La paix ne peut pas être cultivée avant que ne soit implantée la justice sociale”

Être sûr qu'en rentrant l'on retrouve tout à sa place. Quand l'on est étouffé par ce mal-être à n'importe quel moment du jour ou de la nuit, savoir que l'on peut s'asseoir sur le sable au bord de la mer et partager avec l'horizon toute la souffrance d'être simplement créature humaine et rien de plus. Si, par mégarde, tu as oublié la clé sur la porte, tu la retrouveras dans la serrure, souriante, comme si elle t'avait joué un mauvais tour; ce n'est qu'une plaisanterie de la mémoire, juste pour détendre. Des petits exemples pour étayer la pleine certitude que tout se passe bien.

Il ne suffit pas de souhaiter la paix. Les vêtements blancs n'arrivent pas à nettoyer les horribles taches sociales. La ligne infinie de l'horizon ne sépare pas que le ciel de la mer.

Tous les deux sont bleus, mais ils ne sont pas égaux. Il n'est pas donné à tout le monde avoir envie de retrouver ses affaires à leur place simplement parce qu'il y a beaucoup de gens qui n'ont absolument rien. Rien que le vide effroyable du réfrigérateur et le creux assourdissant de l'estomac. Beaucoup de gens ne peuvent même pas se marrer d'avoir oublié la clé sur la porte parce qu'ils simplement n'ont pas de logis.

La paix ne peut pas être cultivée avant que ne soit implantée la justice sociale. Mais cette graine indispensable se trouve en possession d'agriculteurs égoïstes, détenteurs exclusifs du pouvoir de la semer, mais dépourvus du courage de partager leurs fruits. Ils préfèrent les savourer tout seuls, confinés dans des immeubles énormes, derrière de

grilles, disons-le, dans des prisons de luxe, à l'intérieur des voitures obscurcies dont les vitres sont recouvertes du feuillet, ou encore, encerclés par d'énormes murs humains qui défendent leurs propriétés et sont censés protéger leur vie. Mais notre existence ne s'est jamais trouvée dans une situation si vulnérable, sans défense. Toujours préoccupés des lumières dans le ciel qui ne sont pas des étoiles. Ils s'identifient plutôt à des millionnaires d'autres contrées qu'à la population misérable de leur pays. Forts de cette connivence, basés sur l'inégalité des relations politico-économiques, ils consolident la reproduction de leur domination à l'échelle planétaire.

Et tout restera pareil jusqu'à ce qu'en regrettant la mort du jeune assassiné devant un feu rouge, au volant de sa bagnole tout fraîchement importée, nous aurons appris aussi à verser les mêmes larmes pour ceux qui se laissent séduire par le trafic de stupéfiants. Dans les guerres, nous sommes entraînés à oublier vite les tortures, les viols, et toutes les effronteries de ceux qui sont considérés les "vainqueurs"; nous préférons agrandir les prisons, proposer la réduction de l'âge de la majorité pénale, permettre l'état de fait d'un État assassin par l'intermédiaire de ses propres policiers. Nous nous refusons à reconnaître l'échec de notre système, de même que nous rejetons l'idée de la possibilité de régénération d'un délinquant.

Ce n'est qu'après avoir trouvé des solutions pour résoudre le problème de la criminalité - conséquence directe de la corruption qui est une autre violence, encore plus criante - que nous aurons la possibilité de nous retourner vers notre for intérieur pour faire face à nos chagrins, nos ressentiments et nos rancunes. Et emportés par notre propre tourbillon, nous allons découvrir que la quête inlassable de la paix nous oblige à engager des combats interminables afin d'essayer de la garder avec nous, ne serait-ce que pour un instant de plus. Nous aurons à affronter des batailles pénibles pour inhiber le désir naturel de vengeance contre l'ennemi déclaré qui nous a attaqué le premier. Il nous faudra apprendre à dire "non" aux ordres du gouvernant insensé, sans rien craindre de ce qui renferme le mot déserteur, au nom de notre envie de nous endormir quand la nuit s'approche. D'après les propos de Freud lui-même, la civilisation réprime les désirs des hommes au détriment de leur bonheur. Nous sommes malheureux. Mais y aurai-t-il quelqu'un pour dire que nous sommes civilisés?

“ ...o processo de violência inicia-se no momento em que se invade a esfera da privacidade e da individualidade do outro”

Roberta Figueira Tigre Maia

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Atualmente, as manifestações de violência ecoaram e se multiplicaram de tal forma que a paz passou a constituir uma realidade cada vez mais utópica. Entretanto, os cidadãos do mundo não devem se acomodar frente do caótico cenário de “guerra” que caracteriza grande parte de nossas cidades.

Ao contrário do pensamento incompleto à que o senso comum pode vir a conduzir o indivíduo, a violência não se resume a balas perdidas, assassinatos e agressões corporais em geral: o processo de violência inicia-se no momento em que se invade a esfera da privacidade e da individualidade do outro. Tomemos como exemplo o preconceito racial, a forma talvez mais abusiva de violência, no sentido de desrespeito à cor do outro:

Se determinado indivíduo concebe pré-julgamento de seu semelhante dado sua cor e, a partir disso, passa a tratá-lo de forma desrespeitosa, está violentando a individualidade da vítima com seu preconceito, na medida em que enxerga a diferença como fator negativo.

Diante de tanta agressividade, o homem, muitas vezes, se desilude e acredita que não haja soluções acerca do distanciamento da paz.

Deste modo, incorpora a violência em sua concepção de normalidade e cala seu poder de cidadão. Entretanto, em seu interior, ainda sonha com a paz e com a tranquilidade dela advinda. Para este homem, a resposta é simples: para fazer valer seu sonho, basta não se deixar contaminar pela violência, ou pior, pela sensação de impotência que ela produz. Não há como fazer o papel de todos os cidadãos do mundo, então, é necessário que se desempenhe o seu de forma tal que se torne exemplo para seu semelhante.

E para aqueles homens que vêem na diferença um fator negativo, cuja existência traz conflitos e perturba a realização da paz, vale salientar que: quando aqueles que divergem em valores, cor, cultura, opção sexual e status se unirem, por espontânea vontade e em prol da valorização de uma semelhança maior e mais relevante do que qualquer diferença, por serem humanos, o mundo inteiro dará as mãos numa grande roda, e celebrará a verdadeira realização da paz.

“...the process of violence begins from the moment an individual’s privacy or sphere is invaded by another.”

Presently, the manifestations of violence have been echoing and multiplying in such a way that peace has become an ever-increasingly-utopian reality. Nonetheless, citizens of the world should not conform to the chaotic war scenario portrayed by most of our cities.

Contrary to a common misconception, violence is not limited to misguided bullets, murders and general physical aggressions. The process of violence begins from the moment an individual’s privacy or sphere is invaded by another. Let us take as an example, racial discrimination, which is arguably the most abusive form of violence concerning disrespect for someone else’s skin color: If a specific individual judges another individual based on his or her skin color, and in light of that starts treating him or her disrespectfully, this individual is violating his or her victim’s individuality through prejudice. And will do so as long as the intolerant individual perceives human differences as something negative.

With so much aggression before them, man sometimes loses hope and believes that there are no solutions for the distancing of peace. Thus, he incorporates violence as a “normality” and silences his citizen rights. However, deep within, he still dreams of peace and the tranquility provided by it. For that man the answer is simple: in order to make the dream come true, you only need to avoid becoming contaminated by violence or worse, by the sensation of impotence that it might cause. It is impossible to take on every citizen’s role, yet one might exercise his own in such a way that it may serve as an example to fellow citizens all over the world.

And it is worth mentioning for those who perceive human differences as something negative and whose very existence brings about conflicts and blocks the path towards peace: that when those who differ in color, creed, culture, sexual orientation, and social status come together on their own will, to celebrate their differences as well as the utter most unifying similarity of being human above all, the whole world will be joined in hands and celebrating true peace.

*“ ...le processus de violence est déclenché
au moment où il y a l’invasion de la sphère de la
privac   et de l’individualité d’autrui ”*

Actuellement, les manifestations de violence répercutent et se multiplient d’une telle façon que la paix n’est devenue qu’une réalité de plus en plus utopique. Cependant, les citoyens du monde ne peuvent pas fermer leurs yeux devant le scénario chaotique de “guerre” qui caractérise la plupart de nos villes.

Contrairement à une vision tronquée qui par le biais du sens commun peut induire l’individu en erreur, la violence ne se résume pas à des balles perdues, ni à des assassinats, ni à des agressions corporelles; en fait, le processus de violence est déclenché au moment où il y a l’invasion de la sphère de la privac   et de l’individualité d’autrui.

Prennons l’exemple du préjugé racial, peut-être, la forme la plus abusive de violence concernant le manque de respect à la couleur de la peau d’autrui: Si un individu quelconque conçoit un “pré-jugement” de son semblable en fonction de la couleur de sa peau, en adoptant après coup un comportement de mépris envers lui, dans ce cas-là son préjugé fait violence à l’individualité de la victime dans la mesure où il finit par envisager la différence en tant que facteur négatif.

Face à une agressivité si intense, l’homme se d  trompe souvent et est amené à croire qu’il n’y aie pas de solutions pour rendre la paix plus proche de lui. Cela étant, il incorpore la violence à sa conception de normalité et fait taire son pouvoir de citoyen. Toutefois, dans son for intérieur, il continue à rêver de la paix, et partant de la tranquillité. Pour cet homme, la réponse est simple: pour faire valoir son rêve, il lui suffit de ne pas se laisser contaminer par la violence, ou pis encore, par la sensation d’impuissance produite par elle. Vu l’impossibilité de jouer le rôle à la place de tous les citoyens du monde, alors il faut que chacun joue le sien de telle façon qu’il devienne un exemple pour son semblable.

Et à tous les gens qui considèrent la différence comme un facteur négatif, dont l’existence même crée des conflits et empêche l’accomplissement de la paix, nous voulons rappeler qu’au moment où tous ceux qui sont différents en fonction de leurs valeurs, de la couleur de leur peau, de leur culture, de leur option sexuelle et de leur statut social, réussiront à se rassembler d’une façon libère et spontanée en faveur de la valorisation d’une ressemblance - du fait qu’ils sont tous des êtres humains - encore plus forte et plus importante que n’importe quelle différence, alors le monde entier se donnera les mains pour parfaire une grande ronde et pour célébrer le véritable accomplissement de la paix.

“...o paradoxo maior encontra-se no
fato de nos acharmos uma raça superior,
“animais racionais”.”

Rodrigo Bird Burgos

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/Rio

Não deveria ser necessário pedir paz. Mas, para o ser humano, é preciso conhecer o sofrimento para dar valor à alegria. É preciso conhecer a morte para dar valor à vida. É preciso conhecer o abandono para dar valor ao amor. E é preciso conhecer a guerra e suas conseqüências para dar valor à paz. Gilberto Gil traduziu tal sentimento em palavras: “Uma bomba sobre o Japão fez nascer o Japão da paz”.

Num mundo no qual a ética deixou de ter significado, sendo substituída por leis e códigos de conduta, transformando-se em recurso escasso, o ser humano foi posto em segundo plano. As atitudes não são mais baseadas em boas intenções, mas no temor da punição. As diferenças não são mais vistas como enriquecedoras, ao contrário, são tratadas como o joio que deve ser separado do trigo.

Entretanto, o paradoxo maior encontra-se no fato de nos acharmos uma raça superior, “animais racionais”. Pois nos tornamos irracionais para defender interesses. E, ao contrário de outras espécies menos desenvolvidas, não temos a força bruta como única forma de expressão. Nós temos palavras! Nós temos gestos! Nós temos sorriso! Temos a capacidade de amar, e não apenas um instinto de preservação! Animais não têm tais recursos, portanto só lhes resta travar batalhas para assegurar sua sobrevivência. Cada vez que algum ato de violência é cometido, não nos igualamos aos animais, tornamo-nos mais primitivos do que eles. Porque os animais não têm escolha, obedecem a seus instintos. Nós temos escolha!

A civilização trouxe um problema para a humanidade: a necessidade de se imporem limites ao ser humano. O indivíduo, ao se deparar com tais limites e as punições cabíveis a quem ultrapassá-los, deixa de ser livre. O respeito ao próximo, portanto, em vez de se tornar uma necessidade básica, torna-se uma obrigação. Algo que deveria brotar espontaneamente passa a ser exigido. Órgãos, que foram criados com o objetivo de assegurar a tranqüilidade, muitas vezes, usam da violência para “manter” a paz. É como bater numa criança para ensinar-lhe a não ser agressiva.

A atitude correta não é pedir paz, mas fazê-la acontecer. Se não houvesse armas, não haveria assassinatos. Se não houvesse desigualdade, não haveria roubos. Se não houvesse preconceito, não haveria exclusão. Enquanto não houver diálogo, o mundo não terá paz.

“...the greatest paradox is the fact that we consider ourselves a superior race, “rational animals”.

It shouldn't be necessary to ask for peace. However, humans need to experience pain to value joy. They need to understand death in order to appreciate life. Love is only cherished after they experience abandon. And it is necessary to experience war and all its consequences in order to give value to peace. Gilberto Gil¹ was able to express such sentiment in words: “A fallen bomb over Japan was what caused the Japan of Peace to be born.”

In a world where ethics has lost its meaning and become a scarce resource substituted by laws and codes of conduct, the human individual is no longer considered a priority. Attitudes are no longer based on good intentions, but in the fear of punishment. Differences are no longer treated as enriching, on the contrary, they are seen as annoying weeds that need to be separated from the wheat.

Moreover, the greatest paradox is the fact that we consider ourselves a superior race, “rational animals”. Yet we become irrational to defend our interests. And, contrary to other less developed species, we are not restricted to brutal force as our only form of expression. We have words! We have body language! We have laughter! We possess the ability to love and not only live by the instinct of preservation. Animals do not possess resources and are thus obliged to battle against each other as a means of assuring survival. Each time an act of violence is committed, we stoop to a more primitive, and not equal, level in relation to animals. For animals have no choice, they obey their instincts. We always have a choice!

Civilization imposed an obstacle against humanity: the necessity to establish limits for all human individuals. Upon facing such limitations and the consequent punishments of transgression, the individual ceases to be free. Mutual respect, instead of becoming a basic need, turns into an obligation. Something that should sprout naturally is now demanded of. Many times, institutional organs that were founded with the objective of securing tranquility use violence to “maintain” peace. It's like hitting a child to teach it not to be aggressive.

The right attitude is not asking for peace, but making it happen. If there were no guns, there would be no assassinations. If there was no inequality, there would be no robberies. If there was no prejudice, there wouldn't be social exclusion. As long as there is no dialogue, the world won't be able to enjoy peace. (Footnotes)

¹ Famous Brazilian contemporary song-writer and singer.

“...le plus grand paradoxe est
celui de nous nous considérer une race
supérieure, des ‘animaux rationnels’”

La paix, il ne faudrait pas la demander. Pourtant, ce n'est qu'en éprouvant de la peine que l'être humain met en valeur le bonheur. Il nous faut passer par la mort pour mettre la vie en valeur. Il nous faut être délaissés pour mettre en valeur l'amour. Et il faut faire la guerre et en pâtir de ses conséquences pour trouver la juste valeur de la paix. Gilberto Gil* a réussi à traduire un tel sentiment par ces mots: "C'est une bombe lancée sur le Japon qui a fait naître le Japon de la paix".

Dans un monde où l'éthique n'a plus de sens, étant remplacée par des lois et des lignes de conduite dont la portée est assez restreinte, l'être humain ne joue qu'un rôle secondaire. Le comportement n'est plus orienté par les bonnes intentions, mais dicté par l'évitement du châtement. Les différences n'étant plus considérées comme enrichissantes sont plutôt envisagées comme de l'ivraie à être séparée du bon grain.

Cependant, le plus grand paradoxe est celui de nous nous considérer une race supérieure, des "animaux rationnels"; hélas, nous devenons irrationnels pour la défense d'intérêts mesquins. Et, contrairement aux autres espèces moins développées, nous n'avons pas que la force brute comme notre seule forme d'expression. Nous disposons de la parole! Des gestes! Du sourire! Au lieu du seul instinct de préservation, nous sommes capables d'aimer! Quant aux animaux, dépourvus de ces moyens, ils ne leur restent qu'à engager des combats pour assurer leur survie. À chaque fois que nous pratiquons un acte de violence, nous nous plaçons non pas au même rang des bêtes, mais plutôt nous devenons plus sauvages qu'eux. Car sans avoir la capacité de choisir, les animaux ne font que suivre leurs instincts. Mais, quant à nous, nous avons le choix!

Avec la civilisation, l'humanité s'est trouvée face à ce problème: le besoin d'imposer des limites à l'être humain. Confronté à ces contraintes ainsi qu'aux sanctions qui s'y rapportent, l'individu n'est plus libre. Le respect au prochain devient une obligation et non pas une nécessité de base. Ce qui devrait jaillir spontanément devient un devoir. Mis en place pour assurer la tranquillité des gens, certaines institutions font usage souvent de la violence pour "soutenir" la paix. Comme si l'on mettait à frapper un enfant pour lui apprendre à ne pas être agressif.

Au lieu de demander la paix, la bonne attitude serait de faire en sorte qu'elle soit présente dans notre quotidien. S'il n'y avait pas d'armes, il n'y aurait pas non plus de meurtres. S'il n'y avait pas d'inégalités, il n'y aurait pas non plus de vols. S'il n'y avait pas de préjugés, il n'y aurait pas d'exclusion. Sans l'instauration du dialogue, l'on ne jouira jamais de paix.

* Compositeur/parolier/chanteur, et actuel ministre de la Culture du Brésil.

“A paz de viver dentro
de princípios tão deturpados como
liberdade, ética e cidadania”.

Rossana Maria Miranda Vasconcelos

ISECENSA

Sou de um tempo, não tão distante assim, de cadeiras na calçada para a conversa agradável nas noites de calor. Enquanto os adultos conversavam, corríamos pela rua e jogávamos “queimado”, brincávamos de esconde-esconde, pique-pega, pique-bandeira. Ou então, ficávamos na calçada ensaiando os primeiros olhares e pressentindo a chegada do primeiro amor. Não existia o “ficar”, nem o “partir”, porque as sensações prolongavam-se como um sonho por vários dias. Não sei exatamente se éramos mais felizes que os prematuros adolescentes da pós-modernidade... Tínhamos também nossos conflitos, pequenos medos e pouca informação sexual.

No entanto, entre amores platônicos, bailes, discotecas, ponche, saídas furtivas no final da tarde depois da escola... tudo era, para nós, encantamento, torpor, felicidade, sonho... Neste momento em que faço esta reflexão sobre aqueles tempos, percebo que tínhamos ao nosso redor a inocente paz de passear à noite pelas ruas do bairro e nossos medos resumiam-se em sermos atacados por um cão perdido na rua ou encontrar um bêbado caído na calçada.

Queria muito que meus filhos pudessem viver um pouco dessa paz. Sem a clausura dos games, do próprio quarto. O simples caminhar pela rua sem bala perdida. Noites mais serenas. Ruas sem patamos e sirenes fazendo estardalhaço, tantos fantasmas reais que impedem que eles sejam plenamente felizes. Sei que hoje, meus filhos e o mundo são reféns do desconhecido, exilados em prédios de muita segurança, câmeras que controlam, portões com controle remoto, vigias, interfones, olho-mágico, gente vigiando gente, máquinas controlando vidas.

Quando penso na paz que tínhamos, até sinto uma certa repulsa pela tecnologia que, ao mesmo tempo, nos liberta e nos escraviza. Então, como uma mulher de um novo tempo, faço meditação, leio o Mestre Dalai Lama, livros de auto-ajuda, busco uma paz em meio às cobranças profissionais, à loucura do trânsito, à escravidão das horas, ao tempo cronometrado para estudar, trabalhar, lavar a louça, pegar os filhos na escola, correr, ter, cumprir metas, chegar, viver... viver... (?) Especulo sobre o caminho de Santiago e penso que, nesta rota, livre e desprovida de tudo, posso encontrar o que perdi. Uma paz que, a todo momento, eu busco.

Mas sei que, perto ou longe daqui, as intolerâncias ampliam-se e hoje ninguém mais relaxa no bate-papo das cadeiras na calçada. Então, fecho os olhos e nostalgia-

mente viajo até o subterrâneo das memórias e deixo o coração transbordar de lembranças e procuro compartilhar com meus filhos histórias que vivi, ouvi, num ritual quase primitivo. Porque essa é a paz que busco. Essa é a paz que eu desejo ao meu próximo e ao distante. A paz das ruas. A paz nas ruas. A paz nas noites. A paz nos noticiários. A paz nas escolas. A paz nas famílias. A paz de viver dentro de princípios tão deturpados como liberdade, ética e cidadania.

“The peace of mind to live according to the “deranged” principles of liberty, ethic and citizenship.”

I come from a not-so-distant time, where chairs were laid out on the sidewalk for a pleasant talk. While the grown-ups talked, we ran up and down the streets and played dodgeball, hide and seek, “catch”, and catch to the flag. Or else, we would hang around the sidewalks trying on our first flirtatious looks and anticipating the arrival of our first love. There were no “hook ups” or “one night stands” because the sensations would extend themselves over many days, just like a dream. I’m not sure whether we were happier than the premature teenagers of the post-modern world... We had our conflicts and fears as well, and we had little access to sexual information.

Still, between platonic loves, dances, discos, strawberry punches, sneaking out by the end of the afternoon after school... everything was for us, magical, exhilarating, happy, dream-like... As I reflect about those times, I presently realize that we sustained an innocent peace of mind that allowed us to stroll through the neighborhood streets at night. Our only fear was that of being attacked by a stray dog or of encountering a fallen, drunken man on the sidewalks.

I wish my children could live under this kind of peace. Without having to be secluded to video games and their own rooms. And being able to walk down the streets without being hit by a misguided bullet. Followed by serene nights. Streets without fools and sirens that cause sound pollution. There are so many real ghosts that prevent them from being fully happy. I now know that my children and the rest of the world are hostages of the unknown, exiled inside high-security buildings, overbearing video cameras, remote controlled gates, security guards, intercoms, peep holes, people watching people, machines controlling lives.

When I think about the peace we used to enjoy, I feel a certain repulsion towards technology that simultaneously frees and enslaves us. Still, as a modern woman, I meditate, read books by the Dalai Lama and self-help books, search for inner peace in the midst of professional demands and traffic madness; while being slave to the clock, having my time chronometered by studies, work, washing the dishes, picking up the

kids from school, running, accomplishing goals, arriving, living... living... (?) I think about the Path of Saint James and wonder if in a route that is free and relinquished of everything, I would be able to find what I've lost. The certain kind of peace that I'm constantly looking for.

Yet I know that no matter how far or near, intolerance is a spreading disease and nobody relaxes anymore and lays their chairs out on the sidewalk for a pleasant talk. So I close my eyes nostalgically and travel all the way back to my memory subconscious, allowing my heart to overflow with reminiscence and try to share the stories that I lived and heard with my kids in an almost primitive ritual. Because this is the kind of peace that I search for. This is the kind of peace that I wish upon my relatives and strangers. Peaceful streets. Peaceful nights. Peaceful news. Peaceful schools. Peace within families. The peace of mind to live according to the "deranged" principles of liberty, ethic and citizenship.

“La paix de vivre en conformité avec des principes si dénaturés tels que la liberté, l'éthique et la citoyenneté”

Dans mon enfance, un temps qui n'est pas si éloigné que ça, il y a avait des chaises sur le trottoir pour que les gens puissent causer paisiblement, lors des soirées de la saison chaude. Pendant que les adultes échangeaient entre eux, nous courions dans la rue et nous jouions au chat-perché, à cache-cache, à saute-mouton, à colin-maillard. Ou, alors, nous restions sur le trottoir, jetant les premiers regards appuyés et pressentant l'arrivée du premier amour. Un béguin, quoi, dont les sensations se prolongeaient durant plusieurs jours comme s'il s'agissait d'un rêve. Je ne sais pas exactement si nous étions plus heureux que les adolescents prématurés de la post-modernité... Nous avions aussi nos conflits, nos petites craintes et peu d'informations sur la vie sexuelle.

Nos amours platoniques, nos fêtes, la fréquentation des discothèques, les bols de *punch*, les sorties furtives en début de soirée après les cours... tout cela était pour nous de l'enchantement, de l'assoupissement, du bonheur, du rêve... Au moment même où j'entreprends cette réflexion sur ces bons vieux temps, je m'aperçois que nous jouissions d'une paix si innocente qui nous permettait de nous promener, le soir, dans les rues du quartier, d'autant plus que nous n'avions peur que d'être dérangés par un quelconque chien perdu ou de rencontrer un ivrogne tombé par terre.

J'aurais aimé beaucoup que mes enfants aient la possibilité de vivre un tantinet de cette paix-là, au lieu d'être sous l'emprise des jeux vidéo et de rester enfermés tout le temps dans leur chambre. De marcher tranquillement dans la rue sans le risque d'être frappés par une balle perdue. Des soirées plus sereines. Des rues sans les sirènes d'alarme,

autant de fantômes réels qui leur empêchent d'être pleinement heureux. Je sais qu'aujourd'hui mes enfants et le monde sont devenus des otages de l'inconnu, des exilés à l'intérieur d'immeubles dotés de systèmes sophistiqués de sûreté: vidéosurveillance, télécommande du portail, interphone, judas grillagé sur les portes, en somme, des gens qui surveillent d'autres gens, des machines qui contrôlent nos vies.

Quand je pense à la paix dont nous jouissons, il m'arrive d'expérimenter un certain rejet par rapport à la technologie qui tout à la fois nous libère et nous rend des esclaves. Alors, en tant que femme d'un nouveau temps, je pratique la méditation, je lis les ouvrages du Maître Dalai-Lama, des livres concernant le développement personnel, je recherche la paix quand je suis en train d'accomplir mes obligations professionnelles, ou coincée dans des embouteillages monstres, ou en me soumettant au temps chronométré pour étudier, pour aller au bureau, pour faire la vaisselle, pour aller chercher mes enfants au collège, et encore pour courir, pour m'approprier des choses, pour honorer des compromis, pour arriver à l'heure, pour vivre... vivre... (?) Je me laisse plonger dans des spéculations sur le Chemin de Saint-Jacques et je pense que dans cette voie, libre et dépourvue de tout, je pourrais retrouver ce qui j'ai perdu. Une paix que je ne me lasse pas de chercher.

Mais je sais que, près ou loin d'ici, l'intolérance ne fait que s'amplifier et aujourd'hui personne n'a plus le temps pour se détendre en bavardant assis dans les chaises sur le trottoir. Alors, je ferme mes yeux et nostalgiquement je me promène jusqu'au tréfonds de ma mémoire et je laisse les souvenirs transvaser de mon coeur et je cherche partager avec mes enfants des histoires que j'ai vécues moi-même et d'autres dont j'ai entendu parler en me servant d'un rituel presque primitif. Car c'est bien de cette paix dont je suis à la quête. C'est bien cette paix que je souhaite à mes semblables, aussi bien proches que lointains. La paix de la rue. La paix dans les rues. La paix dans les nuits. La paix dans les nouvelles des média. La paix dans les écoles. La paix dans les familles. La paix de vivre en conformité avec des principes si dénaturés tels que la liberté, l'éthique et la citoyenneté.

“Cultive a paz no coração,
pois a mesma só pode se propagar, se você
a tiver dentro de si mesmo”

Rozilda Batista Neri
Universidade Gama Filho

No mundo perdido pela violência, sem amor, respeito, consciência e limites, é que somos obrigados a conviver com as cenas mais chocantes e tristes, do dia-a-dia de nossas vidas. Por isso, devemos “escrever a paz” onde quer que estejamos, não importa o país, a hora ou o lugar em que nos encontramos.

Cultive a paz no coração, pois a mesma só pode se propagar, se você a tiver dentro de si mesmo.

Vamos achar o “mundo perdido pela falta de paz” e trazê-lo de volta como um mundo melhor para todos, onde poderemos olhar o sorriso de uma criança, o desabrochar de uma flor, o brilho das estrelas e o azul do mar; são por estas e outras maravilhas que a natureza nos oferece, que devemos parar para refletirmos a paz.

Que as “guerras” sejam abolidas da Terra! Que o amor vença o ódio! Que o sangue de inocentes pare de ser derramado!

Que as armas que tiram vidas causando a dor e a destruição sejam substituídas pelas armas do amor e da persuasão. Para mudarmos esta realidade tão cruel no mundo, devemos acreditar no amanhã e trilharmos caminhos sem espinhos, fazendo de cada ser humano UM ESCUDO DA PAZ.

*“Tudo que aqui ele (Jesus) deixou, não passou e vai sempre existir,
flores nos lugares que pisou e um caminho certo para seguir...”*

(Roberto Carlos)

*“Cultivate peace in your heart,
for it can only spread if you first have
it inside yourself.”*

In a world lost to violence, without love, respect, consciousness and limits, we are forced to live side by side with life's most shocking and sad daily pictures. Hence, we should “write peace” wherever we find ourselves, regardless of what country, time or place we might be in.

Cultivate peace in your heart, for it can only spread if you first have it inside yourself.

Let us find the “world lost by lack of peace” and bring it back as a better world for all, where we could see children smiling, have time to watch a flower bloom, see the stars in the sky and the ocean blue. It is for these and other marvelous things offered by nature, that we should take the time to ponder over peace.

That wars be abolished from Earth! That love should win over hate! That no more innocent blood should be spilled!

That the weapons that take lives and cause pain and destruction be replaced with tools of love and persuasion. To be able to change our harsh reality, we have to believe in the future and trace thornless paths. We have to turn every human being into a SHIELD OF PEACE.

*“Everything that He (Jesus) has left here, has not withered and will always exist,
as well as flowers over the places he stepped and the way of righteousness to follow...”*

Song by Roberto Carlos

*“Cultive la paix dans ton coeur;
en fait, elle ne se propage que si tu la gardes
à l’intérieur de toi-même”*

C’est dans un monde submergé par la violence, sans amour, ni respect d’autrui, sans valeurs et sans limites, que nous sommes obligés à faire face à des scènes les plus choquantes et tristes de notre quotidien. Pour cela, nous devons “écrire la paix” où que nous soyons, n’importe dans quel pays et à chaque instant.

Cultive la paix dans ton coeur; en fait, elle n’arrive à se propager que si tu la gardes à l’intérieur de toi-même.

Nous allons trouver le “monde perdu à cause du manque de paix” et faire en sorte qu’il devienne un monde meilleur pour tous, dans lequel nous puissions regarder le sourire d’un enfant, l’épanouissement d’une fleur, l’éclat des étoiles et le bleu de la mer; c’est en fonction de ces merveilles, et encore beaucoup d’autres que nous offre la nature, que nous devons nous arrêter pour réfléchir sur la paix.

Que les “guerres” soient effacées de la Terre! Que l’amour l’emporte sur la haine!
Que le sang des innocents cesse d’être versé!

Que les armes qui fauchent des vies, en entraînant la souffrance et la destruction, soient remplacées par les armes de l’amour et de la persuasion. Pour changer cette réalité si cruelle de notre monde, nous devons faire confiance à des lendemains plus heureux, en marchant par des chemins sans épines e en transformant chaque être humain en UN BOUCLIER DE LA PAIX.

*“Tout ce qu’il [Jésus] nous a laissé ne s’est pas évanoui et restera toujours:
des fleurs aux endroits par où il est passé et un chemin sûr à suivre...”*

*Roberto Carlos**

* Compositeur/parolier/chanteur qui jouit de grande popularité au Brésil.

*“ O homem não se prepara
para as conseqüências da conquista
de sua inteligência ...”*

Sabine Venuti dos Santos

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RIO

Paz, palavra ativa que se entende em diversos planos, um ímpeto de envolver possibilidades na memória coletiva. Escrever sobre a paz não é como fazer uma receita para alguém seguir passo a passo cada etapa, não tem regras, fórmulas, nem modelo a ser seguido.

A cada geração, uma nova consciência, uma perspectiva positiva de povos e culturas. A globalização aproximou-os de estranho tamanho que se misturam costumes, confundem-se idéias, surgindo imposições e interferência. O homem não se prepara para as conseqüências da conquista de sua inteligência e, no meio de suas conquistas, mistura paz e imposição.

A paz é o elo das nações, ela não invade territórios, ela transforma a consciência do homem que, numa busca frenética, não consegue olhar para o lado e perceber que, num gesto de gratidão, pode mudar um contexto, a paz significa calma, mansidão e tranquilidade, uma sincronia de sentimentos que supera diferenças.

Em meio às guerras, a imortalidade não foi alcançada e a importância de competir não traz segurança, mas cria um mosaico retalhado onde as afinidades, a fé, se apresentam como uma fronteira entre o objetivo e a relação entre classes. As discussões nos tempos da era da digitalização falam da reflexão e das desigualdades sociais, superando a prática da harmonia sem intenção da despedida dos adversários em construção da idéia primitiva da união dos povos na trajetória do conhecimento, do desenvolvimento, da estratégia que se chama paz.

Não, a paz é muito mais que isso, é mais apropriada; sua sabedoria é como paredes externas; cria uma intenção de propriedade, retratando o objetivo intrínseco das letras que traduzem uma lição de humildade, valorizando a descoberta para nós mesmos, que depende de cada cidadão promover a paz em sociedade.

“Humans are not prepared for the consequences of what they have achieved by means of intelligent thought...”

Peace, an active word understood in various levels and a catalyst of possibilities related to the collective memory. To write about peace is not like describing a step-by-step recipe for someone to follow. There are no rules, formulas, or patterns to be followed.

There is a new consciousness and a different positive perspective on people and cultures with every upcoming generation. Globalization has brought the “foreign” closer to home, it has mixed costumes, jumbled different ideas together, and has brought about impositions and interference. Humans are not prepared for the consequences of what they have achieved by means of intelligent thought. And somewhere in the midst of their intelligent conquests they mix up peace with imposition.

Peace is the tie among nations. It doesn't invade territories, and it transforms the human conscious, which is normally in a frenetic search and incapable of looking around and realizing that one single act of gratitude can change the context of things. Peace means serenity, tameness and tranquillity, as well as a synchrony of sentiments that can overcome differences.

Immortality has not been achieved during wars, and the emphasis in competition has not generated security. Instead, conflicts generate a fragmented mosaic where affinities and faith present themselves as an obstacle before the goal and the relationship between social classes. The digital era presents debates on contemplation and social inequality. Debates that discuss the subject of overcoming the practice of harmony, without the intention of eliminating adversaries, in order to build on top of the primitive idea of uniting people in the path towards knowledge, development, and a strategy called peace.

No, peace is much more than this. It is more appropriate. It's wisdom resembles external walls; creating the concept of property, portraying the intrinsic letters that translate a lesson of modesty, and valuing the self discovery that reveals that it takes each one of us, citizens, to promote peace in society.

“L’homme n’est pas préparé pour faire face aux conséquences des conquêtes de son intelligence...”

Paix! Voici un mot dynamique qui peut être entendu sous divers plans, un élan que prétend engager des possibilités dans la mémoire collective. Écrire sur la paix ne se ressemble pas du tout à élaborer une recette dont les différentes étapes devraient être suivies pas à pas; il n’a guère de règles, ni de formules, ni de modèle à suivre.

À chaque génération, correspond une nouvelle conscience, une perspective positive des peuples et des cultures. La mondialisation les a rapprochés d’une étrange façon en rassemblant les coutumes, en confondant des idées, en faisant surgir des impositions et des interférences. L’homme n’est pas préparé pour faire face aux conséquences des conquêtes de son intelligence; ainsi, il ne sait plus distinguer la paix de la contrainte.

La paix est l’alliage des nations, elle n’envahit pas des territoires, elle transforme la conscience de l’homme. Poussé par une quête frénétique, celui-ci n’arrive plus à jeter un coup d’œil autour de lui ni à s’apercevoir qu’il lui suffit d’un geste de gratitude pour changer un contexte: la paix veut dire du clame, de la douceur et de la tranquillité, une synchronie de sentiments qui surpasse les différences.

Au milieu de tant de guerres, l’immortalité reste encore à atteindre; en outre, l’importance accordée à la compétitivité n’a pas apporté de la sécurité, mais elle crée plutôt un mosaïque fragmenté où les affinités et la foi se dressent comme une frontière entre ce qui est le but de la société et le rapport entre les classes. Les discussions à l’époque de l’ère de la digitalisation s’occupent des inégalités sociales; elles visent la pratique de l’harmonie en accueillant la contribution des adversaires d’autant plus qu’il y a l’intention de reconstruire l’idée primitive de l’union des peuples, en s’appuyant sur la trajectoire de la connaissance, du développement, en somme, de la stratégie qui s’appelle paix.

Détrompez-vous! La paix est beaucoup plus que tout cela, il faut la rechercher au tréfonds de nous; sa sagesse nous donne une leçon d’humilité en nous amenant à découvrir que pour la vivre en société il va falloir que chaque citoyen y mette du sien.

*“ Compreender a paz significa
libertar-se de preceitos, ir além de preconceitos
que dissolvem laços fraternais ...”*

Samanta Susyan Santos Soto

Centro Universitário de Barra Mansa - UBM

Aqui está um tema instigante e paradoxalmente temeroso, de múltiplas idéias, formas, pensamentos e anseios, onde, a única certeza perpassa pelo caminho da esperança, igualdade, respeito e liberdade. Mas qual o verdadeiro significado para paz que melhor traduza a tranquilidade social ?

Naturalmente, tal retórica abarca a sociedade como o fulcro de todas as ações que refletem as modificações do capitalismo, assim como, questões religiosas e culturais. Questões estas responsáveis diretamente por processos conflitantes e hostis, antagônicos à paz; ocultando a importância que representa a conscientização coletiva do respeito às diferenças alheias, inerente ao homem.

Para tanto, transcrevê-la significa muito mais que mera definição, conceito ou ideação, pois, ultrapassa a barreira do consciente, da cognição e, sobretudo, da racionalidade materialista do ser humano. Compreender a paz significa libertar-se de preceitos, ir além de preconceitos que dissolvem laços fraternais, invadem nossa vida e nos roubam a possibilidade do mutualismo, colocando-nos em posição de predadores irracionais, insensíveis à reflexão honesta de sentir, no fundo da alma, essa cultura que clama por reconhecimento.

É preciso visualizar o próximo como um ser potencial em germinar essa miscelânea de sentimentos, alterando todo o contexto histórico vinculado ao ideal que pode e deve convergir ao eixo comum das coordenadas, que cultive e contribua para as bases de um mundo que respire e fale a favor da paz.

“ To understand peace means to free oneself from doctrines, go beyond the type of discrimination that breaks fraternal ties...”

Here is an instigating topic that is paradoxically dreadful, in addition to carrying multiple ideas, shapes, thoughts and cravings, and where the only certainty belongs to the path of hope, equality, respect and liberty. Yet, what would be the truest definition of peace that could best be translated to social serenity?

Naturally, a certain pretentiousness monopolizes society as the grounds for all activities that reflect the modifications made by capitalism, as well as religious and cultural issues. The latter being directly responsible for conflicting and hostile trends belligerent to peace. These trends hide the importance of a respectful collective conscious towards outside differences natural to humankind.

Nevertheless, transcribing peace is a lot more than finding its mere definition, concept or idealization. It goes beyond the limits of consciousness, of cognition, and above all, of human rational materialism. To understand peace means to free oneself from doctrines, and go beyond the type of discrimination that breaks fraternal ties and invades our lives to ensure that all possibilities of interdependency are vanquished. The type of discrimination that places us in the position of irrational losers, incapable of feeling the culture of peace that cries out for recognition deep within our souls.

It is necessary to visualize our fellow men as potential germinators of these miscellaneous sentiments capable of altering all historical contexts related to an ideal. And consequently, converging the ideal into a common axis of coordination, which would cultivate and contribute to a world that talks and breathes in favor of peace.

“Comprendre la paix cela veut dire se libérer de préceptes, passer au-delà des préjugés qui dissolvent les liens fraternels...”

Voici un thème instigateur et paradoxalement effrayant, susceptible de fomentier de multiples idées, formes, pensées et vœux; en tout cas, la seule certitude passe par la voie de l'espoir, de l'égalité, du respect réciproque et de la liberté. Mais quelle est la véritable signification de la paix, conçue comme la tranquillité sociale?

Naturellement, telle rhétorique aborde la société comme le pivot de toutes les actions qui reflètent les modifications du capitalisme, ainsi que des questions religieuses et culturelles. Il s'agit de questions qui se trouvent à l'origine de processus conflictuels et concurrents, et partant antagoniques à la paix; en plus, elles finissent par dissimuler l'importance d'une prise de conscience collective concernant le respect aux différences d'autrui.

Pour cela, une telle transcription veut dire beaucoup plus qu'une simple définition, concept ou idéation parce qu'elle dépasse la barrière du conscient, de la cognition, et surtout de la rationalité matérialiste de l'être humain. Comprendre la paix veut dire se libérer de préceptes, passer au-delà des préjugés qui dissolvent les liens fraternels, envahissent notre vie et nous dérobent la possibilité d'instaurer le mutualisme, en nous plaçant dans une position de prédateurs irrationnels, insensibles à la réflexion honnête de sentir, au tréfonds de notre âme, cette culture-là qui clame pour sa reconnaissance.

Il va falloir visualiser le prochain en tant qu'un être doté du potentiel pour faire germer ce brassage de sentiments, ce qui implique l'altération de tout le contexte historique actuel pour qu'il vise la convergence vers l'axe commun des coordonnées, en cultivant et contribuant pour créer les fondements d'un monde où il soit possible respirer et parler en faveur de la paix.

“ Uma guerra só acontece
porque conseguimos sobrepor nosso
instinto à nossa razão ...”

Samon Noyama

Universidade Estácio de Sá / Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

“É minha lei, é minha questão

Virar esse mundo

Cravar esse chão

Não me importa saber

Se é terrível demais

Quantas guerras terei que vencer

Por um pouco de paz”

(Chico Buarque e Ruy Guerra)

O mundo está cansado de si mesmo. Nós estamos cansados de nós mesmos. Porém, a questão da paz é essencial e mais importante que todos os nossos problemas. Guerra e paz são questões de sobrevivência. A paz é uma necessidade de humanização, de ajuda e compreensão da raça humana que tem uma finalidade de existência, evidenciada no mundo atual. Por outro lado, a guerra é a sobrevivência pelo medo, pelo desrespeito e pela dominação.

Se a guerra foi justificada assim como os conflitos permanentes entre povos, e, todavia, já sabemos as conseqüências e mudanças que trazem para a humanidade, devemos inverter esse esforço e construir um mundo de paz. A transformação da vida em sobrevivência, em função dos sistemas político-econômicos que criamos, é apenas o espelho do que nós mesmos somos. A paz é a guerra; uma dicotomia absolutamente dependente da sua própria relação contraditória.

Os seres humanos somos parcialmente instinto, exatamente no momento em que nossos desejos transcendem a nossa razão, a nossa consciência. Uma guerra só acontece porque conseguimos sobrepor nosso instinto à nossa razão, transformando nosso desejo em necessidade. Simplesmente racionalizamos algo tão não-racional para justificar e convencer-nos de que nossa ambição é racional.

Desejar é uma fraqueza e nós, por termos consciência, tentamos disfarçar desejos modelando-os como necessidade, pois esta sim, não é uma fraqueza. A necessidade é natural.

Mas porque falar tanto de guerra se a questão é a paz?

Podemos pensar numa maneira quase “mercadológica” de manifestar o sentimento de paz na humanidade. De fato, não se pode falar em paz sem falar em guerra. E se o que move a

guerra é a ambição, a transposição racional de um desejo, podemos fazer o mesmo com a paz. Se pensarmos a paz como um desejo, podemos sonhar, planejar e agir em função desse objetivo. É assim que funciona com a guerra. É assim que pode funcionar com a paz.

Portanto, devemos lançar mão de todas as nossas ferramentas para mudar o mundo e nunca abandonar o principal fundamento da liberdade que é, também, a nossa mais poderosa arma: o sonho. Se a faculdade de sonhar é a mais fértil da mente humana, devemos sonhar com a paz. É apenas uma proposta, mas não é a única. É imprescindível que sonhemos com a paz, porque assim podemos fazê-la invadir nossos corações.

“ War only happens
because we are able to superimpose
our instinct before our reason...”

*“This is my law, it's my duty
Turn this world around, nail the ground down,
I don't want to know if it's too terrible,
How many wars will I have to win
to obtain a little peace?”*

Song by Chico Buarque e Ruy Guerra

The world is tired of itself. We are tired of ourselves. However, the question of peace is essential and more important than all our problems. War and peace are issues of survival. Peace is a need for humanization, for aid and comprehension of the human race – which has a purpose to exist - as evidenced by our present world. On the other side, war is survival by fear, by disrespect and through domination.

If war and permanent conflicts among different people are justified as such, and if we are aware of the consequences they bring upon human kind, then we should try to invert the effort and build a world of peace. We presently mirror the definition of life as survival and as an extended function of economic-political systems. Peace is war; a dichotomy completely dependent on it's own contradictory relationship.

Human beings are partially instinct from the moment that they transcend reason and consciousness. War only happens because we are able to superimpose our instinct before our reason, converting our wants into indispensable needs. We simply rationalize something absolutely irrational to justify and convince ourselves that our ambition is rational.

Wants are weaknesses, but because we are conscious of them, we try to disguise our wants as needs. Needs aren't weaknesses. Needs are natural.

Yet, why do we speak so much about war if the issue is peace?

We could almost think up a “marketable” way of manifesting peaceful sentiments in humanity. It is true that we can’t talk about peace without mentioning war. Thus, if the pushing force behind a war is ambition as well as the rationalization of a “want” or craving, we could do the same for peace. If we think of peace as a want or desire, we could dream, plan and act towards this goal. The process works for wars. It might work for peace.

Hence, we should let go of all tools that claim they could change the world, without ever abandoning one of our most powerful weapons and the main basis for liberty: the dream. If imagination is humanity’s most fertile ground, then we should imagine and dream of peace. It’s one type of approach, but it’s not the only one. It’s essential that we should dream about peace, making it thus inevitable that it should take over our hearts.

“Une guerre ne survient que par
le fait que notre instinct finit par occuper
la place de notre raison...”

*“C’est ma loi, c’est ma question
Changer ce monde
M’approprier de ce fonds
Ça m’est bien égal d’apprendre
Si cela est trop mauvais
Combien de guerres il me faudra vaincre
Pour avoir un peu de paix”*

*Chico Buarque et Ruy Guerra**

Le monde est las de lui-même. Nous sommes las de nous-mêmes. Néanmoins, la question de la paix est essentielle et plus importante que tous nos problèmes. La guerre et la paix ce sont des questions de survie. La paix correspond à un besoin d’humanisation, d’aide et de compréhension de la part de la race humaine qui poursuit une fin, rendue évidente dans le monde actuel. À son tour, la guerre est la survie par la peur, par le manque de respect et par la domination des plus forts.

Malgré les voix en faveur de la guerre et des conflits entre les peuples, nous n’avons pas besoin de démontrer les terribles conséquences de ces agissements pour l’humanité;

alors, nous devons inverser cet effort en construisant un monde de paix. Nous ne pouvons pas accepter qu'en fonction de nos systèmes politico-économiques, la vie soit transformée en une course désespérée pour la survie. La paix c'est la guerre; voilà une dichotomie qui relève absolument de sa propre relation contradictoire.

L'être humain est constitué aussi par l'instinct qui se manifeste exactement au moment où nos désirs prennent la place de notre raison, et envahissent notre conscience. Une guerre ne survient que par le fait que notre instinct finit par occuper la place de notre raison, et notre désir se transforme en besoin. Simplement, quelque chose de non-rationnel devient rationnel car nous voulons justifier et nous rassurer que notre ambition est elle-même rationnelle.

Le fait même de désirer c'est bien une faiblesse, et quand nous en prenons conscience, nous essayons de dissimuler nos désirs en les modulant sous la forme de besoin lequel, justement, n'est pas une faiblesse. En fait, la nécessité c'est quelque chose de naturel.

Mais pourquoi parler tant de guerre si notre sujet concerne la paix?

Nous pouvons penser à une façon presque "mercantiliste" de manifester notre sentiment de paix vis-à-vis de l'humanité. En fait, il est impossible de parler de paix sans aborder le thème de la guerre. Et si le nerf de celle-ci c'est l'ambition, la transposition rationnelle d'un désir, nous pouvons partir de la même présupposition par rapport à la paix. Si nous pensons la paix comme un désir, nous avons la possibilité de rêver, de planifier et d'agir en fonction de cet objectif. Voilà ce qui se passe avec la guerre; alors, la même démarche pourrait avoir lieu par rapport à la paix.

Donc, nous devons faire usage de tous nos outils pour changer le monde actuel et ne jamais abandonner le fondement majeur de la liberté qui est aussi notre arme la plus puissante: le rêve. Si la faculté de rêver est la plus fertile de l'esprit humain, nous devons rêver de paix. Il ne s'agit que d'une proposition, d'autant plus qu'il y en a beaucoup d'autres. Il est indispensable que nous rêvions de paix de façon à ce que celle-ci vienne à s'emparer de nos coeurs.

* Compositeur/parolier/chanteur/écrivain et parolier/écrivain/cinéaste, respectivement.

“...Paz é um exercício que
deve começar dentro de casa”.

Shirley Acioli Calleia Postiga

Centro Universitário Plínio Leite – UNIPLI

No bate-papo da esquina, a aposta estava animada. Entre máquinas de jogos, meia dúzia de palavrões e um gole gostoso da loira gelada, o montinho com notas de R\$1,00 crescia. Joões, Josés, Paulos...eram apenas mais um rosto perdido no velho botequim. De repente, um corre-corre inesperado. Alguém saca uma arma e atira incoseqüentemente. Morre Sr. Pacífico, dono do bar.

Do outro lado da rua, um casal chamava a atenção. Um ciumento homem discutia, dando pequenos safanões na bela mulher. As pessoas, provavelmente vizinhos, comentavam que ele era muito violento. A discussão foi de parar o trânsito. Os curiosos, em meio a risos e vaias, incitavam a confusão: “- Porrada, Porrada, Porrada!”

Duas quadras adiante, um carro de polícia e uma ambulância parados. Um grave acidente, com vítimas, envolvendo quatro carros, tinha acabado de acontecer. Segundo comentários, um dos motoristas, em alta velocidade, cochilou ao volante. Era um jovem rapaz, de seus 20 anos, classe média-alta. Pelo relato do boletim de ocorrência, passara a noite numa daquelas festas de arromba. Morreu Serena, três anos, que viajava no banco da frente, no colo da mãe.

A poucos metros do local da batida, dois garotos, um de cada lado, esticavam uma faixa imensa toda vez que o semáforo ficava vermelho. Os dizeres, em letras garrafais, anunciavam: “Passeata pela PAZ – Amanhã - Concentração no Posto 6 – 08:00h – Por um mundo melhor!”.

No dia seguinte, sob um sol esplendoroso, a multidão. Todos de blusa branca, abanando seus lencinhos e pedindo PAZ. Entre os entusiasmados cidadãos, estavam os “Joões”, “Josés” e “Paulos”, aqueles do Bar do Sr. Pacífico; o casal que discutira violentamente no dia anterior; o rapaz que dormira no volante. Estavam também, eu, você, ele, nós.

Se a nossa vida fosse problema nosso, não nasceríamos atados ao cordão umbilical de nossas mães. O próprio excesso do uso dos pronomes possessivos já denunciam que somos dependentes uns dos outros. Não podemos achar que nossos atos e ações, sejam elas certas ou erradas, não têm nada a ver com quem está do nosso lado. Logo, sabemos que a Paz é um exercício que deve começar dentro de casa.

*“...Peace is an exercise
that should start in the home”.*

On a nearby street corner, the chat among friends becomes lively and agitated over a bet. In the midst of game machines, half a dozen insults and tasty sips of ice-cold beer, the heap of R\$1.00 bills grew. Johns, Joes, Pauls.... were all just another face lost in the old pub crowd. All of a sudden, there is a inexplicable rush of feet, hands and people through the bar. Someone takes out a gun and shoots inconsequently. Mr. Pacific, the pub owner, is killed.

On the other side of the street, a couple is turning heads. The jealous man shouts at his beautiful wife as he delivers small violent blows to her body. The people around, probably neighbours, comment on how violent the man was. The domestic fight causes a traffic congestion. Curious people laugh, boo and instigate the fight by yelling: “-Fight! Fight! Fight!”

Two blocks down, a police car and an ambulance are parked near a curb. A serious accident involving four cars and many victims has just occurred. According to second-hand comments, one of the drivers was going at great speed and fell asleep on his front wheel. He was a young, high middle-classed man in his 20's. According to the police bulletin of the events leading to the accident, the man had spent the night in one of those loud, endless parties. Serene, who was three years old died on her mother's lap in the front seat.

A few meters from the accident sight, two boys were holding the corner of an enormous sign, which they held up every time the traffic light turned red. The sign carried the following engraved message: “Walk for PEACE – Tomorrow – From Post 6 – 8:00 am – For a better world!”

The next day, a crowd gathered under a splendid sun. Everyone had on a white T-shirt and waved their white hankchieves asking for PEACE. Among the enthusiastic citizens, you could find the Johns, Joes, and Pauls from Mr. Pacific's bar, the couple that had argued violently the day before, and the young man who slept on his front wheel while driving. I was also there as well as you, and us.

If our lives were exclusively our problem, we wouldn't have been born attached to our mothers by an umbilical cord. Our mere excessive use of possessive pronouns is an indication of our inter-dependency. We can not go on thinking that our attitudes and actions, whether good or bad, has no affect on those around us. Hence, we can conclude that Peace is an exercise that should start in the home.

“...La paix est un exercice dont la pratique doit commencer chez nous”

En bavardant à batons rompus au coin de la rue, les paris étaient bien animés. Au milieu des machines à sous, d'un flot de gros mots et en savourant des gorgées d'une blonde bien gelée, le tas de billets d'un "real"* ne cessait pas de s'agrandir. Il y avait beaucoup de monde – un certain nombre de "João", "José", "Paulo"... en fait, chacun n'était plus qu'un visage perdu dans ce vieux estaminet. Tout d'un coup, les gens s'élancent précipitamment vers la rue: quelqu'un avait dégainé une arme et tiré au hasard; M. Pacifico**, le propriétaire du bar, venait d'être frappé à mort.

De l'autre côté de la rue, un couple attirait l'attention des passants. Un homme jaloux était en train de discuter avec sa jolie femme, et la secouait par le bras. D'après certaines personnes, probablement des voisins, il était un sujet très violent. Des automobilistes se sont arrêtés pour accompagner la dispute. Au milieu des éclats de rire, des sifflets et des huées, les badauds incitaient à la confusion : "Tapez-vous dessus, tapez-vous dessus!"

Deux quartiers plus loin, une voiture de police et une ambulance garés. Les agents prêtaient assistance aux victimes du grave accident qui venait de se produire entre quatre véhicules. D'après les témoins, l'un des chauffeurs qui conduisait à grande vitesse se serait endormi au volant; il s'agissait d'un jeune homme, âge d'une vingtaine d'années, issu de la classe moyenne fortunée. Selon le procès-verbal, il avait festoyé toute la nuit. Placée sur les genoux de sa mère qui occupait l'autre siège avant de l'automobile, Serena***, âgée de trois ans, est morte sur le coup.

À quelques mètres du local de la collision, dans un carrefour, deux garçonnetts déroulaient, à chaque fois que s'allumait le feu rouge, une immense pancarte portant ce message écrit en grosses lettres: "Manifestation pour la PAIX – Demain – Rassemblement au "Posto 6"**** – 08:00h – Pour un monde meilleur!".

Le lendemain, sous un soleil resplendissant, la foule. Tous portaient des T-shirt blancs, en bradissant leurs petits mouchoirs et en demandant la PAIX. Au milieu de tous ces citoyens enthousiastes, il y avait un certain nombre de "João", "José" et "Paulo", les mêmes qui se trouvaient dans le "Bar de M. Pacifico"; le couple qui, la veille, avait été le protagoniste de la violente dispute; et le jeune homme qui s'était endormi au volant de sa bagnole. Il y a avait aussi, moi, toi, lui, nous.

Si notre vie n'était qu'un problème personnel, nous ne serions pas nés attachés au cordon ombilical de nos mères. De même, l'usage exagéré des pronoms possessifs

dénonce que nous dépendons les uns les autres. Ainsi, tout notre agir, aussi bien le vrai que le faux, aura toujours quelque chose à voir avec celui qui se trouve à notre côté. Alors, sachons que la Paix est un exercice dont la pratique doit commencer chez nous.

* *Unité monétaire principale du Brésil.*

** *Littéralement, Pacifique.*

*** *Littéralement, Sereine.*

**** *Emplacement au bord de la plage de "Copacabana".*

“...na verdade, a paz está esquecida dentro de cada ser humano, querendo sair...”

Simone Ramos de Cerqueira
Faculdades Integradas Simonsen

A paz, enquanto não for entendida como uma característica que o homem “carrega” dentro de si, e que deve ser buscada de “dentro pra fora”, jamais estará presente plenamente no seio da nação.

O ser humano, cada vez mais afastado do seu “eu” mais íntimo, causado pelas suas próprias criações, que hoje fazem parte da sua vida no cotidiano, tem como herança um grande vazio... vazio este que faz com que o homem prefira a facilidade de mascarar as suas carências a encarar a dor da verdade, e encontra a mídia como a sua principal aliada, alienando-o com a disfarçada imposição do consumo. Mas, as inúmeras tentativas de suplantar esse sentimento não alcançam o êxito desejado. O ser humano se sente agredido e o “vazio” passa a consumi-lo como um câncer, que acaba por explodir em violência, contaminando todos à sua volta.

Assim, a paz tão desejada se torna também um produto encontrado em entorpecentes, drogas, viagens a lugares campestres... quando, na verdade, a paz está esquecida dentro de cada ser humano, querendo sair... Muitas vezes, tudo o que o homem necessita é de uma “luz”, uma orientação, um alguém que oriente o “conflito do espírito” e regue a paz, para que ela possa crescer e florir, para que o perfume das flores encante a todos e seja a cura da doença chamada violência. Porém, sem que lhe dêem atenção e oportunidade, a paz é cada vez mais sufocada pela implantação do materialismo e do consumo. É onde ela se perde... deixa de tentar se impor... e cada vez mais fraca, acaba por se render e esquece dela mesma... e que um dia existiu.

A paz e a violência são as duas faces da mesma moeda: um lado não existe sem o outro. Portanto, se não existe paz sem violência, que a violência seja o conflito interno de cada um na busca do seu “eu”, e que a paz seja o troféu dessa batalha.

“...in reality, peace is lying forgotten inside each human being and wanting to get out...”

As long as peace is not understood as an internal human characteristic that should be sought out from within, it will never be completely present at the heart of any nation.

On account of their own creations, many which have become part of their daily lives, human beings have grown ever more distant from their inner “selves”. They have thus, inherited a great emptiness. An emptiness in which men and women would rather conceal their needs than confront their true pains. Their main ally is the media, which alienates them with its imposing disguised consumerism. Nonetheless, the innumerable attempts at superseding the feeling of emptiness have failed successively. Humans feel aggravated and the “emptiness” starts to consume them like a cancer that ends up exploding in the form of violence, contaminating all those around.

Hence, our so-desired peace becomes a product that can only be found in narcotics, drugs, trips to rural places...when in reality, peace is lying forgotten inside each human being and wanting to get out... A lot of times all people need is a “light”, an orientation, someone to guide them through “spiritual conflicts”. Someone to “water” the inner seed of peace so that it can flourish and grow flowers that emanate a sweet sent able to cure the disease called violence. However, peace is increasingly being denied the attention or opportunity, causing it to sUniversidade Federal Fluminense - UFFocate under the heavy establishments of materialism and consumerism. Ultimately, peace is lost... it stops trying to impose itself...and increasingly weaker, it ends up giving in and forgets itself, or that it ever existed.

Peace and violence are two sides of the same coin: one does not exist without the other. Then, if there is no peace without violence, let violence be the internal conflict of each individual in search of his or her inner “self”, and peace the winning trophy after the battle.

*“...en vérité, la paix demeure dans
l’oubli à l’intérieur de chaque être humain
et ne souhaite qu’à sortir de là...”*

La paix, tant qu’elle ne sera pas entendue comme une caractéristique que l’homme “porte” à l’intérieur de lui-même, et qui doit être recherchée “du dedans vers le dehors”, ne sera jamais pleinement présente au sein de la nation.

L’être humain, dont l’éloignement de son “je” le plus intime ne cesse pas de s’agrandir à la suite justement de ses propres créations qui aujourd’hui font partie de son quotidien, a reçu comme héritage un grand vide... un vide qui fait que l’homme préfère la commodité de masquer ses manques à affronter la souffrance d’avoir à admettre la vérité; en outre, il transforme les média en ses alliés majeurs lesquels finissent par l’aliéner avec leur imposition sournoise de la consommation. Mais, les innombrables tentatives de surpasser ce sentiment n’arrivent pas à atteindre le succès escompté. L’être humain se sent agressé et le “vide” se met à le consommer comme un cancer; et il finit par exploser en violence laquelle contamine tout le monde autour de lui.

Ainsi, la paix dont l’accomplissement est tellement souhaité se rend aussi un produit qui l’on peut se procurer dans les stupéfiants, dans les drogues, dans les déplacements à la campagne... quand en vérité la paix qui demeure dans l’oubli à l’intérieur de chaque être humain ne souhaite qu’à sortir de là... Souvent ce dont l’homme a besoin c’est justement d’une “lumière”, d’une orientation, de quelqu’un pour lui servir de guide afin de faire face au “conflit de l’esprit”, et d’arroser la paix pour que celle-ci puisse s’agrandir et fleurir, pour que le parfum de ses fleurs embaume tout le monde et devienne la guérison de la gangrène appelée violence. Toutefois, la paix, sans avoir mérité l’attention des tout-puissants de ce monde et sans aucune chance d’être adoptée comme valeur, se trouve toujours plus étouffée par la mise en oeuvre du matérialisme et de la consommation. C’est bien là qu’elle se perd... qu’elle n’essaye même pas de se faire entendre... et de plus en plus affaiblie, elle finit par se rendre sans conditions et par s’oublier d’elle-même... et qu’un jour elle a bien existé.

La paix et la violence sont les deux faces d’une pièce de monnaie: l’une n’existe pas sans l’autre. Dans ce cas, que la paix reste le conflit interne de chacun à la quête de son “je”, et que la violence devienne le trophée de cette bataille.

“... escrever sobre a paz pode representar a possibilidade de uma reflexão transformadora da realidade na qual estamos inseridos”.

Susana Elaine Fernandes de Araújo

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Pensemos na seguinte imagem: uma porção grandiosa de água em movimento que, aos poucos, recebe pequenas quantidades de sal. Desta união, o sal naturalmente se espalha, não havendo porção de água desigual. Partindo desta idéia, ao tratarmos da paz, temos que considerar o fato de não a podermos possuir isoladamente dentro do “oceano-mundo”, na medida em que todos ao nosso redor também a demandam. Assim, não há comunidades do Rio de Janeiro ou uma nação africana sem paz; há um mundo sem paz.

Tal constatação pode se manifestar na tentativa de dormir ao som de tiroteios rotineiros ou no pavor de acordar com o tremor de bombardeios que, para muitos, são sentidos bem mais de perto que as transmissões feitas pelos meios de comunicação permitem. Diante dos inúmeros conflitos travados constantemente entre pessoas, grupos ou nações, o significado de paz está se tornando sinônimo daquilo que não possuímos, em oposição à violência e ao medo aos quais, assustadoramente, estamos nos adaptando. Perigoso é que, por total falta de referência, nos esqueçamos do sentido original da palavra, que pode passar a designar simplesmente “a crença antiga de alguns povos na possibilidade de harmonia entre os seres humanos”.

Neste sentido, escrever sobre a paz pode representar a possibilidade de uma reflexão transformadora da realidade na qual estamos inseridos. No entanto, ao entendermos a escrita como tradução de um processo de organização das idéias – importante na construção de novos caminhos -, não podemos ignorar os muitos excluídos desta prática reflexiva, para os quais uma proposta de escritura da paz, no sentido literal, já seria, em si, inviável. Ler e escrever, tomados como fundamentos do processo educativo, expressam a liberdade – a muitos negada – de transitar pelo universo sócio-cultural em que vivemos, modificando-o.

Há, portanto, uma necessidade de expansão do acesso à educação, de modo que a leitura e reescritura do mundo sejam, de fato, democráticas. Realizada uma retomada igualitária, na qual todos os indivíduos comporiam o traçado da mudança, então poderíamos contradizer o caráter de permanência inerente à escrita: qualquer tratado de paz estabelecido seria lançado ao esquecimento, num tempo em que a vivência da paz, por si só, representaria o mecanismo natural de controle das relações humanas.

“... writing about peace may help us reflect upon and transform our current social reality”.

Let us ponder over the following image: a great portion of moving water, which continuously receives small quantities of salt. In this mixture, the salt would naturally disperse and the solute would be evenly distributed throughout the water. Using the same metaphor for peace, we need to consider the fact that we can not enjoy peace in isolation. Everyone in our “ocean-world” needs and demands it as well. On that account, communities in Rio de Janeiro or in Africa aren’t the only ones without peace; there is a world without peace.

The above is evidenced at the moment we try to close our eyes and sleep at the sound of daily shootings, or wake up in fear of a bomb shell exploding in our house – a real fear for many who actually live those transmitted televised images. Affront the innumerable conflicts among groups of people and nations, the meaning of peace is now synonymous to what we lack and in opposition to the violence and fear that we are astonishingly adapting to. Due to a total lack of reference, we are now dangerously forgetting the original sense of the word, which could simply designate “the ancient belief of some groups of people on the possibility of harmonious co-existence among humans.”

For that reason, writing about peace may help us reflect upon and transform our current social reality. However, as we take the written word as a form of organizing our thought processes – essential in the construction of new ideas – we can’t help but think about those that are excluded from this reflexive process by the simple fact of being illiterate. For them, the proposal of writing about peace is straight out unfeasible. Fundamental to any education, yet denied to many, the art of reading and writing is also an expression of liberty and what provides us with the ability to navigate and change our social-cultural world.

Therefore, there is a need to expand education accessibility so that the world can be read and rewritten in a truly democratic fashion. Once we’ve accomplished equal education for all, where all individuals could contribute to an intellectual change in social reality, it would allow us to contradict the very inherent characteristic of the written word: for any written peace treatise would be unnecessary in a time where peaceful relations would be the natural mechanism of control.

“...écrire sur la paix peut représenter la possibilité d’une réflexion transformatrice de la réalité où nous sommes insérés”

Considérons l’image suivante: une portion grandiose d’eau en mouvement qui, doucement, reçoit de petites quantités de sel. De cette union, le sel naturellement s’éparpille de façon qu’il n’y pas de portion d’eau inégale. En partant de cette idée, il nous faut souligner le fait que la paix ne peut pas être possédée isolément à l’intérieur de l’“océan-monde”, dans la mesure où elle est demandée aussi par notre entourage. Ainsi, outre les communautés de Rio de Janeiro ou d’une quelconque nation africaine, c’est le monde entier qui manque de paix.

Un tel constat se vérifie quand, par exemple, quelqu’un essaye de s’endormir en étant dérangé par le bruit de fusillades routinières ou est transi de peur en se réveillant sous l’effet des bombardements lesquels font que beaucoup de gens soient touchés d’une façon plus proche que s’ils étaient à l’écoute de la radio ou de la télé. Face aux innombrables conflits déclenchés constamment entre les personnes, les groupes ou les nations, la signification de la paix se rend synonyme de ce que nous ne possédons pas; en revanche, et cela est affreux, nous sommes en train de nous adapter à la violence et à la peur. Il devient dangereux que par un manque total de repères nous ayons oublié le sens originel de ce mot qui peut passer à désigner simplement “la croyance ancienne de quelques peuples selon laquelle l’harmonie entre les êtres humains est possible”.

Dans ce sens, écrire sur la paix peut représenter la possibilité d’une réflexion transformatrice de la réalité où nous sommes insérés. Cependant, quand nous entendons l’écriture comme la traduction d’un processus d’organisation des idées – d’ailleurs, procédé important pour la construction de nouveaux chemins -, nous ne pouvons ignorer le grand nombre d’exclus de cette pratique réflexive pour lesquels une proposition visant à écrire sur la paix, dans son sens littéral, ne serait pas viable en soi. En tant que les fondements du processus éducatif, la lecture et l’écriture expriment la liberté – niée toujours à un grand nombre – de pouvoir transiter dans notre univers socio-culturel, en le modifiant.

Il y a, donc, l’urgence de rendre universel l’accès à l’éducation de façon que la lecture et la réécriture du monde deviennent vraiment démocratiques. Une fois accomplie une politique égalitaire par laquelle tous les individus seraient à même de composer le tracé du changement, alors nous pourrions contredire le caractère de permanence inhérent à l’écriture: tout traité de paix serait jeté aux oubliettes, dans un temps où le vécu de la paix, à lui seul, finirait par représenter le mécanisme naturel de contrôle des relations humaines.

“Acredito que o caminho para a paz deve começar do seguinte ponto: o ser humano acima dos interesses empresariais, acima da ganância”

Tahiana Fernandes Vieira
Faculdade de Filosofia de Campos

Ouvimos sobre a paz e o quanto ela é importante, mas ao mesmo tempo em que a queremos, usamos a palavra como pretexto de guerra. Será que não é um pouco contraditório? O ser humano não é pacífico, ou talvez ele não queira ser, pois parece gostar de violência. Os desenhos animados são direcionados às crianças e, no entanto, não possuem um alto teor de educação, mas sim de violência.

Educação! Começa em casa e junto da sociedade construímos nossa personalidade. A partir da educação é que podemos plantar no presente, para, num futuro próximo, colher. Mas, ao contrário disso, plantamos violência e alienação nos pequeninos, os quais mesmos estarão à frente de nossa sociedade daqui a 10 ou 20 anos, e aí? O que será feito?

As empresas mais lucrativas do mundo são de armamentos. Como poderá um planeta ser pacífico se, ao invés de nos preocuparmos com os seres humanos e a natureza, nos preocupamos com o lucro que proporciona a violência? O fato de existirem guerras, guerrilhas, roubos, tráfico de drogas, para o comércio em geral, só cria lucros, e lucros muito altos!

Um exemplo disso é a mídia que vende a violência e lucra com isso. Os jornais e os telejornais se preocupam em mostrar o quanto a violência está no limite máximo e o quanto a sociedade está sendo destruída, mas mostra isso bombardeando seus leitores e telespectadores com muita violência e sem soluções, tornando as pessoas passivas diante da situação.

Acredito que o caminho para a paz deve começar do seguinte ponto: o ser humano acima dos interesses empresariais, acima da ganância. Depois desse passo, uma educação na base do carinho e respeito, pois parece que esses dois estão esquecidos e banalizados. O terceiro passo seria uma distribuição mais igualitária do capital mundial, com nações que não competissem para serem as superpotências, pois essa competição e essa necessidade de uma estar à frente de outras não combina com paz!

O mundo precisa entender que as divisões físicas do mapa são divisões de terra e não de pessoas. Na conclusão, somos todos seres humanos, a mesma raça. Não importa a cor, a religião ou a parte do mundo em que mora; só importa que somos do mesmo planeta e temos as mesmas necessidades, então, por que estamos nos destruindo? A paz tem de deixar de ser uma palavra do nosso cotidiano para passar a fazer parte de nossas atitudes! A paz tem de deixar de ser uma palavra do nosso cotidiano para passar a fazer parte de nossas atitudes!

“ I believe that the path towards peace begins from the following point: the human being above commercial interests and above greediness.”

We hear about peace and how important it is, and yet as much as we long for it, we constantly use it as a pretext for war. Could this be somewhat contradictory? Humans are not pacific beings. At least they don't appear to want to be for they seem to enjoy violence. Children's cartoons, rather than carrying a highly instructive content, carry violent messages.

Education begins in the home, while society shapes our personalities. The seed of education is what we need to plant in the present to harvest in the future. However, instead of educating our little ones, we plant violence and ignorance in their hearts, forgetting that in 10 or 20 years they will be the leaders of our society. And then what can be done?

The arms industry is one of the most profitable industries in the world. How can the world be pacific if instead of worrying about the human race and nature, we are concerned with the amount of profit that violence might generate? Wars, guerrillas, drug traffic, and assaults are all very lucrative and generate high profits for the market in general.

A good example is the media, which sells violence and profits by it. Newspapers and TV shows make us aware of how violence is at it's upper threshold and how much society has been degraded, but they do so by bombarding their readers and spectators with so much more of the seemingly unsolvable violence that it renders them helpless and passive.

I believe that the path towards peace begins from the following point: the human being above commercial interests and above greediness. The next step would be guaranteeing an education of respect and love; two things that seem to have been forgotten and trivialized. The final step would include the consolidation of a more equal capital distribution around the world and among nations that would not compete to become the next superpowers. The need for competition and for nations to be ahead of one another does not match with peace.

The world needs to understand that map borders are made to divide land and not people. In the end, we are all human beings of the same race. Skin color, religion, and which part of the world you live in shouldn't matter. It should matter that we are all from the same world and have the same need, so why should we destroy our planet and ourselves? Peace needs to cease being just the word of the moment and start being part of our daily actions and attitudes.

*“Je crois que le chemin vers la paix
doit s’amorcer à cet endroit précis: l’être
humain étant au-dessus de tout
intérêt commercial, au-dessus de la cupidité”*

Nous entendons parler au sujet de la paix, ainsi que de sa véritable importance, mais en même temps que nous la souhaitons, nous utilisons le mot comme prétexte pour déclarer la guerre. Notre attitude ne serait-elle un tout petit peu contradictoire? L’être humain n’est pas pacifique, ou peut-être il n’aie pas vraiment envie de l’être, car il semble qu’il a du goût pour la violence. Les dessins animés sont destinés aux enfants, et cependant au lieu d’un bon contenu éducatif ils ne font que présenter une dose élevée de violence.

L’éducation! Elle commence chez soi, et auprès de la société nous bâtissons notre personnalité. À partir de l’éducation, nous plantons de la bonne graine dans le présent pour pouvoir faire la récolte des fruits dans un avenir proche. Mais, tout au contraire, nous sommes en train de planter de la violence et de l’aliénation dans les tout petits, ceux-là même qui seront à la tête de notre société d’ici à une dizaine ou vingtaine d’années, et alors? Qu’arrivera-t-il?

Les entreprises qui rapportent le plus dans le monde se trouvent dans la filière de l’armement. Comment une planète pourrait-elle être pacifique si nous nous soucions non pas des êtres humains ni de la nature, mais des gains procurés par la violence? Pour le commerce dans son ensemble, les guerres, les guérillas, les vols, le trafic de stupéfiants sont une source intarissable de gains, et qui plus est, de gains assez juteux

En voilà un exemple: les média vendent de la violence et en tirent bénéfices lucratifs. La grande presse et les journaux télévisuels s’attachent à montrer la violence jusqu’à ses limites extrêmes, ainsi que les conséquences de cet état de fait qui entraînent la destruction de la société; et qui pis est, ce “bombardement” des nouvelles concernant la violence n’arrive pas à présenter d’éventuelles solutions, en entraînant les lecteurs et les téléspectateurs à prendre une attitude passive devant la situation.

Je crois que le chemin vers la paix doit s’amorcer à cet endroit précis: l’être humain étant au-dessus de tout intérêt commercial, au-dessus de la cupidité. Après ce premier pas, une éducation basée sur l’affection et le respect, car il semblerait que l’une et l’autre ont été jetés aux oubliettes, et du coup banalisés. Le troisième pas serait une redistribution plus équitable du capital mondial, de façon à éviter que certaines nations ne se lancent dans une compétition pour devenir des superpuissances; en fait, cette compétition et ce besoin d’une puissance prétendre toujours devancer les autres ne font pas bon ménage avec la paix!

Le monde a besoin d'entendre que les divisions géographiques sur la mappemonde se limitent aux territoires et ne concernent guère les personnes. Pour conclure, nous sommes tous des êtres humains, nous appartenons à la même race, indépendamment de la couleur de notre peau, de notre religion ou du coin du monde où nous habitons. Une seule chose est importante: nous nous trouvons sur la même planète et nous avons les mêmes besoins, alors, pourquoi cet acharnement à nous entre-déchirer les uns les autres? Il va falloir que la paix ne soit plus un mot de notre quotidien pour arriver à s'imprégner dans nos attitudes! Il va falloir que la paix ne soit plus un mot de notre quotidien pour arriver à s'imprégner dans nos attitudes!

*“Os bons sentimentos contagiam,
por isso precisamos ter coragem para ser o
primeiro a levantar a bandeira da paz...”*

Tânia Maria Pedro
UniverCidade

O barulho ensurdecedor do trânsito, os passos rápidos pelas calçadas, a ansiedade de chegar logo a algum lugar, o medo estampado no rosto dos transeuntes, as exclamações das pessoas diante das manchetes nos jornais expostos em bancas, que muitas vezes, pela pressa são lidas pela metade.

Mas o que importa saber todo teor da notícia? Pouco muda, é sempre a sanguinolenta realidade advinda pela violência que massacra famílias, cidades, países.

Onde está a paz que eu conheci quando iniciava meus primeiros passos, e que, todas as vezes em que me amedrontava com as novidades do mundo, era logo recuperada no regaço materno, que me acolhia com carinho, devolvendo-me a segurança e a calma?

É isso... Somente encontraremos a paz onde há tranquilidade, segurança e amor.

As pessoas precisam parar um só momento da agitação constante do cotidiano, de seus estressantes afazeres e, através de uma reflexão sobre seus sentimentos, sua vida e seus atos, resgatar os valores morais, sociais e religiosos adormecidos em seu interior. Precisam estender os braços para um abraço ao invés de disparar uma arma contra o outro. Precisam usar seus lábios para um beijo, no lugar de usá-los para criticar, humilhar e, muitas vezes, matar a dignidade de seu semelhante com palavras injustas e impiedosas.

É preciso aprender a transformar a tristeza do sofrimento em sorriso de alegria, o medo do presente em esperança no futuro.

Os bons sentimentos contagiam, por isso precisamos ter coragem para sermos os primeiros a levantar a bandeira da paz, para vermos as bandeiras de sangue serem abaiçadas.

Precisamos escrever a paz para não deixar espaço para as manchetes anunciarem a guerra.

“Good feelings are contagious, and for that reason, we need to have the courage to be the first to raise the flag of peace...”

The deafening traffic noises, the need to walk quickly through the streets, the anxiety of getting somewhere fast, the shock of reading paper headlines made public in magazine stands. Headlines that are often read half-way through because you're in a hurry. But what is the point of reading the whole article? It's always the same thing; our bloody reality caused by the violence that massacres entire families, cities and countries.

Where is the peace that I found when I tried out my first steps, when a reassuring maternal hug was all that I needed to regain the strength and feel safe once again to continuing exploring the new world around me?

That's it... We will only find peace where there is tranquility, love and where we feel safe.

People need to stop with the constant agitation of their daily routines, their stressful errands and reflect about their feelings and lives in order to recover some of the moral, religious and social values that have been asleep somewhere inside them. They need to understand that our arms were made for hugging and not for handling weapons. They need to use their lips to kiss instead of criticizing and humiliating and many times crushing people's dignity and self-respect with unjust and cruel words.

It is necessary that we transform sadness and pain into laughs and happiness, and the fear of the present into hope for the future.

Good feelings are contagious, and for that reason, we need to have the courage to be the first to raise the flag of peace so that we can witness the flags of blood go down.

We need to write peace so that we don't leave room for war headlines.

“Les bons sentiments sont transmissibles; cela étant, il nous faut avoir du courage pour être les premiers à brandir la banderole de la paix...”

Le bruit assourdissant de la circulation automobile, les pas pressés des piétons sur le trottoir, l'anxiété ressentie pour aller plus vite quelque part, la peur visible sur le visage des passants, les cris d'exclamation poussés par les gens en regardant les manchettes des quotidiens étalés dans les kiosques à journaux; souvent, à cause de la hâte les nouvelles ne sont lues qu'à moitié.

Mais serait-il important de connaître la nouvelle en son entier? Pas vraiment, car il s'agit toujours d'une réalité ensanglantée par la violence qui massacre des familles, des villes, des pays.

Où est-ce que se trouve la paix que j'ai connu quand j'essayais mes premiers pas? En plus, à chaque fois que les nouvelles du monde me laissaient transie de peur, je courais vite me réfugier dans les bras de ma mère qui me réservait un accueil chaleureux, en me faisant récupérer l'assurance et le calme.

C'est bien cela... Nous ne réussirons à retrouver de la paix que là où il y a de la tranquillité, de la confiance et de l'amour.

Les personnes ont besoin de s'arrêter, ne serait-ce que pour un instant, au milieu de l'agitation incessante du quotidien, de leurs affaires stressantes; et par le truchement d'une réflexion sur leurs sentiments, leur vie et leurs actes, de réhabiliter les valeurs morales, sociales et religieuses endormies à l'intérieur d'elles. Elles ont besoin de tendre leurs bras pour donner l'accolade et non pas pour tirer une arme contre autrui. Elles ont besoin de se servir de leurs lèvres pour faire la bise et non pas pour critiquer, pour humilier, et souvent pour tuer la dignité de leur semblable avec des mots injustes et impitoyables.

Il faut apprendre à transformer la tristesse de la souffrance en un sourire de joie, et l'effroi du présent en l'espoir dans l'avenir.

Les bons sentiments sont transmissibles; cela étant, il nous faut avoir du courage pour être les premiers à brandir la banderole de la paix, à regarder les pavillons de guerre et de sang être baissés.

Nous avons besoin d'écrire la paix pour qu'il ne reste plus d'espace à la une pour annoncer la guerre.

**“A maioria das pessoas
é usada como fantoches, manipuladas
por quem manda no mundo”.**

Tatiana do Carmo Sant’Anna

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Meu tempo? O Futuro. Minha Terra? Chegando ao fim. Volto no tempo para pedir às gerações antecessoras que façam a história diferente para que o meu futuro também possa ser. Vocês não imaginam o quanto a sua hipocrisia, egoísmo, indiferença e ambição contribuíram para a exaustão da raça humana e da minha Terra. Conheço a história de vocês, meus antepassados. As guerras. Vocês são patriotas, defendem seu país, sua nação, porém, esquecem que são da mesma espécie e do mesmo planeta. A maioria das pessoas é usada como fantoches, manipuladas por quem manda no mundo. Matam, morrem, ficam seqüelados, voltam heróis. Entretanto, estão defendendo a ambição dos poderosos, que são isentos do sofrimento da guerra, com a máscara do patriotismo. Eu também sei que profanaram o nome de Deus para matar. Deus criou o homem, e quem o homem pensa que é para destruir o outro? No meu tempo, as guerras acontecem por água, comida, afinal, pela sobrevivência.

Desde muito tempo, arqueólogos tentaram decifrar uma inscrição de um povo antigo. Infelizmente conseguiram tarde demais, no meu tempo. O texto traduzido é assim:

“Paz. Algo difícil para o homem conseguir. Ele é um ser que tem virtudes, mas se deixa corromper pelas paixões. Escute um conselho deste velho sábio. Busque as virtudes, em uma lista coloque: paciência, generosidade, sinceridade, bondade, humildade, tolerância, prudência e o mais importante, temperança, saiba controlar suas paixões. Respeite o próximo, aceitando suas diferenças. Não tente ser e agir assim de repente. Escolha um destes e pratique durante um dia. Em outros dias faça o mesmo. Nem sempre você obterá sucesso, mas é aos poucos que as mudanças são alcançadas. Se a minoria dos homens adotar isso para sua vida, certamente, estaremos bem próximos da paz e, assim, evitar graves conflitos com nossos semelhantes. Estes dizeres são para as gerações futuras não cometerem o mesmo erro que o meu povo. E, que assim, a vida de todos possa ser mais feliz”. Um velho sábio.

Tenho consciência de que é difícil realizar o que esse velho sábio nos deixou escrito, porém, vocês precisam mudar. Evitem brigas com seus conhecidos, amigos e até inimigos. Impeçam que a ambição e o egoísmo vos levem a pisar no próximo e a deteriorar o

planeta. Tenham pluralidade e evitem o preconceito. Escuse-me se no início falei que a Terra era minha, pois ela é nossa . Fazemos parte de uma grande sociedade e temos que aprender desde já a agir como tal. A cada um competem direitos e deveres, não importando a nacionalidade, a classe social, a religião, a opção sexual, a cor etc...

Procurem viver em paz a fim de que, no futuro, eu possa desfrutá-la também.

*“The majority of people
are used as puppets manipulated by
whomever dictates the world.”*

My time? The future. My Earth? Coming to an end. I go back in time to ask previous generations to change history so that my future might be different. You have no idea how much your hypocrisy, selfishness, indifference and ambition have contributed to the exhaustion of the human race and Earth. I'm well aware of the history of my ancestors. The wars. You are all patriotic, willing to defend your country, your nation, yet you forget that you are all from the same species and planet earth. The majority of people are used as puppets manipulated by whomever dictates the world. You kill, you die, you become handicapped, and you return heroes. Even so, you defend the greediness of the rich who wear the mask of patriotism but are exempt from the war and all its sUniversidade Federal Fluminense - UFFering. I also know that they have even used the name of the Lord to kill. God made man, and who does man think he is to eliminate others? In my time, wars happen over water, food, in other words, over survival.

For a very long time, archeologists tried to decipher the inscription of an ancient culture. Unfortunately, it was too late when they succeeded in doing so. The translated text is as follows:

“Peace. Something difficult for man to achieve. Man is a being with virtues, but one who is easily corrupted by passions. Listen to this old man's wise advice. Search for virtues. Make a list: patience, generosity, sincerity, goodness, humbleness, tolerance, prudence, and the most important; moderation. Know how to control your passions. Respect others, accept their differences. Don't make or condone sudden moves. Choose one of these virtues and try practicing it the whole day. Do the same thing on other days. You won't always be successful, but changes take time. Even if a mere minority adopts this form of attitude and lifestyle, we will certainly be a lot closer to achieving peace and avoiding serious conflicts among our fellow men. These sayings are for

future generations not to commit the same mistakes made by my people. And hopefully, people might lead happier lives.” An old wise man.

I am aware that it difficult to literally follow what the old, wise man left written, but you need to try and change. Try to avoid fighting with your acquaintances, friends and even enemies. Try to stop ambition and selfishness from running over your fellow men and from destroying our planet. Embrace plurality and avoid intolerance. Excuse-me if I said in the beginning that the Earth was mine, in reality, it is ours. We are part of a larger society and we should start acting as such. Every individual has rights and responsibilities, regardless of nationality, social class, religion, sexual orientation, color, etc...

Try to live in peace so that in the future I might enjoy it as well.

*“La plupart des gens sont utilisés comme
s’ils étaient des marionnettes, manipulés pour
qui commande le monde”.*

Mon temps? L’Avenir. Ma Terre? Bien près de toucher à sa fin. Je fais un demi-tour dans le temps pour demander aux générations devancières qui fassent une histoire différente afin que mon avenir puisse l’être aussi. Vous ne pouvez pas vous imaginer comment leur hypocrisie, leur égoïsme, leur indifférence et leur ambition ont pu contribuer pour l’exhaustion de la race humaine et de ma Terre. Je connais l’histoire de mes ancêtres. Et leurs guerres. Vous avez été des patriotes, vous avez défendu notre pays, notre nation; toutefois, vous avez oublié que vous appartenez à une seule espèce et à une seule planète. La plupart des gens sont utilisés comme s’ils étaient des marionnettes, manipulés pour qui commande le monde. Ils sont obligés à tuer, il y en a que meurent, deviennent handicapés, sont considérés héros à leur retour. Cependant, ils ne font que défendre l’ambition des tout-puissants qui ont échappé à la souffrance de la guerre, sous prétexte de patriotisme. Je sais aussi qu’ils ont profané le nom de Dieu pour entreprendre leurs tueries. Dieu a créé l’homme, mais pour qui celui-ci se prend-il pour détruire son prochain? À mon époque, les guerres sont déclenchées par des conflits concernant l’eau, la nourriture, en somme, la survie.

Depuis longtemps, les archéologues essayaient de déchiffrer une inscription laissée par un peuple ancien.

Hélas! ils ont réussi leur opération trop tard, dans mon temps. Voici la traduction du texte:

“Paix. Quelque chose que l’homme a beaucoup de mal à atteindre. Il est un être doté de vertus, mais qui se laisse corrompre par les passions. Écoute le conseil de ce vieux sage. Fais attention aux vertus gravées sur cette liste: patience, générosité, sincérité,

bonté, humilité, tolérance, prudence, et la plus importante de toutes, tempérance, pour apprendre à contrôler tes passions. Respecte ton prochain, en acceptant ses différences. Ne tente pas d'être et d'agir à la va vite. Choisis une de ces vertus et mets-la en pratique pendant une journée. À chaque jour, tu choisiras une autre. Tes efforts ne seront pas toujours réussis; en fait, c'est petit à petit que le changement aura lieu. Si une minorité d'hommes adopter cette conduite dans leurs vies, certainement, nous serons bien proches de la paix, et ainsi nous éviterons de graves conflits avec nos semblables. Ces paroles doivent être transmises aux futures générations pour qu'elles ne commettent pas la même erreur que mon peuple. Et qu'ainsi tous puissent avoir une vie plus heureuse". Un vieux sage.

Je suis consciente de la difficulté de réaliser le conseil que ce vieux sage nous a laissé; néanmoins, il faut changer votre comportement. Evitez les disputes avec vos proches, vos amis, voire vos ennemis. Ne permettez pas que l'ambition et l'égoïsme vous entraînent à fouler aux pieds votre prochain et à détériorer encore plus la planète. Je vous présente mes excuses pour avoir dit au début que la Terre était à moi; en fait, elle est à nous. Nous faisons partie d'une grande société et d'ores et déjà il nous faut apprendre à agir en conséquence. Chacun a ses droits et ses devoirs, indépendamment de sa nationalité, de sa classe sociale, de sa religion, de son choix sexuel, de la couleur de sa peau, etc...

Cherchez à vivre en paix afin que dans l'avenir je puisse en jouir aussi.

“Para podermos alcançar
a paz mundial temos que buscar
a paz entre os homens...”

Tatiane Silva Tereza

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Desde tempos imemoriais, a humanidade vem buscando períodos de paz. Muitos pensadores, das mais variadas correntes de pensamento, ao longo dos séculos, escreveram, estudaram e teorizaram sobre a paz. Muita tinta já foi gasta no intuito de se entender como a paz é obtida. Estes esforços de reflexão podem ser encontrados não apenas em livros religiosos/doutrinários, como a Bíblia dos cristãos, a Tora dos judeus ou o Alcorão dos islâmicos, mas também em obras de cunho mais racionalista e científico, como os tratados clássicos de teóricos como Thomas Hobbes, John Locke ou Jean-Jacques Rousseau, os quais, grosso modo, de formas peculiares, versaram sobre o estabelecimento de contratos sociais entre os indivíduos e Estado a fim de cessar um estado de guerra total.

Freqüentemente, assistimos a chefes de nações firmando acordos de paz. Porém, muitos estadistas ainda entendem a guerra como um mal necessário; vendo nela possibilidade de desencadear um acelerado processo de desenvolvimento - onde as economias, dentro de um esforço de guerra direcionam recursos para a indústria bélica, que se torna, num momento como este, altamente rentável; e as tecnologias dão saltos de produtividade, rumo a uma maior sofisticação. Tal concepção pode explicar, em parte, o grande número de anos em que a guerra se faz presente, se comparados aos tempos de paz. Tem-se, por vezes, a impressão de que, a todo instante, em alguma parte do mundo, homens estão se digladiando em nome do poder, de riquezas, prestígio, ou de uma “pseudo-paz”.

Entretanto, a escrita - no sentido literal da palavra - da paz, não tem se constituído numa garantia de manutenção da mesma. Escreve-se muito sobre paz, todavia, as ações para sua verdadeira existência, não têm sido suficientes. Dito isto, afirmo que não quero ser mais uma pessoa a escrever sobre a paz, meu propósito é fazer a paz. E isto me faz lembrar de uma estória a respeito de um homem assoberbado de trabalho que, atrapalhado pelo filho e pensando garantir um bom tempo de sossego, recorta de uma revista um mapa-múndi e entrega-o ao garoto, para que este reconstrua o quebra-cabeça. Porém, após uma hora, o menino retorna com o mapa montado. E o pai incrédulo indaga ao garoto como foi capaz de fazê-lo em tão curto tempo, frente à complexidade da tarefa para uma pessoa em tão tenra idade. E o menino, com toda simplicidade inerente às crianças, explica-lhe que, como não conseguira montar o mapa, obser-

vou que em seu verso havia uma figura de um homem, e foi pelo conserto do homem que conseguiu consertar o mundo.

É sob esta perspectiva que entendo a construção da paz. Para podermos alcançar a paz mundial temos que buscar a paz entre os homens; tendo como premissa o respeito. O respeito é o caminho que nos levará à paz. É respeitando as diferenças, as diversidades étnica, religiosa, cultural, social, política que poderemos solucionar, através de debates pacíficos, os conflitos. É através da busca da compreensão da visão de mundo dos outros, respeitando o direito de cada um de expressar suas opiniões que a paz sairá do papel e passará a freqüentar o cotidiano das pessoas que poderão, finalmente, escrever um novo capítulo no livro da *História da Humanidade no Planeta Terra*.

“For us to be able to achieve
world peace, we should first look
for peace among men...”

Humanity has been cyclically searching for periods of peace since the beginning of times. Throughout the centuries, many thinkers of various schools of thought have studied and written theories about peace. A lot of ink has been wasted in the attempt to understand how peace might be obtained. These efforts and philosophical reflections can be found not only in religious/doctrinal books – as the Bible for the Christians, the Tora for the Jews, and the Alcoran for the Muslims – but in other more rationalist and scientific masterpieces as the classic and theoretical treatises of Thomas Hobbes, John Locke or Jean-Jacques Rousseau. In summary, these philosophers tried to examine, in very distinctive ways, which social contracts established between individuals and the State were the most effective in avoiding a state of total chaos and war.

We frequently see nation leaders signing peace accords. Yet, many statesmen still see warfare as a necessary evil. They consider warfare a timely period to unleash a rapid process of economic development. During wartime, all economic efforts are accelerated to make sure that resources are directed towards the martial industry, which becomes highly profitable, while all other technologies leap in productivity at greater sophistication. This might partially explain why the world seems to carry a greater number of years at war than at peace. In fact, we sometimes have the impression that at every moment, somewhere in the world, men are slandering each other in the name of power, riches, reputation, or of a “pseudo-peace”.

However, literally writing about peace doesn't seem to have guaranteed its sustenance. We write a lot about peace, and yet what we've done for its prosperity hasn't been enough. Having said that, I assert that I don't want to be one more person to write about peace; my goal is to make peace. This reminds me of a story about a man

overcharged with work who thought he could buy time away from his overly-active son by cutting out a world map pictured in a magazine and then delivering it as a puzzle for the boy to solve. However after only an hour, the kid returned with the puzzle reassembled. The father, incredulous at his son's ability to finish the seemingly complex task so quickly and without much difficulty at such a young age, asked the boy how he had succeeded. And the boy with the simplicity inherent to children, answered that after having tried unsuccessfully to reassemble the map, he discovered the outline of a man on its reverse, and was hence able to put the world back together by first reconstructing the man.

It's under this same light that I perceive any successful implementation of peace. For us to be able to achieve world peace, we should first look for peace among men, without ever forgetting to respect each other. Respect is the path that will lead us to peace. It's by means of respecting all differences, as well as ethnic, religious, cultural, social and political diversity that we will be able to solve conflicts through peaceful debates. It's by trying to see things through other people's point of views, and respecting everyone's right to express their opinions, that peace will finally leave the paper and start to reside in people's daily lives. Finally allowing people the chance to write a new chapter in the book we call *The History of Humanity on Planet Earth*.

“Pour pouvoir atteindre la paix mondiale, il nous faut promouvoir la paix entre les hommes...”

De temps immémorial, l'humanité cherche à vivre des périodes de paix. Un grand nombre de penseurs, appartenant à des courants de pensée les plus variées, tout au long des siècles, ont écrit, étudié et défendu des théories sur la paix. Beaucoup d'encre a été déjà versée pour tâcher d'entendre par quels moyens l'on arriverait à obtenir la paix. Ces efforts de réflexion peuvent être retrouvés non seulement dans des livres religieux/doctrinaires, tels que la Bible des chrétiens, la Torah des juifs ou le Coran des musulmans, mais aussi dans des ouvrages de teneur plus rationaliste et scientifique, tels que les traités classiques des théoriciens, comme Thomas Hobbes, John Locke ou Jean-Jacques Rousseau; ces auteurs, *grosso modo* et sous de formes spécifiques, ont discoursu sur l'établissement de contrats sociaux entre les individus et État afin d'arrêter un état de guerre totale.

Souvent, nous assistons à la signature d'accords de paix par des Chefs de nations. Toutefois, beaucoup d'hommes d'État entendent toujours la guerre comme un mal nécessaire - en envisageant comme la possibilité de démarrer un essor prodigieux; en fait, dans une situation de guerre, l'investissement de ressources dans l'industrie de

l'armement rend celle-ci une affaire hautement rentable. À son tour, les technologies assurent un accroissement de productivité, assorti de moyens de plus en plus sophistiqués. Une telle conception peut expliquer, en partie, la longue durée des guerres si on la compare avec les périodes de paix. Quelquefois, nous avons l'impression qu'à chaque instant, quelque part dans le monde, des hommes s'entre-déchirent avec véhémence au nom du pouvoir, des richesses, du prestige, ou d'une "pseudo-paix".

Cependant, l'engagement signé – dans le sens littéral de l'expression – de la paix n'est pas toujours une garantie de son maintien. L'on écrit beaucoup sur la paix, toutefois les actions pour la rendre vraiment vivante ne sont pas encore suffisantes. Cela dit, je tiens à affirmer mon refus d'être considérée comme quelqu'un de plus qui écrit sur la paix, car mon dessein c'est de faire la paix. Et cela me rappelle une anedocte au sujet d'un homme débordé de travail et qui est dérangé par son fils; il découpe d'une revue une mappemonde, en imaginant l'éventualité de gagner un bout de temps tranquille pendant que le garçonnet s'occupera de l'assemblage du puzzle. Néanmoins, une heure plus tard, il avait déjà fini son jeu. Incrédule, le père a bien voulu savoir comment son gosse avait pu terminer si vite une tâche si complexe pour quelqu'un de son âge. Et le garçon, avec la simplicité même des enfants, lui a raconté qu'il avait repéré, à l'envers des pièces assez disparates de la mappemonde, la figure d'un homme... Ainsi, en le raccommoquant, il avait réussi à raccommoquer le monde!

C'est sous cette perspective-là que j'entends la construction de la paix. Pour pouvoir atteindre la paix dans le monde, il nous faut la promouvoir entre les hommes. À condition de bien tenir compte d'une prémisses: le respect réciproque. Celui-ci est le chemin qui nous amènera à la paix. En respectant les différences, les diversités ethnique, religieuse, culturelle, sociale et politique, nous serons à même de trouver des solutions pour les conflits par le biais des débats pacifiques. En essayant de comprendre la vision des autres par rapport au monde, en respectant le droit de chacun d'exprimer ses opinions, la paix ne restera plus couchée sur le papier, mais viendra fréquenter le quotidien des personnes qui, finalement, auront la possibilité d'écrire un nouveau chapitre dans le livre de *l'Histoire de l'Humanité sur la Planète Terre*.

*“Paz, é uma energia colorida, é uma
alegria sem igual, que existe acima e abaixo,
dentro e fora, por todos os lados...”*

Tatiane Soares de Paulo da Silva

Universidade Estácio de Sá

Paz, paz dos homens, paz na terra, a terra cheia de paz.

Jamais, palavra dita, desasossego dos sonhos, das almas que vêem a paz.

Mas se acredita, busca e faz, a paz acontece e, do peito, salta, brilha, enobrece.

A paz que invadiu o coração, simples assim, enche a terra de paz.

Sim, amor entre os homens, a paz quando se é feliz com a luz dos olhos dos homens e de Deus, juntos, sem porquês, únicos, iguais, transcende a palavra, o gesto ou a criação. Explicando tudo desde o começo, um por um, um a um. É o fim, é o começo, é pessoal, é moral, vem pelo nordeste, da terra que floresce, da água que se mexe, da felicidade que enlouquece, da favela que merece, do rico que enxerga e não se ilude com a falsa paz dos olhos mortais.

Paz é uma energia colorida, é uma alegria sem igual, que existe acima e abaixo, dentro e fora, por todos os lados, ela circula no sol, ela circula no mar, ela também está no ar, no canto e na beleza, na força do toque, do beijo, do amor, sem barreiras, sem fronteiras, sem limites, sem requintes. É tudo, tudo que se encontra no peito, que só de lá pode se sentir, é lá que ela deve residir eternamente. Se cada um sentir a paz, a paz reinará no mundo, mas a liberdade é a primeira missão, liberdade de idéias, liberdade de falar, liberdade de amar o que se quiser amar. Perdoar é a palavra, a palavra da reunião. Respeito é a sabedoria, é o querer bem, é a ação, a reação da física unida à química alquímica que criará o ouro até na pedra sabão do matuto trabalhador pobre, negro. Todos homens, seres feitos de amor, unindo todas as ciências e tecnologias para salvar, para descobrir a chave, o estopim para encaixar a paz dentro do coração. Deixe sonhar; a ordem é acreditar, entregar-se, amar, amar, amar e o que leva a isso é uma experiência sem igual, é cada um querendo, é cada um vivendo o mais intenso, o mais verdadeiro, porque todo o mal que corrompe a paz vive dentro do coração de cada ser e, se a paz é o latifúndio, todo o resto é invasor, se a necessidade é o destino, o que

muda a rota é o amor. Mas, se agora o mal é latifúndio, a paz, toda a paz vai invadir os corações e ,assim, encher a terra de paz. Mudem, transformem todos os rituais e orações, comecem a dizer para o senhor fazer de ti um instrumento de sua paz. Paz dos homens, paz de Deus. Gerem gentileza que gera gentileza, levem a máxima do ideal maior, sendo todos profetas de uma idéia só. Não é só hoje, é todo o amanhã. Haverá de ser a maior campanha para eleger o sentimento sem igual, a fonte da juventude, o elixir da longa vida. É o sonho, não utopia; é virtual, não irreal. Há de acontecer na melhor idade, nas melhores famílias, no primeiro dia de um novo dia que começa com todos os corpos e todas as mentes unidas, vivas, olhando para o melhor de si, o me.

*“Peace is a colorful energy,
an incomparable joy that exists above
and below, inside out, and all over...”*

Peace, peace for men, peace on earth, the earth filled with peace.

Not a word was ever spoken about the uneasiness of the dreams by those souls who see peace.

But if you believe, search and act, peace can happen and, from the heart it will jump, shine and glorify.

Peace which has invaded the heart, as simple as that, fills the earth with peace.

Yes! Love among men, peace, when you are happy by the light of the eyes of men and God, together, without questioning, single-handed, transcends the word, the gesture and creation. Explaining everything from its beginning, one by one, one to one. It's the end, it's the beginning, it's personal, it's moral, it comes from the northeast, from the soil that flourishes, from the wavering water, from the maddening happiness, from the deserving slums, from the rich man who can see and not be deceived by the false peace of mortal eyes.

Peace is a colorful energy, an incomparable joy that exists above and below, inside out, and all over. It circulates the sun, it circulates the sea, it is also in the air, in music and beauty, in the strength of a touch, of a kiss, of love without barriers, boundaries, limits or refinements. It is everything, everything we can find in our hearts, and in our hearts only it should reside eternally. If each of us feels peace, peace will rule the world. But freedom is our first mission, freedom of thought, freedom of speech, freedom to love whatever you want to love. The word is forgiveness, forgiveness means reuniting. Respect is wisdom, is wishing well, is the action, it's the reaction of physics with chemistry that creates the gold used even in the soap bar of the poor, black worker. All

men are beings made out of love, putting together all their scientific knowledge and technologies to save and discover the key, the fuse capable of connecting peace to the heart. Let us dream; the order is to believe, to surrender, to love and love and love. What takes us there is a single unique experience, by each of us wanting, by each one of us living the most intense and the most real, because every evil that degrades peace lives inside every being's heart. If peace is a large estate, everything else is its invador, if necessity is destiny, what changes the path is love. But, if evil is a large estate, peace, all kinds of peace, will invade the hearts and thus, fill the earth with peace. Change, modify all your rituals and prayers, ask for the Lord to make you His instrument of peace. Peace of men, peace of God. Generate kindness that generates kindness. Take the best out of your greatest ideal, and become profets of only one idea. It's not only today, it's the whole day tomorrow. IT should be the greates campaign to elect an unmatched feeling, the fountain of youth, the elixir of long life. It's the dream, not the utopia; it's virtual, not unreal. It should happen at the best age, in the best of families, in the first day of a new day that begins with all bodies and minds united, looking at the best of them, the "I".

“La paix est une énergie coloriée, une joie sans égal, présente en dessus et en dessous, en dedans et en dehors, partout...”

Paix, la paix des hommes, la paix sur la terre, la terre pleine de paix.

Jamais, rien qu'un mot prononcé, agitation des rêves, des âmes qui voient la paix.

Mais si l'on en croit, et on la cherche et on la fait, la paix arrive et, de la poitrine, elle s'élançe, brille, anoblit.

La paix qui a envahi le coeur, tellement simple, remplit la terre de paix.

Oui, amour entre les hommes, la paix quand l'on est heureux avec la lumière des yeux des hommes et de Dieu, ensemble, sans questions, uniques, égaux, elle transcende la parole, le geste ou la création. En expliquant tout, dès le commencement, un par un, un à un. C'est la fin, c'est le commencement, c'est une affaire personnelle, morale, elle vient par le nord-est, de la terre qui fleurit, de l'eau qui coule, du bonheur qui rend fou, de la "favela" qui a du mérite, du riche qui regarde et ne s'élude pas avec la fausse paix des yeux mortels.

La paix est une énergie coloriée, une joie sans égal, présente en dessus et en dessous, en dedans et en dehors, partout, elle circule sous le soleil, elle circule dans la mère, elle est aussi dans l'air, dans le chant et dans la beauté, dans la force du toucher, du baiser, de l'amour, sans barrières, ni frontières, sans restrictions, ni affectation. C'est tout,

tout qui se trouve dans la poitrine, qui ne peut se sentir qu'à partir de là, c'est là où elle doit demeurer éternellement. En étant sentie par chacun, la paix règnera sur le monde, mais la liberté est la première mission, liberté d'idées, liberté de parler, liberté d'aimer ce dont l'on en aura envie. Pardonner c'est le mot, le mot de la réunion. Respect c'est la sagesse, le bon vouloir, l'action, la réaction de la physique unie à la chimique alchimique qui produira de l'or jusque de la "pedra-sabão"* , taillée par le travailleur finaud, et pauvre et noir. Tous des hommes, des êtres faits d'amour, qui rassemblent toutes les sciences et technologies pour sauver, pour découvrir la clé, la mèche afin que la paix soit emboîtée dans le coeur. Laissez-vous entraîner par le rêve; l'ordre c'est de croire, de s'abandonner, de aimer, aimer encore, et aimer toujours; et ce qui amène à cela c'est une expérience sans égal, c'est le vouloir de chacun, c'est son vécu le plus intense, le plus vrai, car la paix est corrompue par le mal qui vit dans le coeur même de chaque être, et si la paix est la grande propriété, tout le reste doit être envahissement, si le besoin est le destin, le chemin ne peut être refait que par l'amour. Mais, si maintenant le mal devient grande propriété, la paix, toute la paix va envahir les coeurs, et ainsi remplir la terre de paix. Changez, transformez tous les rituels et les prières, commencez à dire que le seigneur fasse de toi un instrument de sa paix. Paix des hommes, paix de Dieu. Gérez de la gentillesse qui génère de la gentillesse, apportez la maxime de l'idéal majeur, en étant tous des prophètes d'une seule idée. Ce n'est pas qu'aujourd'hui, mais tout le lendemain. Ce sera la plus grande campagne pour élire le sentiment sans égal, la source de la jeunesse, l'élixir de longue vie. C'est le rêve, non pas une utopie; c'est virtuel, non pas irréel. Cela arrivera au moment de l'âge le plus beau de la vie, dans les meilleures familles, au premier jour d'un nouveau jour qui commence avec tous les corps et tous les esprits unis, vivants, qui regardent vers le meilleur de soi-même, le moi.

* Il s'agit d'une roche – du type de la craie de Briançon – utilisée par le sculpteur, décorateur et architecte brésilien, Antônio Francisco Lisboa, dit l'Aleijadinho (1730?-1814), pour orner les églises du Minas Gerais d'oeuvres d'un baroque très expressif.

*“Construamos escolas
que, muito além de muros, portas
e janelas, tenham vida, valorizem
a família e estimulem o diálogo”.*

Vanessa Massoni da Rocha

Universidade Federal Fluminense – UFF

Certa vez, Prévert percebeu a ausência de Ministérios de paz. Percebeu esta ausência não como brilhante poeta, mas como o cidadão sensível que foi. Prévert condenou-a em meio aos gritos, ao cheiro e à paisagem da Segunda Guerra Mundial, reiterando a idéia de que o homem não tinha aprendido com seus erros anteriores. Um olhar para a história, no entanto, nos permite reconhecer que a origem das nações, sob o prisma da Torre de Babel, foi, em um primeiro momento, decisiva para a compreensão deste vazio. O episódio bíblico foi, durante muito tempo, o símbolo da punição divina, da impossibilidade de comunicação, da desarmonia e do fim da paz que unia os homens. Contudo, ao nos permitirmos reler o passado, podemos perceber uma nova janela que se abre, onde a torre é reconhecida como símbolo do novo, da formação identitária, do nascimento de múltiplas culturas e do respeito à diferença.

A cultura de paz tão desejada por todos nós só será possível quando formos capazes de deixar nossas janelas abertas, privilegiando a presença do outro ao lançarmos novos olhares para tudo que nos cerca. O mito de Babel aponta para a importância do outro. Sejamos, então, capazes de ouvir, de respeitar e de redescobrir o senso de comunidade e de generosidade ao nos integrarmos ao próximo. Sejamos capazes de tirar de nossos dicionários palavras que rivalizam com o sonho da paz, como intolerância, desrespeito, inveja, poder, desarmonia e arrogância. Façamos uso, a partir de então, de palavras que, por si mesmas, promovam o bem e transformem o mundo. Construamos escolas que possam difundir a compreensão entre os povos, possibilitando a reavaliação de antigos ideais. Construamos escolas que, muito além de muros, portas e janelas, tenham vida, valorizem a família e estimulem o diálogo. Construamos escolas onde, ao invés de desenharem a guerra, as crianças sejam capazes de desenhar a paz, não como uma utopia ou um sonho distante, mas como uma realidade que se impõe em um mundo que saiba dar as mãos e plantar a solidariedade, a união e o respeito entre todos. Alberto Schweitzer, premiado com o reconhecimento do Nobel da Paz em 1952, foi incansável ao defender a ideologia de que “Quando o homem aprender a respeitar até o menor ser da criação, seja animal ou vegetal, ninguém precisará ensiná-lo a amar seu semelhante”.

*“Let us build schools that,
more than having walls, doors, and
windows, have life and
value the family and stimulate dialogue.”*

On a certain occasion, Prevert noticed that there was no Ministry of peace. He noticed this absence not as a brilliant poet, but as the sensitive citizen he was. Prevert condemned it among shouts and cries in the wake of World War II, reiterating the idea that man hadn't learned from his previous mistakes. A glance into history, however, allows us to realize that the origin of nations, under the prism of the Tower of Babylon, was a decisive step in the comprehension of this void. The biblical episode was, for a long time, the symbol of divine punishment, of impossibility to communicate, of disharmony, and of the end of peace that unified man. Nevertheless, as we allow ourselves to reexamine the past, we will notice that a new door is opened, in which the tower is perceived as a symbol of novelty, of the formation of identities, of the birth of multiple cultures, and of tolerance.

The culture of peace desired by all of us will only be possible when we become able to leave our doors open, privileging the presence of others as we set our eyes upon our surroundings. The myth of Babylon points to the importance of others. Let us then be capable of hearing, respecting, and rediscovering the sense of community and of generosity as we come closer to our kin. Let us be capable of removing words from our dictionaries that are incompatible to the dream of peace, such as intolerance, disrespect, envy, power, disharmony, and arrogance. Let us therefore use words that promote goodness and transform the world. Let us build schools that, more than having walls, doors, and windows, have life and value the family and stimulate dialogue. Let us build schools where, instead of drawing war, children are capable of drawing peace, not as a utopia or as a distant dream, but as a reality than might be enforces in a world in which it is possible to hold hands and to plant solidarity, union, and respect among all. Albert Schweitzer, prized with the Nobel Peace Prize in 1952, was tireless in his defense of the ideology stating that “when man learns how to respect even the smallest being created, animal or plant, nobody has to teach how to love his kin”.

*“Construisons des écoles qui
au-delà des murs, des portes et des fenêtres,
soient pleines de vie, fassent valoir
la famille et stimulent le dialogue”.*

Une fois, Prévert s'est aperçu de l'absence de Ministères de la paix. Il s'était aperçu de cette absence non pas comme poète brillant, mais en tant que citoyen sensible qu'il a toujours été. Prévert l'a condamnée avec des cris d'indignation, devant le scénario et à l'odeur de la Seconde Guerre mondiale, en réitérant l'idée selon laquelle l'homme n'avait tiré aucune leçon de ses errements antérieurs. Un regard tourné vers l'histoire, pourtant, nous permet de reconnaître que l'origine des nations, sous l'angle de la Tour de Babel, a été, dans un premier temps, décisive pour la compréhension de ce vide. Pendant longtemps, l'épisode biblique a été le symbole de la punition divine, de l'impossibilité de la communication, de la mésestime et de la disparition de la paix qui rassemblait les hommes. Toutefois, en nous permettant de relire le passé, nous pouvons apercevoir une nouvelle fenêtre qui s'ouvre, où la tour est reconnue comme le symbole du nouveau, de la formation identitaire, de l'émergence de multiples cultures et du respect pour la différence.

La culture de la paix si prisée par nous tous ne sera possible que quand nous serons capables de laisser nos fenêtres grandes ouvertes, en privilégiant la présence d'autrui; nous jetterons de nouveaux regards vers tout ce qui nous entoure. Le mythe de Babel nous indique l'importance d'autrui. Soyons, alors, capables d'écouter, de respecter et de redécouvrir le sens de la vie communautaire et de la générosité en nous intégrant au prochain. Soyons capables de retirer de nos dictionnaires les mots - tels que intolérance, manque de respect, envie, pouvoir, mésestime et arrogance - qui font obstacle à la réalisation du rêve de la paix. Faisons usage, par la suite, de mots qui par eux-mêmes provoquent l'essor du bien et transforment le monde. Construisons des écoles qui puissent devenir des foyers de diffusion de la compréhension entre les peuples, en créant la possibilité de la réévaluation d'anciens idéaux. Construisons des écoles qui au-delà des murs, des portes et des fenêtres, soient pleines de vie, fassent valoir la famille et stimulent le dialogue. Construisons des écoles où les enfants, au lieu de la guerre, soient capables de dessiner la paix, non pas comme une utopie ou un rêve lointain, mais en tant que réalité qui s'impose dans un monde qui sache se donner les mains et planter la solidarité, l'union et le respect entre tous. Albert Schweitzer, Prix Nobel de la Paix, en 1952, ne s'est pas lassé de défendre l'idéologie suivante: “Quand l'homme aura appris à respecter jusqu'au plus petit être de la création, soit-il animal ou végétal, il n'aura plus besoin de quelqu'un pour lui apprendre à aimer son semblable”.

“ ...Dizeis agir em nome da paz,
todavia, fazeis guerras para alcançá-la.
Confunde-me a antinomia “

Vera Lúcia Carneiro dos Santos
Universidade Estácio de Sá

Ao ser humano me reporto. Sois detentor de um poder incomparável: decidis o destino. Através dele, conduzis o vosso e, hodiernamente, o de todas as espécies habitantes deste planeta. Brilhantes façanhas produzistes, como a disseminação de pestes e a irrigação de áreas desérticas, possibilitando a explosão da vida. Destarte, não vos compreendendo. Dizeis agir em nome da paz, todavia, fazeis guerras para alcançá-la. Confunde-me a antinomia.

Na natureza é contumaz a carne carecer de carne para sobreviver, no entanto, facilmente compreendo que a necessidade tem sua gênese na sobrevivência, afastada de qualquer exteriorização de prazer. Vós, no entanto, que possuis o dom da abstração intelectual, justificais atos de crueldade social em ideologias que criais como apanágios da ética e da moral, apresentando-as como a essência da verdade, ora sob a égide do cristianismo, ora sob o manto da evolução comunitária. Estranho que a miséria, a fome,... a morte pela diferença de raças e de credo sejam o meio que justificais ao encontro com a paz. Que paz!?

Pareceis crianças levadas em pele de adultos, como se o vosso habitat fosse a imaginária “Terra do Nunca”, haja vista tamanha a teimosia em vos manter imaturos. Vossos brinquedos: armas e canetas; vossos intentos: a guerra contra a religião, contra a sociedade, contra a liberdade. E tudo isso pela paz? Que paz!?

Aceitais que os povos são naturalmente diferentes. Não fossem essas dissimilaridades, não vos poderíeis dizer indivíduos. As liberdades de pensamento e expressão se afiguram materialização dessa individualidade. Como quereis ser indivíduos detentores de liberdades e privacidades se não aceitardes a diferença alheia?

Malgrado errôneo emprego de o vosso poder de decidir, parece-me que a paz que procurais seja a consequência da tolerância e do respeito para com vós mesmos e a natureza. Sois o ser inteligente da Terra. Não creio que sejais incapazes de perceber a simplicidade desse humilde ponto de vista.

Eis que a Luz que ilumina a mim, sobre vós espargue luminescência. Assim, dependendo da esperança de que um dia as linhas aqui registradas prenunciem a harmonia entre vós, homens. Fazei-me crer, filhos de Deus, haver-vos escrito a paz.

*“ ...You say you act in
the name of peace, however, you
make war to achieve it. ”*

I report to the human race. You are the conveyor of an incredible power: you have the ability to decide your own destiny. By that power you conduct your own destiny and presently, the destinies of all species inhabiting the earth. You have accomplished great achievements like the dissemination of pests and the ability to give life to desert-like places, thanks to the invention of irrigation. Hence, in light of all this, I don't understand you. You say you act in the name of peace, however, you make war to achieve it. Your contradictory nature confuses me.

It is an unwritten law in nature that meat needs meat to survive. However, I don't think the need is purely born out of survival necessity, without any exterior incentives of pleasure. Nevertheless, you who possess the gift of intellectual abstraction, justify acts of social cruelty with ideologies that you create as rules of moral ethics. You further present these ideologies as essential truths, sometimes under the shield of Christianity, and at other times behind the veil of collective evolution. It is strange that misery, hunger,...and death by racial and religious differences are the means by which you justify your encounter with peace. What peace?!

Under your grown-up skin you are nothing but mischievous children. Your stubbornness in maintaining yourselves immature leads one to believe that your natural habitat is the imaginary "Neverland". Your toys: guns and pens; Your intentions: war against religion, against society, and against freedom. And all this in the name of peace. What peace!?

Accept that people are naturally different. If it weren't for these idiosyncrasies, you couldn't celebrate your individualism. Freedom of thought and expression represent the materialization of such individuality. How can you be individuals with certain liberties and rights, if you do not accept other people's differences?

In spite of your incorrect use of power of decision, it seems to me that the peace you search for is the direct consequence of tolerance and respect for each other and for nature. You are the most intelligent being on Earth. I doubt that you are unable to comprehend the simplicity in this humble point of view.

The Light that illuminates me is now spilling its luminescence over you. Hence, I trust that one day the lines registered herewith will pronounce harmony among you, men. Make me believe, children of God, that I have written thee peace.

“...Vous disiez que tout votre agir était au nom de la paix; toutefois, pour l’atteindre, vous ne faites que la guerre. Cette antinomie me confond.”

Je m’adresse à l’être humain. Vous êtes détenteur d’un pouvoir incomparable: c’est vous décidez du destin. Par son intermédiaire, vous conduisez le vôtre, et actuellement celui de toutes les espèces qui habitent cette planète. Vous avez accompli d’éclatants tours de force, tels que la dissémination de pestes et l’irrigation de régions désertifiées, en leur procurant la possibilité d’une éclosion de vie. De la sorte, je n’arrive pas à vous comprendre: Vous disiez que tout votre agir était au nom de la paix; toutefois, pour l’atteindre, vous ne faites que la guerre. Cette antinomie me confond.

Dans la nature, la chair ne survit que par la chair; et je peux comprendre assez facilement que le besoin a sa genèse dans la survie, éloignée de toute extériorisation de plaisir. Quant à vous, cependant, vous qui possédez le don de l’abstraction intelligible, vous justifiez des actes de pure cruauté sociale par des idéologies que vous avez créées en tant qu’apanages de l’éthique et de la morale, en les présentant comme l’essence de la vérité, sitôt sous l’égide du christianisme, sitôt sous le manteau de l’évolution communautaire. C’est étrange que la misère, la famine... la mort, tributaires de la différence de races et de credo, soient le moyen que vous utilisez pour justifier votre démarche en faveur de la paix. Laquelle!?

Vous ressemblez à des enfants espiègles sous la peau d’adultes comme si votre habitat avait été l’imaginaire “Terre du Jamais”, étant donné votre acharnement en maintenir votre immaturité. Vos jouets: des armes et des stylos. Votre dessein: la guerre contre la religion, contra la société, contre la liberté. Et tout cela pour la paix? Laquelle!?

Vous acceptez que les peuples soient naturellement différents. S’il n’avait pas eu ces dissimilitudes, vous n’auriez pas pu vous considérer des individus. Les libertés de pensée et d’expression représentent la matérialisation de cette individualité. Comment voulez-vous être des individus détenteurs de libertés et de jaloux de votre intimité si vous n’acceptez pas la différence d’autrui?

Malgré l’emploi erroné de votre pouvoir concernant la prise de décisions, il me semble que la paix que vous recherchez soit la conséquence de la tolérance et du respect envers vous-mêmes et envers la nature. Vous êtes l’être intelligent de la Terre. Je ne crois pas que vous soyez incapables de percevoir la simplicité de cet humble point de vue.

Voici que la Lumière qui m’éclaire vous inonde de sa luminescence. Ainsi, mon espoir c’est qu’un jour ces lignes soient le présage de l’harmonie entre vous, hommes. Faites-moi croire, ô fils de Dieu, que je vous ai écrit sur la paix.

“...Precisamos criar nas gerações futuras uma percepção mais ampla da vida em sociedade”

Vinicius Guimarães Rodrigues

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Em um mundo de tantos contrastes culturais e econômicos, a paz demanda prerrogativas diversas para se fazer presente. Os conflitos regionais, em paralelo aos inúmeros bolsões de pobreza espalhados pelo mundo, dão origem a legiões de mutilados: vítimas de guerras ou da parca distribuição da renda, não importa. São milhões de seres humanos sem condições mínimas de vida, incapazes de discernir sobre a própria consciência, excluídos das redes de consumo e de integração social. Assim, há que ser transformado em vias de uma cultura de paz.

Promover uma cultura de paz é gerar, nas sociedades, possibilidades de as pessoas serem o que desejarem, de disporem de si mesmas, com a ressalva de não interferirem na liberdade de seus pares. Fazer a paz existir de forma plena é algo como atingir um equilíbrio entre o individualismo e a coletividade. No entanto, em um mundo de tantos dogmatismos religiosos e advindos de governos ditatoriais, isso se mostra complexo e demorado.

Trata-se de um trabalho contínuo, a longo prazo, no qual se deve buscar, nos próprios habitantes das comunidades mundiais, meios de fazer da mera sobrevivência, vida plena.

Por outro lado, a máquina capitalista promulga uma liberdade pelo consumo que não atende a todos de maneira equânime. Portanto, é fundamental no processo de criação de uma cultura de paz o estímulo à reflexão acerca da cultura do consumo, bem como das desiguais relações de comércio internacional, que ainda privilegiam mormente os países mais ricos. Isso também, mesmo indiretamente, ajuda a agravar questões sociais na periferia do sistema capitalista.

Precisamos criar, nas gerações futuras, uma percepção mais ampla da vida em sociedade, do quanto a ética individual pode influenciar para bem ou para mal toda uma nação, ou até o mundo inteiro. O respeito mútuo é primordial na promoção da paz, cercada por outros princípios como o da liberdade e da transformação das estruturas de poder em todas as nações. Como está instituído hoje, o poder ainda carrega, em certas áreas do globo, um caráter inquisidor e persecutório, impedindo a defesa da paz.

Finalmente, por mais que pareça distante, o sonho da paz está cada vez mais próxi-

mo. Urge mudarmos as relações interpessoais, a consciência individual, à medida que possamos criar igualdade de oportunidades de acesso à saúde, à alimentação, ao saneamento, à educação e, especialmente, à arte. Ela é fundamental na formação da consciência coletiva, auxiliando no reconhecimento de homens e mulheres e é um caminho para a produção de novos contextos, de transformações positivas rumo à paz.

*“... We need to induct a more
ample vision in future generations of what
it means to live in a society.”*

In a world full of cultural and economic contrasts, the attainment of peace is conditioned to a series of prerogatives. Regional conflicts, alongside numerous dens of extreme poverty, give birth to mutilated legions: it doesn't matter if they are victims of war or of a poor income distribution. They are millions of human beings who lack basic living conditions, who are incapable of apprehending their own consciousness, and who are excluded from the market of goods and social integration. For those reasons, the paths for a culture of peace should be transformed.

To promote a culture of peace means to generate within societies, the opportunity for people to become what they want to become and of being self-s-Universidade Federal Fluminense - UFFicient without having to impose on the freedom of others. To attain absolute peace is something close to achieving equilibrium between individualism and collectivism. However, in a world full of religious dogmatism, succeeded by regimes of dictatorship, the task seems complex and delayed.

The task should be faced with a continuous, long-term mind frame, in which the very inhabitants of all world communities would strive to live life to its fullest and not just merely survive.

On the other hand, the capitalist machine proclaims a consumerist freedom that is not equally distributed for all. Therefore, in the creation of a culture of peace it is essential to stimulate critical thinking over the culture of consumption, as well as over the unequal relations of international commerce that still privileges richer countries. Even if it's only indirectly, all problems formerly mentioned help to worsen the social issues pertinent to those who are part of the marginalized portion of the capitalist system.

We need to induct a more ample vision in future generations of what it means to live in a society and of just how much the individual ethic can negatively or positively influence an entire nation, or even an entire world. Mutual respect is primary in the promotion of peace, as are other principles such as freedom and the transformation of

power structures in every nation. In many parts of the world, we still see power as an establishment of inquisitive and persecutory nature and thus, a barrier to peace.

Finally, as distant as it might seem, the dream of peace is increasingly near. It is necessary that we change our interpersonal relations and our individual consciousness, while we generate equal opportunities of health, nutrition, basic hygiene, education, and especially in the arts. Art is essential in the development of a collective consciousness where both men and women are equally recognized. Moreover, art might stimulate the creation of new contexts that have positive ramifications towards peace.

“Il nous faut créer dans les futures générations une perception plus élargie de la vie en société”

Dans un monde marqué par un si grand nombre de contrastes culturels et économiques, la paix demande diverses prérogatives pour se faire présente. Les conflits régionaux, parallèlement aux innombrables poches de pauvreté éparpillées aux quatre coins de la planète, sont à l'origine d'une légion de mutilés: victimes des guerres ou de la mauvaise distribution de la richesse, peu importe. Ce sont des milliers d'êtres humains dépourvus des conditions élémentaires de vie, incapables de discernement à partir de leur propre conscience, exclus des réseaux de consommation et d'intégration sociale. Ainsi, il va falloir trouver des voies qui mènent à une culture de la paix.

Promouvoir une culture de la paix c'est engendrer au sein des sociétés les moyens pour que les personnes deviennent ce qu'elles souhaitent, pour qu'elles puissent disposer d'elles mêmes, à condition de ne pas égratigner la liberté de leurs semblables. Faire la paix exister d'une façon pleine c'est quelque chose comme atteindre un équilibre entre l'individualisme et la collectivité. Cependant, dans un monde où sévissent d'innombrables dogmatismes religieux et gouvernements dictatoriaux, telle entreprise devient complexe et morose.

Il s'agit d'un travail continu, à long terme, moyennant lequel il faudra amener les membres mêmes des différentes communautés du monde entier à se doter des moyens de transformer la simple survie en une vie réussie.

D'un autre côté, la machinerie capitaliste édicte une liberté pour la consommation qui ne touche pas à tous d'une façon équitable. Donc, dans le processus de création d'une culture de la paix, il est fondamental d'approfondir la réflexion concernant la culture de la consommation, ainsi que l'inégalité des relations au sein du commerce international lequel privilégie toujours les pays les plus riches. Cet état de fait, ne serait-ce qu'indirectement, contribue pour aggraver les questions sociales à la périphérie du système capitaliste.

Il nous faut créer dans les futures générations une perception plus élargie de la vie en société, en insistant sur l'importance d'éthique individuelle; en fait, celle-ci peut exercer une influence bénéfique ou maléfique sur toute une nation, voire sur le monde entier. Le respect réciproque est essentiel pour la promotion de la paix, dont l'action est entamée par d'autres principes tels que celui de la liberté et celui de la transformation des structures de pouvoir dans toutes les nations. Dans certaines zones du globe, le pouvoir en place porte encore les stigmates de l'Inquisition et de la persécution, ce qui empêche la défense de la paix.

Finalement, pour plus qu'il semble éloigné, le rêve de la paix se trouve de plus en plus proche. À cet effet, il est urgent que nous changions nos relations interpersonnelles, et notre conscience individuelle, de façon à ce que nous puissions créer l'égalité des chances d'accès à la santé, à la nourriture, aux services d'assainissement de base, à l'éducation, et spécialement à la découverte de l'art. Celle-ci est fondamentale pour la formation de la conscience collective, en contribuant pour la reconnaissance des hommes et des femmes; en plus, elle est un chemin qui mène à la mise en place de nouveaux contextes visant des transformations positives vers la paix.

“...existe na paz a solução para muitos dos eternos conflitos da humanidade”.

Viviane Braga de Oliveira
Universidade Gama Filho

Ao ligarmos a televisão em noticiários nacionais ou internacionais, podemos até mesmo deduzir o que será transmitido: violência, guerras e mortes. Infelizmente não estamos a ver filmes ou estórias meramente fictícias; o que visualizamos é um pouco, bem pouco da cruel realidade.

Quando pensamos em paz, podemos até ser levados a imaginar um mundo utópico, onde a paz seja a soberana, num Estado composto por gentis e felizes súditos; algo que definitivamente seria impossível de realizar-se, pois a violência está relacionada, primeiramente, à falta de paz interior e aos interesses ambiciosos da ganância. A partir do momento em que o homem vive bem em seu íntimo, ele consegue externar a paz.

Mas, então, temos uma questão que seria a máxima do problema relacionado à falta de paz: como viver bem consigo mesmo num mundo onde há tanta escassez? E a esta me refiro no seu sentido amplo, não somente à falta de recursos materiais, como também de sentimentos.

Avaliando esta visão, percebemos que a falta de recursos materiais: falta de alimentos, de capital, entre outros, tem levado pessoas a se revestirem de violência como a última tentativa de sobrevivência.

No aspecto da carência sentimental, podemos levantar principalmente a falta de amor, de afeto, de compreensão.

Estamos num período de falta de amor próprio, em que a ganância é maior que qualquer outro valor moral. Não há limites para a maldade, quando o que vem a ser visado é o dinheiro; não há importância no choro de uma criança que observa sem entender o porquê da guerra que veio a destruir seu lar, sua família. Muito sangue inocente escorre por esse motivo, e assim, a humanidade dilacera a humanidade.

E mais ainda, neste presente século, onde tudo é modernidade, na desculpa de que quase não temos disponibilidade de tempo nem para nossos ‘milhares’ de afazeres diários, quem dirá termos tempo para apreciarmos a natureza, um céu azulado, um pôr-do-sol... Enfim, a criação não consegue mais buscar a paz sublime que vem do seu Criador.

Deixemos de procurar a paz somente em versos ou em contos, que venhamos a começar a escrever a paz nas linhas da nossa vida. Que venham a partir de nós, os primeiros passos que sejam realmente firmes, mesmo que estes não sejam gigantes ou revolucionários, mas que possamos, ao menos, demonstrar o caminho para quem se dispuser a seguir; para quem ainda acredita que existe, na paz, a solução para muitos dos eternos conflitos da humanidade.

“...inherent to peace are the solutions for many of human kind’s eternal conflicts”.

As we turn on our TVs to watch the national or international news, we already know what to expect: violence, wars and death. Unfortunately, we are not contemplating merely fictitious movies or stories; what we see is just a small, very small, portion of our cruel reality.

When we think about peace, we might even get carried away by the idea of an imaginary utopian world, where peace is sovereign and the State is composed of gentle and happy subjects. However, the dream is unattainable because violence is, first and foremost, related to the lack of inner peace and to ambitious, greedy interests. Man can only exteriorize peace after he feels at peace with himself.

However, we now have reached an issue intrinsic to the very problem related to the lack of peace: how can we live at peace with ourselves in a world where there is so much scantiness? And I am not only referring to the lack of material resources, but to the scarcity of good sentiments as well. Taking the above into account, we realize that the lack of material resources – lack of food supplies and capital, among others – has lead people to reinvest in violence as their last attempt at survival.

As far as sentimental scarcity is concerned, we might name love, affection and comprehension as the main emotions missing in action. We live in a period where self-love is scarce and greediness is greater than any other moral value. There are no limits to cruelty when money is in question. A child’s tearful cry as he watches his home and family being destroyed by a war he knows nothing of, has no meaning to money-hungry perpetrators. A lot of innocent blood is spilled in the name of greediness and consequently, humanity slanders humanity.

Furthermore, who is to say that in leading our modern lives of the 21st century, in which we are constantly excusing ourselves from our “millions” of daily errands due to lack of time, that we have the time to appreciate nature, or a beautiful blue sky, or a sunset... In the end, the creation does not seem to find the sublime peace that comes from its Creator.

Let us stop looking for peace only in written verses or fables. Let us start to write peace “between the lines” of life. We should be the ones to take the first truly firm steps towards this reality even if they aren’t big or revolutionary steps, but enough to show the way to whoever might be willing to follow. And to help those who still believe that inherent to peace are the solutions for many of human kind’s eternal conflicts.

“...la solution pour beaucoup des interminables conflits de l’humanité ne peut se trouver que dans la paix”

En regardant à la télé les nouvelles sur les événements nationaux ou internationaux, nous arrivons à déduire leur contenu: violence, guerres et morts. Hélas! nous ne sommes pas en train d’assister à des films ou à des histoires simplement fictives; ce qui nous regardons ce n’est qu’un tout petit bout, bien réduit, de la cruauté quotidienne.

Quand nous pensons à la paix, nous pouvons même être amenés à imaginer un monde utopique, où la paix soit la souveraine dans un État formé par des sujets gentils et heureux; en fait, il s’agit de quelque chose d’impossible de réaliser, car la violence relève, d’abord, du manque de paix intérieur en ayant partie liée avec les intérêts ambitieux de la cupidité. À partir du moment où l’homme vit en harmonie avec son tréfonds, il réussit à extérioriser la paix.

Mais, alors, nous nous posons une question qui serait la plus cruciale sur le problème concernant le manque de paix: comment est-il possible d’être bien dans sa peau dans un monde où la pénurie est tellement criante? Et je prends la situation de toute la planète qui manque et de ressources matérielles, et de sentiments.

En évaluant cette vision, nous nous apercevons que le manque de ressources matérielles – y compris, entre autres, la rareté d’aliments et de capital – finit par entraîner les gens à faire usage de la violence en tant que la dernière tentative de survie.

En ce qui concerne le handicap d’ordre sentimental, nous pouvons relever, en particulier, le manque d’amour, d’affection et de compréhension.

Nous nous trouvons dans une période de manque d’amour-propre où la cupidité est plus importante que n’importe quelle autre valeur morale. Il n’y a pas des limites pour la méchanceté quand le seul but c’est de gagner de l’argent; aucune importance n’est attachée aux pleurs d’un enfant qui n’entend pas le pourquoi de la guerre qui a détruit son foyer et sa famille. Beaucoup de sang innocent est versé pour cause de cette cupidité-là, et ainsi l’humanité s’entre-déchire.

Et ce n’est pas tout: dans ce nouveau siècle, où tout est modernité, sous prétexte de manque du temps disponible, ne serait-ce que pour nos “milliers” d’affaires quotidiennes, quelqu’un oserait-il prendre du temps pour s’émerveiller devant la nature, d’un ciel bleu, d’un coucher de soleil...? Enfin, la création n’arrive plus à rechercher la paix sublime qui vient de son Créateur.

Laissons tomber la recherche d’une paix qui ne serait présente que dans les poèmes ou dans les contes, et mettons-nous à l’écrire sur les lignes de notre vie. Que nous soyons les premiers à entreprendre cette quête en faisant des pas vraiment fermes, même s’ils ne soient ni géants, ni révolutionnaires; que nous puissions, tout au moins, indiquer le chemin à quiconque veuille le suivre, ainsi qu’à tous ceux qui se méfient toujours que la solution pour beaucoup des interminables conflits de l’humanité ne peut se trouver que dans la paix.

“...meu amor, meu grande
pequeno amor, meu filho, minha paz”

Viviane Rosa Assumpção
UNICARIOCA

Rio e Janeiro. É quase uma hora da manhã e deitada estou, ao lado do meu grande amor.

Paz, paz é o que sinto.

Rio de Janeiro. Rua do Bispo. Já passa um pouco de uma hora da manhã, deitada continuo, não mas adormeço, não mais consigo, por medo, por necessidade de esconder este medo de proteger, proteger meu grande amor. O seguro.

Paz, não mais a sinto. Onde estamos?

Inquietude. Me pergunto se irá acontecer de novo.

Aquele barulho que, de tão forte, parecia adentrar minha casa, meu quarto, meu coração, e, sem perdí permissão, acabar com a vida, com a vida do meu amor

Ao olhar para o lado, vejo minha paz que dorme; meu amor que dorme sem perceber o que acontece ao seu redor, sem perceber que, à sua volta, acaba o Mundo, acaba a vida

Afinal, pergunto-me se serão as armas, mães de tal barulho, mães da dor

Olho ao meu redor e a vida continua, e a minha paz continua dormindo

A mídia divulga, mais um roubo aqui, outro ali, uma morte, um homicídio, um suicídio.

E mais uma vez me pergunto: Será a fome, a pobreza, a desigualdade mães de toda essa dor?

Assusto-me ao obter a resposta, ao perceber que não somente estas, mas também a ganância, o egoísmo, o individualismo, a falta de ética que envolve nosso Mundo são mães de toda essa dor

Será, meu Deus? Será que envolverá também meu amor?

Assustada estou, já levantada após tentar e não conseguir mais dormir

Escuto uns sons, uns passos leves, tão leves que chegam a aumentar minha apreensão, meu medo, meu temor

O barulho se aproxima, e algo mexe na porta

Cansada, cansada estou e me entrego. De certa forma me entrego e me dirijo até a porta quando então esta se abre e vejo minha paz, que sorrindo vem em minha direção; meu amor, meu grande pequeno amor, meu filho, minha paz

A geração da paz, o futuro do nosso Mundo, futuro da nossa paz

“my love, my great little love, my son, my peace”

In Rio, during January. It's almost one in the morning and I am lying beside my great love.

Peace, peace is what I feel.

Rio de Janeiro. Bispo Street. It's already past one o'clock in the morning, I'm still lying down, but I can't sleep out of fear, out of the need to hide and protect. Protect my great love. Safety.

Peace, I don't feel it anymore. Where are we?

Apprehension. I ask myself if it will happen again.

The noise strong enough to intrude my house, my room, my heart, and without any permission, end life. The life of my love.

I look sideways and see my peace sleeping; my love sleeps without noticing what is happening around it, without realizing that the World is crumbling and lives are ending everywhere.

I finally ask myself if the mothers of all these noises are firearms. Mothers of pain.

I look around and life continues, while my peace still sleeps.

The media shows a robbery over here, another over there, a death, a homicide, a suicide.

And once more I ask myself if the mother of all this misery, inequality and pain is hunger.

I am shocked at the answer and at realizing that the mothers of pain are not only the formerly mentioned, but greediness, selfishness, individualism, and the lack of ethic in our world today, as well.

Could it be, my Lord? Could it involve my love as well?

After having tried to sleep and failing, I am now scared and awake.

I hear sounds, soft footsteps, so soft that they increase my apprehension, my fear, my anxiety.

The sound becomes closer, something jiggles the door.

Tired, I am tired and I give in. In a way, I give in as I approach the door and see it opening to reveal my peace, smiling in my direction; my love, my great little love, my son, my peace

The generation of peace, the future of our World, the future of our peace.

“Mon amour, mon grand petit amour, mon fils, ma paix chérie”

Rio et Janeiro*. Il est presque une heure du matin et je suis couchée à côté de mon grand amour.

Paix, je me sens en paix.

Rio de Janeiro. Rue du Bispo. Il vient de sonner une heure du matin, je reste couchée, mais sans pouvoir m'endormir, je n'y arrive plus par crainte, par nécessité de cacher cette peur de protéger, oui, de protéger mon grand amour. La sûreté.

Paix, je ne la sens plus. Où sommes-nous?

Inquiétude. Je m'interroge si cela va se reproduire.

Ce bruit-là qui, pour être tellement fort, semblait avoir envahi ma maison, ma chambre, mon coração, et sans demander ma permission, semblait vouloir en finir avec ma vie, avec la vie de mon amour

En regardant à côté de moi, je vois ma paix plongée en plein sommeil; mon amour endormi sans s'apercevoir de ce qui arrive autour de lui, sans s'apercevoir qui autour de lui le Monde touche à sa fin, la vie est finie

Au bout du compte, je me demande si les armes seront les mères d'un tel bruit, les mères de la souffrance

Je regarde autour de moi et la vie continue, et ma paix est toujours endormie

À la une des quotidiens: un vol de plus ici, un autre là, quelqu'un de mort, un homicide, un suicide.

Et une fois encore je me demande: Est-ce que la famine, la pauvreté, les inégalités, seraient-elles les mères de toute cette souffrance?

La réponse me laisse effrayée, en m'apercevant qu'il y en a d'autres: la cupidité, l'égoïsme, l'individualisme, le manque d'éthique dans notre monde, sont aussi mères de toute cette souffrance

Est-ce vrai, mon Dieu? Est-ce que mon amour y serait impliqué?

Je suis toujours effrayée, déjà levée, après avoir essayé de m'endormir sans succès

J'écoute des sons, des pas légers, si légers qui arrivent à augmenter mon appréhension, mon épouvante, mon effroi

Le bruit s'approche, et quelque chose fait bouger la porte

Lasse, je me sens fatiguée et me laisse faire. D'une certaine façon je me laisse faire et je marche vers la porte quand alors celle-ci s'ouvre et je vois ma paix qui, souriante, avance vers moi; mon amour, mon grand petit amour, mon fils, ma paix chérie

La génération de la paix, l'avenir de notre Monde, avenir de notre paix.

* Littéralement, janvier.

“...há que se buscar a paz a todo custo e por todos os caminhos possíveis e imagináveis”.

Welton Elias da Conceição

Universidade de Nova Iguaçu - UNIG

Para alguns é “o intervalo entre duas guerras”. Outros a definiriam como ausência de conflitos ou de preocupações. O Aurélio, como “ausência de lutas, violências ou perturbações sociais (...)”.

Alguns povos e religiões defendem que, para se alcançar a paz, faz-se necessária a guerra. Governos defenderiam que, para se evitar a guerra e manter a paz, são necessários investimentos cada vez mais pesados em tecnologia bélica, armando-se cada vez mais, gastando quantias cada vez mais altas e aparelhando-se com o que há de mais moderno na arte da guerra – (pasmem) para garantir a paz. Grupos religiosos dizem: “paz de verdade, só se encontra em Jesus”, “é preciso abster-se dos prazeres terrenos e encontrar a paz na reclusão, na meditação, nos jejuns”. Alguns chegando até a reclamar para sua crença – ou para o objeto dela – o monopólio sobre o caminho para a paz.

Numa coisa, porém, todos concordam: há que se buscar a paz a todo custo e por todos os caminhos possíveis e imagináveis. Todos concordam que é busca das mais nobres e, como tal, justifica alguns excessos e erros de percalços.

Agora, vocês querem mesmo saber o que eu penso a respeito disso tudo? Eu acho, sinceramente, que o mundo está despendendo muita energia de forma equivocada: fala-se tanto em conquistar a paz, alcançar a paz, estabelecer ou restabelecer a paz, tentando “implantar” uma “paz no atacado”, sem se preocupar com o que cada indivíduo pensa dela. Sim, pois para algumas famílias de pobres e desempregados, paz de verdade é poder ir para cama à noite com as três refeições do dia seguinte garantidas. Eles não se preocupam com a crise no Oriente Médio, com as Guerras Civis da África ou os conflitos separatistas na Irlanda ou na antiga União Soviética – aliás, nem devem saber da existência dessas coisas. Para pessoas assim, ter paz é ter o que comer. Para alguns casais aflitos, paz é ver seu filho doente, curado ou, finalmente, conseguir a gravidez há muito tentada. Para o estudante secundarista, paz de verdade, só depois do resultado do vestibular. E poderíamos seguir muito mais adiante, mostrando uma visão muito particular a respeito desse assunto, dependendo da ótica com que se vê.

Quanto a mim, tenho minha própria visão e opinião acerca desse tema e tenho plena consciência de que jamais conseguirei mudar O MUNDO, mas certamente posso e vou mudar o MEU MUNDO, procurando e assumindo uma postura pacífica diante das coisas e das circunstâncias. Lutando para mudar o que posso e me conformando com as que não posso mudar, procurando caminhos alternativos para encontrar a MINHA PAZ. A paz interior, aquela sensação de segurança e conforto que tem os que

aprenderam a viver e tirar o melhor proveito possível da vida. Pois se eu consigo viver desta forma, levo paz e tranquilidade aonde quer que vá e não me torno um problema ou um peso para as pessoas que me cercam ou com que me relaciono profissionalmente. Acabo por contagiá-las com essa tranquilidade e simpatia irradiada. Essas, por sua vez, irradiam sobre outros e esses outros, sobre outros mais, formando uma “corrente do bem”, uma reação em cadeia, de dentro para fora. Partindo do indivíduo para o mundo, o que penso ser uma postura muito mais produtiva e realista do que tentar mudar as coisas de fora para dentro, do mundo para o indivíduo.

*“...we need to attain peace at any cost
and by all possible and conceivable means.”*

For some it means the “interval between wars.” While others define it as the absence of conflicts and anxieties. The Aurélio Dictionary defines it as “the absence of battles, violence or social disorder (...)”.

Some cultures and religions defend the idea that to achieve peace one needs to make war. Governments would defend their position by saying that to avoid war and maintain peace, it is necessary to invest heavily in defensive-arms technology. Equipped with more and more weapons, spending increasingly higher quantities of money to make sure that they possess the newest and most modern war equipment – astonishingly, all in the name of peace. Some religious groups assert: “we can only find real peace in Jesus,” “it is necessary that we abstain from earthly pleasures and find peace in reclusion, meditation and in fasting.” Some will even claim as their very faith – or as its purpose – the monopoly over the path towards peace.

However, everyone is in consent about one thing: it is necessary to attain peace at any cost and by all possible and conceivable means. Everyone agrees that it is the noblest of causes and thus, is able to justify a few mistakes and immoderacies in the name of “beneficial” moves.

Now, do you really want to know what I think about all this? I sincerely think that the world is wasting way to much energy in the wrong direction: we talk so much about achieving peace, reaching peace, establishing or reestablishing peace, trying to establish a “wholesale type of peace”, without worrying about what each individual thinks about peace. Yes, because for some poor and unemployed families true peace is being able to go to bed knowing that there will be three basic meals awaiting them the next day. They are not concerned with the Middle East crisis, or with African Civil Wars or even with separatist conflicts in Ireland and the former Soviet Union – in fact, they mustn't even know about the existence of such things. For some anxious parents, peace is having their sick child cured, or succeeding in getting pregnant after so many

unfortunate attempts. For a last year high school student, peace can only be found after college acceptances come in. We could go further still and show very specific points of view on this subject. It all depends through what optic lenses one chooses to see.

As for me, I have my own vision and opinion on the subject and am completely conscious that I will never be able to change the WORLD, but I can and will certainly change MY WORLD by attempting to take on a pacific poise towards all things and circumstances. I will fight for what I can change and accept the things I can't, while searching for alternative routes in achieving MY OWN PEACE. I hope to obtain peace of mind; a state of feeling secure and comfortable as those who have learned to take the best out of life. For if I am able to achieve this peaceful state, I will carry peace and tranquility with me wherever I go and will avoid becoming a problem or obstacle for the people that surround me and with whomever I relate professionally. I will end up infecting them with my own tranquility and radiating sympathy. Then, those who have been infected, will pass the feeling forward to other people, who will pass it on to yet another group of people, finally forming a "chain of goodness" or a reaction chain from inside out. From the individual to the world, which I believe is a much more realistic and productive way of trying to change things - from inside out, instead of from the world to the individual.

"...il faut chercher la paix à tout prix et par tous les chemins possibles et imaginables"

D'aucuns la considèrent comme "la pause entre deux guerres". D'autres la définirait comme l'absence de conflits ou de soucis. Et d'après le "Aurélio"*, elle est "l'absence de luttes, de violences ou de troubles sociaux (...)".

Certains peuples et certaines religions défendent que pour atteindre la paix il faut faire la guerre. Nombre de gouvernements soutiendraient que pour éviter la guerre et maintenir la paix il faut promouvoir des investissements de plus en plus considérables en technologie de l'armement, en se procurant des armes encore plus puissantes et ce qui existe de plus moderne dans l'art de la guerre - (mais, c'est ahurissant!) - pour s'assurer la paix. Il y aussi des groupes religieux qui disent: "la véritable paix ne peut se trouver qu'en Jésus", "il faut s'abstenir des plaisirs terrestres et retrouver la paix dans une vie recluse, dans la pratique de la méditation et du jeûne". D'autres gens encore arrivent même à revendiquer pour leur croyance - ou pour l'objet de celle-ci - le monopole concernant le chemin vers la paix.

Néanmoins, il y a un aspect sur lequel tout le monde est d'accord: il faut chercher la paix à tout prix et par tous les chemins possibles et imaginables. Tous s'accordent à

reconnaître qu'il s'agit de la quête la plus noble, et partant, celle qui justifierait même quelques excès et des incidents de parcours.

Maintenant, avez-vous vraiment envie de savoir ce que je pense au sujet de tout cela? Je trouve, sincèrement, que le monde dépense beaucoup d'énergie d'une façon erronée: l'on parle tant de conquérir la paix, de l'atteindre, de l'établir ou de la rétablir, en essayant de "mettre en place" une "paix en gros", sans se soucier de ce que chaque individu puisse penser à son sujet. Oui, c'est vrai, car pour certaines familles pauvres et dont les membres sont au chômage, la véritable paix c'est de pouvoir se coucher le soir en étant assurées d'avoir leurs trois repas le lendemain. Elles s'en fichent pas mal de la crise dans le Moyen Orient, des guerres civiles en Afrique ou des conflits entre séparatistes en Irlande ou dans l'ancienne Union Soviétique – d'ailleurs, c'est presque sûr qu'elles ne sont même pas au courant de toutes ces nouvelles. Pour ces gens, avoir la paix est égal à avoir de quoi manger. Pour certains couples en détresse, la paix c'est de trouver la guérison d'un fils malade ou, finalement, de réussir une grossesse après tant d'essais manqués. Pour l'élève du secondaire, la véritable paix ne lui arrive qu'après être devenu titulaire du bac. Et nous pourrions présenter d'autres exemples, en attirant l'attention sur la vision assez particulière qu'en considération de différents contextes chacun peut avoir au sujet de la paix.

Por ma part, j'ai ma propre vision et mon opinion sur ce thème, en ayant pleine conscience que je ne réussirai jamais à changer LE MONDE, mais certainement je peux et je vais changer MON MONDE à moi, en cherchant et en assumant une attitude pacifique devant les choses et les circonstances. En luttant pour changer ce que je peux et en me conformant avec celles que je ne peux pas changer, en dénichant des chemins alternatifs pour rencontrer MA PAIX. La paix intérieur, cette sensation-là de sûreté et réconfort témoignée par tous ceux qui ont appris à vivre et à tirer le meilleur profit possible de la vie. Car si j'arrive à vivre ainsi, j'amènerai la paix et la tranquillité où que j'aile et je ne deviendrai pas un problème, ni un poids pour mon entourage ou pour les collègues de travail. Je finirai par les contagier avec cette tranquillité et cette sympathie rayonnante, dont le rayonnement se propagera sur les autres qui, à leur tour, rayonneront encore sur d'autres, en formant une "chaîne du bien", une réaction en chaîne, du dedans vers le dehors. En partant de l'individu vers le monde – à mon avis, cette attitude est plus productive et réaliste que celle d'essayer de changer les choses du dehors vers le dedans, du monde vers l'individu.

* Référence au prestigieux dictionnaire de langue portugaise dont le concepteur a été l'essayiste, traducteur, filologue et lexicographe brésilien, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1910-1989).

